

Hélio J. de Oliveira

PRÊMIO NACIONAL
DE
PESQUISAS HISTÓRICAS

O ELO

SECRETO

da Economia e da Política
com
a Religião e o Ocultismo



HÉLIO J. DE OLIVEIRA é bacharelado em Ciências Políticas e Econômicas e mestrado em Administração, com especialização em Gerência Internacional, na Universidade de South Carolina, Columbia, USA. Anteriormente, publicou os livros *Leasing; Modalidades e Técnicas Financeiras* e *Engenharia Econô-*

(Continua na 2ª orelha)

mica e Estratégia Financeira. É consultor de empresas, professor universitário e pesquisador. Destas experiências resultou a presente obra, que narra o percurso da Civilização e o desamor com que são tratados os seres humanos e demais criaturas do planeta. Estas, numa irresponsabilidade temerária; aqueles doutrinados pela **mídia**, curvaram-se ante o jugo da *Ordem dos Juízes Herméticos*.

O ELO SECRETO

Por que mataram Jesus e Getúlio Vargas?
A mistificação da Bíblia, dos pastores de Deus e a mercadologia religiosa.
As sociedades secretas e o que os seus seguidores não sabem.
A magia e o domínio da Besta.
João Paulo II, o atual Antipapa.
A simonia e a demonolatria em nome de Deus.
A destruição do patriotismo e a degeneração dos costumes.
A aliança judaico-cristã.
As máscaras dos poderes legislativo, executivo e judiciário.
As corporações multinacionais e transnacionais.
A escalada da empresa global na economia e no ambiente.
O poder e o significado do voto para o eleitor.
Os "ismos": capitalismo, socialismo, entreguismo, sionismo, nazismo, revisionismo, homossexualismo, modernismo, etc.
O caos ecológico.
O que o significado dos nomes revela.
A inversão dos valores.
Mistérios desvendados.
Os grandes e pequenos enigmas do ocultismo.
As hierarquias das sociedades secretas.
A criminalidade e a corrupção cristãs.
O soberano universal.
O embrutecimento das massas.
A perseguição dos poderes constituídos contra a intelectualidade independente.
O que a psicologia e a parapsicologia pró-forma não comentam.

ISBN 85-7245-011-X



9 788572 460118

O ELO SECRETO Hélio J. de Oliveira

Hélio J. de Oliveira

○ ELO SECRETO ○

Da Economia E Da Política
Com A Religião E O Ocultismo



RUA VOLTAIRE PIRES, 300, CONJUNTO 2
CAIXA POSTAL 10.466
CEP: 90.001-970 PORTO ALEGRE, RS -
BRASIL

*Conferindo e Divulgando a História
Tradição e Nacionalismo*

Capa: Joana Adelina Cichelero

© Hélio J. de Oliveira

Oliveira, Hélio J. de

O elo secreto da economia e da política com
a religião e o ocultismo / Hélio J. de Oliveira.
Porto Alegre : Revisão, 1996.

304 p. 15 x 22 cm

ISBN 85-7246-011-x

1. História geral - Política - Economia. 2. Política
- Religião. 3. Política - Ocultismo. 4. Economia
- Religião. 5. Economia - Ocultismo. I. Título.

CDU 930. 9: 32/33

32 : 2

33 : 2

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

| | |
|------------------|-----|
| Introdução | 007 |
|------------------|-----|

Capítulos

| | |
|--|-----|
| I. Os dois últimos séculos do segundo milênio | 014 |
| II. A face mendaz do poder | 035 |
| III. A dupla revolução e o mistério dos fracos | 049 |
| IV. Quando Hércules é derrotado pelo Cavalo deTróia | 067 |
| V. A Bíblia sagrada e os sepulcros caídos..... | 090 |
| VI. As sociedades secretas..... | 103 |
| VII. Os nomes e suas surpresas..... | 136 |
| VIII. O homossexualismo sob as bênçãos da Justiça e da Religião | 144 |
| IX. A manipulação da credence como instrumento de poder e submissão popular | 157 |
| X. O preço da informação e o perigo da Ciência | 188 |
| XI. Mistérios desvendados | 211 |
| XII. A inversão dos valores e a corrupção dos poderes políticos .. | 245 |
| XIII. A escravatura sob a estrela de Davi e a cruz Cristo | 261 |
| XIV. Quando o elo se revela | 274 |

| | |
|-----------------|-----|
| Conclusão | 288 |
|-----------------|-----|

| | |
|-------------------------------|-----|
| Bibliografia Consultada | 298 |
|-------------------------------|-----|

INTRODUÇÃO

HÁBEIS junções de ousados testemunhos levam-nos a vislumbrar as forças que cercam o ser humano e o oprimem. Muitos dos valores cívicos e morais, ensinados pelos pais e mestres, jazem desacreditados. Os princípios da coesão familiar e do patriotismo se esmaecem gradativamente. O que antes era considerado **vício**, como o tabagismo, passou a chamar-se **hábito**. A **depravação** tornou-se **opção de conduta**, como o homossexualismo. O Hino Nacional, antes, executado com formalidade e ouvido ou cantado com respeito cívico, agora, é tocado em ritmo de samba, dançado nos festejos populares, onde o pavilhão nacional serve de toalha de banho para limpar o suor. Cada vez mais o vernáculo cede lugar a estrangeirismos, pronunciados sonoramente pelos políticos e empresários. Na maioria das vezes, de forma atabalhoada e com significado diverso da língua original, provocando o sorriso discreto dos sóbrios que os ouvem. Para acentuar o grotesco, distorcem as regras do sistema decimal, trocando a vírgula pelo ponto, quando descrevem dados percentuais.

Não é sem motivo que os estrangeiros nos chamam de *macacos*, nossas forças armadas de *exército de marionetes* e as nações latino-americanas de *repúblicas banana*. Por outro lado, esquecem-se esses cavalheiros do primeiro mundo que, se olhassem para seus ultrajes, constatariam que são palhaços rindo de outros, porque, no circo humano, ninguém tem autoridade para lançar a primeira pedra.

Ponderando sobre essas idiosincrasias, podemos considerá-las como casualidades, sintomas de progresso e mudanças espontâneas? Não. Podemos qualificá-las, na quase totalidade, como indução subreptícia de um criptoneoliberalismo? Sim. E o modelo econômico neoliberal, conduz à modernidade? Não, pois, dolosamente tem por

objeto vender o patrimônio nacional, a preço simbólico, a seletos oligopólios nacionais e multinacionais que, logo depois, absorverão os pátrios.

A confusão da juventude decorre de bruscas mudanças culturais e sociais? Mentira. Devemos acreditar em tudo que nos dizem sem antes submetermos as declarações a um severo julgamento? Não.

Os cientistas sociais (economistas, sociólogos, publicitários, psicólogos, etc.) criaram a Mercadologia, cujo fim precípua é o estudo da partilha e consumo da produção. Recém criada, foi quase totalmente distorcida, estimulando o consumo insensato e de produtos nefastos à sociedade. Um dos seus segmentos, a Publicidade, serve, de um lado, para divulgar o lançamento de novos produtos no mercado; de outro, para a sustentação dos já existentes, a fim de que o gasto se mantenha e aumente acima do acréscimo populacional. Neste caso estão as propagandas do cigarro, das bebidas nocivas e dos modismos que, de forma traiçoeira, destroem a saúde, a moral e os bons costumes. Constantemente os indivíduos são sugestionados pela **mídia**, acerca dos venenos, acondicionados em rótulos luxuosos e divulgados como o néctar dos bem-sucedidos. Raramente se presencia a propaganda do leite e das mercadorias de boa qualidade, úteis ao povo ou que não provoquem o que os economistas chamam de *efeito demonstração* (o que o outro tem, também quero ter, embora não sinta a necessidade). O fato se explica por si: o bom produto gera sua própria propaganda, dispensando a ostentação e a impostura. Faz lembrar a filosofia popular: “Cuidado com a macieira carregada de frutos à beira da estrada; ou as maçãs estão podres ou a árvore tem ninho de vespas” e “Tudo que é muito bazofiado, se não estiver podre, está ardido”.

Cada vez mais, cresce a necessidade de desenvolvermos o ceticismo. Urge ouvir muito, enxergar intensamente e cuidar com o que dizemos. Jamais devemos fazer nada no repente, induzidos pelo *canto*

das sereias, porque poderemos prejudicar a nós e aos nossos entes queridos.

Vivemos numa fase de mudanças abruptas que podem nos desestabilizar psíquica e materialmente. Os Estados Unidos, durante o governo Reagan, promoveram campanhas para descaracterizar as culturas latino-americanas, substituindo-as pelo *american way of life* (estilo de vida americano). As músicas típicas de várias regiões brasileiras vêm sendo, gradativamente, substituídas pelas cacofonias alucinantes do «rock» pesado dos *metaleiros*, estímulo subliminar à alienação, à devassidão e à toxicomania. Nas camisetas, lê-se frases como «Cure virginity» (Cure a virgindade) ou «In sex I only want the best» (No sexo só quero o melhor), para não citar outras, que estimulam desregramentos. Porém, desde quando a virgindade foi doença e a abstinência de drogas caracterizou alguém como antiquado?

O nacionalismo, antes considerado fundamental na nacionalidade, hoje, é rotulado de arcaísmo, amanhã, como defeito ou crime. Sabe-se, muito bem, que o patriotismo pode conviver com a concórdia universal e que a delimitação do território é um instinto nato nos animais. É dito que tudo isso é decorrência do progresso e da evolução humanos. Em parte, pode ser, mas não totalmente. Existem forças poderosíssimas, atuando na clandestinidade, para destruir a civilização atual. Têm, por objetivo, implantar outra, mecanicista, onde existirão homens humanos e outros sub-humanos.

Quem se dedica ao magistério ou a programas de assistência gerencial, percebe que o ensino superior destina-se, cada vez mais, à especialização e ao condicionamento político-doutrinário, em detrimento da desenvoltura do senso crítico das atuais e futuras elites visíveis. Para o analista, que somente trata da superficialidade, isso é obra da evolução natural. No entanto, para aquele que calejou as palmas das mãos e as solas dos pés em árduos anos de análises, a fim de poder chegar à síntese, a História presenteia-lhe com o fio de Ariadne,

permitindo-lhe entrar no labirinto e dele sair incólume. Ao retornar, poderá dizer que venceu o Minotauro, confirmando que o que parece obra do acaso, na verdade, é trabalho premeditado.

Toleradas ou odiadas pela sociedade, as forças ocultas impõem seu domínio ao mundo por formas incríveis, pois contam com a passividade dos povos que se deixam cativar. Minoritárias e fingindo-se de fracas, subjugam as maiorias que se julgam fortes. A linguagem do cinismo é o paradigma de sua propaganda, semelhante a dos povos e nações civilizados, “libertados” por elas. As forças armadas norte-americanas, que usam a águia como brasão, estão subordinadas ao Ministério da Defesa o qual deveria chamar-se de Ministério da Agressão e da Rapina. Os Estados Unidos nunca foram atacados, mas, em todo o mundo, têm saqueado territórios e dizimado milhões de pessoas, como fizeram outros conquistadores.

Os africanos queixam-se do escravagismo europeu mas, ainda hoje, as tribos negras, altas e fortes, escravizam os pacíficos pigmeus, seviciando suas mulheres.

Não existe povo eleito por Deus, como prega o judaísmo. Não existe raça superior, como propugnou Hitler. Não existe a verdadeira religião, como dogmatizam os cristãos. Não existem infiéis nem guerras santas, como postulam os islamitas. Há, sim, conchavos mundiais deletérios que separam e escravizam povos; que obram para a discórdia universal; que impedem pretos, brancos, amarelos, mestiços, judeus, cristãos, muçulmanos e outros crentes de darem-se as mãos. Fora da religião há salvação, porque a hortodoxia e o fanatismo estagnam e corroem o indivíduo. A Ciência e a Arte impolutas, embora com muitas limitações, ainda são os melhores caminhos para a concórdia universal, para a autolimitação demográfica, predominando a qualidade sobre a quantidade, para a interação do homem no planeta Terra e na sua harmonização micro e macro cósmicas.

Sionismo, nazismo, capitalismo, comunismo e tudo o que for cinismo, trabalham para a construção da Torre de Babel da seleção artificial do civilizado. Os indígenas repartem o que têm entre si, tanto na penúria como na abundância; os sofrimentos, quase sempre, lhes são causados pelos instruídos, inculcando-lhes a doença, a inveja, a ganância e a prepotência. Quando conhecem as cidades, vêem nas faces dos educados a tristeza e a infelicidade. Se os polidos fossem mais sábios, aprenderiam com eles, a implantar a concórdia. Talvez a próxima raça saiba melhor compreendê-los e aplicar a lei da seleção natural, com os conhecimentos, a tecnologia e as experiências que adquiriu neste ciclo. Onde a união, do homem com a mulher se faça pelo amor e pelo equilíbrio cultural. Onde as simpatias estabeleçam as amizades entre os indivíduos. Onde a solidariedade dos povos se faça pela cooperação e pela instrução. Onde as diferenças se destaquem pelas habilidades de cada um, já que, no espírito, somos todos iguais. Onde o despertar da consciência torne o homem verdadeiramente humano para com os demais reinos da Natureza, uma vez que a violência de um, causando lesões aos demais, provoca a enfermidade de todos.

O leitor poderá considerar estas opiniões como imitações dos devaneios de Shakespeare, quando criou *A Midsummer Night's Dream* (Sonhos de Uma Noite de Verão). No entanto muitos ideais se transformam em realidade, como as descobertas da penicilina, da cirurgia indolor, da Eletrônica e dos engenhos espaciais. Para os soberbos, São Francisco de Assis era um louco pobrezinho que, abandonando o fausto e conversando com os animais, chamava a formiga, o lobo e os astros de **irmãozinhos**. Para os eruditos, Lao Tsê era um obscuro bibliotecário que escreveu o *Tao Te King*, deu-o a um guarda de fronteira e desapareceu da civilização. Para as pessoas, no conceito sociológico, têm sido alguns dos grandes pilares da sabedoria humana.

Como começo de caminhada, é útil evocar a oração daquele que preferiu ser pregado numa cruz, do que sucumbir à covardia e ao

cinismo; que tem sido chamado de **Jesus**, pelos cristãos, de **Jeschua Hanotsri** (Salvador, de Nazaré), pelos judeus, de **Cão** e de **Filho da Prostituta**, pelos prejudicados pela sua sinceridade. No entanto, quem pretende atravessar a tragicomédia mundana, suas palavras, ao lado das de outros avatares, têm sido faróis que iluminam a senda da dignidade. Quando referiu-se às crianças, disse: “*Deixai vir a mim os pequeninos, porque deles é o reino dos céus*”; reportando-se aos animais, chamou-os de “*Irmãos Menores*” e, em relação aos prepotentes e impostores, qualificou-os de “*Raça de Víboras*”.

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão a misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.

Entender o segredo do comportamento humano é como querer desvendar o mistério do ovo e da galinha, embora alguns ocultistas afirmem que quem surgiu primeiro foi a galinha, justificando que a casca do ovo, no processo de formação, não poderia conter a clara e a

gema. Se conseguiram dar uma resposta, também podemos tentar desvendar as atitudes dos homens, sua hierarquia e se, de fato, ultrapassaram a fase animal, como pregam os propugnadores da verdade. Se não conseguirmos, resta-nos o consolo do esforço, que sempre tem seu mérito, servindo como estímulo a outros pesquisadores.

Para isto, é necessário estilhaçar as estruturas sofismadas e depois, reconstruí-las, isentas, tanto quanto possível, de impostura.

Por não estar comprometido com qualquer facção, o autor procurou seguir a filosofia do ecletismo, convicto de que é preferível a cura, através da amarga sinceridade, do que perecer, vítima de enfermidade, tratada com os placebos da hipocrisia. Para tanto, reitera a tese de que, não ignorando a tendência natural do progresso, a civilização é conduzida por potências organizadas que a levam a um desfecho desalentador. Lastima que a Fênix, de extraordinária beleza, tenha de suportar as dores da incineração, a fim de que, proveniente de suas cinzas, possa ressurgir rejuvenescida, ou, talvez, alienada, sob as ordens dos juízes herméticos.

Porto Alegre, 11 outubro de 1996.

Hélio J. de Oliveira

Os Dois Últimos Séculos do Segundo Milênio

HELÍACO é o balanço do homem adâmico, da quinta sub-raça, da quinta raça raiz. Na aurora, desperta para as revoluções espacial e da informática. Constrói computadores que resolvem bilhões de cálculos por segundo e que armazenam, nos mínimos detalhes, e com ampla folga, os fichários de todos os habitantes da Terra. Desvenda mundos que foram inobservados pelos astrônomos da Antiguidade.

Confirma a **Tábua Esmeralda**, na qual Hermes Trimegistro escreveu que *“tudo o que está em cima é como o que está em baixo, para fazer os mistérios da coisa única...”*. Onde o microcosmo, examinado pelos microscópios eletrônicos, revela-se infinitamente minúsculo, reproduzindo o macrocosmo, infinitamente maiúsculo, quando contemplado pelos telescópios espaciais. Ambos, magnificamente belos e terrivelmente assustadores.

No ocaso, entorpece-se pelos desvios comportamentais e pela pululância, ao marchar irresponsavelmente para as estagnações moral e social, ameaçando não só a sua sobrevivência, como a própria vida do orbe terráqueo. Faz com a Ciência e com a Tecnologia, tanto as maravilhas da cultura como reedifica os espectros lúgubres de Sodoma, Gomorra, Herculano e Pompéia. Regenera, em úteros sodômicos, Mamom, Lúcifer, Asmodeus, Satã, Belzebu, Belfegor e Leviatã, para propagarem a avareza, o orgulho, a sensualidade, a ira, a gula, a indolência e a inveja.

Provoca um Júpiter implacável, o qual, para vingar-se, entrega a formosa Pândora, a Eva grega, possuidora de todas as virtudes, o estojo fatídico, que aberto, pela curiosidade do marido, solta todas as desgraças, só não saindo, como por ironia, a esperança, o único bem imperecível.

De todos os humanos, um grupo pequeníssimo torna-se rei Mídas, que, por graça do deus, transforma em ouro tudo o que toca. O resto, grandíssimo, resigna-se com a triste sina de alimentar-se com as migalhas que caem das mesas dos primeiros.

Reversamente, noutro pequenino conjunto, Franciscos de Assis, Madres Tereza de Calcutá, Irmãs Dulce, Gandhis, Lao-Tsês e Albert Schweitzers, no anonimato e no recôndito das aldeias do terceiro mundo, mitigam com amor, o sofrimento de milhões de infelizes do corpo e da alma, divulgando a fé, a esperança, a caridade, a temperança, a fortaleza, a justiça e a prudência, porque aos mansos, após a grande catarse, pertencerá o espólio dos maus ricos e poderosos, dos arrogantes e dos imediatistas. Estes formam a casta dos “*aprendizes de feiticeiro*”, já esquecidos do que aprenderam na Física de que toda a ação produz sua reação.

Na estratificação da riqueza, as disparidades, devido à concentração de renda, tanto em nível mundial como regional, demonstram a grave injustiça do capitalismo. No contexto internacional, os Estados Unidos eram os campeões do desperdício. Na década de 1970, consumiam 70% da riqueza do mundo e jogavam a metade no lixo. Nos anos ‘90, o consumo se reduziu para 40%. Na França, o ano de 1842 lembra um exemplo de insensibilidade e de frívola ostentação, quando, no baile de máscaras do Duque de Órleans, no mesmo momento em que a Baronesa de Rothschild entrava, ostentando jóias no valor de um milhão e meio de francos, uma turba de duas mil mulheres e meninas, esqueléticas e esfarrapadas, passava, comendo restos de pães, cobertos de lama, que haviam retirado do lixo do palácio parisiense. Foi, e continua sendo, uma época em que os civilizados demonstravam um desprezo absoluto pelos bárbaros. Se o contraste da frívola ostentação compunge, maior revolta causa a crueldade dos guerreiros sarracenos que, anos antes, imitando os assírios, amarravam os escravos em palanques para cravarem em seus corpos vivos, os alfanges incandescentes.

tes, a fim de que as vísceras melhor temperassem as lâminas, que assim se tornavam mais flexíveis e afiadas. Abjetamente, essa técnica é uma realidade.

À respeito da sociedade européia, **civilizados** eram os banqueiros, os empresários e a classe média burguesa. **Bárbaros** chamavam-se o operariado e os pobres. Em 1929, na Inglaterra, 0,1% da classe rica recebia tanto quanto 42% das demais classes. Em 1960, 80% do capital estava nas mãos de 6% da população. Até certo ponto é compreensível a distinção, porque, como a natureza nos ensina, quanto mais hostil é o meio, tanto mais agressivos são os seres que nele habitam. Visto pelo outro lado da medalha, Lao-Tsê toma a defesa dos fracos, ensinando que *nenhuma corrente é mais forte do que o seu elo mais fraco*. Ele sabia que o poder de um povo está na sua classe média e na conseqüente diminuição da pobreza.

A fera humana não só submete seu próprio semelhante, como ataca os reinos animal, vegetal e mineral. Recorda-nos de Hegel quando postulou que *o homem, ao alterar a Natureza, altera-se também*. Se, nesse período, Aesopo reescrevesse a fábula da “*Lebre e da Tartaruga*”, provavelmente relataria que o homem, nos dois últimos milênios, arrastou-se, mental e moralmente, como uma lesma, e, nos dois últimos séculos, com os progressos da Ciência e da Tecnologia, correu com a velocidade de um leopardo. Onde, pela comprovação de Malthus, a população deste bicentênio tem crescido em progressão geométrica e os alimentos em progressão aritmética. Se persistir a tendência, já afirmavam os estrategistas da referida década, não será preciso uma Terceira Guerra Mundial, uma vez que a luta pela sobrevivência se encarregará de impor a Lei da Seleção Natural.

O excesso populacional lembra-nos a experiência de um cientista, criando cobaias em gaiolas. Enquanto o espaço fosse suficiente, conviviam em harmonia. À medida que ele se tornasse exíguo, a tensão nervosa dos animais aumentava, fazendo com que praticassem o

homossexualismo e se devorassem. Não poderá ser a superpopulação, uma das causas da endemia homossexual do final do século XX?

Os séculos XIX e XX são um período onde mais facilmente se observam pela Estatística, pela Sociologia e pelo progresso da Arqueologia, as contradições existenciais. Num aspecto, a Ciência tem sido pródiga em oferecer comodidades, capital e conhecimentos. Noutro, a população mundial padece pela fome, miséria, promiscuidade e analfabetismo, como na África, onde as câmeras das televisões, na década de '90, filmavam mães jogando seus filhos nos rios, por não terem com que alimentá-los. Pela parte dos bem nutridos, ainda não se tinha visto a **mídia** (imprensa, rádio, cinema e televisão), ostensiva e subliminarmente, divulgar, procedente dos países do primeiro mundo, a violência e a depravação, com requintes de sadomasoquismo.

O progresso científico traz à lembrança a assertiva de um líder da Revolução Francesa de que o homem já havia inventado tudo o que havia por ser inventado e que aquele momento histórico era a *Idade da Luz*. Quão desenxabido teria ficado se pudesse ter vivido até o final do milênio!

A ciência, dos últimos cinquenta anos do segundo milênio, forçou-nos a uma atitude de menor arrogância, mostrando-nos que não somos os eleitos na face da Terra. Se estalasse um conflito atômico, somente as baratas e as formigas sobreviveriam no solo emerso.

Nos anos '70, cientistas soviéticos, com equipamentos altamente sensíveis, detectaram que as plantas sentem simpatias e antipatias, prazeres e aborrecimentos, confiança e medo e, como nós, tem alma. Foi uma das oportunidades em que a Ciência corroborou a Religião e ratificou a frase lapidar dos druidas de que "*o espírito dorme no mineral, respira no vegetal, sonha no animal, desperta no homem e vive no anjo*".

As percepções extra-sensoriais do ver, prever, sentir e influenciar, denominadas por Rhine de clarividência, precognição,

telepatia e psicocinese, que são os fundamentos da Parapsicologia, levaram os russos a testar estes fenômenos com animais. Num submarino nuclear, transportaram filhotes de uma coelha para baixo da calota polar, onde qualquer meio de comunicação convencional com a base era impraticável. Em horas, rigorosamente combinadas, decapitavam cada um dos filhotes. No laboratório da base, aparelhos de eletrocardiografia e eletrencefalografia mantinham-se ligados à mãe, e assim puderam constatar que, em cada momento que um dos seus filhos era sacrificado, ela era acometida de sobressaltos e depressão.

Na década de '90, foi desenvolvido o Spiricon e o Videocom, aparelhos semelhantes ao receptor de televisão, que reproduziam imagens e vozes de cientistas e atores do cinema, já falecidos, comprovando aquilo que os povos antigos há muito conheciam, a imortalidade da alma. Quanto à alma, foi afirmado que sua massa é de, aproximadamente, 21 gramas. A experiência foi feita pesando pessoas moribundas e, posteriormente, seus cadáveres. Este teste possui, pelo menos, duas controvérsias. A primeira afirma que a energia, por estar em todos os corpos, possui um peso que o corpo libera ao morrer. A segunda diz que todos nós possuímos, como substância etérica, um outro corpo que envolve a nossa robustez física, denominado de **duplo-etéreo** ou **perispírito**. Quanto ao fenômeno da reencarnação, a terapia das vidas passadas, a regressão hipnótica e a ingestão de seivas alucinógenas conseguem fazer com que certos indivíduos se recordem das suas existências pretéritas.

A Eletrônica confirmou os alquimistas, quando diziam que o planeta é um ser inteligente e que o quartzo é os seus neurônios. De acordo com a Teoria de Gaia, a Terra é um planeta vivo, em que tudo se encontra numa admirável simbiose, onde a saúde de um elemento depende da harmonia de todos. Os pesquisadores constroem com os cristais, inteligências artificiais e as implantam nos computadores das naves espaciais, as quais transportam astronautas e apetrechos de ob-

servação ao cosmos. A Hidroponia¹, por sua vez, tentará resolver o impasse da alimentação. Até 2006, a Comunidade Européia, os Estados Unidos, o Japão e a Rússia tencionam expedir seis astronautas a Marte, durante 2,5 anos, a fim de melhor explorarem a viabilidade do percurso.

Em 1972, os norte-americanos lançaram no espaço a nave Pioneer-10. Onze anos depois, em junho de 1983, ela tinha ultrapassado o sistema solar. O fato foi considerado pelo prof. James van Allen, o descobridor do círculo de radiação que envolve a Terra, como uma das maiores conquistas da humanidade. Tendo vencido os obstáculos dos grandes planetas, este engenho, segundo ele, continuará voando indefinidamente pelo espaço exterior, até quando a Terra deixar de existir. Na mesma época, com o auxílio de microscópios eletrônicos, foi descoberto que numa célula há uma infinidade de pequenas vidas, movimentando-se como se estivessem numa cidade.

A Astronomia tem corroborado, principalmente na década de 1990, as teorias dos ocultistas do Mundo Antigo que, para os céticos de nossa época, pareciam imaginações absurdas. Em 1994 os astrônomos detectaram um corpo que se desloca a uma velocidade vinte e cinco vezes superior à da luz (299.762.458 metros por segundo, medida através dos raios **laser**) ou seja, 7,494 bilhões de metros por segundo. No dia 10 de março de 1995 os telescópios do ônibus espacial Endeavour (Diligência) registraram as primeiras imagens do universo à luz ultravioleta, invisível, emitida por estrelas de alta energia e que não penetra na atmosfera terrestre. Durante o mês de março de 1996, foi visto um corpo celeste de comportamento estranho, com a potência de um milhão de sóis, gerando explosões de raios-X e se constituindo na fonte mais luminosa da Via-Láctea, numa distância de 10 a 30 mil anos-luz da Terra. Se tais descobertas nos causam admiração, mais

¹ Cultura de vegetais, em solução de água e sais minerais.

surpreendente é saber que elas já eram conhecidas, na Grécia, por Aristarco (século III a. C.), Eudócio (408 - 355 a. C.), Euclides (século III a. C.), Arquimedes (287 - 212 a. C.) e outros sábios da Idade Helenista.

A parábola do joio e do trigo lembra-nos que, a Ciência e a Religião se prestam tanto para educar como para confundir, corromper e escravizar a humanidade, quando a serviço de líderes decentes ou imorais, ávidos de ganância e poder.

Cabecilhas religiosas, astutas e corruptas, arregimentam e exploram multidões de incautos, transformando-os, mental e emocionalmente, em escravos ou robôs fanatizados. Ao lado desses “pastores de Deus” e “arautos da Nova Era”, alinham-se escravocratas demagogos, da política, da economia e das forças armadas, manipulando as massas pela coação, pelo temor ou prêmio de uma vida futura, pela penúria e pelo falso sentimento de solidariedade, onde mais ganha as bênçãos de Deus aquele que for mais fanatizável e fizer mais donativos a sua igreja ou outro templo qualquer.

Na maioria das vezes, esses *condutores de almas* são títeres de outro grupo, incrivelmente pequeno e oculto, denominado de **Poder Invisível, Mão Oculta, Superiores Desconhecidos**², etc.. Eles nos lembram o que escreveu, no ano de 1884, em *Conningsby*, o primeiro ministro da Inglaterra, Benjamin Disraeli, Conde de Beaconsfield: “*O mundo é governado por personagens muito diferentes e em número muito inferior do que é imaginado por aqueles que não estão nos bas-*

² Para Samuel Liddell MacGregor Mathers, um dos fundadores da sociedade secreta Aurora Dourada (Golden Dawn), os superiores desconhecidos são seres que alcançaram um elevado nível de evolução. Como a evolução tem fases de ascensão e queda, resta saber em que etapa eles se colocam e a quem ela auxilia.

tidores”³. Lenine, queixando-se a seus camaradas, desabafou: “*Por trás da Revolução de Outubro, de 1917, existem personagens muito mais influentes que os pensadores e executores do marxismo*” e Winston Leonard Spencer Churchill completou: “*Quem não percebe que, na Terra, está se consolidando um importante plano, em cuja implantação iremos colaborar somente como servos fiéis, estará certamente cego*”. Honore de Balzac, em *Les Illusions Perdues* declarou que “*há duas histórias: a oficial, mentirosa, ad usum delphini, e a secreta, que contém as causas verdadeiras dos acontecimentos vergonhosos*”. Esta é a que a população não deve conhecer, a fim de não causar incômodo aos dominadores do mundo, que sentem-se prejudicados com o despertar da consciência política das massas.

Nas mãos desses grupos ocultos ou semi-velados está a sorte do ser humano. São eles que, em tempo de paz, produzem e comercializam os vícios e várias doenças, bem como os remédios para curá-los. Em tempos de guerra, são os que ganham com a deflagração dos conflitos e com os tratados de paz. As fronteiras das nações são destruídas a fim de que as nacionalidades dêem lugar a um reino universal.

Uma prova da fabricação de certas doenças foi a publicação, em 1988, de um artigo que descrevia como o médico norte-americano, Robert Gallo, combinando bactérias patológicas de ovelhas e camelos, desenvolveu o vírus da AIDS ou HIV. Seu trabalho foi encomendado pelo Pentágono, com o fito de contaminar os soldados de Hô Chi-Minh, que os norte-americanos combatiam no Viet-Nam. Os testes foram feitos em prisioneiros do estado da Califórnia. Por não surtirem efeito imediato, foram abandonados como ineficientes. Como prêmio, os encarcerados foram libertados e disseminaram o vírus entre a co-

³ Réplica da frase de Oxenstierna, “O mundo será dirigido apenas por um «fragmento de sabedoria», fragmento em que um conselho ministerial é apenas um átomo insignificante”.

comunidade homossexual, que começou a sofrer da doença, inicialmente conhecida como **praga gay** (praga homossexual). O feitiço não só virou contra o feiticeiro (se é que virou contra os verdadeiros feiticeiros), como se espalhou por todos os continentes, atacando inocentes, como heterossexuais, esposas, crianças e hemofílicos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou que, no ano 2000, mais de 40 milhões de pessoas, das quais 90% em países subdesenvolvidos, estarão infectadas com o vírus. A proporção de contaminados corresponderá a 9% de crianças, 38% de mulheres e 53% de homens.

Em agosto de 1995, o ministro da saúde do Brasil alertou que as indústrias do fumo estavam adicionando amoníaco ao tabaco, aumentando a liberação de nicotina, para mais rapidamente viciar os fumantes. O fumo causa dependência química semelhante à maconha e à cocaína. No país havia 30 milhões de fumantes, dos quais 3 milhões (10%) eram jovens entre 15 e 19 anos. Os malefícios do cigarro aparecem somente após vários anos e, muitas vezes, são irreversíveis. As doenças pulmonares e cardiovasculares, provocadas pelo tabagismo, surgem, em geral, depois dos cinquenta anos, para quem fuma desde a adolescência. Naquele ano foi previsto a morte de 100 mil brasileiros. Ou seja, anualmente, as empresas que exploram o tabaco sacrificam 0,33% dos adoradores do vício. Três anos antes, cientistas ingleses e norte-americanos previram que, em 2025, nos países desenvolvidos, morrerá uma pessoa a cada cinco minutos, em decorrência dos seus efeitos diretos e indiretos. Isto representará a vida de 250 milhões de indivíduos. Em 1992, nos países industrializados, o tabaco matou dois milhões de fumantes.

A mesma dicotomia se sucede com as religiões, cujo objetivo, na quase totalidade das vezes, é o de apascentar e de apassivar as pessoas, tolhendo-lhes o senso crítico e fazendo-as crer num determinismo sobrenatural. As religiões são recursos para colonizar povos que têm costumes místicos, políticos e econômicos diferentes dos domina-

dores. Se, para uns, são benéficas, inibindo-lhes a manifestação de impulsos e paixões vis; para outros, são inócuas e, principalmente, para os que colocam suas individualidades acima dos lugares comuns e dos estereótipos sociais. Na maioria das vezes, elas são invocadas por quem tem interesse em obter vantagens. Imitando ou sendo imitadas pelas poderosas empresas que se espalham pela civilização, quase todas podem ser rotuladas como **multinacionais da fé**. Esse rótulo não se aplica somente às religiões convencionais, mas inclui as seitas, as instituições ocultistas, fraternidades espiritualistas, clubes de serviços e sociedades secretas, cujas sedes estão nos grandes países, aonde convergem fortunas inimagináveis, oriundas dos países atrasados e dos bolsos dos pobres.

Se o progresso é, em última análise, uma exploração da vaidade humana, também, a consciência pesarosa, as crises existenciais, a penúria da civilização e a idiopatia superpopulacional são o filão de ouro que fazem os **supermercados da fé**, como dizem os padres católicos, acumularem fortunas imensuráveis e dominarem, ideologicamente, a humanidade.

O fanatismo não está condicionado somente às religiões e é maior do que se supõe, porque compreende a idolatria da riqueza, do poder, da auto-afirmação e dos demais pecados capitais. Há os que amealham seu patrimônio pelo trabalho. Há os que o acumulam pela fraude. Há os que edificam riquezas para usufruírem de conforto e segurança para si e seus descendentes. Também, há os que as constroem, não para desfrute, mas para atingirem as melhores colocações entre os mais ricos do mundo. Estes são os piores para a sociedade, pois, muitas vezes, encobertos pelo manto da filantropia, revelam-se os mais corrompidos e os mais corruptores agentes das iniquidades sociais.

A cultura capitalista, e nisto não vai nenhuma apologia ao comunismo, porque ambos são as hastes da mesma pinça, cada vez mais

se identifica com o deus hebreu Molock, que devora os filhos primogênitos dos seus adoradores. Sua civilização, quanto mais beneficia um número cada vez menor de ungidos, também massacra um número desproporcionadamente maior de trabalhadores e de escorraçados do mercado de trabalho. A mercadologia e a *mídia*, cada vez mais, recriam as *trombetas de Jericó*, que vão derrubando as muralhas do bom senso, do raciocínio crítico e da consciência. Os indivíduos se esquecem de que é melhor errar pelas suas próprias cabeças do que acertar, comodamente, pelas cabeças dos donos do poder e da economia, porque, errando se aprende e se ganha experiência. Contudo, não devemos nos esquecer de que existem erros contornáveis e irreparáveis, mas, para estes, sempre há o antídoto do conselho de um bom amigo.

Se nem tudo o que reluz é ouro, também qualquer julgamento açodado pode tornar-se falaz. Já foi dito, por sinceros e por hipócritas, que o animal-homem não vive sem líder e sem ilusão. Maquiavel recomendara ao Príncipe a mistificação da verdade. Platão, plagiado por Karl von Clausewitz, autor da *Teoria da Guerra*, declarou ser a humanidade uma massa cega e irracional, que, se não for conduzida com disciplina, se auto-destrói. Esta teoria é cultivada com tanto zelo racial, religioso e político, que as organizações e raças pseudo-superiores, para destruírem a *autodeterminação dos povos*, termo cinicamente decantado pela Organização das Nações Unidas (ONU), vão criando zonas de livre comércio, que se transformam em mercados comuns, para, depois, se converterem num estado unitário mundial. A justificativa do governo mundial, engalanado por uma sutil chicana, é de que desapareceriam as guerras, as moedas diferenciadas e as fronteiras político-econômicas. Se não fosse para um povo ou organização dominar o outro, isto se tornaria um dos mais belos ideais da humanidade. Seria, como pregou Jesus, a existência de *um só rebanho e um só pastor*. No entanto, no estágio atual do ser humano, esse engodo é

desmascarado pelas ciências sociais, quando analisado com imparcialidade.

A Pedagogia nos ensina que, em qualquer grupo, encontramos pessoas com as mentalidades da pedra lascada, da antiguidade, da idade média e, até mesmo, com estruturas mentais que vão além dos povos da idade contemporânea. A Psicologia demonstra que cada povo tem seu grau diferenciado de maturidade. A Antropologia recomenda que uma cultura não deve impor sua ideologia a outra, sob o perigo de causar, à imposta, danos que perdurarão por longo prazo. Foi o que os europeus fizeram na Índia, na África e na América do Sul. Se a África se defronta com guerras intermináveis é porque os europeus destruíram reinados tribais, implantando colônias para, politicamente, melhor dominarem. Os espanhóis, ao trucidarem da forma mais sanguinária, as populações pré-colombianas da América do Sul, não apenas massacraram vários povos, mas destruíram um valioso patrimônio histórico da humanidade. E o mesmo tem feito os norte-americanos e russos no final do segundo milênio. A China, para se igualar às maiores potências mundiais, queimou, de 1985 a 1995, mais carvão do que todos os países industrializados, provocando enorme poluição na atmosfera.

Todos estes fatos são de fácil entendimento, quando sabemos que, para os dominadores, o que interessa são as colônias de fornecimento de matérias-primas e de mercados cativos, onde podem ampliar suas riquezas. De forma lamentável, os poderes das armas e da economia, gradativamente, vão destruindo as culturas regionais para impor a chamada **aldeia global**. A globalização da economia e o paralogismo do desenvolvimento auto-sustentado, que tem, como escopo, o lucro e o abuso intensivo de recursos humanos e naturais, já estão demonstrando a perspectiva de seus próprios fracassos.

Então, a bem da Justiça e da Cultura, a quem cabe a condução da humanidade? A um soberano universal ou deixar a cada povo o direito de se auto-determinar, fazendo da ONU um foro imparcial de

juízo internacional? Alguma vez a famosa Declaração dos Direitos do Homem foi empregada com equidade ou praticou o que declara? A acadêmica defesa de Rui Barbosa, no Tribunal de Haia, sobrepondo *a força do direito ao direito da força* é um princípio exequível ou palavras vãs de um utopista ou cínico? Parece que o famoso jurista brasileiro quis contrapor-se a Platão, que disse ser “*a justiça nada mais é do que a conveniência do mais forte*”.

Onde está a sinceridade francesa, com os princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade quando, em 1837, sua Legião Estrangeira, composta de mercenários de todas as espécies, massacrou a Argélia e repete suas ignomínias até os dias de hoje?

Consideremos os princípios do lema francês.

Fraternidade. Por acaso alguma raça já a praticou no verdadeiro sentido da palavra? E, se a praticasse, de acordo com a parábola do semeador, não seria *semente fértil lançada em solo estéril* ou *pérolas jogadas aos porcos*? A África e os países da antiga União Soviética nos dão sobejos exemplos. O continente africano, quando se libertou do colonialismo político europeu, envolveu-se em repugnantes carnificinas. As ex-repúblicas soviéticas, nem bem se livraram do regime comunista e, em seguida, se confrontaram, bombardeando populações civis e promovendo perseguições religiosas. E o que dizer da Irlanda, onde católicos e protestantes, ambos cristãos, se engalfinham em terrorismos incompreensíveis, justamente numa época em que pregam o ecumenismo?

As comunidades da progênie africana, principalmente, condenam o racismo do branco. No entanto, famosos expoentes negros e de outras pigmentações de pele, que se destacam no esporte, no cinema e na música, quando podem, em vez de se casarem com pessoas de sua cor, para com isso prestigiarem suas raças, elegem as da raça branca.

Quantas vezes se constata um negro (homem ou mulher, aqui o termo não está delimitando o sexo) preterir uma negra, digna, bela e com grandes virtudes, para eleger uma branca, de caráter inferior. Na sociedade amoedada em que se vive, *racismo*, *ignorância*, *lealdade* e tantas outras expressões, são palavras de dúbia conotação. O negro, o branco, o amarelo e o mestiço, se forem ricos, serão fidalgos. Se pobres, plebeus ou escória, caso forem ainda mais pobres. O mendigo, quando rouba um ovo, para saciar a fome, é ladrão e vai para a penitenciária. O rico, quando furta milhões, tem tino comercial e vai para a apoteose da fama. Frequentemente, a expressão “pessoa de boa família”, é o eufemismo que substitui “pessoa de posses”. O dinheiro é o que mais celebra casamentos, como também é o que mais causa divórcios. Um crítico sarcástico, ao ridicularizar a impostura, afirmou que as condecorações, os monumentos e as denominações, dadas às vias públicas, salvo raras exceções, são distinções concedidas aos ladrões, aos assassinos e aos demais patifes.

No mundo inteiro presenciamos multidões, que agem como alto-falantes e massas de manobra de políticos demagogos, clamarem por liberdade e direitos civis. Porém, tão logo os reconquistam, entregam-nos a políticos corruptos. Podemos condenar estas multidões? Não, porque, na maioria das vezes, elas não tem, sequer, um líder decente e confiável para elegerem. A oposição critica a situação. Mas quando assume o poder, faz igual ou pior, o que seus antecessores praticaram de ignóbil. Quando o presidente Cardoso implantou a nova moeda, o real, e o plano de estabilização monetária, poucos dias após, o Partido dos Trabalhadores aumentou as tarifas dos ônibus, em Porto Alegre, sabotando o esforço do Governo Federal e prejudicando o povo, que não obteve aumento salarial. Mesmo no segmento intelectualizado dos eleitores, não há discernimento político. A maioria dos diplomados em universidades não sabe como exercer o direito de voto.

Os poderes executivos, legislativos, judiciários e militares estão corrompidos, a serviço de potências estrangeiras e submetidos à **Mão Invisível**. Em 1995, quando o Brasil se posicionou como o quinto país do mundo, em corrupção no serviço público, um deputado escreveu que **a política é, ao mesmo tempo, corrupta e corruptora**. Em fevereiro de 1996, o presidente Fernando Henrique Cardoso, em visita ao México, disse, na capital daquele país, que o Congresso Brasileiro era corporativista, servil aos clubes de interesses, patrocinador de empregos e vantagens, bem como altamente carcomido pelos **lobbies**⁴. Tais declarações, partindo de tal pessoa, só podem ser verídicas. Esqueceu-se, Fernando Henrique, de que é produto desse mesmo Congresso, onde se iniciou e foi ungido presidente, patrocinado pelos meios de comunicação que também elegem a maioria dos governadores e demais políticos. O presidente, além de se revelar como mau estadista, mostrou quem tem sido, como ex e futuro congressista.

A classe remediada, quando pode, trabalha, e com os empresários honestos, são os que têm sido escorchados com tributos injustos, onde a expressão **capacidade contributiva do contribuinte** é uma balela, pois diminui o padrão de vida das pessoas e anula o lucro comedido dos empresários, desestimulando suas habilidades empreendedoras, o que reduz a circulação da riqueza da nação. Enquanto isso, magnatas da indústria, do comércio, dos bancos e outros setores de prestação de serviços, altos funcionários públicos e, até, presidentes de países, praticam os mais variados delitos sem condenação e sem devolução dos roubos.

O presidente Fernando Collor de Melo foi deposto por corrupção, porém nada lhe aconteceu. Seus assessores estão “presos” com todo o conforto. Como presidente, sempre se portou como um estrói-

⁴ **Lobby**. Pessoa ou grupo que procura influenciar legisladores, tentando obter a aprovação de projetos ou leis, em troca de favores e propinas.

na, cometendo desatinos que deixaram em má situação financeira o povo e o empresariado. Dentre os crimes que lhe são imputados, um já foi constatado oficialmente, a sonegação de 28 milhões de dólares, durante a campanha eleitoral. Tudo prometeu e nada cumpriu. Seu pai, o senador Arnon de Melo, disparou seu revólver contra outro senador; ao errar o tiro, acabou por assassinar um funcionário do parlamento.

Certo deputado, eleito pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) do Rio Grande do Sul, um dos principais parlamentares que destituiu Collor da Presidência da República, tempos depois, também teve seu mandato político cassado pelo mesmo motivo: corrupção. Na entrevista concedida em junho de 1996 a uma das televisões de Porto Alegre, declarou que ele e Collor foram cassados por critérios políticos e não jurídicos, aludindo a “injustiças” que sofreram. Por um lado reconheceu a indignidade que cometeu, tentando reparar o que fez ao ex-presidente e a intelectuais, que tiveram suas obras cassadas até hoje, pelo fato de terem revelado verdades históricas. Por outro, mais uma vez, provou que *quem com ferro fere, com ferro será ferido*, não conseguindo defender-se das acusações que lhe foram imputadas. Este fato revela que a *mídia* e o parlamento agem mais por conveniências do que por imparcialidade. Assim cabe a pergunta: Fernando Collor foi e continua sendo o que dizem dele? Ou foi destituído por não ter se subjugado aos poderes econômicos e políticos que quizeram dominá-lo? De fato, como moço mimado não teve a maturidade para dirigir o País. Porém, qualquer pessoa de cultura mediana, mas dotada de bom-senso, percebe que os governantes e parlamentares visíveis são marionetes do poder oculto, o qual os elege, os comanda e os derruba no momento que mais lhe convém.

Outro presidente, Juscelino Kubitschek, decantado por ter construído Brasília, a capital do país, está fichado na Central de Inteligência Americana (CIA), como o cabo eleitoral da máquina da corrupção e de haver se valido de cargos públicos para acumular grande for-

tuna pessoal. Em 9 de março de 1956, quando recém-empossado, prometeu, em Belo Horizonte, combater, implacavelmente, todas as corrupções administrativas, expulsando os ladrões que encontrasse em seu governo e entregando-os à Justiça, sem contemplação com ninguém. Retórica contradita pelos atos. No final de maio de 1996, a Promotoria da Justiça do município do Vale do Paraíba, do Estado do Rio de Janeiro, reabriu as investigações sobre seu falecimento, num acidente automobilístico, em 22 de agosto de 1976. Segundo seu secretário particular a morte não foi acidental mas, sim, um atentado político. Corroborando a suspeita de crime camuflado sob a forma de acidente, o perito em criminalística, contratado pelos responsáveis pela reabertura do inquérito, identificou diversas aberrações e erros nos dois pareceres arbitrais, os quais sustentavam a versão de que um ônibus colidiu contra o automóvel que o transportava. No relatório, declarou que “os laudos são uma coleção de equívocos, num esforço sobre-humano para provar o impossível”.

Analisar o comportamento dos políticos burgueses brasileiros, omitindo o dos socialistas, seria parcialismo. O milionário líder socialista, Leonel de Moura Brizola tem sido uma figura legendária por ter governado os Estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Foi candidato à presidência da República e vice-presidente da Internacional Socialista, no tempo em que o alemão Willy Brandt a presidiu. Em 1964, foi o opositor aparente do golpe militar que depôs seu cunhado, João Goulart. A revista *Veja*, nº 930, de 2 de julho de 1986, página 25, publicou como o ditador comunista cubano, Fidel Castro, o qualifica.

“Nos arquivos da força cubana no Brasil ... há uma conta de 2 milhões de dólares. “O Fidel mandou esse dinheiro para ajudar nossos movimentos contra o governo, afirma o coronel Jefferson Cardim de Alencar Osório, 75 anos.

Segundo o coronel, a ajuda do ditador cubano nunca se materializou porque o caixa da campanha militar era o atual governador Leonel Brizola, do Rio, que preferiu dar outro destino à verba revolucionária. Ele só repassou 100 mil dólares, gastando o resto na compra de fazendas e ovelhas no Uruguai, diz Cardim. «O Brizola já fez diversas promessas mas nunca explicou o que houve com aquele dinheiro», garante o deputado Sebastião Nery, do PMDB carioca. Por causa dessa trapaça, até hoje, Fidel costuma, em suas conversas com brasileiros, referir-se a Brizola como **El Ratón**”.

Pelos depoimentos dos personagens do artigo, o vice-presidente da Internacional Socialista e condutor do Partido Democrático Trabalhistas (PDT) roubou 95% do que lhe foi confiado, ou seja, 1,9 milhão de dólares. Corroborando as denúncias, em julho de 1996, o sociólogo Herbert de Souza escreveu que entregou a Brizola a parcela de 200 mil dólares, recebida de Fidel Castro, a fim de financiar a resistência socialista, articulada do Uruguai. Na eclosão do golpe militar, Brizola fugiu do país, abandonando seus seguidores. Vários deles foram torturados até a morte. Referindo-se à monarquia hereditária, que a Revolução Francesa destruiu, o historiador anglo-israelita Eric Hobsbawm assim escreveu: “Os reis tradicionais, que abandonam seus povos, perdem o direito e a lealdade dos seus súditos”. **Dura lex, sed lex.** A sentença foi proferida por um próprio marxista, professor da Universidade de Londres.

Os políticos sempre bradam que querem o bem do País e do povo, implantando reformas saneadoras. Em 19 de junho de 1996, mostraram, mais uma vez a faceta hipócrita de suas personalidades:

mantiveram o privilégio de suas aposentadorias, pagas depois de oito anos de mandato; rejeitaram o destaque à reforma da previdência, que acabava com o Instituto da Previdência dos Congressistas e com todos os outros, existentes nos municípios, destinados a pagar aposentadorias privilegiadas aos detentores de cargos eletivos. Também as filhas solteiras dos militares mantiveram as pensões vitalícias, direito negado aos civis. Como sempre, quem paga as sinecuras parlamentares e a dilapidação da receita da Nação são o empresário nacional e o operariado, honestos, laboriosos e submissos a uma constituição eleitoral, feita por oportunistas e não por constitucionalistas.

Acusações idênticas pesam sobre os ombros dos presidentes do México, da Venezuela, dos primeiros ministros da Espanha, Japão e de outros países. A Interpol, em agosto de 1995, teve ordem de prender Alan Garcia, presidente peruano, de 1985 a 1990, pelo fato de ter sido subornado, por enriquecimento ilícito e de negócios incompatíveis com a sua posição. Ele recebeu asilo político na Colômbia, mas passou a maior parte do tempo, gozando a espúria riqueza na Europa.

Naquele dia, outro artigo, no mesmo jornal, publicou que o Irã condenara à morte, um alto dirigente do banco estatal Saderat, por apropriação indébita, junto com dois auxiliares, condenados à prisão perpétua, pelo roubo de 230 milhões de dólares e por sabotarem o sistema econômico do país. Quem está certo? Os países de cultura judaico-cristã, complacentes com líderes perniciosos ou a cultura islâmica, que pune com rigor os ladrões da nação?

Num ciclo de estudos políticos, realizado em julho de 1996, o conferencista, um professor universitário e político profissional, revelou que se houvesse um plebiscito sobre a implantação da pena de morte, a população a aceitaria. Entretanto, os parlamentares jamais a submeteriam à consulta popular, pois se opõem a ela e se julgam superiores ao povo.

Como, infelizmente, dentre dois males, se escolhe o menor; é preferível uma corrupta democracia do que uma ditadura sanguinolenta. Nas democracias, os políticos roubam. Nas ditaduras, os ditadores roubam, prendem, torturam e matam, como foram os casos do Brasil, Chile, etc.. No entanto, nem todas as ditaduras se parecem. Na América do Sul, o general e ditador chileno, Augusto Pinochet, teve as opiniões públicas nacional e internacional jogadas contra ele, pechando-o de “carrasco”. Porém, poucos sabem que aquilo aconteceu porque teve de enfrentar as mentiras fabricadas pela mídia interna e externa, pelo fato de ter impedido a entrega de parte de seu país ao poderio internacional.

Liberdade. Já se viu alguém conceituá-la sem artifícios de tautologia e impostura? Os que assim pregam, quando encurralados pelo próprio cinismo, respondem que a liberdade é o direito de fazer o que a lei permite. Mas quando usurpadores do poder e legisladores corruptos promulgam legislações iníquas, podem os vassalos e os servos da gleba se sentirem livres e disciplinados? Se olharmos a questão pelo outro lado, o que faz uma criança, num jardim de infância, quando se sente totalmente livre? Oprime a mais fraca. Que faz um canzarrão, quando encontra o frágil vira-latas com um osso na boca? Rouba-lhe o osso. Que faz o populacho, nos momentos de licença? Todo o tipo de vandalismo, não somente contra os que se encontram melhor aquinhoados, mas, também contra seus pares, por vingança ou inveja. Novamente vem *Æsopo* nos ensinar os valores da disciplina, da hierarquia e, principalmente, do bom-senso, pela fábula **dAs Rãs Que Queriam Um Rei**”.

Igualdade. Quão insípida seria nossa existência se todas as flores tivessem o mesmo perfume, se todas as mulheres ostentassem a mesma plástica e se todos os seres possuíssem as mesmas qualidades! Não

poderíamos, sequer, exercer e, muito menos, desenvolver nosso discernimento, bem como a nossa consciência. Os exames de impressões digitais e, posteriormente, os testes de DNA (ácido dosoxirribonucléico), provaram a inexistência de dois seres iguais. Pelo menos, era o que a Ciência afirmava até 1993, quando cientistas norte-americanos reproduziram, artificialmente, várias células de plantas, de animais e de embriões humanos. Estas experiências, consideradas, pelo Vaticano, como *monstruosas*, receberam o nome de **clonagem**, que consiste em realizar a autêntica reprodução de uma célula, o que leva a criar a segunda, exatamente igual à primeira, chamada **clone**. Mas, deixando de lado a intervenção humana na natureza, onde está a racionalidade da palavra *igualdade*, já que a própria Natureza lhe nega a existência?

Em face disso, é de pasmar que essas três palavras, Igualdade, Liberdade e Fraternidade, que os franceses tão emotivamente decantam e, com tanta convicção, foi aceita pela humanidade, continuam a arrastar milhões de seres para o holocausto dos mais atrozes sofrimentos e do mais inútil morticínio. É cabível indagar se, por um lado, a imaturidade é tão absurdamente estúpida ou, por outro, o inconsciente coletivo, a exemplo do que ocorre com os lêmures, que praticam o suicídio coletivo em épocas de superpopulação, afeta o superego, pelas formas mais misteriosas, com o fito de regular o quantitativo humano no ecossistema do planeta ou, para elevar a qualidade dos sobreviventes do porvir. Difícil é o labor de um juiz consciencioso: necessita a habilidade de usar, não somente a técnica, mas, sobretudo, a **arte**.

É um truismo que o conhecimento liberta, porém, no dia que o tivermos verdadeiramente compreendido, é possível que venhamos a nos sentir desiludidos e saudosos do paraíso ignorante do passado. Pelo menos, enquanto for esta a nossa maneira de pensar.

A Face Mendaz do Poder

JORNADAANDO na espiral histórica dos últimos vinte e um séculos do segundo milhar da Era Cristã, podemos fazer uma retrospectiva das quatro grandes revoluções que marcaram a vida do homem contemporâneo (1ª) a francesa, de 1789; (2ª) a industrial inglesa, de 1848; (3ª) a tecnológica, de 1945 e (4ª) a da informática, de 1975.

A Revolução Francesa alterou a política mundial. A Industrial Inglesa urdiu o capitalismo moderno. A Tecnológica vem substituindo o trabalho braçal de operários e escriturários, pelas máquinas. A da Informática reduz, drasticamente, o tempo das informações e leva o homem, com suas máquinas, ao espaço sideral.

A partir de 1789, as repúblicas européias substituíram quase todas as realezas hereditárias, por governos presidencialistas, parlamentaristas e deixou viver, por saudosismo ou conveniência desconhecida, algumas monarquias decorativas. O feudalismo definhou para vicejar o capitalismo burguês que, por sua vez, criou, como antítese, o socialismo e o comunismo marxista. É dito **marxista** porque, séculos antes, outro comunismo, menos sanguinário e mais justo, foi implantado nas missões jesuíticas da América do Sul e destruído pelo colonialismo europeu e pela maçonaria, que tinha como um dos principais líderes, o Marquês de Pombal. A megera do capitalismo liberal pariu a bruxa do capitalismo de estado. A economia de mercado, apoiada por um regime político mais poderoso, derrotou a planificada e a União Soviética.

Nas economias de mercado, a **concorrência perfeita** é uma retórica infactível, que nina as fantasias apologéticas dos economistas platônicos, da nossa época. A **concorrência imperfeita**, quando não serve de pesquisa de mercado para as grandes empresas, presta-se:

- como rebotalho de investimentos, disputado por quem quer fugir do vínculo empregatício;
- em algumas vezes, como instrumento de vaidade do pequeno burguês, megalomaníaco, que quer privar da companhia dos grandes capitães de indústria; e
- como estímulo à criatividade de inventores independentes e empreendedores que, quando não se coligam, são usados, com frequência, como cobaias dos grandes investidores.

O **oligopólio** é um mercado onde poucos fornecedores oferecem ou impingem um produto, quase padronizado, aos seus clientes. É a mina de ouro e a máquina de domínio do capitalismo senhorial desta época. Nele vive os poderosos empresários, banqueiros e prestadores de serviços. O **cartel**, geralmente ilegal, é formado por um acordo de empresas que fixam e manipulam os preços dos seus produtos. Elas determinam o território do mercado consumidor e fornecedor que cabe a cada um dos seus integrantes. Enquanto o cartel refere-se a um convênio de preços, quantidades vendidas e distribuição de praças comerciais, que não tiram a identidade econômico-jurídica dos seus componentes, o **truste** (do inglês, *trust*, fidência) se dirige praticamente à fusão empresarial. O primeiro tipo de truste é um acordo, deixando de lado, intencionalmente, a característica jurídica para estabelecer um pacto de preços. O segundo cria uma entidade comum, que absorve as demais e, o terceiro, concede liberdade nominal a cada uma das empresas, controladas por um acionista majoritário. O truste é **horizontal** quando agrupa empresas de idênticos objetivos e, **vertical**, ao dominar as que se complementam, como é o caso de uma organização que fabrica embalagens, de outra que produz óleo e mais uma terceira que se encarrega da distribuição do produto. O **monopólio** compreende o domínio completo do mercado por uma só empresa.

Para entender a atuação da gerência internacional, convém expor seus conceitos acadêmicos.

A **Administração Internacional** abrange o treinamento gerencial e a pesquisa científica, que ultrapassam as fronteiras do país. É um movimento de mão-de-obra, de tecnologia, de supervisão de mercados, de capital, de matéria-prima e de *habilidades*.

As empresas se classificam em:

1. **nacional**, que produz e vende produtos no seu país;
2. **internacional**. É a nacional que também os vende no exterior;
3. **multinacional**. Compreende a internacional que, retendo o controle acionário no seu país, transfere para outras nações, investimentos e tecnologias;
4. **transnacional**. É as anteriores, controladas e dirigidas por acionistas de diversas nacionalidades;
5. **supranacional**. Também é as já mencionadas, legalmente desnacionalizada, que se incorpora ao amparo e controle jurídico de um órgão internacional, como a ONU, a Organização dos Estados Americanos (OEA), etc. e a
6. **mundial**, que surgirá após a entronização do monarca universal e, a ele se subordinará.

Os mercados são constituídos por:

- ♦ **Associações ou Mercados Multinacionais**, compostos por países que concordam em reduzir barreiras tarifárias e comerciais;
- ♦ **Mercados Comuns**, em que acordos estabelecem o livre fluxo de capital e trabalho;
- ♦ **Unões Políticas**, formadas por comunidades de nações, que abolem obstáculos econômicos e políticos; e a
- ♦ **Sinarquia**, a antítese de anarquia, que é o governo capatazeado, inicialmente, pelas sociedades secretas, as quais preparam o golpe

de estado mundial, cujo objetivo é o de empossar o déspota do planeta. Sua concepção se deve ao francês Saint-Yves d'Alveydre, que imaginou uma nova e única sociedade econômica, política e religiosa.

Os primeiros sinais do movimento sinárquico surgiram em 1937, em Paris, com os misteriosos assassinatos de Dimitri Navachine, franco-maçom e martinista; de Constant Chevillon, grão-mestre da Ordem Martinista; do “suicídio”, não provado, de Jean Coutrot e o assassinato dos seus secretários Frank Theallet e Yves Paringaux. Em todos os casos, as investigações policiais foram embustes que não indiciaram ninguém. Suas mortes foram atribuídas ao fato de saberem demais e de possuírem documentos sigilosos. Lembra o tempo em que o fazendeiro mandava os peões enterrarem seus potes de ouro, os matava e sepultava os corpos junto com a riqueza. Naquela época européia, era voz corrente, entre os *iniciados*, que o sinarca nunca se revelaria, por ser a Revolução uma ação implacável, regida por mão de ferro. Aliás, a **Vox populi, vox Dei** prega que *nunca se deve dizer tudo o que se sabe*, e que *entre a covardia e a temeridade, é preferível a prudência, uma vez que os insensatos são os que sucumbem primeiro*.

A palavra **sinarquia** surgiu em 1922. A ação sinarquista prega a organização hierárquica da sociedade racional, governada por sábios e determinada à prossecução de objetivos precisos e permanentes. Constitui o governo de um Estado Mundial, em que a autoridade é exercida por várias pessoas ou diversos grupos concomitantes.

Tem por objetivos:

- reconciliar a Ciência com a religião judaico-cristã;
- estabelecer a distinção entre autoridade e poder;
- limitar a política a três poderes sociais e especializados, onde cada um atua em seu próprio domínio tecnocrático, e
- fortalecer, cada vez mais, os vínculos da política com o ocultismo.

Sua estrutura governamental compreende:

1. cada nação, governada por uma ideocracia;
2. os estados governados pela aristocracia, e
3. o povo, formando a democracia.

Há historiadores que a consideram como a mais oculta e a mais nociva das sociedades secretas. Tem uma ideologia revolucionária capaz de tornar vãos todos os esforços das demais, consideradas ultrapassadas e perniciosas ao seu fim. Sua atuação, por trás dos governos legais, dissimula o governo oculto que domina a política oficial. A finalidade é salvaguardar os interesses dos monopólios capitalistas internacionais. Procura ridicularizar toda a ordem estabelecida. Expressa as aspirações dos elementos mais lúcidos de uma burguesia intelectual e financeira, onde para obter o sucesso do golpe, faz fracassar, por falta de provas, todos os inquéritos oficiais, tornando-se, assim, permanente e invencível. É o que ocorre, com tanta evidência, neste final de milênio.

O recrutamento é feito nas camadas elevadas da burguesia e nas lideranças da sociedade. Essas lideranças, doutrinadas e manipuladas, conduzem as massas que lhes seguem. Seus filiados são infiltrados nos altos postos administrativos, nas forças armadas, nos grupos tecnocráticos, nos credos religiosos e nos centros de decisão ostensivos. A secretária de um dos últimos papas, o diretor da Biblioteca do Vaticano e a esposa arranjada do guia do comunismo brasileiro, Luís Carlos Prestes, Olga Benário, brilhante espiã soviética, pertenciam a esta organização. Isto quer dizer que o movimento está acima de tudo, insensível a tudo e a tudo comanda. Sua criação foi inspirada na Ordem do Templo, que dissolvida, gerou a confraria dos Iluminados da Baviera e esta, a franco-maçonaria. O plano dos grãos-mestres dos cavaleiros templários era a dominação do mundo, a neutralização das

idades santas de Jerusalém e Meca, o fim do budismo, do bramanismo e das universidades.

Perseguindo esses objetivos, os sinarcas trabalham para aliar o ocultismo à política, criando a **matesiologia**, que é a ciência universal ligada à religião.

Boulet, comentando o livro *A Missão dos Judeus*, de Saint-Yves, afirma que a obra sinárquica será a concretização do triunfo de Israel por meio da cristandade.

No ano de 1849, em Paris, quando presidia o congresso da paz, Victor Hugo declarou que “um dia virá em que a França, a Rússia, a Itália, a Alemanha e a Inglaterra se fundirão para constituir a unidade e a fraternidade da Europa”. O primeiro passo já está dado, uma vez que o Mercado Comum Europeu é uma realidade. O sinarquismo é, assim, a manifestação do grande capitalismo monopolista moderno, eficaz, tecnocrático, desejoso de modificar toda a economia, a organização arcaica e dar um novo sentido às incoerências da História.

Em 1940, o general Pétain declarou que o trabalho dos franceses era o recurso supremo da pátria e que, o capitalismo e o socialismo, que exploram o trabalho e degradam o trabalhador, são os meios mais funestos de uma tenebrosa aliança nas fábricas e no campo.

Geralmente, quando se fala em **sociedades secretas**, também se inclui o termo **forças ocultas**, que subentende centros de acumulação de capital e de poder financeiro, nas mãos de um punhado de indivíduos, donos de recursos incalculáveis, capazes de dominar organizações, ligadas entre si, por fatores econômicos, políticos, religiosos, psicológicos, ocultistas e outros. Da mesma forma, na linguagem oculta, **círculos exotéricos**¹ são organismos de infiltração nos meios econômicos, administrativos e humanistas.

¹ O **esoterismo** é a busca de verdades desconhecidas, que tanto pode terminar em conhecimentos sublimes ou em cultos abomináveis.

Transpondo esses fatos para a administração pública, é de se perguntar: Qual a **outra** finalidade do governo intervir na atividade privada?

A ação e a intervenção na economia, em muitos casos, serve para retirar fortunas do povo, para entregá-las, quase de graça, aos potentados da iniciativa privada. Em 1991, na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) **torrou** a Companhia Siderúrgica do Nordeste (COSINOR) por 14 milhões de dólares, na qual investiu, em 1976, mais de US\$ 100 milhões, sem jamais receber dividendos. Isto quer dizer que o governo brasileiro lesou seu povo em mais de 84 milhões de dólares, entregando-os a um oligopolista da siderurgia. Representou, este fato, a estultícia e a incompetência dos diretores do Banco? É claro que não. Em 1994, duzentos empresários, dentre os quais se encontrava o comprador dessa usina, ameaçaram deputados e senadores com as seguintes palavras:

“Ou vocês continuam a revisão constitucional que queremos, ou não terão mais dinheiro para as vossas campanhas eleitorais”.

Do mesmo modo faz as multinacionais e as religiões. Até o advento da indústria automobilística, uma única empresa anglo-americana, da indústria do cigarro, pagava, por meio de impostos, toda a folha de pagamento das forças armadas nacionais. É notório que tais empresas só se instalam noutros países, quando os governos lhes põem à disposição, toda a infra-estrutura adequada. A geração de empregos, que alardeiam, é relativa. Se, no início, empregam mão-de-obra intensiva, gradativamente, a substitui por máquinas e robôs mais baratos, e que não reivindicam direitos. Os cabeças sindicais, na quase totalidade

dos casos, nada mais são que mercenários, traindo as classes trabalhadoras, para fazerem as vontades dos patrões. No entanto, quem paga a infra-estrutura é a população, com privações, miséria e doença. Como diz o Eclesiástico, 34, 24: “Imola o filho, na presença do pai, quem oferece sacrifício com os bens dos pobres”.

O cinismo do fisco brasileiro, que beneficia os ricos em detrimento dos desventurados, chega às raias do ridículo. Numa palestra, um auditor de tributos federais disse que **o contribuinte** (o povo) **deve oferecer à Receita sua contribuição** (seu dinheiro). Ora, num país, considerado o quinto mais corrupto do mundo, onde a impunidade e a sonegação são enaltecidas, qual a *viúva* bíblica, que não seja louca, irá oferecer ou contribuir com sua necessitada moedinha para os *fariseus* da política e do funcionalismo público, que dão desfalques de bilhões de dólares, abarrotarem suas arcas? Quando a Previdência Social é roubada, é impingido ao povo a reposição da rapina, com o lançamento de novos impostos.

O monopólio do cimento é tão poderoso que proíbe ao governo a concessão de licença para que outras empresas se instalem na sua indústria. Se existisse concorrência, as pessoas teriam as vantagens de melhores preços e qualidade.

Em abril de 1993, a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), empresa pública do Rio Grande do Sul, comprava energia por 50,03 dólares o Megawatt. Vendia-o por US\$ 15,80 para os industrialistas privilegiados, com um prejuízo unitário de US\$ 34,23. O cidadão rio-grandense, o verdadeiro dono da CEEE, pagava, além dos 50,03 dólares, a margem de lucro bruto da empresa. Somente a folha de pagamento consumia 44% da receita mensal. Seu serviço jurídico tinha a fama de ser um obstinado perdedor de ações trabalhistas. Em fevereiro de 1996 esta estatal acumulou um prejuízo superior a 81 milhões de dólares, causados por contratos de serviços de construção

com preços superfaturados. Dentre os trinta e nove desonestos, três eram ex-diretores da companhia. Incompetência da direção?

É evidente que a inflação representa um desequilíbrio contumaz entre os meios de pagamentos (o dinheiro) com os bens e serviços que se pagam (roupa, comida, transporte, etc.). Na economia inflacionária, perdem os que vivem de rendas fixas (como salários e aluguéis de imóveis, cujos reajustes dependem da vontade do governo, que faz justiça social às custas dos que trabalharam e conseguiram poupar para obter alguma renda) e ganham os que auferem rendas variáveis (lucros, juros, prestações de serviços, etc.). Ela é o roubo legalizado do governo e dos ricos contra os pobres e os trabalhadores. Pois bem, em março de 1993, um dos presidentes do Banco “Econômico” lamentou-se com a *queda da taxa inflacionária, que abalou a rentabilidade do seu banco*. Ainda mais hipócrita foi o pronunciamento, em março de 1994, de um dos diretores de Operação Bancária do Banco do Brasil, que ocupou várias secretarias no governo estadual, ao proferir que *“com inflação baixa, não haverá mais ganhos inflacionários”*. De julho de 1994 a dezembro de 1995, os bancos deixaram de ganhar 9,2 bilhões de dólares com o decréscimo da inflação. O presidente do Senado denunciou que, em 1995, a sociedade brasileira arcou com um prejuízo de 25,5 bilhões de dólares, devido às fraudes constatadas nos bancos Econômico, Nacional e Estado de São Paulo, onde o governo injetou recursos, ainda que sabendo das falcatuas. Acrescentou que a própria legislação estimula os delitos. A omissão e a desfaçatez governamental colocaram o Brasil em primeiro lugar no mundo dos escândalos financeiros. No dia 6 de março de 1996, a imprensa publicou que o presidente do Banco Central do Brasil reconheceu, no parlamento, os erros de fiscalização do banco que presidia e dos empréstimos facilitados aos bancos fraudulentos, que financiavam campanhas de corruptos inescrupulosos. O Banco Central, mesmo cômico da situação em que se encontravam, concedia-lhes empréstimos com taxas de

juros inferiores daquelas com que captava dinheiro no mercado financeiro. Por outras palavras, significa que o governo força a sociedade a subsidiar os empréstimos que faz aos banqueiros, a exemplo da CEEE.

O Banco Central tem concedido empréstimos aos bancos à taxa média anual de juros equivalente a 11,42%. No mesmo período, a Caixa Econômica Federal tem emprestado dinheiro às pessoas físicas à taxa de 71,55% ao ano. Isto quer dizer que o povo brasileiro empresta compulsoriamente seu dinheiro aos donos dos bancos e paga aos bancos do governo 6,3 vezes mais, quando precisa dele. Se buscar o dinheiro nos bancos particulares, o multiplicador aumenta muito mais: é o milagre demoníaco de roubar o capital do povo para emprestá-lo com usura revoltante.

A privatização de bancos e empresas estatais ou de capital misto é outro roubo perpetrado pelo governo e pelos oligopólios contra a nação. Há empreendimentos rentáveis e necessários à soberania nacional, os quais são vendidos aos plutocratas por preços muito aquém do que realmente valem.

Vivam os altos funcionários públicos e os banqueiros, morra o povo que lhes paga os nababescos salários! A usura brasileira é tão imoralmente elevada, que chega a estarrecer os banqueiros internacionais que, dela tiram o maior proveito. Se os indicadores econômicos elevam o Brasil à oitava economia do mundo - que se mantém às custas do capital estrangeiro, os sociais o rebaixam para o sexagésimo terceiro. Em março de 1966, o mercado de capitais brasileiro foi considerado o segundo mais arriscado, num grupo de 55 países, onde a Jordânia ocupou o lugar de mais perigoso. Trata-se, no entanto, de uma classificação questionável, pois, nem sempre o que é válido para grandes mercados multinacionais se coaduna com os dos países explorados.

Como se depreende, o sangue dos desvalidos serve de repasto para os rotundos vampiros do país e do exterior. E, assim, os países

latino-americanos continuam como colônias das grandes potências e paraíso da impunidade.

Para confirmar a ação das forças ocultas e demonstrar que a História é tanto uma página vazia, que alguns a preenchem de acordo com os seus caprichos, como uma parcela da ilusão humana que desperta interesse, o jornal *Correio do Povo*, da cidade de Porto Alegre, publicou, em agosto de 1959 o seguinte artigo:

“Padre-deputado diz que Vargas foi assassinado. Rio, 27 (C. P.) = O deputado, padre Pedron, afirmou, em plenário, que o ex-presidente Getúlio Vargas não se suicidou, mas foi assassinado, e assegurou que conhece o assassino, tendo ainda, em seu poder, toda a documentação comprobatória do crime e que os documentos só serão divulgados após a morte do assassino².”

Vargas foi empossado, na presidência da República, em 1951. Época em que os Estados Unidos estabeleciam, com o Brasil, acordos secretos para a aquisição de minerais raros, destinados à fabricação das bombas atômicas e de hidrogênio. Por ser um defensor do nacionalismo econômico e pelas convicções políticas independentes, não desfrutava da menor confiança dos governantes norte-americanos. No

² A declaração não surgiu por acaso. A Igreja, pelo menos na época, não rezava missa de sétimo dia ou outra qualquer, pelas almas dos suicidas. O assassino, provavelmente católico, não querendo que aquilo ocorresse, e confiando no segredo da confissão, fez a revelação verbal e escrita, esperando, outrossim, a absolvição do pecado contra o quarto mandamento.

dia 20 de agosto de 1954, em plena vigência do 3º Acordo Atômico, os Estados Unidos propuseram a compra adicional de 200 toneladas anuais de tório, além do urânio e outros minerais raros, correspondente a 7.500 toneladas/ ano, estabelecidas no 2º Acordo. Em troca, os americanos nos enviariam 100.000 toneladas de trigo, tipo Hard Winter nº 2, que tinham em excesso e que apodrecia por falta de compradores. Dentre os muitos “brasileiros” que defendiam a política atômica estadunidense, encontravam-se os ministros João Neves da Fontoura, das Relações Exteriores, o general Juarez Távora, da Guerra, e Oswaldo Aranha, da Fazenda. Quatro dias depois (24 de agosto de 1954) a imprensa noticiava o falecimento de Getúlio. Sua luta, em prol do monopólio estatal do petróleo e dos recursos minerais, prejudicavam os interesses políticos e militares de Washington que, através dos agentes entreguistas brasileiros, decretou sua morte, como o fez com o presidente egípcio, Gamal Abdel Nasser. Em 1980, o general Assis Brasil revelou que o ex-diretor da CIA (Center of Intelligence Agency), general Vernon Walters e o embaixador americano no Brasil, Lincoln Gordon, prepararam, em 1954, a desestabilização do regime político brasileiro, substituindo os generais nacionalistas por entreguistas. A trama chamou-se **“Plano dos Dez Anos”**. Getúlio morreu em 1954. Exatamente, dez anos depois, em 1964, a nação foi vítima de um torturante e corrupto golpe militar, apelidado de **Revolução Redentora**. A dívida externa brasileira, em 1954, era de 50 milhões de dólares. Quando, em 1985, os militares devolveram aos políticos, o país combalido, esse débito ultrapassava a 230 bilhões de dólares. Em vinte e um anos, a obrigação aumentou 4.600 vezes ou, em termos de taxa real de juros, em 49,42% ao ano. A concentração de renda foi a mais intensa da História.

Em 1956, durante a Primeira Reunião de Presidentes das Américas, o norte-americano Eisenhower defendeu a tese de que as guerras entre países latino-americanos eram inconcebíveis, que as for-

ças armadas convencionais já tinham significação militar e deveriam se dedicar ao combate do principal inimigo do continente (ou dos Estados Unidos), que era o comunismo. O mesmo foi argumentado na década de '90, só que o inimigo foi o narcotráfico, utilizado pela *máfia* das forças ocultas. A proposição de 1956, aprovada por todos os presidentes - que depositam nos Estados Unidos e nos paraísos fiscais o que roubam de suas nações - formulou a estranha doutrina das "fronteiras ideológicas" e que, em '90, foi substituída pela "defesa contra as drogas". Passados dois anos, em 1958, em São José, na Costa Rica, sob o patrocínio do ministério de defesa norte-americano, os comandos das forças armadas do continente estabeleceram um plano unificado de combate ao comunismo. No biênio 56-58, os principais chefes militares foram convidados, pelo Pentágono, a frequentar cursos no Caribe e no Panamá. A partir desse treinamento, em 1959, os países latino-americanos foram se tornando vítimas das cruéis e corruptas ditaduras militares. Nenhum militar foi punido pelos crimes cometidos e somente a população civil está indenizando as vítimas das atrocidades militares. As forças armadas se desmoralizaram, pois provaram que estão mais a serviço do internacionalismo do que do patriotismo. O liberalismo burguês trocou o nacionalismo pelo continentalismo e, este será substituído pelo universalismo.

Num mundo, onde no dizer de Disraeli, "*um povo não tem amigos nem inimigos permanentes, mas, apenas interesses estáveis*", o início do terceiro milênio encontrará os europeus unidos e os latino-americanos, se não montarem um corpo apoiado nas pernas da união e do desenvolvimento, dominados pelos Estados Unidos. Se o Mercado Comum Europeu converteu a Europa num grupo inatacável, o Mercado Comum do Extremo Sul (Mercosul) transformou-se numa quinta coluna norte-americana, infiltrada no continente, que se unirá ao NAFTA (North American Free Trade Association: Associação Norte-Americana de Livre Comércio) para formarem o Mercado Comum das

Américas. E, assim, as hastes da tenaz capitalista liberal do mundo, continuam açambarcando os 80% do petróleo universal, que está no Oriente Médio, os 70% do urânio do Congo, sem contar as imensas reservas brasileiras, das quais não nos são dadas a conhecer, e as consideráveis reservas de matéria-prima, que falta nos outros continentes.

No panorama mundial, vemos os Estados Unidos e a Rússia com as mãos ensangüentadas.

Pela Revolução Comunista, de 1917, a Rússia banhou seu território com o sangue dos seus próprios filhos. Durante a guerra que a França manteve na Indochina, o presidente norte-americano ofereceu-lhe duas bombas atômicas, as quais foram recusadas. Na Segunda Guerra Mundial, na intenção de admoestar os russos e testar o efeito do armamento atômico, os Estados Unidos, no momento em que o Japão não tinha mais forças para reagir, despencaram as bombas em Hiroshima e Nagasaki, matando, instantaneamente, 274 mil japoneses. À propósito, quem conhece sabe que as forças ocultas japonesas são as mesmas da família russo-americana.

Na década de '50, o governo americano coletou, em segredo, 1.500 cadáveres de homens, mulheres e crianças que sofreram os efeitos das radiações das armas nucleares. Depois da explosão da bomba de hidrogênio, no Pacífico, a procura por cadáveres aumentou. Na época, um professor da Universidade de Chicago disse serem as "amostras", da maior utilidade. Se o provérbio "Tal pai, tal filho" expressa a verdade, os Estados Unidos receberam da Inglaterra esta sinistra herança.

Recuando até 1848, ver-se-á parte das causas que mudaram o nosso mundo.

A Dupla Revolução e o Martírio dos Fracos

DECOMPONDO a História, constatamos que as velhas culturas só nos sensibilizam, quando apresentam validade para o mundo atual. Assim, no ano de 1789, ocorreram dois fatos que marcaram a Idade Moderna. Um, notório, foi a queda da Bastilha, símbolo da Monarquia. O outro, imperceptível, foi a construção, em Lancashire, Inglaterra, da primeira fábrica daquela época, exprimindo a semente da Revolução Industrial, de 1848.

O feudalismo, caracterizado como uma organização política, jurídica e econômica da sociedade medieval, no ocidente europeu, existiu entre os séculos VIII a XI, constituído pelas monarquias hereditárias e pelo clero. Foi derrotado pelas forças judaico-maçônicas, que comandaram a Revolução Francesa e fizeram nascer a sociedade burguesa. As mais expressivas fontes de financiamento desta revolução provieram dos banqueiros ingleses e do banco suíço Necker, por meio das sociedades secretas. A sede oculta dos revolucionários foi a loja maçônica **Noef Cœurs** (Novas Irmãs), de Paris, na qual participaram os enciclopedistas e jacobinos Bailly, Camille Desmoulins, Condorcet, Fouché, Marat, Mirabeau, Robespierre, Sade e Voltaire. A união da maçonaria com o judaísmo foi oficializada em 1743, na capital francesa.

A base feudal se apoiava na importância do solo e na maneira como era repartido. A partilha da terra teve dupla causa. A primeira proveio da necessidade de defendê-la das devastações, causadas pelos bárbaros, cedendo-a, em usufruto, a chefes militares em troca de proteção. A segunda, foi que o sistema passou a ser usado pelos próprios bárbaros, que, pelo poder de conquista, entregavam as áreas conquistadas a seus comandados, em troca de obediência, tributos e prestação de serviço militar.

As principais personagens jurídicas do regime feudal eram

- o **feudo**, que constituía a porção de terra, cedida em usufruto;
- o **senhor feudal** ou **suserano**, o proprietário que a concedia;
- o **vassalo** ou **feudatário**, aquele que recebia o feudo em usufruto;
- o **valvassini**, que era o vassalo do vassalo;
- o **cavaleiro**, o que não possuindo terras feudais, mas, sendo nobre de nascimento ou nobilitado, recebia uma armadura e um cavalo, dedicando-se à atividade da guerra;
- os **servos da gleba**, os cultivadores de um sítio, vincilhados a ele e com ele transmitidos. O vínculo, vitalício e hereditário, era uma forma de escravidão branca, imposta ao servo e a seus filhos. Eram vendidos, como se fossem qualquer mercadoria. E
- os **burgueses**, situados fora da hierarquia feudal. Constituíam-se de artesãos e mercadores dos *burgos* ou cidades, os quais, por seu trabalho e uniões corporativas, haviam conseguido acumular riqueza, subtraindo-se dos rígidos trâmites da economia feudal. Dentre os burgueses, estavam os comerciantes judeus, habitando os *guetos*, e os *maçons*, palavra derivada de *maço* ou martelo, que se dedicavam à construção de residências feudais e eclesiásticas, sobretudo de igrejas.

Figurativamente, o feudalismo formava duas pirâmides que se influenciavam: a monárquica e a eclesiástica. A monárquica era ocupada, no vértice, pelo rei, teoricamente, proprietário de todo o reino. No intermédio, os senhores feudais e os cavaleiros, e, na base, os servos da gleba. A pirâmide eclesiástica tinha o papa¹, exercendo o lugar do rei, os cardeais, preenchendo o espaço dos senhores feudais, os padres, desempenhando o papel dos cavaleiros e, na base, os fiéis. Dentre os padres, uma das ordens mais poderosas era a Companhia de

¹ Sigla de "**P**etrus, **A**ugustus, **P**rincipi **A**postulos". Em Português *Pedro, agosto, príncipe dos apóstolos*, sem ter a conotação de "**pai**", como muitos supõem.

Jesus, os *jesuítas*, alcunhados de “*cavalaria ligeira do papa*”. Seu superior era apelidado de “*papa negro*”. Uma de suas missões, foi a de contrapor-se ao poderio judaico-maçônico.

A derrota do feudalismo foi causada pela potência político-econômica do capitalismo burguês, representado pela Dupla Revolução: a francesa, política, e a inglesa, econômica. Os reis cederam as coroas aos presidentes e primeiros-ministros. A classe patronal ocupou o lugar dos vassalos, hipoteticamente, pois, muitos deles são os que governam por trás dos bastidores. Os oficiais militares, como guardas do capitalismo, tomaram o lugar dos cavaleiros. O operariado, menos sofrido, e os escravos, de forma mais agravada, continuaram sendo os servos da gleba. Se a extinção dos feudos, para a burguesia, representou a mudança do poder, dos privilégios e da riqueza, para a maioria, ou massas, significou a situação do **status quo**.

O revés do feudalismo e o advento do capitalismo têm caracterizado

- ◇ a substituição do naturalismo camponês pelo artificialismo urbano;
- ◇ a pululância demográfica;
- ◇ a irrupção dos vícios do alcoolismo, da ganância, etc., provocando os flagelos da fome, da miséria, da prostituição, do infanticídio, da loucura e de novas doenças;
- ◇ a nova ordem política e econômica;
- ◇ a desestruturação social;
- ◇ a agressão à natureza;
- ◇ para as classes favorecidas, a melhoria do padrão de vida e o avanço da ciência;
- ◇ a desmistificação das crenças, e
- ◇ uma oportunidade ao participante das massas, de quebrar seu irreduzível destino.

Os cinquenta e nove anos que decorreram dentre as duas revoluções foram, talvez, os mais decisivos da história humana. Naquele

período se criaram vocábulos que continuam sendo, freqüentemente, proferidos pela humanidade deste final de milênio, como **industrial, fábrica, engenheiro, operário, greve, proletariado, classe média, cientista, classe alta**, eufemismo de burguesia, **crise econômica, nacionalismo, capitalismo, socialismo** e tantas outras.

A Revolução Industrial começou a ser estimulada na década de 1780 a 1789, quando a Inglaterra obteve o triunfo do mercado exterior sobre o interior, através da Companhia das Índias Oriental e Ocidental, comandada por famílias judaicas, que compunham a elite financeira de Londres. Esta empresa comprava especiarias, seda, tecidos de algodão, fustão (mescla de algodão com linho) e ópio, na Índia e na China, vendendo-os na Europa.

Como regra, o comércio tem sido o indutor da indústria. Com a fabricação de teares mecânicos, os tecidos de algodão começaram a ser produzidos na Inglaterra. As tecelagens contratavam a mão-de-obra necessária, entre os camponeses, fazendo a **industrialização** criar o fenômeno da **urbanização**. Quanto ao suprimento de matéria-prima, as sementes do algodoeiro foram plantadas nas colônias da América do Norte, onde se desenvolveram com sucesso. Devido à necessidade de mão-de-obra submissa e barata, decidiu a Companhia das Índias, pactuada com o governo inglês, implantar o tráfico de escravos negros, enviando-os para as colônias ultramarinas. Com isso, mais uma fonte de riqueza se abriu para o comércio britânico, que foi a venda de escravos nas três Américas. Este negócio desumano perdurou até que os ingleses perceberam que Espanha e Portugal estavam a ponto de, economicamente, se equipararem à Inglaterra. O outro motivo da abolição do tráfico negreiro, mas não da escravatura, ocorreu, oficialmente, em 1815, devido às sérias competições políticas e militares com a França, que abolindo, antes, a escravatura, estimulou os negros a lutarem pela independência das colônias americanas.

As crises econômicas que se sucederam, provocaram uma série de desgraças para a nação inglesa. O empobrecimento do campo reduziu o mercado de produtos manufaturados, causando a depressão industrial, que levou o desemprego às cidades. O esforço do governo britânico em conter a inflação, também impediu o aumento dos salários que, em nada, auxiliou a situação dos operários e de suas famílias. Em 1842, dois terços dos trabalhadores têxteis de Boston estavam desempregados. Em função dos baixos salários na indústria metalúrgica, 50% dos polidores de metais, com até 30 anos, 79% dos com até 40 anos e 100% dos demais, com até 50 anos, estavam tuberculosos. Além disso, o crescimento urbano era maior que o mercado de trabalho, acentuando os dramas do alcoolismo, da prostituição, do infanticídio e da demência.

As crises e a discriminação social, como já dissemos, criaram duas classes distintas: os civilizados e os bárbaros. Os civilizados, em primeiro lugar, se consideravam superiores aos camponeses, julgando-se mais inteligentes, cultos, altos e delgados, bem como pelo fato de se vestirem com melhor gosto. Em segundo lugar, viam os pobres, os operários e os migrantes, como bárbaros e seres não considerados humanos. Quanto mais a burguesia se isolava em bairros elegantes e se estratificava em várias classes, habitando sobrados, mansões e palácios, mais empurravam os desvalidos para a periferia urbana, habitando pardieiros insalubres. A brecha entre ricos e pobres aumentava cada vez mais. Constatase que a situação daquela época se repete, no final da década de 1990, nos bairros pobres das Américas, da Ásia e da África.

Se a economia do século XIX se consolidou sob a influência da Revolução Industrial, a política e a ideologia se transformaram sob a preponderância da Revolução Francesa.

A **causa aparente** da Revolução Francesa foi o enfraquecimento do país, devido ao apoio que deu às colônias inglesas para se

libertarem. Durante a Guerra dos Sete Anos, de 1756 a 1763, a rebelião das colônias americanas deu à França, a oportunidade de enfraquecer o domínio inglês, seu pior adversário. No conflito posterior, a Inglaterra foi duramente derrotada, perdendo a parte mais importante do seu império americano, os Estados Unidos. A parte restante, o Canadá, também foi abalada. A prova continua, ainda hoje, quando Quebec é o centro do Canadá francês e Ottawa, o do inglês. A aliança França-Estados Unidos tornou-se vitoriosa. Porém o custo desta vitória foi excessivo, provocando dificuldades ao governo francês, que se viu, inevitavelmente, envolvido com um prolongado período de crise interna, que, seis anos mais tarde, se tornou o estopim da revolução de 1789. A **causa velada** foi a ideologia maçônica, cujo objetivo era a queda dos poderes monárquico e eclesiástico, além da implantação da nova ordem mundial, que revolucionaria a sociedade e a política. A América do Sul evidenciou esse propósito. San Martin libertou a Argentina, em 1816, o Chile, em 1817, a Venezuela, em 1821, e o México, em 1822. Bolívar seguiu-o fazendo o mesmo com a Colômbia, em 1819. Em 7 de setembro de 1822, o Brasil tornou-se independente.

O progresso científico do final do século XVIII não pode ser separado da Dupla Revolução. No entanto, traçar um paralelo entre as artes e a ciência é sempre perigoso, uma vez que as relações entre elas e a sociedade em que florescem são muito diferentes, fazendo-nos lembrar a morte de Priestley e de Lavoisier, na guilhotina. Dentre os maiores nomes artísticos e científicos desses dois séculos, destacam-se:

- * na Filosofia, Johan Wolfgang von Goethe, Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Emanuel Kant;
- * na Literatura, Honoré de Balzac e Charles Dickens;
- * na Pintura, Francisco de Goya, Daumier, Duplessis, Delacroix, Vernet e Lecomte;
- * na Música, Ludwig von Beethoven;

- * nas Ciências Naturais, Alexander von Humbolt; e
- * na teoria atômica, John Dalton.

Em relação aos acontecimentos científicos:

- na Política, as independências dos Estados Unidos, da Grécia e da Libéria;
- nas Ciências Econômicas, o fisiocratismo, o mercantilismo e a teoria de Malthus;
- na iluminação artificial, entre 1782 a 1784, a descoberta da lâmpada, de Argant;
- a descoberta da corrente elétrica, de Galvani;
- a construção da primeira bateria da Idade Moderna, por Volta, em 1799;
- a relação entre as forças magnéticas e elétricas, criando, na Física, a teoria dos campos magnéticos, desenvolvida por Faraday, em 1831;
- na Astronomia, a descoberta dos planetas Urano, em 1781 e de Netuno, em 1846;
- a instalação do sistema métrico decimal; e
- na Filologia, com as primeiras investigações sobre o sânscrito, por William Jones, em 1786; com a decifração dos hieróglifos egípcios, por Champollion, em 1824; e a descoberta da escrita cuneiforme, dos assírios, por Rawlison, em 1835, que provocaram o renascimento do pensamento religioso e filosófico no Ocidente.

Com relação a esses benefícios, Goethe observou, em 1823, que os problemas da Ciência são os mais importantes. Para ele, o pensamento científico pode estar, pelo menos, influído por coisas alheias ao campo específico de uma disciplina, já que os cientistas vivem num mundo mais amplo que o de suas especulações. O progresso dela, continua, não é um simples avanço linear, uma vez que cada etapa marca a solução de problemas previamente implícitos ou explícitos, que, por sua vez, provocam novas dúvidas.

A Ciência também progride pelo descobrimento de novas questões, de novas maneiras de enfocar as antigas, e de novos procedimentos para captar e resolver os velhos e os novos campos de investigação. Em todo o campo científico há um grande espaço para o estímulo ou para a formação do pensamento, por meio de fatores estranhos. Esse período supôs novos pontos de partida radicais, em alguns campos do raciocínio. Foi o caso da Matemática, que contribuiu para o despertar e o alargar de outros ramos do conhecimento como a Química e a virtual criação da Biologia e das Ciências Sociais.

Os modelos políticos, criados pela Revolução Francesa, serviram para dar um objetivo específico ao descontentamento, para converter o desassossego em revolução e, sobretudo, para unir, num primeiro instante, a Europa e, depois, todo o mundo, num só movimento subversivo. Dela surgiram, após 1815, três principais tendências de oposição:

1ª) a **moderada liberal**, formada pela aristocracia e pela alta classe média, de origem franco-espanhola, baseada na capacidade dos eleitores;

2ª) a **radical democrata**, constituída pela baixa classe média, pelos pequenos empresários, pelos intelectuais e pelos descontentes, inclinada à procura de um certo bem-estar e com alguma animosidade contra os ricos, e

3ª) a **socialista**, composta pelos operários pobres, a nova classe dos trabalhadores industriais, que ostentava um forte ódio contra as classes média e rica.

Em traços genéricos, os revolucionários franceses se consideravam:

→ pequenas minorias seletas, que conduziam a emancipação e o progresso dos que trabalhavam e formavam uma vasta e inerte massa de ignorantes;

- ⇒ mobilizados para uma luta permanente contra todos os monarcas absolutos, reis e senhores feudais;
- ⇒ concebiam a revolução como algo único e indivisível: como um fenômeno mundial, em vez de um conjunto de movimentos de libertação local ou nacional;
- ⇒ tendiam a adotar a irmandade insurrecional, com rituais próprios e hierarquias copiadas dos moldes maçônicos, principalmente dos “bons primos” ou “carbonários”, descendentes das lojas do leste da França, onde predominavam os oficiais franceses, de sangue italiano, contrários à Napoleão Bonaparte, e
- ⇒ o movimento revolucionário, tendo por finalidade, unir todas as sociedades secretas em seus mais altos níveis de iniciados.

O resultado principal, que a Revolução Francesa perseguiu, foi o de por um fim à sociedade aristocrática, estribada na nobreza de sangue. Esqueceu-se, porém, ou fingiu ignorar, que o fim de uma sociedade aristocrática não significa o término da influência da aristocracia. As classes se elevam, naturalmente, e tendem a ver os símbolos da sua riqueza e poder nos termos em que os grupos superiores, de antes, se estabeleceram: como padrões de elegância, luxo e comodidade. São os novos ricos, produzindo toscas imitações de bom gosto e desprovidos de espírito aristocrático.

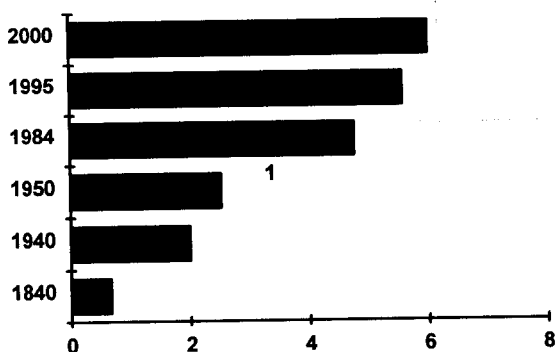
Com a Revolução Francesa acabou a Idade Moderna e começou uma das graves ameaças à humanidade, que tem sido a plethora demográfica.

Em 1789, 90 a 97% da população era campesina. Londres possuía quase um milhão de habitantes, Paris, aproximadamente, quinhentos mil, e, cada uma das outras dezenove capitais européias, cerca de cem mil. Na Inglaterra, a população urbana só superou a rural, em 1851.

No ano de 395 d. C., a população do planeta era inferior a 30 milhões de habitantes. Em 1789, havia atingido a 400 milhões. De

1750 a 1850, a população inglesa triplicou e, as de Portugal e Espanha, aumentaram um terço. De 1800 a 1846, a da Prússia quase duplicou. O mundo, de 1750 a 1850, era constituído por jovens que engrossavam as classes trabalhadoras. Por volta de 1800, a Terra era formada por 67% de asiáticos, 20% de europeus, 10% de africanos e 3% de americanos e oceânicos. Depois de 1840, passados cinqüenta e um anos do início da Época Contemporânea, o globo apresentava a seguinte população, em bilhões

| | |
|-----------------------|-------|
| 1840..... | 0,667 |
| 1940..... | 2,000 |
| 1950..... | 2,516 |
| 1984..... | 4,760 |
| 1995..... | 5,570 |
| 2000 (projetada)..... | 6,004 |



De 395 a 1995, isto é, em 1.600 anos, a taxa real de crescimento foi de 0,3%, ao ano. De 1789 a 1995 (206 anos), elevou-se para 1,29% e de 1940 a 1995 (55 anos), saltou para 1,88%.

Os dados estatísticos, coletados em 1995, pela ONU e pelo World Watch Institute, revelaram que a Terra abrigava 5,64 bilhões de seres humanos, sendo que 95%, ou seja, 5,36 bilhões estavam no Terceiro Mundo. As consequências dessa população mostraram que

- em 1992, 100 milhões viviam fora dos seus países natais;
- a população brasileira cresceu oito vezes, desde o início do século;
- em certos países, a população duplicava no final de cada geração (25 anos);
- 960 milhões eram analfabetos;
- 820 milhões estavam desempregados;
- 830 milhões eram alcoólatras, equivalente a 30% da força mundial de trabalho;
- 2 bilhões não tinham acesso à água potável;
- 750 milhões estavam famintos;
- 1 bilhão sobrevivía na mais extrema pobreza;
- 14,36% (800 milhões) da população mundial não tinha acesso à médicos, devido à decadência da saúde pública, que vem ocorrendo desde 1945, e à transferência desses serviços à empresas multinacionais de assistência médica, as quais têm, como objetivo final, a maximização dos lucros;
- e a reserva mundial de alimentos era suficiente para abastecer a população por somente sessenta e dois dias.

Nos países pobres, a expectativa de vida era de 43 anos, nos ricos, passava para 70.

O Drama Pungente De 1995

Maus Tratos E Crimes Contra A Mulher

Dos 960 milhões de analfabetos no mundo, correspondiam a dois terços (640 milhões). Um bilhão vivia sob o efeito de drogas hipnóticas e de sedativos. 300 milhões não tinham nenhum meio de limitar a gravidez. Anualmente, morriam de 70 a 200 mil, devido a abortos clandestinos. Do 1,3 bilhão de pobres absolutos no mundo, equivaliam a 70% (910 milhões). Em muitos lugares, continuavam a ser comercializadas como escravas e eram, com seus filhos, 80% dos refugiados de todos os países.

No Egito, diariamente, 3.600 meninas e moças eram submetidas à excisão. Isto quer dizer que seus clitoris eram amputados por cirurgiões e barbeiros. Tal prática, tolerada pelo governo, era praticada em 98% das famílias residentes nas regiões rurais e em 70% nas regiões urbanas.

Na Índia, berço das grandes religiões e escolas de ocultismo, 9.000 mulheres eram queimadas vivas, por ano, pelo fato de não terem dote suficiente para manter o marido e a sua família. A morte da primeira esposa, permitia ao cônjuge, um segundo matrimônio e outro dote.

Os Sofrimentos Da Infância.

No planeta nascia, por segundo, três crianças. A cada dia 67.680 delas eram amparadas por famílias que ganhavam menos de um dólar diário. Dois terços nunca foram à escola. Dos 197 milhões que nasciam, anualmente, na América Latina, 15 viviam nas ruas, 6 passavam fome, 30 trabalhavam sem qualquer amparo legal, 1 morria sem atingir a idade de cinco anos e 14 faleciam de doenças evitáveis.

No Brasil, 6 milhões eram abortadas a cada ano. Nos Estados Unidos, também, por ano, 7 mil eram mortas a tiros.

Segundo a publicação de Michael Litchfield e Susan Kentish, durante os anos de 1974 e 1975, na Inglaterra, foram descobertas clínicas abortivas que matavam os recém-nascidos, trituravam seus cadáveres e os vendiam para as fábricas de cosméticos.

Na cidade de Cali, na Colômbia, no ano de 1983, o Instituto do Bem Estar da Família atendeu 784 meninas com problemas de conduta. 135 (17,2%) tinham idades oscilantes entre 5 a 12 anos e 649 (82,8%), com até 16 anos. Muitas prostitutas tinham apenas cinco anos de idade. As causas mais comuns de prostituição eram as desavenças no lar, a hostilidade dos pais e padrastos, com a cumplicidade das mães, maus tratos, miséria, ignorância, fome e assédio de rufiões.

Na China, o casal que tivesse um segundo filho sadio, pagava uma multa de até 2.000 dólares. Os filhos nascidos com defeitos eram eliminados. Segundo os costumes chineses, os homens trabalham no campo, cuidam dos idosos, herdaram propriedades, levam a esposa para o trabalho e os sogros as utilizam nas lides domésticas. As meninas, quando nasciam, eram afogadas, estranguladas, jogadas nos ralos, nos banheiros públicos e abandonadas nos campos, com o beneplácito das autoridades. Em virtude disso, os homens encontravam dificuldades para obter esposas.

As informações sobre as maldades praticadas na China foram, naturalmente, extraídas dos jornais ocidentais. Um ano antes, em 1994, a mesma imprensa publicava as atrocidades militares contra os anseios dos estudantes por liberdade. Os órgãos de comunicação divulgaram apenas as tropas investindo contra os jovens. Um fato que chamou a atenção foi que algumas fotografias contradiziam os textos das reportagens. Na primeira, via-se um tanque destruído e em chamas, antes de chegar ao local dos distúrbios, a praça da Paz Celestial. Na segunda, um ônibus do exército, atacado pelos manifestantes, onde

os soldados morreram carbonizados. Na televisão, a tropa desarmada, que formava um cordão de isolamento, foi cercada e agredida. Nos currículos escolares não consta que os estudantes chineses recebem treinamento em guerrilha urbana, práticas de terrorismo e técnicas de sabotagem. Por dedução, conclui-se que por trás deles haviam agentes especializados em tumulto e destruição, bem como especialistas em jogar os civis contra os militares e a ordem estabelecida com o fim de difamá-los. Por coincidência, aquelas arruaças coincidiram com o esforço chinês de lançar bons produtos a baixo preço, nos diversos países do mundo. Ficou claro a intenção do capitalismo burguês do Ocidente em denegrir a imagem da China Continental. As montagens fotográficas e com filmes animados provam que qualquer mentira parecerá verdade aos olhos do público desinformado. Como as películas e papéis aceitam quaisquer textos e imagens, resta a pergunta: Será verdade?

A imprensa americana publicou que na ilha de Hong Kong, em 1995, na cidade de Shenzhen, os fetos humanos, adquiridos nos hospitais e nas clínicas de aborto, sempre repletos de compradores, eram comidos ao natural ou com carne de porco e gengibre. Para os aficionados daquela culinária, eram de ótimo paladar e serviam para embelezar a pele.

No Brasil, crianças e adultos, quase todos pobres, eram assassinados por especialistas em extração de órgãos para transplantes. As investigações apontaram a conexão das quadrilhas com médicos e pacientes do país e do exterior. No Nordeste brasileiro, um motorista de caminhão relatou que pais vendiam seus filhos, à beira das estradas, por 30 dólares. Algumas agências de turismo promoviam excursões sexuais, onde os turistas podiam copular crianças com a idade média

de onze a quinze anos, o mesmo acontecendo nas Filipinas e na Tailândia.

Em 1996, a saúde pública brasileira apresentava um quadro deprimente. Na cidade de Sorocaba, em São Paulo, no hospital psiquiátrico de Pilar do Sul, foram encontrados dementes comendo terra e grama, com chagas expostas, cobertas de moscas ou dopados e atirados ao chão. Muitos estavam manietados em camisas-de-força, proibidas pela ciência médica. Em Caruaru, no interior de Pernambuco, num período inferior a dois meses, morreram quarenta e sete pacientes, além de outros agonizantes, intoxicados quimicamente no setor de hemodiálise do Instituto de Doenças Renais, devido à reconhecida incompetência médica. O Ministro da Saúde vinha apresentando uma solução ridícula, propondo a criação de mais um imposto para que a população financiasse seu Ministério, fingindo ignorar que o dinheiro iria para os ladrões do patrimônio público, em vez de atender à população doente.

No mesmo ano, a Organização Mundial de Saúde divulgou ser a tuberculose a doença transmissível que mais matava adultos no mundo. De modo mais notável no Brasil e nos países latinos. Em 1994 foram constatados 222.596 casos, sendo que a metade verificava-se no Brasil, com 67.280, na Argentina, com 13.686 e o Peru e o México, com 30.332. No ano de 1995 ocorreram 75 mil óbitos na América Latina e no Caribe. Em 1996, 400 mil indivíduos deveriam contraí-la.

De acordo com as investigações das polícias internacionais, a América do Sul tem sido um centro de exportação de córneas humanas e a Índia, de rins.

As estatísticas, na década de '60, descobriram que, por ano, ocorria 2,5 milhões de pessoas desaparecidas.

As previsões, para além do ano 2000, mostravam 50 milhões de refugiados ambientais (econômicos e políticos). Em 2005, um bilhão de desempregados. E, 2020, 1,3 bilhão de indianos. Em 2050, o

rendimento das colheitas se reduzindo em 20% e o planeta com 12,5 bilhões de habitantes.

Os Limites Do Crescimento Industrial

Em 1971, Jay W. Forrester e o Clube de Roma, desenvolveram uma pesquisa sobre as perspectivas da humanidade até o ano 2100, intitulada “Os Limites do Crescimento; Predições Sobre a Situação da Humanidade”.

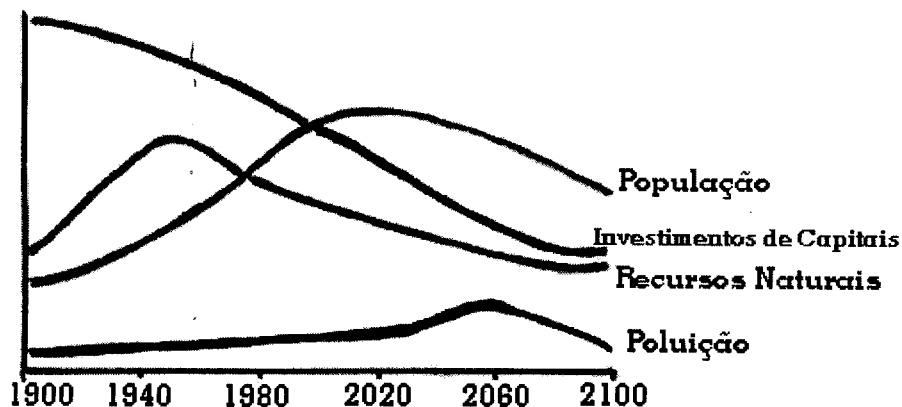
O Clube de Roma é uma associação de empresários, banqueiros e cientistas dos grandes países, para desenvolver estudos interdisciplinares.

Este trabalho foi um alerta sobre o futuro do crescimento industrial, se não fossem tomadas providências para reverter a sua tendência.

Correlacionando diversas disciplinas, como Informática, Estatística, Sociologia, Economia, etc., concluíram que, para aumentar a oferta de alimentos, a fim de abastecer o crescimento demográfico, era preciso aumentar a produção da maquinaria, dos defensivos agrícolas e dos pesticidas, uma vez que as terras aráveis do globo já estavam no limite de sua exploração máxima. Isto drenaria a capacidade dos recursos naturais, aumentaria os níveis de poluição e provocaria o esgotamento das matérias-primas, para suprir a procura de alimentos, a curto prazo. A sombria consequência seria a queda da qualidade de vida, que é uma composição de fatores como, padrão de vida, excesso populacional e reduzida oferta de alimentos, retornando ao início de um ciclo de privações para todos.

| % | 1900 | 1920 | 1940 | 1960 | 1980 | 2000 | 2020 | 2040 |
|-----------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Poluição | 0 | 14 | 92 | 14 | 29 | 43 | 57 | 71 |
| Rec.Nat. | 50 | 71 | 21 | 100 | 83 | 75 | 67 | 58 |
| Inv.Cap. | 5 | 11 | 46 | 32 | 47 | 68 | 89 | 95 |
| População | 25 | 36 | 92 | 57 | 75 | 89 | 100 | 79 |
| Q.de Vida | 50 | 70 | | 100 | 83 | 75 | 58 | 55 |

| % | 2060 | 2080 | 2100 |
|---------------------------|------|------|------|
| Poluição | 100 | 71 | 43 |
| Recursos Naturais | 54 | 50 | 46 |
| Investimentos de Capitais | 100 | 68 | 63 |
| População | 86 | 75 | 68 |
| Qualidade de Vida | 50 | 46 | 45 |



O gráfico revela que, a partir da década de 1960, começaram a decair os recursos naturais e a qualidade de vida². Naquela época,

² No gráfico, as curvas dos Recursos Naturais e da Qualidade de Vida se sobrepõem.

nos Estados Unidos, foi apresentado o espetáculo coreográfico “Aquarius”, que consagrou, em todo o mundo, o seu tema musical. Também iniciaram os movimentos de rebeldia da juventude e do feminismo, exaltando a liberdade e as drogas. Coincidentemente, 1960 marcou o declínio da qualidade de vida que deverá atingir seu paroxismo no ano 2000. Por volta de 2060, os investimentos de capital e a poluição atingirão seus pináculos. Resumindo, significa que o calvário humano começou no mesmo período em que foi feita a exaltação à Era de Aquário, que decantou, paradoxalmente, a sua liberdade e que se agravará por um século, até 2060.

Em 1986, uma pesquisa indicou que dois terços da população do Brasil encontrava-se em estado de pobreza e a taxa de fertilidade em declínio, indicando uma redução na tendência de crescimento humano. No ano 2000 existirão 170 milhões de brasileiros, dos quais 113 serão indigentes. No ano 2050 haverá a provável estabilidade da população com 250 milhões de indivíduos e, dentre eles 166 milhões de miseráveis. Se as regiões de maior pressão demográfica já eram, na década de 1990, as das grandes cidades do Sudeste, imagina-se o que será delas, se persistir a tendência, agravada com a automatização e a robotização das fábricas. Fatalmente terão de enfrentar os “novos bárbaros”, desfiando o rosário do sofrimento e da revolta, desrecalcando-se sob todas as formas de brutalidade.

As conseqüências das endemias de pobreza e desemprego, refletem-se na criminalidade e na multiplicação de seitas apocalípticas. Elas se aproveitam da situação, enriquecem da noite para o dia, quando não arrastam massas inteiras para o desatino. Disto nos deu prova a Inglaterra, no século XVIII e que já podemos presenciar nos dias atuais, dentro de nossas próprias cidades.

Quando Hércules é Derrotado pelo Cavalo de Tróia

O LÍVIDO cenário da plethora demográfica agrava, cada vez mais, a poluição ambiental. Se grande número de residências são malocas, outro é de apartamentos com dimensões exíguas, impedindo os momentos de retiro para estudo e reflexão, que todos necessitam. Nos condomínios, basta um morador grosseiro e de má índole para perturbar o sossego de todos. As construções de arranha-céus, ligados entre si, interferem no fluxo da luz. As avenidas, com os veículos em alta velocidade, quando dirigidos por incivilizados, mantêm os ordeiros transeuntes em vigilância cansativa. Os **novos bárbaros**, formados por assaltantes, marginais, desempregados expostos à penúria súbita, por sub-remunerados, e por policiais prevaricadores e intratáveis, extravasam suas frustrações contra tudo e contra todos, tornando a circulação pelas vias públicas em acontecimentos imprevisíveis. São as vítimas de outras vítimas, agredindo-se por não poderem atacar seus agressores. Lembram os gladiadores, ao reverenciar o imperador romano com o **Ave Cæsar, moritute salutant** (Salve César, os que vão morrer te saúdam).

As poltronas dos transportes coletivos são emporcalhadas pelos pés de adultos grosseiros e por crianças, as quais refletem a insociabilidade dos pais. Confundem assento com capacho e são causa de sujeira para as roupas dos respeitadores do bem público. O lixo em combustão, os motores a explosão dos veículos e das fábricas, como as fornalhas, contaminam o ar que se respira com carbonos e ácidos, prejudicando a visão, o aparelho respiratório e os próprios alimentos.

As queimadas e desmatamentos desertificam campos e florestas. Nas searas e pomares, os agricultores envenenam os alimentos com agrotóxicos, defensivos e pesticidas desnecessários, mas impin-

gidos sub-repticiamente pelas corporações multinacionais. À farinha do pão de cada dia, é acrescido o bromato e os conservantes. Os refrigerantes contêm, além dos conservantes, corantes e edulcorantes, causadores da celulite e da osteoporose. Nas bebidas alcoólicas e no açúcar são adicionados soda cáustica. Nas bebidas, servem para melhorar a aparência, como na aguardente, que adquire um matiz azulado. No açúcar, para refiná-lo.

As águas, além de receberem o veneno que o agricultor adiciona ao humo, são contaminadas pelas embarcações, através de vazamentos de óleo, das lavagens dos porões, do rompimento dos cascos, dos naufrágios ou, quando jogam ao mar, lixo atômico e pós químicos, que as autoridades dizem ser “maré vermelha”. Somente os acidentes com petróleo, já causaram à fauna marítima, milhões de mortes de pingüins, focas, baleias e outros animais.

Nos anos '80, a indústria bélica norte-americana produziu gases químicos, os quais poderiam destruir a vida animal no solo cento e cinquenta vezes. O Pentágono constatou que a maioria dos tanques, contendo armas químicas, estavam vazando. Suas bombas atômicas destruiriam a vida, em todos os recantos da Terra, quarenta vezes e, em 1995, todas as potências atômicas, em milhares. Seu combustível básico, o plutônio, é o mais terrível de todos os venenos, tanto que jamais existiu na Natureza. Pequena quantidade é o suficiente para envenenar toda a população do mundo. Lovecanal e Seveso, nos Estados Unidos, e Chernobil, na Rússia, são as cidades-símbolos dos efeitos da radiação atômica, quando afetou a população e deformou crianças. No biênio 1994-95 a catástrofe russa provocou a morte de 230 mil ucranianos e de mais de 120 mil na população da Bielorrússia. Os efeitos da radiação atômica alteram a cadeia do DNA, interferem no comando das funções celulares, conduzem ao descoordenamento motor, desequilibram os glóbulos sanguíneos, decompõem a medula óssea, provocam câncer, hemorragias cerebrais e cataratas. Se as empre-

sas particulares e os terroristas quiserem, podem comprar e, até mesmo, construir artefatos nucleares.

As catástrofes ucraniana e bielorrussa foram exibidas com expressivas manchetes na imprensa e na televisão do Ocidente, especialmente no Brasil. Na mesma época se falava nos esforços argentino e brasileiro em reaparelhar as centrais atômicas, na cooperação das pesquisas nucleares, na geração de energia a baixo custo e nos estudos para concluir o submarino nuclear brasileiro. Por um lado, é de se indagar se os governos das repúblicas mencionadas deixariam que tal catástrofe atingisse tamanhas proporções, sem antes remover a população, como de fato o fizeram, enviando parte dela para Cuba. Por outro, parece transparecer a execução de uma campanha anti-nuclear contra as duas nações sul-americanas, que anseiam pela autossuficiência energética e econômica.

Outra forma de poluição, há muito presenciada, mas, até hoje, pouco explicada, é a parapsicológica. Para melhor compreendê-la, é preciso retroceder aos anos de 1994, quando os russos formularam, cientificamente, a hipótese do quarto estado da matéria, que chamaram de **bioplasma**. Esta ordem correlaciona-se com o plasma da Física, constituído por um gás, composto de átomos desprovidos das camadas eletrônicas e decorrentes do superaquecimento da matéria. Em altíssimas temperaturas, os átomos perdem os elétrons, os quais compõem suas camadas externas, para constituir uma mistura de núcleos, elétrons e partículas neutras, vindo a formar o plasma, a substância mais abundante no universo.

O bioplasma é um caso **sui generis**, uma vez que se processa em baixa temperatura. Em decorrência desses acontecimentos, os estudiosos concluíram que as funções paranormais poderiam ter origem nas propriedades contidas nos organismos vivos. A vantagem, na paranormalidade, reside no fato dele ser quase neutro, não atingindo campos magnéticos, como ocorre nos neutrinos. Nos estados de in-

consciência, a diminuição dos reflexos condicionados provoca uma excitação nas ondas cerebrais, na frequência de sete a nove hertz. Como consequência, ocorre a produção de uma energia, denominada de **radiação biolaser**. Quem consegue utilizá-la pode influenciar, benéfica ou maleficamente, outras pessoas, localizadas a longa distância. Foi o que fez os serviços de espionagem soviética, no tempo da guerra fria. É provável que este processo possa explicar, pelo menos em parte, a malevolência dos feiticeiros e de suas macumbas.

Em escala mundial, o **efeito estufa** é proveniente da poluição ambiental, de gravidade muito mais ampla para o homem e a natureza. Este nome decorre da ação das estufas sobre as plantas, onde a luz solar perpassa as paredes de vidro, repressoras de calor. As radiações infravermelhas do Sol, atravessando a atmosfera terrestre, atingem o solo, o qual devolve parte da energia recebida ao espaço sidéreo. A industrialização prejudica este fluxo e refluxo, através da excessiva produção de dióxido de carbono (CO₂), ao se espalhar na atmosfera. Isto cria uma espécie de camada retentora, que tanto pode causar o aquecimento nocivo, como o início de outra era glacial. Pelo aquecimento, ocorrerá o degelo das calotas polares e demais geleiras, aumentando o volume dos mares, que inundarão a superfície enxuta. Pela nova era glacial, o gelo exterminará a maior parte da vida terrestre e anfíbia. O esquentamento já está mostrando os efeitos no Nordeste brasileiro, onde o mar devora as praias e a vegetação.

Outro fenômeno correlato tem sido a verticalização do eixo da Terra, revelado por Ramatis, nos anos '50, na obra mediúnica de Ercílio Maes. Esta verticalidade, a qual poderá alterar as formas de vida na superfície do planeta, pode ser explicada (a) como um movimento cíclico natural de obliquidade e perpendicularidade; (b) pela formação e descongelamento de geleiras e (c) pela ação gravitacional de outro corpo celeste que, ao aproximar-se, provocou a inclinação.

Na Ética, a desmoralização política e econômica tem provocado o desgaste da família e da sociedade. O profissionalismo fez a competição predominar sobre a cooperação, como equivocadamente comparou Karl Marx, pseudônimo de Kissel Mordechai, ao dizer que “o homem é o lobo do próprio homem”. Esta frase, repetida por muitos, de forma solene, revela a desonestidade intelectual do *persona-^{É Hob-}gem*. Quem a mencionou, anteriormente, foi Plauto, na Antiguidade, ao proferir **Homo homini lupus**. Desconheciam que o lobo só ataca no desespero da fome, ao contrário do ser humano, quando o faz na busca de *status*, de poder e de riqueza, quanto mais tendo, mais querendo. O animal saciado não agride: só reage para se defender.

O progressista radical, amante temerário de modismos insidiosos, deveria observá-los de forma mais crítica. Para a maioria sofrida, já que algumas minorias são as que verdadeiramente gozam dos benefícios do mundo, apesar de fingirem-se de vítimas, um fato que aparentemente decorre da evolução espontânea da industrialização e do urbanismo, é o aviltamento salarial. Decorre da lei econômica da oferta e da procura, oriunda do fator de produção, chamado *trabalho*. Se observado seu efeito, ver-se-á a angústia e a degradação que tem causado às massas. A primeira vítima é o indivíduo. A segunda, a família. A terceira, a nação, e, a quarta, a humanidade inconseqüente, por não saber se conter. Muitas mulheres gostariam de permanecer no lar, dedicando-se aos filhos e aos maridos, como guardiãs da virtude das futuras gerações. Em função da parca remuneração do cônjuge, são obrigadas a empregarem-se como operárias, vendedoras e escriturárias. Com o emprego procuram manter a qualidade de vida e satisfazer as crescentes necessidades secundárias, criadas pelo engodo propagandístico da Economia de Consumo. Quanto mais aumentam o suprimento de trabalho, mais reduzem os salários, uma vez que os empresários têm mais gente, que se oferece por menor ganho.

A mulher, ao retornar à casa, traz os inevitáveis atritos, gerados no labor e da preocupação das tarefas por concluir, que se juntam aos afazeres domésticos. O marido, cansado e mal remunerado, também o faz, esperando encontrar, nela, o carinho e o lenitivo das asperezas profissionais. Os filhos, via de regra, não recebem dos progenitores a atenção e o afeto que merecem. Os beijos e elogios, convencionais e frívolos, copiados dos filmes americanos, substituem a sinceridade e a espontaneidade. As refeições são apressadas, porque os adultos precisam manter-se informados com as notícias, muitas vezes deturpadas, dos jornais e da televisão.

Quando o menino quer conversar, não pode. Tem de deitar-se cedo, para atender, no dia seguinte, as obrigações do jardim da infância ou da escola. Fica sob a responsabilidade dos mestres que, muitas vezes, fazem o papel de tutores profissionais, repartindo as atenções com dezenas de crianças. Ao retornar à casa e terminados os deveres escolares, posta-se, passivamente, ante o receptor de televisão, assistindo mais cenas de sexo, violência e traição conjugal, do que de instrução ou de sadio entretenimento. É a segunda escola, que forma a violência, o vício, os maus cônjuges e os perniciosos cidadãos. Estraga a visão com jogos de vídeo. Perambula pelas ruas com os companheiros, recebendo conselhos e experiências mundanas que deveriam ser dialogadas com os genitores, que amiúde as condenariam. Sofrem as esposas, os maridos e, sobretudo, a prole.

O cansaço profissional provoca a apatia feminina e as disfunções sexuais. Induz à traição masculina, que, ao ser descoberta, causa a decepção e a compensação extraconjugal da esposa, quando não possuem suficiente maturidade. Tal passionalidade colima com os atritos e a separação, uma vez que a família moderna não possui o estoicismo da de outrora. O filho é afastado do pai, para viver sob a orientação do próximo companheiro de sua mãe. Este, implícita ou explicitamente, o vê como um indesejável e competidor de atenções. A mãe, por revolta

ou insegurança, joga-o contra o pai. Ele, para ver o filho, sofre vários constrangimentos. Começa por ter de encontrá-lo na rua. Prossegue, por ter de defrontar-se com o enciumado sucessor. Além disso, a própria Justiça lhe cerceia os direitos legítimos, sob a impostura demagógica de uma pseudo legalidade. Ironicamente, no que tange ao matrimônio, a constituição brasileira dá mais direitos à concubina do que à esposa, a exemplo do que faz com os celerados, prejudicando os decentes e ordeiros.

A crise da adolescência mais faz o jovem sentir a falta dos pais. Ele procura ressarcimento na multiplicidade de parceiros sexuais, na frágil auto-afirmação, no fumo, no álcool, e, pior ainda, corre o perigo de sucumbir no vício das drogas, às doenças venéreas e perante o homossexualismo, que infelicita a si, à família e envilecem o povo.

A incapacidade paterna e materna em suportar as crises conjugais, bem como a liberalidade sexual, induzida pelos órgãos de comunicações, dominados pelo poder invisível, pelo feminismo irresponsável e pela psicologia libertina, insuflada pelo mesmo poder, são as razões sutis das primeiras decepções do jovem rapaz. Muitas vezes, quando se apaixona pela primeira namorada, vem o falso amigo, competidor ou invejoso, para contar o relacionamento que teve com ela, além de citar as aventuras dela, com o Fulano, o Ciclano e o Beltrano. Como o cristal cardíaco se rachou, quando viu sua mãe pertencendo a outro homem, que não o genitor, fende-se novamente, ao ver a namoradinha cair do pedestal de ilusão que a colocou. Assim, como o rapazinho sofre, também a adolescente padece, sobretudo se souber que seu namorado já se entregou à sodomia.

Segundo certa teoria parapsicológica, uma das causas da pederastia em potencial é o coito anal, aceito ou tolerado pela mulher grávida. O feto, por estar na subconsciência uterina, é comparado a um computador que executa a programação que lhe for ordenada. Qual-

quer ação, ativa ou passiva, exercida pela gestante, repercute no inconsciente do feto. A satisfação ou trauma assemelha-se a um programa virótico, inoculado no íntimo do embrião, e que irá se manifestar em alguma instância da existência do indivíduo. Em geral, na puberdade. O adolescente, de tendência passiva, dirigirá, sem perceber, sua sensualidade para as pessoas do mesmo sexo. Por outro lado, o de propensão pederasta ativa, instintivamente, irá assediá-lo, desencadeando a manifestação patológica.

Ainda, a respeito do coito anal, é necessário uma advertência sobre seus efeitos mórbidos. No reto existem micróbios que, nele, fazem seu *habitat* e são, até, inofensivos, como é o caso do **streptococo fecalis**. Se passarem para a uretra ou para o canal vaginal, tornar-se-ão patogênicos. A ameba, nos intestinos, é facilmente combatida com vermífugos. Se for transladada para a uretra, penetrará nos poros e, deles, para a corrente sanguínea, ocasionando a endocardia. Este fato, comprovado pela ciência médica, de uma hora para outra, passou a ser ridicularizado pelos agentes da degradação humana: verdadeiros **cavaleiros de Tróia**, infiltrados na nossa civilização. Em setembro de 1995, num ciclo de palestras sobre a sexualidade humana (confundido com sensualidade), realizado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (portanto uma instituição **educacional** pública), um endocrinologista e sexólogo declarou: “os tabus sexuais poderiam ser fonte de prazer se não houvesse preconceito, tal como o relativo sexo durante a menstruação e a gestação, *ao sexo entre mais de dois parceiros e ao homossexualismo*”. No dia 13 de junho de 1996, em Brasília, uma deputada do Partido dos Trabalhadores (PT) apresentou um projeto de lei para reconhecer a união civil entre homossexuais, sob o pretexto de regular o patrimônio, adquirido em conjunto. Sabe-se, perfeitamente, que tal dilema pode ser contornado por outras formas jurídicas, que não estimulam o homossexualismo. Outro deputado, do mesmo partido, anteriormente

ligado a movimentos comunistas subversivos, escarnecendo dos que se opuseram, acusou-os de terem uma **visão medieval** da situação. Por acaso os ouvintes desses venenos verbais se esqueceram de Sodoma, Gomorra, Herculano, Pompéia e da França libertina, antes da Segunda Guerra Mundial, que não teve coragem para conter o fácil avanço das tropas nazistas?

Com a rendição da censura, decretada pelo general-ditador João Figueiredo, os estandes de revistas, os cinemas e as locadoras de videocassetes passaram a exibir todo o tipo de literatura e filmes pornográficos, que têm despertado as taras, a proliferação de doenças venéreas e a AIDS (Acquired Immune Deficiency Syndromes - Síndromes da imuno-deficiência adquirida). Eles intensificam as cenas de depravação e de sadomasoquismo à medida que os usuários se acostumam com as anteriores. A escalada faz a brutalização se acentuar gradativamente. Qualquer pessoa, de qualquer idade, tem facilidade de acesso à essa degradação de caráter. Em 1976, nos Estados Unidos, uma revista de “educação sexual”, comprada nas lojas *pornô*s, narrava uma aventura de dois meninos, com não mais de quatorze anos, praticando o felácio, a analíngua e a sodomia. Como se sabe, *o que é bom para os norte-americanos, também o é para os países ocidentais*, principalmente os subdesenvolvidos, onde essa produção já chegou ao Brasil. Tal licenciosidade lembra Saint-Just, o revolucionário jacobino francês, quando em 1793, referindo-se à monarquia, sua inimiga, afirmou: “*Em época de mudança, tudo o que não é novo é pernicioso... e, como o adversário é lento, o sistema de ação deve ser impetuoso*”. Através dessa afirmação se entende como o anormal torna-se normal e porque aqueles que resistem à mudança decadente, são tachados de retrógrados e de reacionários.

Para os mentores da *New Age* (Nova Era), os quais almejam, de acordo com o sistema cartesiano, destruir toda a ordem vigente, para implantar outra, a fim de dominar a humanidade, segundo sua

ideologia servil e neoescravista, esse arrazoado é antiquado. Porém, quem não quer para si e seus pósteros uma pior submissão, ou não ser considerado sub-raça, que se recorde do aforismo latino: **Si vis pacem para bellum** (Se queres a paz, prepara-te para a guerra).

Os replicantes deste ponto de vista podem dizer que o homem sempre foi o instrumento do próprio homem e, pela lei natural, o forte oprime o fraco. A razão é como um sólido multifacetado. Do ponto de vista egoístico, eles têm razão. No entanto, as duas grandes forças impulsoras da qualquer espécie são a preservação do indivíduo e da espécie: o fraco, momentaneamente resignado, será o irado revolucionário, quando seu ânimo retornar. A curto prazo, é bom subir na vida, transformando nossos semelhantes em degraus, como fizeram (e têm feito) as nações colonialistas e seus empresários escravocratas. Porém, nada é perene. Há um provérbio que nos adverte: *“Não te aproveites de mim enquanto estiveres subindo, porque poderás encontrar-me, quando estiveres descendo”* A degradação que o pervertido causa, agora, poderá ser a mesma que corromperá seus herdeiros, retornando ao pó o que dele proveio. A realidade mostra que cada indivíduo tem sua própria idade mental; quanto mais imaturo, mais egoísta, mais arrogante e mais perverso; quanto maior for a maturidade, tanto maiores serão a sabedoria, o altruísmo e a responsabilidade social. A própria História mostra que *“quem com ferro fere, com ferro será ferido”*. A Bíblia afirma que *“na casa do Pai, existem muitas moradas”*. O mesmo fato ou modismo, considerado verdade, hodiernamente, poderá ser uma falsidade, amanhã. A promiscuidade e a destruturação moral desta época, lembram a terceira estrofe do Hino Sul-riograndense: *“Não basta ser forte, aguerrido e bravo; povo que não tem virtude, acaba por ser escravo”*.

As terceira e quarta vítimas mencionadas são as que sofrem com a manipulação apátrida dos conspiradores intra e internacionais,

que subvertem as nacionalidades em prol da implantação do Estado Unitário Mundial.

As relações internacionais provam que os Superiores Desconhecidos jamais permitiram que os povos gozassem de independência política e econômica. Em 1860, o Paraguai, com um povo instruído e forte, tornou-se economicamente autônomo. Podia viver sem importações ou exportações e não conhecia a pobreza dos dias de hoje. As disparidades sociais não eram aviltantes, porque a renda era bem distribuída. No jargão econômico, era uma **economia fechada**. Esta situação, por uma lado, desagradava a plutocracia anglo-americana que, simultaneamente, perdia um fornecedor de matérias-primas e um próspero mercado. Por outro, era um modelo econômico que devia ser eliminado, porque aumentava a independência econômica, política e militar dos países que a ela aderissem. A diplomacia colonialista britânica, ligando o Brasil, a Argentina e o Uruguai, jogou-os contra o Paraguai. A guerra enfraqueceu os quatro. Entre as conseqüências internas e externas sobressaiu-se Buenos Aires, como o testa de ferro do capitalismo financeiro mundial, na América do Sul, o depauperamento econômico do Paraguai, servindo de exemplo aos demais países, e a brusca abolição da escravidão, desestabilizando a economia sul-americana, mantendo-a dependente do setor primário por oito décadas. O vitorioso e obediente Brasil nunca cessou de enviar seu ouro para a Inglaterra, para seu filho, os Estados Unidos, e para a Europa. Também nunca deixou de ser um país devedor, que amortiza dívidas, desnecessárias para o povo, mas úteis aos seus dominadores visíveis e ocultos. Os presidentes que aparentemente o dirige ainda continuam com complexos de inferioridade, pedindo bênçãos aos dominadores ou chamando os brasileiros de “caipiras” e dando vexames nas celebrações externas, como fez o quixotesco presidente-sociólogo Fernando Henrique Cardoso, em seus passeios oficiais pelo resto do mundo. A Argentina, quando quis recuperar as Malvinas/ Falklands, que os in-

gleses lhe tomaram, segundo uma versão contraditória, acabou apanhando e humilhada pelas forças britânicas, apoiada pelo apoio logístico dos *yankees* e pelos sabres indianos e mercenários dos nepaleses gurkas, a serviço da rainha, que não consegue sequer esconder os escândalos da família real. A **Doutrina de Monroe**, exaltada pela hipocrisia estadunidense, revelou que o princípio “*A América para os americanos*” não significa *a América para os povos das Américas*, mas *as Américas para os Estados Unidos*.

Também contestatórias são as versões da Guerra do Paraguai. Para os paraguaios, Lopez não tinha anseios de expansão territorial. As maldades que lhe foram atribuídas, afirmam terem sido perpetradas pelas forças da Tríplice Aliança. Conforme Sérgio Oliveira, a memorável vitória do exército imperial brasileiro, em Campo Grande, ou *Nu Guassu*, para os guaranis, não teve o brilhantismo heróico que nossos historiadores narram. O exército brasileiro, com vinte mil homens, chefiado pelo Conde D’Eu, combateu contra uma força de 3.500 paraguaios, comandada por Bernardino Caballero, o melhor general de Solano Lopez. Deste contingente, somente 500 eram soldados do 6º Batalhão de Veteranos Paraguaio. Os três mil restantes, eram crianças de nove a quinze anos de idade. Na reprodução de um texto de Júlio J. Chiavenatto, sobre a luta, consta:

“A batalha começou na manhã de 16 de agosto de 1869, num campo aberto, coberto de macega. Os paraguaios ficaram num **círculo de fogo**. Sofreram o ataque brasileiro por quatro lados: pelo norte, a cavalaria de Hipólito Ribeiro; pelo leste, as forças do General Câmara; pelo sul, os veteranos do General Resin; e, finalmente pelo oeste, as forças do comandante-chefe, o Conde D’Eu. Atacados pelos quatro flancos, numa flagrante desproporção de forças, a resistência durou o dia inteiro ... As crianças, no calor da batalha, apavoradas, agarravam-se às pernas dos soldados brasileiros, chorando,

pedindo que não as matassem. Muitas delas eram degoladas no ato. ... Finalmente, após um dia de luta, os paraguaios foram derrotados. ... À noite, quando algumas mães vieram recolher as crianças feridas ou enterrar os mortos, o Conde D'Eu mandou incendiar a macega. No braseiro viam-se crianças feridas correr até caírem, vítimas das chamas ... Aos brasileiros e seus aliados da Tríplice Alança atribuem o massacre de 75,75% da população paraguaia.” Mais adiante, Sérgio Oliveira declara: “A história de uma guerra, depois de vencida, é feita de mentiras pelos vencedores, pois têm de encobrir suas barbaridades, de preferência, exaltando os erros dos outros, ou inventando mentiras, o que é muito pior”.

O alardeado Mercosul, por sua vez, parece-se a uma canoa com o casco furado. No Paraguai, o jornal *Última Hora*, da cidade de Pedro Juan Caballero, na edição de 14 de junho de 1966, publicou que, no país, estava proibido todo o tipo de publicidade em idioma alienígena. Os infratores pagariam multas de 156.000 guaranis e, em caso de reincidência, teriam as lojas fechadas por quinze dias. A medida visava erradicar a “influência estrangeira”, querendo dizer “brasileira”. Entretanto, os que visitam Ciudad del Este e outras, onde os brasileiros se alimentam, comprando quinquilharias, certamente encontrará cartazes em inglês. Parece que o governo paraguaio imita a mania do porco que, após ter comido a lavagem, costuma virar o coxo.

A respeito da Guerra das Malvinas, surgiu na Europa uma versão de que foi uma estratégia para livrar os armadores europeus da falência. Pouco antes, declararam que só um conflito impediria a estagnação dos estaleiros. A causa deveu-se ao declínio do comércio do petróleo e de matérias-primas, transportadas por via marítima.

Como diz o provérbio de que *a infelicidade de uns serve para o bem de outros*, a derrota argentina trouxe um alívio para o Brasil e o Chile. Sua política expansionista, se é verdade, insuflada pelos Donos

do Mundo e executada por militares e políticos, títeres do capitalismo internacional, como será rapidamente vislumbrada no capítulo XI, tinha ou, talvez, continua tendo, a intenção de anexar (1º) as ilhas Falklands-Malvinas; (2º) o território sul-brasileiro das Missões, no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e (3º) as regiões do norte do Chile, onde este país mantém as bases navais de Puerto Mont. Os atritos entre países sul-americanos, instigados pelo poder oculto do mundo, poderão levá-los, novamente, à desestabilizações políticas e econômicas. Porventura, desta vez, irrecuperáveis, criando uma nova Coréia na América do Sul. Neste continente está um dos mais ricos solo e subsolo do mundo. Além do mais, se um novo país for criado, em virtude da imprevidência diplomática e da lassidão das forças armadas de suas nações, gozará de privilegiada proteção estratégica, no caso de um possível conflito mundial, e expansionista, em qualquer situação. Esta é a causa que faz a Argentina transferir sua capital para Viedma, na província de Rio Negro, e o Chile, para Punta Arenas, a fim de livrarem a Patagônia e a Terra do Fogo da cobiça internacional e do lúgubre espectro do ***Plano Andínia***¹, numa etapa inicial, e, incluindo o Brasil, da invasão do território brasileiro, numa segunda.

No território brasileiro encontram-se jazidas de petróleo, desconhecidas pelo governo, mas mapeadas pelo capitalismo internacio-

¹ Conforme declarações de analistas políticos argentinos, o ***Plano Andínia*** representa a intenção do sionismo em apoderar-se, com o auxílio militar das grandes potências e com o reconhecimento jurídico do Direito Internacional, das Patagônias argentina e chilena, alcançando a Terra do Fogo e a Antártida. Lá pretendem implantar a ***Nova Israel*** ou a ***Nova Judéia***. Em 1986, revelaram que as etapas do desígnio político, econômico, místico e religioso realizar-se-ia por meio da democracia social, a que denominaram de ***Segunda Internacional Maçônica***, ligada à ***Igreja Católica Apostólica Romana*** e à ***Grande Sinagoga***. Na ***Andínia*** teriam a terra mais rica do mundo e, na Palestina, o solo da tradição histórica. Tal fato permite compreender as manobras militares de potências estrangeiras ao longo do litoral da Amazônia.

nal. Nas matas tropicais e equatoriais da Amazônia poderão ter o domínio das madeiras nobres. Nas outras regiões, das plantações de café; dos campos agro-pastoris, onde podem explorar a carne e outros produtos de exportação.

Um dos meios de que dispõem, para provocar crises econômicas e financeiras, se encontra na manipulação das bolsas internacionais (Wall Street, Chigago, Londres, etc.) e nacionais, a exemplo do que fizeram com o México, em 1995, deixando-o com uma dívida descomunal e injustificada.

A segunda está na interferência dos termos de intercâmbio de mercadorias, serviços e transações financeiras, como a valorização e desvalorização forçadas das exportações e importações, acompanhadas pela variação artificial, manipuladas em gabinetes, das alíquotas tarifárias. A terceira, na retirada de capitais e transferências de investimentos de uma região para outra, provocando o desemprego em massa nas cidades, os atritos entre os estados da Federação e movimentos separatistas. Disso decorre o ódio popular contra os poderes constituídos e as forças armadas, o aumento injustificado da dívida externa, a corrupção dos poderes públicos, que entregam as riquezas, o capital produtivo e o poder aquisitivo do povo aos capitalistas bancários e industriais do mundo, a preços simbólicos.

Para isso, as táticas empregadas passam a chamar-se **neoliberalismo**, **globalização econômica mundial** e **comunismo democrático**, eufemismos de *entreguismo*, *concentração de renda* e *comunismo marxista-leninista*, retornando o Brasil e seu povo a um novo colonialismo escravocrata, onde os servos e escravos serão as gentes de todas as cores.

No final do torneio de futebol, nas Olimpíadas de Atlanta de 1996, quando a Argentina disputava a etapa final, os insidiosos redatores do jornal **Olé**, do poderoso grupo **Clarín**, publicaram a grosseira manchete “*Que vengan los macacos*”, referindo-se aos jogadores do

Brasil e da Nigéria. Os nigerianos foram e derrotaram os “lordes portenhos”, conquistando as medalhas de ouro. Em Buenos Aires, um brasileiro que ousou torcer pelos africanos, foi assassinado a socos e pontapés. A sordidez fez lembrar Solgenitsin, quando escreveu “*A violência não existe e não pode existir por si só; ela está invariavelmente entrelaçada a uma mentira*”. O fato fez perceber que a desagregação subliminar do órgão de comunicação surtiu efeito. Abstraindo os sentimentos de revolta e desprezo, bem como dando ênfase à razão, ficou perceptível que a notícia da covarde brutalidade se espalhou por todo o mundo. (E se fosse noutro país, não poderia ter ocorrido o mesmo?). Quando se indaga sobre as identidades ideológica e racial dos donos do grupo Clarin, compreende-se que a nefasta intenção surtirá efeitos rancorosos nos povos sul-americanos, corroendo a solidariedade que os governos de seus países se esforçam em consolidar.

Muito antes da Andínia, os carbonários desenvolveram o projeto da **Ausonia** (em português, Aussônia) para unificar a Itália em vinte e uma províncias federadas. Aqueles membros da fraternidade secreta, ocultista e subversiva, intentaram derrubar os poderes constituídos, substituindo-os por utopias socialistas.

De há muito que a rede de conspiração, manipuladora dos cor-deis dos governantes do mundo, está identificada com os banqueiros e empresários internacionais. Em volta, reúnem um contingente numeroso de cientistas, administradores, tecnocratas, políticos e intermediários, que se movem na penumbra da política mundial. Este império universal das altas finanças submete os governos nacionais a endividamentos insuportáveis, com taxas de juros variáveis e onzenárias, a exemplo da *London Interbank Offered Rate* (Taxa Interbancária de Londres), repassada aos mutuários. São afiançados com os tributos e receitas de monopólios estatais e do próprio patrimônio público que, fatalmente, reduzem o nível da renda disponível das populações atuais e futuras. Como contraprestação dos empréstimos, impõem serviços e

contratos de obras, agravando ainda mais a dependência econômico-financeira. Se os governantes reagem, são submetidos pela interferência externa e interna, esta, através de greves, distúrbios e revoluções. O saque oficializado se materializa pelas privatizações do patrimônio nacional e, de maneira solerte, pelo entreguismo do território e das riquezas pátrias.

Em vista disso, a solidariedade do Mercosul ainda é frágil, como mostram as evidências; principalmente, quando se sabe que motoristas brasileiros de caminhões, dirigindo-se ao Chile, têm sido maltratados, presos, incomunicáveis, e sem justa causa, pela gendarmeria argentina.

Ainda sobre a Guerra das Malvinas, existe uma versão de que a Argentina sofreu a pressão ocidental, pelo fato de não ceder às pressões do capitalismo mundial, ávido por seus territórios, acusando-a de “expansionista” com o fito de inimizá-la com os vizinhos. Ela e o Chile estariam sofrendo dificuldades econômicas, pelo mesmo motivo: as ocasiões de penúria proporcionam excelentes motivos para atritos internos, jogando o povo contra as autoridades nacionalistas, enfraquecendo a todos para, por fim, serem dominados.

No período do confronto argentino-britânico, no Atlântico, a indústria armamentista das grandes potências consumia, por hora, 50 milhões de dólares. Nesta cifra não estava computada as propinas para políticos e autoridades civis e militares.

As guerras, causando a destruição massiva, constituem-se na alternativa para a expansão industrial, na rápida transferência de fortunas nacionais para os privilegiados internacionais e na dependência e submissão dos povos.

Estendendo o assunto para a dependência intercontinental, na Segunda Guerra Mundial, o Brasil declarou guerra ao Eixo Roma-Berlim-Tóquio, sob o pretexto de que um submarino alemão havia torpedeado o navio mercante Baependi. Na época, seria difícil um

submarino alemão alcançar a costa brasileira, tanto por incapacidade de combustível, como por estar o Atlântico coalhado de belonaves aliadas. No conflito, os oficiais brasileiros se mostraram incompetentes e a tropa irresponsavelmente despreparada. No final da guerra, fomos tratados mais como vencidos do que como vencedores. Por pouco a Amazônia não foi internacionalizada. Em 1945, o Brasil tinha um vultoso crédito, em ouro, nos Estados Unidos. Os norte-americanos o tomaram e, em troca, nos encheram com bugigangas de galalite, como fazemos nesta época, quando queremos atrair os indígenas. Também foi o único país latino-americano a enviar tropas para combater a favor dos aliados. Após o conflito, foi forçado a contribuir com cerca de um bilhão de dólares para ajudar a reconstruir a Europa, fortuna da qual se ressentiu até os dias de hoje. É o exemplo da espoliação sofrida por uma nação pobre, chafurdante no pauperismo econômico e no sofrimento social, que tem de entregar seu sangue para reconstruir a vida dos ricos que, hoje, lhe concedem empréstimos a juros escorchantes.

Em 1951, novamente, os Estados Unidos pressionaram o Brasil a lutar ao lado deles na Guerra da Coreia. Combateríamos um povo que nunca nos desacatou. Mais uma vez o militar brasileiro iria dar sua vida em favor da Águia Americana, a predadora que tem rapinado nossas riquezas sem nada nos dar em troca. Graças a Getúlio Vargas que, rejeitando o uso da força contra outras nações, o soldado brasileiro não derramou seu sangue em proveito de quem o oprime.

No dia em que o deposto presidente Fernando Collor de Melo foi empossado, o porta-aviões US Constellation estacionara em águas brasileiras, a 60 milhas da costa do Rio Grande do Sul, ao largo da praia de Tramandaí. Provavelmente com a intenção de homenagear o Brasil, arrasando Porto Alegre ou Brasília, com seus mísseis, como fizeram em Bagdá, caso o seu “amigo” Collor não fosse empossado. Em 1994, a Sexta Frota da Marinha de Guerra americana manobrava ao longo do litoral amazônico, enquanto os franceses acantonavam a

Legião Estrangeira na Guiana. É bom recordar que o *Uncle Sam* (Tio Sam ou Tio Samuel), como é carinhosamente chamado os Estados Unidos pelo seu povo e pelas nações que lhe são satélites, têm sido um dos piores flagelos rapinantes da Era Contemporânea. A prova está na covarde guerra contra o México, em 1848, para roubar-lhe os mais ricos territórios, como o Texas, a Califórnia e o Novo México. Por mais que se finjam de defensores do mundo livre, não poderão abafar a sentença de Sófocles: “**Não procures esconder nada: o tempo vê, escuta e revela tudo**”.

A propósito, neste final de milênio, pode-se afirmar que não é só o tempo quem vê e escuta tudo. Em Fort Mead, a trinta quilômetros de Washington, D. C. (District of Columbia), Estado de Maryland, uma organização, mais poderosa que a CIA, pode dar-se a este privilégio. Trata-se da NSA, a *National Security Agency* (Agência de Segurança Nacional). Ela é o centro de informações eletrônicas maior e mais perfeito do mundo. Acha-se dividida em dois hemisférios: o direito, chamado *Carillon* (Carrilhão), e o esquerdo, *Loadstone* (Magnetita). O Carillon está equipado com quatro ordenadores IBM-3033 interligados, com saídas para três impressoras que imprimem mais de vinte mil linhas por minuto ou trezentos e vinte milhões de palavras por segundo ou dois mil e quinhentos livros de trezentas páginas cada um. O Loadstone é mais potente e possui supercomputadores capazes de realizar, cada um, duzentos milhões de cálculos por segundo.

A NSA lança e controla seus próprios satélites, capazes de identificar, a mais de duzentos quilômetros de altura, qualquer objeto de vinte centímetros que se acha na superfície da terra. Anualmente, ela intercepta e decifra a média de vinte milhões de mensagens transmitidas em todo o mundo. O pessoal de campo tem a disposição, aparelhos como os *Startrons* e os *Room-bugs*. Os startrons veem e fotografam, a noite, qualquer pessoa, que nada percebe. Os room-bugs

são gravadores e ditafones ocultos, que permitem escutar uma conversa a distância de cem metros, penetrando paredes espessas. Assim, uma reunião sigilosa, realizada numa sala herméticamente fechada, poderá ter seu assunto gravado, sem que os participantes suspeitem.

O esforço brasileiro em prol da auto-suficiência nuclear e espacial tem lhe custado sérias perdas materiais e humanas, além do assédio da espionagem de países “*amigos*”, como os Estados Unidos e Israel. O Mossad, o serviço secreto israelense, com a CIA, vem, a longo tempo, vasculhando com a colaboração de certas nações neutras, instituições e indústrias brasileiras, como o Centro Técnico Aeroespacial, o Instituto de Estudos Avançados, de São José dos Campos, a Universidade de Campinas, o campo de testes nucleares, em Cachimbo, no Sul do Pará, e as pesquisas físséis, feitas pela Marinha.

Em 1995, Washington, distorcendo informações, denunciou ao mundo as tratativas brasileiras para adquirir da Rússia, componentes e tecnologia para a produção de veículos lançadores de satélites, coadjuvantes da pesquisa espacial e das comunicações.

Desde o início da década de 1990, os americanos vêm colhendo o máximo de informações a respeito das condições climáticas da Amazônia e da base de lançamentos de foguetes experimentais, em Alcântara, no Maranhão, considerada a melhor posição geográfica do mundo.

Embora sem confirmação oficial, o que seria ingênuo supor de que tal ocorresse, o Mossad assassinou, em 3 de outubro de 1981, o tenente-coronel da Força Aérea Brasileira, José Alberto do Amarante, de 41 anos, fundador do Laboratório de Estudos Avançados e considerado o pai da pesquisa nuclear em nosso país. Tempos antes, ele já havia comunicado ao Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica que vinha sendo seguido pelo agente israelense Samuel Giliad ou Guesten Zang. A necrópsia revelou como **causa mortis**, uma leucemia galopante, que o vitimou em dez dias. Antes da manifestação da

doença, o militar encontrou no seu automóvel, resíduos escuros de uma substância possivelmente radioativa. Seu túmulo foi profanado por desconhecidos que, certamente, queriam examinar o cadáver. Suas pesquisas visavam o enriquecimento do urânio por meio de raios **laser**, usados nos reatores, para provocar respostas nucleares mais eficientes e menos onerosas que os processos convencionais.

Descoberto, Giliad abandonou facilmente o país, sendo substituído por vários oficiais da Força Aérea de Israel. Dois deles, os capitães Moshe Rotschil e Dorom Barbal, disfarçados de andarilhos, viajaram em aviões da Força Aérea Brasileira até o norte do país, com carta de recomendação, fornecida pelo cônsul da Dinamarca, Saul Benchimol. Esta artimanha também é feita no Chile, onde vasculham a Patagônia e a Terra do Fogo.

Na Marinha de Guerra brasileira, os estudos para a construção do submarino nuclear estão entravados por falta de verbas. Sua conclusão beneficiaria não somente a defesa do litoral como proporcionaria mais economia à marinha mercante. Por outro lado, bilhões de dólares são dados aos bancos que faliram devido aos calotes e outras falcatuas, passados por seus donos. É o desperdício de uma riqueza que não apenas auxiliaria a proteção de nosso território, como igualmente diminuiria a penúria do ensino, da pesquisa científica e da saúde da população.

Parece que os governantes pensam que a subserviência e a diplomacia sejam mais dissuasórias que as armas dos amigos sanguessugas. Esqueceram-se do incidente da Guerra da Lagosta, quando a França afrontou a soberania do litoral brasileiro, invadindo-o com o porta-aviões Clemenceau e outras belonaves, para proteger navios que pescavam os crustáceos, penetrando nas águas territoriais e nas costas do litoral nacional.

No início da década de 1990 ocorreu um incidente que as forças armadas e a polícia federal brasileiras ocultaram da população. No

Norte do Brasil, um comboio de caminhões transportava madeiras raras, roubadas e protegidas por militares britânicos. Por obra do destino, um dos veículos capotou, mostrando que os toros escondiam barras de ouro. Quando os policiais federais brasileiros se aproximaram do local, foram metralhados pelos militares ingleses. O governo brasileiro preferiu ignorar o fato. A mina aurífera de Morro Velho, no Estado de Minas Gerais, é administrada e explorada por indivíduos que não falam, ou não querem, falar o português. Parece que naquele lugar este idioma é proibido. O Brasil não se beneficia com, sequer, um grama do ouro extraído. O fato mostra ser mais um enclave colonialista inglês na América do Sul. A tradição revela que foi uma das imposições da Inglaterra para reconhecer a “independência” política do Brasil. Conta-se que esta foi uma das causas que levou o ex-presidente Jânio Quadros a renunciar seu mandato. Como, na América Latina, as mais altas autoridades, a exemplo de presidentes e ministros, estão atrelados às sociedades de segredo, compreende-se a omissão e a passividade dos governantes.

Fatos como esses, que conspurcam indivíduos, famílias e nações, podem ser considerados como somente espontâneos ou fatos da vida?

Tríplice Aliança, Comunidade Latino-Americana, Mercosul: Hércules derrotado pelo Cavalo de Tróia.

Extrapolando para o âmbito global, as guerras mundiais ilustram o calvário humano. A Primeira Guerra Mundial foi desencadeada pelos **iluminados** das sociedades de mistério para derrubar o poder dos czares e transformar a Rússia no baluarte do comunismo ateu e materialista. Permitiu-lhes destruir outros governos e debilitar as religiões que fortaleciam o nacionalismo. A Segunda destruiu o nazismo e incrementou o sionismo político que, dominando a Palestina, entronizou a soberania do Estado de Israel. A Terceira atacará o islamismo e a ala reacionária sionista, forçando-os a se destruírem. O conflito for-

çará a participação de outros países, provocando uma hecatombe mundial jamais vista. Os povos contendores esgotar-se-ão física, mental, econômica e moralmente. Quando tal acontecer, o plano da completa submissão mundial se concretizará com o mínimo de esforço.

A Bíblia Sagrada Dos Sepulcros Caiados

O ILEGÍTIMO discurso, do oficial e do sacro, é a arma e o escudo dos dominadores das crédulas ovelhas humanas que, pacificamente, se dirigem ao matadouro. Na procura de paz e salvação, encontram a carnificina, onde seus corpos esfolados e esquartejados servem de repasto aos glutões, que as devoram, não por fome, mas para celebrar, nos banquetes, os acontecimentos sociais e comerciais.

É dito que o ser humano não vive sem crenças e quimeras. A multidão dos iludidos é constituída sobretudo de crendeiros, já que os sensatos preferem manter-se à parte. Enquanto o pacóvio crê em tudo, o prudente julga. O ingênuo está sempre pronto a acreditar em qualquer promessa política e religiosa que lhe assegure a satisfação de desejos e esperanças. O que ele vê de real é apenas uma parte absolutamente insignificante da realidade. O moderado reconhece como verdade aquilo a que nada se pode acrescentar, cortar, diminuir ou modificar. Ele sabe que a Terra é um imenso altar de sacrifícios, onde a morte de uns perpetua a vida de outros. Sua amargura se mostra quando assiste a espécie humana devorando-se, o que dificilmente ocorre nos outros seres do reino animal.

Se a política maquiavélica domina as massas pela impostura, pela coação das leis, das balas, dos cassetes e da tortura, sua aliada, a religião, as submete pela condenação ao inferno ou pela promessa da salvação e do paraíso, em nome de Deus. Os manipuladores humanos sabem que a credice transcende o intellecto e onde cessa o conhecimento, começa a fé.

Quem procura a lucidez deve aprender a desconfiar, porque a dúvida é o caminho que conduz à verdade. E, tendo-a achado, deve questioná-la, pelo fato de que nada, jamais, foi descoberto por inteiro.

Os que seguem religiões, sociedades espiritualistas, hermetistas, ocultistas, seja lá o que for, deveriam lembrar-se de Adam Weishaupt, o fundador dos Iluminados da Baviera, sucessores dos templários e precursores da maçonaria, quando asseverou: “Tudo se pode conseguir dos homens, quando se sabe explorar suas tendências preponderantes”. Ele sabia que a crença convicta provoca o bloqueio do intelecto. Karl Marx foi ainda mais incisivo. Para ele “a religião é o ópio do povo, é o coração de um mundo sem coração, como o espírito de um mundo sem espírito”.

Todas as religiões e filosofias espiritualistas provêm da crença instintiva na existência de uma Força Suprema, regendo os destinos de tudo e de todos. A religião, o misticismo e a ciência são formas variadas de satisfazer as necessidades de conhecimentos e de alcançar a felicidade. Embora seja reconhecido que esta só se encontra dentro de cada um e nunca fora.

A religiosidade e o misticismo, examinados de forma imparcial, levam muitos à frustração. Se pudéssemos espremer a Bíblia e outros livros sacrossantos, sentiríamos o sangue escorrendo por entre os dedos e ouviríamos os clamores lancinantes dos fracos, dos oprimidos, dos injustiçados e dos simples de coração.

Robert Charroux declara que a Bíblia e Israel são emanções fabricadas e inventadas, como são as escrituras de outros povos. A criação artificial do povo hebreu data de mil anos antes do nascimento de Cristo. O escritor judeu, Jacques Bergier, afirma que a Bíblia é uma ficção.

A Bíblia, como a História, segundo a opinião de Huysmans, são as mais solenes das mentiras e o mais infantil dos logros. Para o talentoso, os acontecimentos não passam de um trampolim de idéias e

de estilo. Ambos se mitigam ou se agravam, segundo as necessidades de uma causa ou do temperamento do escritor, que as manipula. Quanto aos documentos que as sustentam, ainda é pior, porque todos estão sujeitos à revisão. Se não são autênticos, outros, não mais fidedignos, são desenterrados mais tarde, para os contradizer.

De acordo com os rosacruzes, a Bíblia é uma composição de fatos históricos e simbólicos. A maioria dos seus relatos são *lendários* e em grande parte foi reescrita pelos teólogos judeus e cristãos. Dizem ser irracional, neste final de milênio, atribuir-lhe uma crença inquestionável, como se fosse a palavra de Deus.

Existem versões de que ela foi escrita pelos gnósticos essênios e modificada na Idade Média. Os que a examinaram detectaram trinta mil erros de tradução e mais de duas mil inserções. Além dos evangelhos canônicos, há os apócrifos, que abrangem o período intertestamentário, ou seja, os que se situam entre o Antigo e o Novo Testamentos. A palavra **apócrifo** vem do grego **apokryphu**, significando uma obra cuja autenticidade não foi comprovada. Se não são merecedores de fé, tampouco o são os canônicos, uma vez que ninguém conhece os seus originais. O que se sabe, através do desenvolvimento da arqueologia e da antropologia, é que os testamentos judaico-cristãos são transcrições de livros sacros, de outros povos antigos.

Antigo Testamento

Moisés. Sua narrativa é uma cópia da vida de Sargão, fundador da Babilônia e rei de Ágade, tendo existido por volta de 2.800 anos antes de Cristo. Este monarca relatou que sua mãe, uma virgem vestal, engravidou na cidade de Azupirani, situada nas margens do rio Eufrates. Ela deu-lhe à luz secretamente. Colocou-o num cesto de jun-

co, calafetado de pez e abandonou-o ao curso das águas. Foi encontrado por um aguadeiro, chamado Akki, que criou-o como filho. Sargão, bastardo, trabalhou como jardineiro, conquistou a afeição da princesa Ishtar e reinou por quarenta e cinco anos. Como se depreende, os escribas judeus fizeram uma imitação do trecho da história babilônica, no tempo em que lá estiveram.

A analogia mágica entre o mosaísmo e a egiptologia se evidencia nos textos sagrados. No livro hebraico dos Números (20, 10-11) consta que o Senhor disse a Moisés: “Passa diante do teu povo e te faz acompanhar por alguns anciãos. Toma a verga com que feriste o rio e vai. Estarei ante ti, em Horeb. Bate na rocha que te indicar e, dela, sairá água para ti e teu povo”. No Êxodo (4, 9-17) a Divindade também lhe ordenou: “Toma esta vara com que farás os sinais. Quando o faraó te instar a fazer algum prodígio, diz a Abraão: ‘Toma o teu báculo e lança-o em frente ao faraó’, e ele se transformará numa serpente”. Na magia dos citas, dos egípcios e dos tártaros, o varapau significava força e poder. Assim como o cajado é o instrumento de apoio e comando; o cetro, a insígnia dos reis e dos imperadores; a batuta, a ferramenta do maestro e a varinha de condão, o utensílio das fadas, também os feiticeiros faraônicos usavam-nas para as transformarem em serpentes, por meio de artifícios de hipnotismo ou outro recurso ignorado. Rawlison demonstrou que estes textos bíblicos são plágios dos feitos de outros povos.

Em relação ao talento literário, Moisés nunca redigiu o Gênese, o Êxodo, o Levítico, o Livro dos Números e o Deuteronômio. As Tábuas da Lei, contendo os Dez Mandamentos, é outra mentira. Ele jamais os recebeu de Deus, no monte Sinai. O Decálogo é o traslado dos mandamentos egípcios, que por sua vez, os extraíram do Código de Hamurabi. Por fim, Moisés nunca teve um pinga de sangue hebreu. Ele foi um cidadão egípcio, que tendo se revoltado contra seu povo,

bandeou-se para os israelitas e, com eles, passou a conviver, ensinando-lhes as lides no deserto.

Fatos irreais.

- Davi não compôs todos os salmos. Alguns já faziam parte do hinário do Templo de Salomão.
- Isaías não redigiu a totalidade do livro que lhe atribuem.
- Salomão não produziu o Cântico dos Cânticos, o Livro dos Provérbios nem o Eclesiastes.

Costumes, personagens e textos imitados dos egípcios.

1. **Ein-Soph.** Significa *Deus pensado por Deus*.
2. **Elohim.** *Deus pensado pelo homem*. O limite, além do qual o homem não pode compreender a Divindade. É uma palavra plural, que pode significar deuses ou seres de outros planetas. No Gênese (6, 1-7) consta que as filhas dos homens agradaram aos filhos dos deuses. Estes as tomaram por esposas, gerando uma prole de gigantes, mas, não gostando deles, os destruíram. Tal fato pode representar a manipulação genética de seres indesejáveis.
3. **Carne de porco.** Alimento proibido aos egípcios que detestavam este animal. Provém do fato de Seth ter ferido Hórus, disfarçando-se em suíno.
4. **Arca da Aliança.** Onde estavam as Tábuas da Lei, *impressas* por Deus.
5. **Circuncisão.** Existe um afresco nas paredes do túmulo de Saqqar, pintado há 2.400 anos antes de Cristo. Mostrava que os meninos egípcios eram circuncidados entre os seis e doze anos. Os hebreus, após o nascimento. Os egípcios a usavam há 4.000 anos antes de Cristo. Simbolizava, outrossim, a passagem da fase infantil para a adulta. Pitágoras, para poder estudar nos templos egípcios, teve de

submeter-se a ela. Os hebreus, ritualisticamente, a representavam como o concerto firmado entre Deus e Abrão.

6. **Páscoa.** Os dias de jejum coincidem.
7. **Santos dos Santos.** O recinto mais sagrado do templo de Jerusalém. Foi inspirado na sala da Grande Pirâmide, em que os faraós eram iniciados. Sua presença também é mencionada no Livro Egípcio dos Mortos.
8. **Is-ra-el.** Palavra provinda dos egípcios, que quer dizer *Filho de Rá*.
9. **Seth.** Seu reino fazia parte do Egito pré-dinástico.

Apropriações da memória babilônica. A confirmação dos plágios estão na rocha Bisitun, cujas inscrições foram feitas durante o reinado de Dario, entre 522 a 486 a. C..

- A. **Adão e Eva.** *Adão* não se refere a um *indivíduo*, mas à *humanidade*. Desta forma é inteligível a existência de pessoas em várias regiões. Os israelitas inseriram-nos na Bíblia, a fim de estabelecer uma origem comum a todos os povos. A tradição diz que Deus gerou Eva da costela de Adão. No idioma sumeriano, *costela* é traduzida por *ti*, que, igualmente, representa o *início da vida*. Alguns exegetas aconselham que, em vez de constar “Deus criou Eva da costela de Adão”, melhor seria a frase “Os deuses extraíram de Adão (um ser extraterreno) a origem da vida (o líquido seminal) para inoculá-lo na Eva (uma fêmea terrena), a exemplo da inseminação artificial, praticada pelos médicos e veterinários. Caim, o mau filho, pode designar uma tribo, adversária dos judeus, uma horda de salteadores e, até mesmo, uma profissão.
- B. **A criação do mundo em seis dias.** A Arqueologia, a Paleontologia, a Antropologia e a Astrologia vêm, desde o século XIX, produzindo descobertas que contestam o Gênesis, que, na melhor das

hipóteses, é um livro de linguagem figurada. É incontestável que cada camada do solo leva milhões de anos para se formar. Também é ilógica a versão de um homem, surgido de repente e de forma acabada. Se não veio de outro planeta, a hipótese mais verossímil é a de Charles Darwin, corroborada pelas descobertas dos anos de 1990, com o achado de crânios que revelam a existência de seres intermediários entre o macaco e o homem. Se as bibliotecas da Antiguidade não fossem dolosamente destruídas, talvez tivéssemos boas e abundantes informações sobre o tema.

C. **Sábado.** O *sabbath* judeu é o retrato do *sabbatu* babilônico.

D. **A Torre de Babel.** Imagem da confusão e da arrogância.

E. **O Dilúvio.** Historiado por vários povos da Antiguidade, que referem sua ocorrência há 10.000 anos antes de Cristo.

Reproduções diversas.

O Adonai israelita foi copiado do Aton sírio.

Javé ou Yahweh é uma divindade madianita. O deus dos vulcões, cruel, feroz e sanguinário. Na mitologia grega corresponde a Zeus e, na latina, a Júpiter. É o deus do céu e do tempo.

O Juízo Final, relatado pelos profetas Daniel (12, 13) e Isaías (26, 19), assim como a figura de Satanás, foram plagiados do mitismo iraniano.

As figuras de Abrão/Abraão e Sará reproduzem **Brahma** e **Sarasvati**, da mitologia hindu.

A Bíblia é a compilação dos textos sagrados dos assírios, babilônios, caldeus, egípcios, hindus, iranianos e madianitas.

A religião mosaica é a ariana, revista e mesclada às outras. O próprio idioma hebraico tem sua origem nos sumérios.

Novo Testamento

O plagiato prossegue. Jesus, pelo fato de não ser escriba ou por ser um grande sábio, não deixou, sequer, uma palavra escrita. Os próprios evangelistas João, Lucas, Marcos e Mateus não teriam sido os autores dos textos que lhes são atribuídos. Dos quatro evangelhos canônicos, o único escrito por uma testemunha é o atribuído a João. Os outros são baseados na tradição oral de uma primeira ou segunda geração, posterior a Cristo. O Novo Testamento foi escrito, aproximadamente, sessenta anos após a morte de Jesus. Seu papel, como o dos fundadores de outras religiões, ficaram limitados às pregações e exemplos, e não à redação de algum texto ou doutrina. A religião cristã, que sufocou pela difamação e pela força as crenças pagãs, mantém profunda semelhança com os credos anteriores, como o budismo, o hinduísmo e o mitraísmo.

Semelhanças com a doutrina de Mitra.

- O **dia de natal**, em 25 de dezembro, celebra o nascimento de *Jesus* e do *Sol*.
- O **batismo**, já existente entre os romanos.
- O **dia de reis**.
- A **Santíssima Trindade**, em que Mitra representava a segunda pessoa. Outras trindades: <Egípcia: Osíris, Ísis e Hórus>, <Hindu: Brahma, Vishnu e Shiva>.
- O **céu e o inferno**.
- A **Última Ceia**.

- O **pão** e o **vinho** cristãos com o **pão** e a **água** mitraicos.
- A **crucificação**, a **ressurreição** e a **ascensão**.
- A **páscoa**.
- O Vaticano foi construído sobre um sítio sagrado, usurpado dos seguidores de Mitra.
- A **tríplice coroa** papal, denominada **Mitra**,
- e o sacerdócio masculino.

Deuses sacrificados, que desceram aos infernos, ressuscitaram e se elevaram aos céus, de corpo e alma, além de Cristo: Alcestos, Atys, Bali, Crito, Hesus, Indra, Krishna, Mitra, Prometeu, Quetzalcoatl, Quirino, Sákia, Tamuz, Túlio e Witoba. Todos se chamaram *salvadores*, pois redimiram os pecados humanos, através do sacrifício do sangue.

A **cruz** é um símbolo que antecedeu a Bíblia. Foi cultuada pelos etruscos, ameríndios e outros povos, muito antes da natividade de Cristo. Foi usada pelos mitraístas para afugentar o demônio e, por outros credos, para homenagear o Deus Fogo.

A **coroa de espinhos** guarda uma semelhança com a faixa que cingiu a cabeça de Krishna, durante sua crucificação. Seu nascimento ocorreu há 576 anos antes de Jesus. Nas vidas dos dois taumaturgos existem 346 fatos coincidentes, relatados no testamento sinóptico.

Os antigos deuses foram filhos de virgens, chamadas Maria ou os sinônimos Mara e Míriam. Foram de descendência real, sofreram mortes violentas, desceram aos mundos inferiores para depois ascensionarem. Os nascimentos se deram em circunstâncias miraculosas e em estúbulos; na presença de pastores e anjos; visitados por sábios e magos, orientados por estrelas. Tiranos tentaram matá-los com outras crianças da mesma idade. Na adolescência realizaram prodígios. Tinham doze discípulos, sendo que um deles os traía. O flagelo, a pai-

xão e a volta para um Juízo Final lhes foram comuns. Os que pusessem em prática seus ensinamentos seriam salvos.

A figura do rei Herodes, segundo os pesquisadores, contradiz a passagem da Fuga para o Egito. Sua morte ocorreu quatro anos antes do nascimento de Jesus, portanto, seis anos antes deste ter completado dois anos de idade. Em consequência, o ano 2000 da Era Cristã deveria ser 2004.

As expressões Bom Pastor, Cordeiro de Deus, Luz e Senhor do Mundo eram designativos da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. As religiões cristãs referem-se a *Jesus* como o *Cordeiro de Deus* e, nas religiões do Egito, da Índia e da Pérsia, este representava o *Sol*, o astro rei, doador da vida que existe na Terra.

São Pedro é encontrado no Livro dos Mortos, do Egito, chamando-se *Petra*, o guardião das portas do céu.

Tal como Jesus ressuscitou Lázaro e a filha do centurião romano, também Apolônio, de Tiana, devolveu a vida à filha de um nobre romano.

O batismo infantil e a água benta faziam parte dos cerimoniais religiosos dos egípcios, gregos, hindus e romanos, que precederam a Era Cristã.

Mateus foi um publicano, chamado Levi.

A oração do Pai Nosso está gravada numa estela, encontrada na Caldéia. Esta oração, descoberta em 1882, foi talhada há 4.000 anos antes de Cristo.

O sacramento da Eucaristia proveio do ritual pagão, destinado a agradecer aos deuses Ceres e Baco, pelas boas colheitas. O corpo de Cristo equipara-se à carne da deusa Ceres. O sangue ao do deus Baco, criador do vinho. Em épocas remotas abatiam-se animais e seres hu-

manos, a fim de que os corpos, o sangue e a dor, aplacassem a ira dos deuses e redimisse os pecados humanos.

O Diabo é a imagem deturpada do deus Pan, protetor da fertilidade. Os chifres substituem a lua crescente, que pairava sobre sua testa.

Um quadro exposto no Museu do Prado, em Madrid, mostra Nossa Senhora pisando, com o pé esquerdo, o corpo da serpente com a maçã entre os dentes, pintado entre os anos de 1696 a 1770. Esta obra reproduz a escultura de Krishna, também com o pé esquerdo oprimindo um ser, cujos membros superiores representam uma mulher, e os inferiores, o de uma serpente.

A cerimônia da anunciação de Maria é a réplica de outra pintura, encontrada no templo de Lúxor, no Egito. Nele é visto o Espírito Santo, exibindo uma cruz à Virgem. Noutra vê-mo-la concebendo uma criança, cercada de pessoas que a veneram ou protegem.

Os povos antigos acreditavam que a cópula dos deuses ou extraterrestres com virgens, geravam seres superiores. Encontram-se fidalgos de mães castas em diversas mitologias. Na grega, Adônis, Apolo, Baco, Hermes, Hércules, Perseu e Prometeu. Na persa, o rei Ciro e Zoroastro ou Zaratustra (o Jesus do ano 600 antes de Cristo) e, na romana, Esculápio e Júlio César.

No mês de março de 1996, em Santa Rosa, cidade da Califórnia, nos Estados Unidos, reuniram-se cinquenta biblistas, no chamado **Seminário de Jesus**, onde afirmaram que

- somente 18% do Novo Testamento expressa, verdadeiramente, os ensinamentos do Mestre;
- Judas Iscariotes não foi o único apóstolo a traí-lo;

- a frase “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”, dita ao morrer, é a reprodução de um salmo, atribuída a ele pelos evangelistas e, finalmente,
- a ressurreição não passou de uma farsa.

O verdadeiro Jesus foi, conforme alguma das tradições, um descendente dos essênios, uma seita judaica dissidente e perseguida pelas demais. Se sua verdadeira personalidade revolucionária fosse revelada, por certo abalaria os alicerces das religiões e seitas cristãs. A obra que mais esclareceu sua vida foi o Evangelho dos hebreus, retirado da Bíblia junto com o Livro de Enock. A verdade dos fatos é, por demais, perigosa para ser divulgada às massas, que sustentam o poder.

Os primeiros evangelhos foram escritos em hebreu e, posteriormente, em árabe, grego, latim e siríaco. Nos dois primeiros séculos da Era Cristã, os doutores da Igreja os aceitaram. Somente em 325 é que foram excluídos. Além dos já citados, os outros apócrifos são os evangelhos de Bartolomeu, Felipe, Isaías, Tiago e Tomé.

No ano de 1892, em São Petersburgo, na Rússia, o padre católico Iustinus Bonaventura Pranaitis escreveu, em latim e hebraico, um livro revelando que o Talmud ensina que Jesus era filho ilegítimo; que foi concebido durante a menstruação da mãe; que era um néscio, um conjurador, um embaucador (aquele que trata de enganar os outros, que rende culto a ídolos e que se incorpora a uma religião falsa); que foi sepultado no inferno e, desde então, tem sido considerado um deus pelos seus seguidores. Quanto à concepção, escreveu que Maria confidenciou ao rabino Akibah que, no dia do casamento estava menstruada e, devido àquilo, seu marido manteve-se afastado. Porém, um demônio veio e a possuiu. Daquela união nasceu Jesus, provando-se, desse modo, ser um filho ilegítimo.

Em vida, Jesus praticou magia egípcia, corrompendo e destruindo Israel, sendo, por isso, condenado à morte na cruz. Morreu como uma besta e foi sepultado num monte de lixo, onde se lançavam os cadáveres dos cães e dos asnos, os filhos de Esaú (os cristãos) e dos árabes, os incircuncisos e os impuros. Quanto à Maria, retrata-a como uma prostituta que deixou o marido para cometer adultério e se entregar ao Anjo da Morte, o diabo.

O padre Pranaitis foi assassinado pela *Cheka*¹, durante a revolução bolchevista, na Rússia.

Na lápide de uma sepultura, no interior do Rio Grande do Sul, está escrito: “*O mundo é uma grande ilusão. Quem não acredita basta perguntar aos que partiram*”. Provavelmente, esta sentença possa explicar, pela ironia, a farsa em que vive o ser humano, cercado de embustes por todos os lados.

Conforme o escritor Guy Fao, o papa Leão X (1513 - 1521), certa vez, confidenciou ao Cardeal Bembo: “*Sabe-se, há séculos, como esta fábula sobre Cristo foi favorável a nós e aos nossos*”. Como dizem os italianos: “*Se non è vero, è bene trovato*”. Se a assertiva papal for verdadeira, lembra-nos o aforismo do Marquês de Maricá: “**Os povos, como as abelhas, trabalham para si e para os seus zangões**”.

¹ C. E. K. A., a polícia secreta soviética da Revolução Bolchevista, de 1917. Também assassinou o czar da Nicolau II, sua esposa e os filhos, ainda crianças, em 18 de julho de 1918, na cidade siberiana de Iekaterinburgo, nos montes Urais, na casa do doutor Ypatiev. A aristocracia cristã também não foi poupada. Os assassinos, judeus comunistas, liderados por Iankel Yourowsky, obedeciam as ordens de Lenine e do comissário Swerdlov, que depois mudou o sobrenome para Swerdlovsk.

As Sociedades Secretas

É SOJIGANDO os espíritos dos desatentos, dos místicos e dos interesseiros que as sociedades secretas arregimentam adeptos. Os crentes esperam revelações de mistérios. Os interessados em paranormalidade almejam poderes psíquicos e sobrenaturais. Os oportunistas procuram empregos rendosos ou vantagens nos negócios. Muitas vezes, após curto espaço de tempo, os chamarizes se revelam decepcionantes.

Os estudiosos franceses Pierre Mariel e Serge Hutin as definem como *grupos partidários exclusivos, que mantêm segredo sobre tudo o que se passa nas reuniões. Manifestam-se por sinais, toques e palavras, reservados a cada graduação. Têm finalidades religiosas, filantrópicas, políticas e criminosas*. Raoul Husson as classifica em :

1. inferiores ou de base,
2. intermediárias ou de quadros e
3. superiores.

Sociedades Inferiores

São as mais ostensivas e onde se encontram os pagantes úteis. Assemelham-se a viveiros, onde as intermediárias buscam seus componentes. Concedem ingresso razoavelmente fácil a quem tem boa renda, é influenciável e dedicado.

No Ocidente encontramos:

A) De orientação cabalista:

- a Sociedade Teosófica, em seu círculo externo;
- a Fraternidade Rosacruz;
- a Fraternidade Hermética;
- a Maçonaria;

- a Aurora Dourada (Golden Dawn);
- a Ordem Martinista;
- os Iluminados da Baviera;
- o Clube do Fogo do Inferno;
- o Dragão Verde;
- a Mão Negra;
- a Cagoule;
- a X-Crise;
- a Gwen-an-du, da Bretanha e a
- Sapiens Donabatur Astris (SDA), alemã, organizada por Stephan George, que autorizou os intelectuais maçons, o reverendo católico Woodford e o médico Winn Westcott, a fundarem a Aurora Dourada. Foi ela quem ordenou ao conde von Stauffenberg a assassinar Hitler, no mal sucedido atentado de 20 de julho de 1944.

B) Ligadas ao cristianismo:

- * a Companhia do Santo Sacramento, no reinado de Luís XVI, e
- * a Opus Dei (Obra de Deus).

C) Racial. A Sociedade de Thule, do movimento pan-germânico e a Ordem Negra, franco-germânica, da qual ex-presidente francês, Charles De Gaulle, era um dos honoráveis.

D) Nacionalista: a ETA, dos bascos, e o IRA, dos irlandeses.

E) Criminais. A Máfia e os cartéis do narcotráfico.

Na China, as mais expressivas são a **Tríade**, igualmente denominada de Sociedade dos Hung Mun, Sociedade do Céu e da Terra (Th'ien Ti-Hoi'h) e sua adversária, a **Sociedade da Concórdia e da Justiça**.

No Japão destacam-se a Soka-Gakai, o Caodaísmo, as Bandeiras Negras, a Justiça e Concórdia, a Associação Virtude e Equidade e a Sociedade do Céu e da Terra.

Nos países islâmicos atuou a Ordem dos Assassinos, a aliada secreta dos Cavaleiros da Ordem do Templo, os Templários.

Os seguidores da seita dos Thug arrancavam os corações de suas vítimas, para oferecê-los a Khali, a deusa da destruição.

A Mau-Mau é a mais perceptível da África. Seu fundador, Jomo Keniata, lutou pela independência do Quênia.

A Sociedade Secreta de Thule, ou **Grupo de Thule**, surgiu após o término da Primeira Guerra Mundial. Pregava a vinda de um guia, que elevaria a raça ariana à glória e ao poder. Dizia derivar-se do núcleo primordial dos hiperbóreos. Inspirou-se na tradição rosacruz e foi, de acordo com os cabalistas, a base doutrinária do nazismo. Seus membros consideravam os hebreus uma raça demoníaca. Fazia parte das *sociedades iniciáticas*¹, ou seja, os que se atribuem interesses superiores, os quais transcendem objetivos parciais e limitados.

A **Companhia do Santo Sacramento** manifestou-se na França, no século XVI. Supervisionava a escolha do confessor do rei e colaborou com a Companhia de Jesus.

A **Opus Dei** (Obra de Deus) foi fundada na Espanha, em 1928, pelo padre José Maria Escrivá Balaguere. Seu escopo era conquistar a sociedade para Deus, ajudar a população a manter normas de vida católica e promover a integração ativa de seus membros dentro da profissão e da sociedade. Desempenhou papel importante em Portugal.

A **Fraternidade Rosacruz** buscou grande parte de sua simbologia exotérica nas tradições egípcias. Sua hierarquia visível se divide entre *principiati* e *iluminati*. Seu líder denomina-se *Imperator*. O em-

¹ A iniciação tem, como objetivo, conduzir o neófito ao uso de forças rituais boas ou ruins. É, na verdade, capaz de elevá-lo ou degradá-lo em estados psíquicos que não chegaria no plano físico da sua existência. Por isso, a procura de ciências desconhecidas pode terminar na descoberta de verdades sublimes ou em cultos e atitudes execráveis. O uso do cerimonial ritualístico visa conceder ao participante facilidades para obter poderes espirituais e materiais, como a conquista de amor, riqueza e amizades.

blema rosacruz reúne símbolos do judaísmo e do cristianismo. A rosa representa o povo israelita e a cruz, o cristão.

Confraria dos **Illuminados da Baviera**. Seu nome completo é Antigos e Iluminados Videntes da Baviera. Foi fundada no dia primeiro de maio, dia das bruxas, na Europa, por Adam Weisshaupt, que usava a alcunha de Spartacus. Este personagem infiltrou-se, anteriormente, na Companhia de Jesus para conhecer-lhe os métodos e corrompê-la com sedições. Os Iluminados tomaram parte expressiva na segunda fase da Revolução Francesa, em 1792, guilhotinando vários líderes maçônicos, que participaram no início da revolta, como Robespierre. Foi a responsável pelo homicídio de Gustavo IV e do nobre Fersen. Ao ordenar o assassinato do arquiduque Francisco Fernando, em Sarajevo, na Iugoslávia, provocou, com a Mão Negra, a Primeira Guerra Mundial.

Os livros *Red Fog Over America* (Neblina Vermelha Sobre a América), de William Guy Carr e *Secret Societies and Subversive Movements* (Sociedades Secretas e Movimentos Subversivos), de Nesta Webster, revelam detalhes sobre esta organização. O movimento chamou-se **Iluminismo**, inspirado nos rituais dos *Altos Sacerdotes do Satanismo*, de 1773. Em 1776, introduziu-se na Grande Loja Maçônica da Baviera, com a finalidade de desencadear a Revolução Francesa. Os **illuminati** (iluminados) constituíam um número pequeno, porém poderoso, de banqueiros, economistas, industriais, políticos, militares e educadores, de ideologia universalista. O deus era Lúcifer (O Portador da Luz) e Weisshaupt seu representante e chefe de todos os seguidores. Conspiravam, de forma constante, a fim de implantarem a idolatria demoníaca. As sedições serviam para dividir as massas em lados antagônicos, explorando as imperfeições políticas, sociais, econômicas, raciais e religiosas. Esperavam presenciar a destruição humana para, dos escombros, reerguerem a Fênix, bordada nos paramentos de alguns rituais.

Nesta associação participaram personalidades famosas, como Albert S. Pike, o general rebelde da confederação norte-americana, Albert Einstein, físico e matemático, e Sigmund Freud, o fundador da psicanálise. Os dois últimos, conforme Pike, realizaram seus feitos, inspirados por entidades satânicas.

O movimento foi descoberto em 1785, na cidade alemã de Regensburg, quando a polícia, recolhendo o cadáver de um iluminado, morto por um relâmpago, retirou dos seus bolsos relatórios que denunciaram o contubérnio da revolta internacional. Um dos símbolos dos iluminados era a hidra de três cabeças, representando o capitalismo, o comunismo e o ateísmo ou os três grandes conflitos mundiais.

Dos Iluminados da Baviera surgiu a loja maçônica judaica **B'nai Brith** (Filhos da Aliança), tendo, nos Estados Unidos, como braço direito, a *Liga Antidifamação*. Na relação dos maçons ilustres desta agremiação destacam-se os banqueiros internacionais Jacob Warburg, David Rothschild e David Rockefeller e os estadistas Winston Churchill, Henry Kissinger e George Bush. A elite da B'nai Brith é composta pelos *iluminados*, herdeiros da **Liga dos Homens**. Foi a fundadora da Trilateral, do Council of Foreign Relations (Conselho de Relações Exteriores), do Clube de Roma e do Lions Internacional. A expansão contínua desta loja se revela nas escassas publicações da imprensa. Em 29 de novembro de 1977, a agência Telegraphique Juive (Telegráfica Judaica) informou sobre um grupo de trabalho, composto pela Confederação Episcopal Católica Americana e a Liga Antidifamação, com o propósito de estreitarem as relações. Na data de 31 de abril de 1990, o Deutsche Tagespost publicou que o bispo austríaco de Innsbruck foi homenageado com a medalha de ouro. No dia 22 de março de 1993, o jornal do Vaticano, L'Osservatore Romano, divulgou que o papa João Paulo II teve um encontro com seus membros, dando prosseguimento à iniciativa do papa Paulo VI, em 30 de março

de 1984 e interrompida pelo papa João Paulo I, que era contrário à interferência judaica na Igreja.

No livro *Quem Governa o Mundo?*, Des Griffin revela que a **Trilateral** é uma corporação de aparência empresarial que pratica o ocultismo, a bruxaria, a difusão de músicas alucinantes e as drogas, com acentuada infiltração na política dos povos. Entrosada com os iluminados e outros ritos maçônicos, controla seitas espíritas, esoteristas hermetistas e assemelhadas.

Em 1921, através dos banqueiros John Pierpont Morgan, Rockefeller e do Clube de Roma, a B'nai Brith instituiu o **Conselho de Relações Exteriores** e, depois, sua filial norte-americana, o *Ministério de Assuntos Rockefeller*. Na Alemanha, criou a *Deutsche Gessellschaft Fur Auswartige Politik*. A terceira filial encontra-se em Tóquio. Destas organizações participam ex e atuais ministros, presidentes de repúblicas e de sindicatos, bem como os proprietários das maiores empresas da mídia. Por coincidência, estes países ostentam as moedas mais fortes do mundo.

Depois do Conselho, foi fundada, em maio de 1954, o clube **Bilderberger**, integrado pelos proprietários das 500 organizações mais poderosas do planeta, os quais se propõem a implantar a **Nova Ordem Econômica Mundial**.

Zbignief Brzeznsky, ex-presidente da Trilateral, concebeu que a última das três fases da História será a **Era Tecnocrática**, caracterizada por um humanitarismo racionalista ideal. Prevê que a sociedade será, cada vez mais, controlada por uma elite, imune aos valores tradicionais, que influirá no comportamento dos povos a fim de exercer uma vigilância contínua e detalhada sobre cada um dos cidadãos do mundo. Tal hipótese encontra ressonância no Webster New Colegiat Dictionary (Dicionário Neocolegial Webster) que conceituou **humanitarismo** como um princípio que nega as características divinas de

Cristo, determinando as obrigações éticas e morais dos seres humanos, baseadas nas satisfações dos desejos e paixões existenciais.

Nas atas da sociedade Liga dos Homens, consta que “a luta encarniçada pelos bens do dinheiro gerará uma sociedade sem coração”, substituindo os deuses primitivos pelo bezerro de ouro. O barão Rothschild, que financiou as campanhas de Napoleão Bonaparte, usava a máxima: “Dai-me o dinheiro e já não me importarei com quem está governando”. Quem tem a riqueza tem o poder sobre o poder.

Maçonaria. Considera-se uma sociedade *discreta*, embora o termo seja mera sutileza semântica para substituir a expressão *secreta* que, como todas, possui finalidades políticas. A loja mãe foi fundada numa taberna londrina, em 24 de junho de 1717, dia em que os ingleses celebram a festa de São João. Era a data mais importante dos cavaleiros templários. Em 1726, o sodalício transformou-se na Grande Loja da Inglaterra. A Ordem Rosacruz foi a matriz que a modelou.

Sua hierarquia está simbolizada em quatro cores, da menor para a maior: a azul, a vermelha, a negra e a branca, esta, muito pouco conhecida dos maçons.

Os ritos mais conhecidos são:

- ◇ Escocês, Antigo e Aceito, de Morin
- ◇ Escocês, Antigo e Aceito, de Cernau;
- ◇ Primitivo e Original;
- ◇ Espanhol;
- ◇ Antigo e Primitivo, dos Pedreiros Livres;
- ◇ Geral e Misto;
- ◇ Misraim;
- ◇ Mênfis;
- ◇ Mênfis-Misraim;
- ◇ de Swedenborg;
- ◇ dos Iluminados Cristãos, os martinistas, de Jean Claude de San Martin;

- ◇ dos Irmãos Asiáticos;
- ◇ Martinista, de Martinetz de Pasquallis;
- ◇ dos Iluminados Lyonenses (martinistas);
- ◇ de York;
- ◇ de Schroeder;
- ◇ da Ordem de Cavaleiros e Ninfas da Rosa;
- ◇ Adoniramita;
- ◇ Carbonário e
- ◇ B'nai B'rith (Filhos do Testamento ou Irmãos da Aliança).

Em 1789, existia, na França, setecentas lojas. Um maçom do século XVIII, o irmão Thory, afirmou: “É uma coisa certa que, talvez, não hajam 25 maçons, entre os 200 mil, que estão neste país, que conheçam os fins da maçonaria”.

Na relação de maçons famosos encontra-se (1) os líderes da Revolução Francesa: Mirabeau, Saint-Just, Desmoulins, Herbert, Danton, Marat, Sade e Chernier; (2) os iluminados: Montesquieu, Fennelon, Alexandre Dumas, Goethe (cujo nome maçônico era Abaria), Herder (Dâmasus) e Napoleão Bonaparte, iniciado em Marselha, quando tenente e, durante a campanha da Itália, ingressou na loja Hermes, da Ordem dos Iluminados. A expressão “**Filhos da Viúva**” (a maçonaria) é uma das frases que usam para se reconhecerem.

Na obra, *Histoire de la Magie*, Eliphas Levy escreveu que a corrente anarquista da maçonaria empunhava a régua, o esquadro e o compasso, neles escrevendo: “**Liberdade** para as paixões, **igualdade** na infâmia e **fraternidade** na destruição”.

Dentre os seus objetivos, estão:

- ◆ vingar os templários e Jacobus Bungundus de Molay (Jacques de Molay), destruindo o papado, a monarquia absolutista e a nobreza feudal católicas. Pelo que tem sido dado a conhecer, os templários tinham, como grande plano político velado, o de unificar, sob seu governo, toda a cristandade, eliminando os papas e os reis;

- ♦ criar escolas secretas de filosofia, que guardariam os arquivos da natureza e dos direitos do homem. Pelos seus ensinamentos, os príncipes e as nações deverão desaparecer, triunfando o homem racional;
- ♦ extinguir o tradicionalismo da Idade Média;
- ♦ aniquilar a divisão de classes alta e baixa, segundo o critério de nascimento ou, outro, ilógico;
- ♦ a abolição da tortura judicial e policial, bem como a servidão e a escravidão;
- ♦ estimular o livre exercício do talento individual, num mundo racional;
- ♦ igualdade dos indivíduos, perante a lei;
- ♦ o direito à propriedade privada e
- ♦ despertar a atividade política permanente, nas massas.

Tanto Eric J. Hobsbawm, como William Schnoebelen, respectivamente, simpatizante e adversário, qualificam-na como religião racionalista, iluminista e anticlerical.

Da maçonaria nasceram o espiritismo e a teosofia. Hippolyte Léon Denizard du Rivail (Alan Kardec), o codificador do espiritismo europeu, pela assertiva de Werner Schroeder, foi cabalista e maçom do mais alto grau. Sua doutrina, o kardecismo, baseou-se na troca de conhecimentos com outros esoteristas do mesmo talento. A cúpula da Federação Espírita do Rio Grande do Sul e os líderes perenes dos centros expressivos filiados, são, na quase totalidade, maçons. O mesmo ocorre nos círculos esotéricos e nas sociedades teosóficas. Poucos sabem que o espiritismo também é composto de duas atividades: o *manifesto*, conhecido pelos freqüentadores e trabalhadores, e o *oculto*, com as mesmas reservas das associações sigilosas, convivido por um número de coordenadores que nada revelam. A teosofia condena o espiritismo, por invocar almas e por ter uma filosofia ultrapassada.

Os maçons têm se destacado na política, na literatura, nas ciências e na música. A *Flauta Mágica*, composta por Mozart, em 1790, e as primeiras óperas de Verdi, foram exaltações de maçons ao seu

ideal. Os cientistas James Watt, Priestley, que foi guilhotinado, Benjamin Franklin, Napoleão Bonaparte e quase todos os presidentes norte-americanos e brasileiros, também.

Um dos símbolos revolucionários é o **barrete frígio**, usado como uma espécie de talismã, no desenrolar das lutas. Este gorro, vestido no grau de Epopia, nos mistérios de Elêusis, era chamado de **li-béria**, o mesmo nome do país africano, fundado pelos maçons dos Estados Unidos. Tal barrete distinguia os escravos libertos e os revolucionários franceses, tendo servido de nobre adorno, nos rituais de iniciação. Digressionando acerca daquele país, o poder invisível *yankee* criou-o a fim de servir de válvula de escape, quando, na América do Norte, estalar o conflito entre eles e os brancos. Se, como diz o provérbio, “quando os Estados Unidos espirram, o mundo se gripa”, estas lutas raciais espalhar-se-ão por toda a América Latina. No Brasil, várias organizações negras estão se espelhando no comportamento das comunidades afro-norte-americanas, inclusive optando pela religião islâmica.

Pela vontade maçônica, a sociedade livre terá de ser, forçosamente, capitalista.

A maçonaria hodierna está composta por uma série de obediências, como a masculina, a feminina e a mista. A expressão **obediência** decorre do fato de sua cúpula ser dirigida, em todo o mundo, por uma única loja.

Schnoebelen comenta que existem outros graus, acima do trigésimo terceiro. Pela ordem ascendente, chamam-se **Supremo Conselho do Grande Inspetor Geral, Ordem do Trapezóide, Rito Antigo e Primitivo** (com 97 graus), a O. T. O., **Ordo Templi Orienti** (Ordem do Templo do Oriente), **Paladium, Illuminati**, os **Nove Desconhecidos**, os **Sete**, podendo haver outros, que ignora.

Complementando Schnoebelen, Andreas Faber-Kaiser revela que, em hierarquia ascendente, os graus superiores aos conhecidos 33

são: o **Conselho dos Trinta e Três**, onde estão os 33 mais altos iniciados do mundo; acima posiciona-se o **Grande Conselho dos Treze**, composto pelos 13 grandes druidas; mais alto encontra-se o **Tribunal** e, no topo, o inominável **Grau Setenta e Dois**, dos cabalistas, presidido pelo **Iluminado**. Para os iluminados, Deus é Lúcifer² e Jesus, o imitador.

Na revista *Progresso Para Todos*, de janeiro de 1991, John Todd, membro do Conselho dos Treze, decifrou o simbolismo do ápice da pirâmide resplandecente com o olho no interior, que consta no anverso das notas de um dólar americano. A figura foi criada pela família Rothschild e levada à América do Norte por Benjamin Franklin e Alexander Hamilton, antes de 1776. Quanto ao ano de 1776, há a coincidência da fundação da Liga do Homem com a instauração do estado norte-americano.

Os Rothschild eram a cabeça da organização maçônica que se instalou no Estado de Colorado. Todas as demais fraternidades ocultas faziam parte dela. Todd revelou que a clã Rothschild tem pacto pessoal com o Demônio, quando disse: *“Estive na vila dos Rothschild e compartilhei de suas vivências. Por isso sei que estou certo. O olho da pirâmide é o olho de Lúcifer, que tudo vê”*, ilustrado no final do capítulo.

Em 4 de junho de 1889, Albert Pike redige um documento aos 23 conselhos supremos do planeta. Nele se comprovou a associação do demônio com os iluminados maçons, quando conclamou:

“A vós, instrutores soberanos do grau 33, exortamos a repetir aos irmãos de graus inferiores que veneramos a um único

² Na obra **O pequeno livro sobre a Arte; tratado de alquimia do século XVI**, o alquimista Caspar Hartung vom Hoff alude que o Sol pode representar Lúcifer, como o gerador da existência.: a vida é a prisão do espírito no cárcere da matéria.

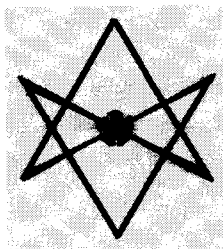
Deus, ao qual oramos sem superstição. Como iniciados do grau supremo, devemos conservar a verdadeira **religião** maçônica, preservando a pura doutrina de Lúcifer”.

Como já foi descrito, os graus inferiores ignoram os superiores, nas elites desconhecidas.

Dentre as demais sociedades secretas, a Cagoule e a X-Crise lhe são inimigas. A segunda, subordina-se ao Movimento Sinárquico do Império (MSE). Jean Marques-Riviere, em agosto de 1944, na época do levante de Paris, comandou, contra os maçons, uma feroz oposição. Refugiou-se, depois, na Espanha. Como Schnoebelen, pertenceram aos mais altos graus conhecidos. Schnoebelen tornou-se pregador protestante. Marques-Riviere, que optou pela facção sinárquica anti-maçônica, foi, em 1940, membro do serviço contra-maçônico, no governo de Vichy.

O **Clube do Fogo do Inferno** foi fundado entre os anos de 1748 e 1762, em Londres. Na França, o principal ponto de encontro era a abadia de Thélème, às escondidas do clero. Seu lema era *Faça o que quiser*, de autoria de um dos seus fundadores, “Sir” Francis Dashwood. Era um centro de iniciações, dedicado ao culto de Satã³. Praticavam todos os tipos de magia sexual, baseada no tantra negro. Seu brasão era a estrela vermelha de Telema, centralizando a rosa pentapétala escarlate invertida, pairando no fundo negro.

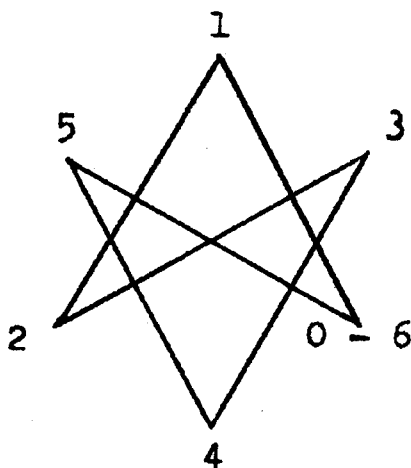
³ Quase todas as sociedades secretas têm, como um dos principais símbolos, o triângulo radiante e, dentro, o olho esquerdo. Para os principiantes ensinam que representa Deus (a religião); para os intermediários, que substituem a religião pela filosofia, o Sol, o olho que tudo vê, e, para os de hierarquia elevada, Lúcifer, o portador da luz. Só que, neste caso, a luz corrompida pelo orgulho e pelo anseio de dominação.



Para efeitos de magia perversa, o hexágono deveria ser desenhado, sem levantar o lápis do papel, com o propósito de:

- I. não quebrar a continuidade mágica;
- II. a separação do papel com o lápis faz com que este se eleve. Tudo o que sobe conota dirigir-se à dignidade, à santidade e, portanto, a Deus e
- III. porque a ponta do lápis, dirigida para baixo, aponta para a queda, à decadência, à desintegração da individualidade e ao demônio.

O primeiro triângulo deve ser desenhado de forma ascendente, pela direita, em direção à esquerda, de acordo com a escrita cabalista. O segundo ascende, no início, para cair, depois, num segundo momento; sobe no terceiro, para unir-se ao primeiro, no movimento de queda.



A rosa cadente é cortada duas vezes. Na cabala, dois é um número terrível, representando a separação, os opostos e os atritos. Se a rosa estivesse em posição ascendente, como consta neste capítulo, anularia o efeito dos contrários. Descendente, intensifica-o e representa o homem (cabeça, braços, pernas e os órgãos sexuais, no centro) destruindo-se.

As bases dos dois triângulos, em vez de serem linhas horizontais, são côncava e convexa. Portanto, o assento, que representa a estabilidade, está quebrado. Os traços têm movimentação centrífuga. No centro de tudo, deveria estar a luz e a divindade. Quem se afasta dela, encaminha-se para as trevas e para a solidão. É como se a Terra rompesse sua órbita e se distanciasse do Sol, o centro da luz, do calor e da vida, onde, por fim, se fragmentaria. Estando a rosa invertida, a fuga do centro propaga o poder demoníaco. As linhas, quanto mais se afastam do centro, mais engrossam: vão do abstrato para o concreto, da energia para a matéria, do delicado para o grosseiro, da liberdade do espírito para a prisão da matéria.

Pelo exposto, depreende-se que a magia negra é a branca, feita ao contrário. Se o revelador desse segredo fosse um satanista juramentado, seu perjúrio estaria sendo amaldiçoado com hediondas pragas e vinganças. A tradição do sigilo lembra o afã das bruxas moribundas, em transmitir o fado a outrem, para não morrerem com ele.

O mago branco, quando quer destruir o magnetismo nefasto da estrela de Thelema

1. conjura-o;
2. imerge-a em água salgada;
3. seca-a e horizontaliza as bases
4. ao meio-dia, incinera-a, e
5. enquanto estiver queimando, escreve no céu, a estrela hexagonal, corrigida. Os dedos polegar, indicador e médio devem estar erguidos, mantendo o anular e o mínimo recolhidos. Dos três primeiros promanam fluidos positivos; dos dois últimos, vibrações negativas, que tanto podem obrar no bem como na maldade.

Existem várias seitas, desse gênero, que cultuam os príncipes das trevas. Cada uma invoca o diabo da dominação que se encaixa nos pecados capitais respectivos.

Na China, a mais temida é a **Tríade**. Foi fundada por Timothée-Ignatz Trebitsh, na colônia sino-judaica. O templo, onde os profanos são iniciados, localiza-se na chamada Cidade dos Salgueiros, por ser a referida árvore, o símbolo da imortalidade. A estrutura administrativa é a réplica das congêneres européias. O Tai-Kô é o irmão maior da loja, que corresponde ao presidente ou venerável mestre. Os dois Eul-Kol são os primeiro e segundo vice-presidentes. O Sien-Kang, o mestre de cerimônias e apresentador dos neófitos. O Sien-Fong, o guarda interior do templo. O Ssew-Tai, o secretário-tesoureiro e o Hong-Koian, o orador e guarda da tradição.

No topo hierárquico das Cidades dos Salgueiros, coloca-se os Tai-Fá, dirigindo as atividades administrativas. Os Tong-Sang são os inspetores das cidades, os disciplinadores e os transmissores das fórmulas secretas. Os Tai-Feu-Chou atuam como médicos, farmacêuticos, magnetizadores e envenenadores. Todos recebem o título de Tai-Má ou Grande Cavaleiro.

Os segredos são confiados não só aos letrados e aos homens de bem, considerados em via de extinção, mas, também, aos *velhos dragões*, recrutados na escória, aptos a cometer as mais sanguinárias e sórdidas façanhas, por nada terem a perder. As sementes das verdades sagradas, para a Tríade, devem ser guardadas na cloaca dos vícios e das vergonhas. Nesses lugares, ninguém as procurará. Quanto mais virulenta for a desordem, mais ela triunfará, de vez que a solidez da sua estrutura se mantém na decomposição geral da sociedade.

Também há as seitas dos Irmãos Mais Velhos, dos Nian e o Lótus Branco. Em última instância, estão servindo ao mesmo senhor, que se oculta na Cidade dos Salgueiros.

A Máfia, às vezes, conhecida como **II Mano Nigro** (A Mão Negra), foi fundada por Giuseppe Mazzini⁴, membro ativo de algumas sociedades secretas sicilianas. **Máfia** pode ser a sigla de **Mazzini autorizza furti, incendi, avvelenamenti** (Mazzini autoriza furtos, incêndios e envenenamentos). A segunda versão supõe que a palavra provenha de **Morte alle francese, inglese, austriachi** - Morte aos franceses, ingleses e austríacos - que ocuparam a Sicília no século

⁴ Mazzini (1805 - 1872), foi um dos personagens mais importantes da maçonaria carbonária. Seu deus era o **Deus do povo**, considerando que o ser supremo expressa sua vontade através da população. Hostil à Igreja Católica e ao papado, afirmava que «a revolução francesa desfraldou a bandeira dos “direitos do homem” e que o ressurgimento italiano empunhou a dos “deveres dos homens”». Sua filosofia populista encontra-se nas revistas por ele fundadas: *As Jovens Itália, Suíça, França, Polônia e Europa*.

XIX. A terceira, da mãe, quando, ao saber que a filha fora violentada pelos invasores, exclamou no dialeto siciliano: **Ma fia! Ma fia!** (Minha Filha!, Minha filha!).

A Máfia é uma sociedade secreta multinacional do crime organizado. Constitui-se num exemplo evidente de decadência moral, fortalecida pelo crescimento geográfico e político do poder e do dinheiro.

Nasceu na Sicília com o propósito inicial de defender, no segreto e na sabotagem, os habitantes da região, oprimidos pelas tropas de ocupação. Terminada a invasão, a defesa se transformou em extorsão, suborno, violência e assassinato. Posteriormente, se aliou à Camorra Napolitana, alastrando-se por toda a Itália. O código das leis e da tradição estão contidos na **Omertá** que, em siciliano, significa *Homem*. Nela está prescrito a “lei do silêncio”, onde nenhum dos seus membros pode recorrer à Justiça ou à Polícia, a exemplo do Comando Vermelho, no Brasil. Quem a trai ou antepõe-se às metas é morto implacavelmente. O ataque a um dos seus membros é vingado com a morte do ofensor e da família. Para adquirir ares de respeitabilidade, autodenominou-se de *Onorata Sozietà* (Sociedade Honorável). Com as emigrações italianas, enquistou-se em vários países, como na Argentina e nos Estados Unidos. Neste país, atribuiu-se um segundo nome, *Cosa Nostra* (Nossa Coisa).

A expansão criou a figura do *capo de tutti capi*, o cabeça de todas as cabeças. A nível regional, os chefões são chamados de *capo* e, abaixo deles estão os *giovani d'onore* (jovens de honra), ocupando cargos diretivos. Em descenso, acham-se os *malandrini* (mandrinhos), encarregados de extorsões, assassinatos e depredações. Sob o aspecto organizacional se estruturam em *famílias*, com os *capo regina* (cabeça régia), os *padrino* (padrinho) e os *consigliere* (o conselheiro, que dá os pareceres).

Os maiores reveses da máfia italiana ocorreram com a ascensão do fascismo que, em 1927, a colocou, pela primeira vez, sob julgamento nos tribunais de Palermo, quando as vítimas se encorajaram a depor contra ela.

Em compensação, na América do Norte, membros da comunidade judaica lhe proporcionaram aumento de influência e poder. Primeiramente, ingressaram em caráter excepcional, depois, em grande número, transformando-se nos principais condutores. Isto fê-la participar de maneira acentuada na política, nas forças armadas e nos serviços secretos estadunidenses. No período da Lei Seca foi a principal traficante de bebidas alcoólicas. Os *capos* judaicos mais importantes foram:

Joseph “Doc” Stacher, introdutor da “Lei do Retorno”, voltando a Israel no final da vida;

Jack Guzik, o conselheiro de Al Capone;

Arnold Rothstein, o “Rei de Nova York”. Criador dos **contratos**, isto é, os assassinatos por encomenda. Crimes de difícil investigação, pelo fato de não revelarem qualquer vínculo entre a vítima e o assassino;

Arnold “Dutch Schultz” Flegenhimer, transformou os contratos em arte criminal;

Abraham Reles e Allie Tanenbaum, alcunhados de “Reis dos Contratos”;

Moe Sedway, o “Rei do Jogo”;

Meyer Lansky, amigo do ditador cubano Fulgêncio Batista. Lansky foi possuidor de enormes interesses naquela ilha caribenha. Foi um dos *capo di tuti capi* da *Cosa Nostra* o qual lhe deu o terceiro nome: **Sindicato do Crime**. Aperfeiçoou a perícia dos raptos. A ele a máfia deve o ingresso na política interna dos Estados Unidos, quando indicou Frankllin Delano Roosevelt à convenção democrata de 1932;

Moses Polakoff e Murray Gurfein, judeus russo e lituano. Colocaram-na à serviço da inteligência e das forças do exército e da marinha, du-

rante a ocupação da Itália. Manipularam o FBI, chantageando com a homossexualidade do seu chefe, John Edgar Hoover. Participaram com seus asseclas na operação *Underworld* (Submundo) contra as forças do Eixo;

Lucky Luciano, pela cooperação na guerra, recebeu a medalha do congresso e o perdão da pena de trinta anos de reclusão, das quais passou um, numa cela dotada de todo o conforto. Outros *capos* importantes foram Benjamin “Bugsy” Siegel, Louis “Lepke” Buchhalter, Harry Greenberg, Jacob “Gurrah” Shapiro e Philip Kovelick. Os apelidos, entre aspas, possuem sentido pejorativo. Michael Milan, sionista fanático, publicou em 1989 o livro *The Squad* (A Quadrilha), narrando as atividades mafiosas. Pertencia à família de Frank Costello. Seus crimes, narrados no livro, foram legalmente prescritos ao usufruir a Lei do Retorno, que significa a contraprestação dos serviços prestados ao Estado. Com isso o governo americano fazia vistas grossas à prostituição, ao jogo e ao narcotráfico, a inexaurível fonte de riquezas da atualidade. Após a rendição do Eixo, o governo dos Estados Unidos persuadiu o governo italiano a libertar mais de 2.500 mafiosos. Libertos, entraram com ações contra a República, considerando-se “vítimas” do fascismo. No artigo *La mafia y el poder*, J. Bochaca revelou a aliança da Cosa Nostra com a CIA e o FBI, no assassinato de John F. Kennedy.

Na data de 11 de abril de 1996, Giulio Andreotti que, por sete vezes, ocupou o cargo de primeiro-ministro da Itália, estava sendo julgado, em Perúgia, junto com o ex-ministro do Comércio Exterior e dois chefes da Máfia, pelo homicídio do jornalista Mino Pecorelli, em 1979. Pecorelli, informado pelo serviço secreto italiano e pela loja maçônica Propaganda-2, revelou estar Andreotti sendo subornado por um magnata do petróleo, envolvido em sonegação fiscal, e pelo seqüestro e morte do ex-primeiro-ministro Aldo Moro, assassinado pelos membros das Brigadas Vermelhas, em 1978. A causa aparente da morte de Moro deve-se à sua cumplicidade com os sindicatos patro-

nais, que concediam aumentos salariais incompatíveis com as necessidades vitais dos operários. Sabendo-se que as sociedades secretas infiltram seus agentes nos serviços de inteligência e que estes mesmos agentes juram silêncio sobre todos os atos e fatos que se passam nelas, conclui-se que assassinos e assassinados pertenciam à mesma organização oculta, comprovando a conexão existente entre a economia, a política, as sociedades secretas, o crime organizado e o terrorismo.

Muitas organizações, aparentemente abertas ao público, são, na verdade, ocultas. Poucos perceberam, no século XVI, que a Escola de Sagres, em Portugal, era exclusiva a um grupo de estudiosos hebreus, das sociedades secretas. Os descobrimentos marítimos, que ela planejou, foram imposturas. As novas vias navais e as Américas, já eram conhecidas, antes dos espanhóis e portugueses. Os mapas do comandante turco Piri Reis, comprovam os argumentos. Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama, não foram desbravadores. Suas rotas já estavam muito bem traçadas nos mapas que mantinham, escondidos da tripulação e dos governos que financiaram as expedições.

Nos dias atuais, os clubes Atômico e das Comunicações seguem o exemplo da Escola de Sagres. São organizações de fachada que escondem grupos secretos. O Clube Atômico cuida da energia nuclear, para finalidades pacíficas e bélicas. O da Comunicação, dita a *mídia* mundial o que deve ou não ser divulgado. Eles são os olhos e as garras de Shiva, que tudo enxerga e pode destruir.

Em certas ocasiões, o público é informado sobre organizações de mistério, que se combatem, mas são subordinadas ao mesmo poder hierárquico. Dos vários motivos de luta, encontram-se

- organizações inferiores que já cumpriram seus desígnios e, para não importunarem, são eliminadas;
- entidades com muito poder podem enfrentar seus patrões, por isso, os opostos devem ter suas forças equilibradas, ficando, a patronal, com o

poder de decisão sobre a potência das inferiores. Lembram os Estados Unidos e a União Soviética: na aparência se ameaçavam, na clandestinidade se aliavam. Na sombra das duas ficava a China Comunista, como fator desequilibrante.

Alguns dos cientistas que desenvolveram o arsenal atômico dos Estados Unidos, foram os mesmos que facilitaram a entrega de suas fórmulas à União Soviética. Que pensar dessa elite de traidores? Não é razoável admitir que esteja a serviço de outra potência supranacional?

Nas sociedades secretas, as ideologias propaladas se constituem em engodo. Os convidados, de raciocínio crítico, de educação bem estruturada e de inteligência atilada, lhes representam mais um obstáculo do que a aceitação fácil de ingresso. Elas raciocinam como os déspotas e demagogos: quanto mais culto um povo, mais difícil é dirigi-lo.

Pela observação cuidadosa, seus membros são ou não estimulados a seguirem para as categorias superiores.

Muitas das personalidades da História pertenceram a mais de uma sociedade de mistério. Napoleão Bonaparte foi um exemplo. Um dos motivos que o levou à campanha militar contra o Egito foi a vontade de filiar-se à Ordem de Lúxor. Pela sua serventia, elas o elevaram ao pináculo da glória. Pela sua arrogância e inutilidade, o jogaram no opróbrio e o envenenaram lentamente, com arsênico, na ilha de Santa Helena. Em setembro de 1995, na cidade francesa de Montpellier, o Centro de Estudos de Saclay e o FBI, examinando seus cabelos, confirmaram a veracidade do fato. Foi intoxicado, de 1817 a 1823, pelo seu “companheiro” de exílio, o Conde de Montholon.

Dentre as mulheres, ligadas às sociedades secretas, e que tiveram a morte, como recompensa, encontram-se a francesa, Joana D'Arc, e a comunista espanhola, Dolores Ibauri, *La Passionaria*, da revolução espanhola.

Os desobedientes e perjuros, quando não são diretamente assassinados, são vítimas de acidentes fatais, de ataques cardíacos fulminantes e de “suicídio”. No passado, um instrumento típico de justificação foi a **acqua tofana**, veneno sem antídoto, empregado pela maçonaria carbonária ou filohelena. Chamava-se de **carbonária** porque seus primeiros associados trabalhavam nas minas de carvão; de **filohelena**, por terem participado na independência da Grécia. Os carbonários juram jamais revelar o nome da seita, substituindo-a pelo nome X, a exemplo da divindade judaica, Jeová, que não pode ser pronunciada.

Nessas sociedades encontram-se os mais hábeis estrategistas e executores de revoluções e golpes de estado. O inglês John Hill, que, na França, se chamou Jean Colin, e Garibaldi, o carbonário, foram especialistas em golpes de estado. Jean Colin foi guilhotinado, pelos colegas, em 6 de abril de 1794.

A execução velada da Revolução Russa, de 1917, esteve a cargo da seita do Dragão Verde, onde o bolchevismo não só dizimou a monarquia e a aristocracia, como submeteu a população a sofrimentos e matanças sem precedentes.

Para Jacques Bergier e Pierre Nord, as revoluções se expressam pela igualdade:

Revolução = certo chefe carismático + uma mocidade fanática + a massa ignorante revoltada. Após o golpe, o poder se impregna de teorias abstratas e o verdadeiro governo se oculta. Os líderes secretos fingem passar por pessoas comuns e, ao mesmo tempo, põem-se a certa distância da sociedade.

A facilidade de manipular as pessoas se mede pelo seu nível de alienação e na forma como aceitam os modismos. Tais idiotismos são conduzidos pelos estilistas da alta costura, pelos compositores de “músicas” alucinantes, pela contracultura devassa e outros agentes da corrupção, que atingem os medíocres.

Os estamentos hierárquicos das sociedades secretas são rigorosamente separados. Os inferiores desconhecem seus superiores. Os elevados ocultam-se para comandar, com facilidade e segurança, as células. Se o executante inferior for apanhado, não poderá denunciar seu mandante. A imperceptibilidade também é um expediente fácil para impressionar os subordinados. Nos níveis inferiores se estimula a coragem. Nos intermediários se desenvolve a astúcia.

Os combates contra os adversários e os objetivos são silenciosos e implacáveis. Infiltram seus agentes nas atividades que lhes convêm e nas hostes dos adversários e inimigos. O enfraquecimento do Vaticano tem muito a ver com essa prática.

Maurice Pinay, ao analisar o complô contra a Igreja, acusa os antipapas Anacleto II e Vítor IV, bem como alguns cardeais e padres, de serem os espiões e sabotadores do cristianismo. Uma recente dissidência católica, chamada Igreja Católica Apostólica Palmariana, com sede na cidade espanhola de Sevilha, dirigida pelo papa Gregório XVII, cego e estigmatizado, considera João Paulo II, como um novo antipapa.

Retornando ao que já foi escrito, as palavras Liberdade, Igualdade e Fraternidade, criadas pelo franco-maçom Franz von Baader, entre os anos de 1765 a 1841, significam

- A. **igualdade** no trabalho e na repressão à preguiça;
- B. **liberdade** de expressão e
- C. **fraternidade** universal.

Mesmo melhor explicadas, continuam, ainda, a existir somente na utopia de celebridades como Platão e Thomas More.

Voltando ao século XVIII e ao contrário do que freqüentemente se afirma, as sociedades secretas não visaram à eliminação de todas as monarquias. Os monarcas atuais lhes são de valia para domesticar os povos. As cortes da Escandinávia ainda permanecem fiéis à memória templária. Haja vista que, na década de 1970, o rei da Suécia ocu-

pava o cargo de venerável mestre, numa loja maçônica, fundada na lúdima recordação da Ordem do Templo. Na Dinamarca, os cargos mais elevados da maçonaria aristocrática e mística pertencem aos príncipes e à nobreza. Dom Pedro I e Duque de Caxias reproduziram aquela tradição nos grandes orientes da maçonaria, no Brasil.

P. Mariel, ao observar a personalidade dos membros ou *irmãos*, como se chamam nas fraternidades ocultas, assevera que, segundo a posição que ocupam são, simultaneamente, seduzidos e sedutores. Não discutem ordens, são fanáticos que não refletem por si, vivem para aceitar as doutrinas a que aderem. Julgam-se livres, quando, na realidade, não passam de títeres. Deles podem os condutores obter tudo, já que a tudo aceitam sem relutância. São seres que não mais se governam, de vez que estão integrados, sem consciência, nos mecanismos do grupo. Seus chefes, frios e implacáveis, sabem o que querem e como conseguir.

Sociedades Intermediárias

São as que se pode considerar como verdadeiramente secretas. Seus membros permanecem no anonimato e a lei não os atinge. Um número muito pequeno de pessoas as conhecem. Determinado diretório decide sobre o ingresso de candidatos que já passaram, sem saber, por um estágio, em alguma sociedade inferior. A recusa do convite pode causar sanções imprevisíveis. Toda a indiscrição ou imprudência são punidas de forma radical.

Se os pertencentes às sociedades inferiores podem se dar ao luxo de algum sentimentalismo, os das intermediárias têm de ser calculistas e insensíveis. São ativos, reservados e, de modo geral, ascetas. Quando viajam, escolhem empresas de transporte que lhes estão vinculadas, em assentos reservados ou em veículos exclusivos. Esses da-

dos, podem ser verificados nas salas VIP (Very Important Person: Pessoa Muito Importante) dos aeroportos e nas classes especiais, das companhias aéreas. Os auxiliares administrativos são reduzidos ao mínimo e a informática lhes é importante.

São formados por um conselho que escolhe um representante destituído de poderes ditatoriais. O conselho, autocrático no seu nível, planeja e implanta as decisões superiores. Diz-se que esses indivíduos manipulam poderes transcendentais ao vulgo. Seus vultosos tesouros não estão protegidos por guardas que se utilizam de armamento convencional, mas por forças mágicas. Entre os assessores, estão pessoas dotadas de qualidades paranormais avançadas.

Quanto à informática, há um exemplo que revela sua admirável utilidade. Na década de 1990, foi observado que um banco francês entregava, a seus clientes, cheques codificados com dezoito algarismos, divididos em três grupos: 1,2,3,4,5,6 - 1,2,3,4,5,6 - 1,2,3,4,5,6. Pela análise combinatória, pode o proprietário de um computador de grande porte, catalogar, muitas vezes, a população humana de seis bilhões de habitantes, com todos os detalhes de cada indivíduo, e minúcias de lugarejos, recônditos do planeta. Dessa forma, tudo e todos estariam sendo observados por essas organizações.

Aproveitando as rajadas de vento que, ocasionalmente, levantam parte do véu do mistério, é possível identificar algum dos seus membros. O cientista norte-americano, Robert Oppenheimer, que construiu a primeira bomba atômica, era simpatizante do comunismo. O professor Pontecorvo, o construtor da primeira bomba de hidrogênio, da União Soviética, O grande capitalista Bernard Mannes Baruch e seu sucessor, Edgar L. Bronfman, presidente do Congresso Mundial Judaico, da companhia de bebidas alcoólicas Seagram e de outras das maiores fábricas de bebidas do mundo, são considerados os donos do Ocidente. O administrador Lazar (ou Lázarus) Moiseevich Kagano-
vich, reconhecido como o grande chefe oculto da União Soviética e

Benjamin Franklin, rosacruz, maçom e membro do Clube do Fogo do Inferno, pertenciam às sociedades de base e de quadros. Walter Rathenau, considerado o braço direito do kaiser, escreveu, pouco antes de morrer, no *Wienes Freie Presse*, de 24 de dezembro de 1912 que ***setenta e dois chefes governam o mundo. Estes, por sua vez, obedecem a um grupo de nove.***

Das associações de quadros, duas se tornaram conhecidas: a liga hebraica B'nai B'rith e o Movimento Sinárquico do Império (MSE).

Pela etimologia grega, Saint-Yves quis dar à palavra **Sinarquia**, o sentido de uma ordem sagrada, num equilíbrio perfeito, dentro da harmonia do cosmos, que se reflete nos três poderes políticos. Esta teoria inspirou-se no modelo político e econômico da Ordem do Templo. O império templário começaria na Europa e se espalharia por toda a face da Terra, onde os governadores deveriam provir da casta dos sábios. Com o correr do tempo, o sinarquismo se desmembrou. A primeira facção seguiu o molde de Moisés. A segunda, o Movimento Sinárquico do Império, fundado em 1922, optou por uma forma reacionária, tal como atua a sua comandada, a X-Crise.

Resumidamente, o Movimento Sinárquico propende

- entregar o poder político, diretamente aos proprietários dos grandes grupos bancários, comerciais e industriais do mundo;
- estabelecer a máxima concentração dos setores da economia universal, com o objetivo de abolir qualquer forma de competição;
- a máxima privatização da economia e com a mínima participação de grupos populares da elite;
- neutralizar a lei da oferta e da procura, por meio do controle absoluto dos preços de todas as mercadorias e
- confinar o operariado numa muralha jurídica e social, negando-lhe qualquer reivindicação.

Sociedades Superiores

São totalmente ocultas. Regem todos os fatos importantes da política mundial e operam para implantar a nova monarquia absolutista do rei do planeta. O russo Gurdieff e o inglês Aleister Crowley disseram ter tido a oportunidade de se aproximar do **Sanctum Sanctorum** de quase todas as organizações. Crowley, um dos maiores satanistas do século XX, dizia-se membro da fechadíssima A. A., iniciais da **Argentinium Astrum** ou Estrela Prateada, que outros identificam como a Grande Fraternidade Branca.

Para os cultores do ocultismo, a **Grande Fraternidade Branca** é o paraíso espiritual, que paira acima dos montes Himalaias. É o abrigo dos grandes avatares, que têm dirigido a vida no nosso planeta, como Cristo, Buda, Krishna, Mória e os demais mestres ascencionados. Aqui, encontramos outra contradição: Crowley foi satanista!

Observando os progressos da astronáutica, o fantástico de Júlio Verne pode tornar-se realidade. Pela divulgação de diversas informações, inclusive por uma revista do Ministério das Comunicações do Brasil, sabe-se que os americanos e russos, pelo menos, estão construindo, na face oculta da Lua, uma infra-estrutura que abrigará colônias de seres humanos selecionados. Isto decorre da suposição de que a humanidade, em breve, se autodestruirá, na Terra exaurida de recursos. Ao planeta só retornarão após a humanidade caótica tiver desaparecido. Fulcanelli, famoso membro dessas sociedades, revelou que, a cada seis mil anos, aproximadamente, a vida no nosso orbe é destruída. Uma vez pelo fogo, outra pela água e, assim, sucessivamente.

O seis é o grande arcano cabalístico. O calendário judaico se aproxima do ano 6000. O algarismo 6 aparece, com frequência, em vários textos religiosos hebraicos. A população humana, perto do ano 2000, completará 6 bilhões de habitantes, coincidindo com o temido 2. O cheque francês mostrou três grupos de 6 algarismos, lembrando o

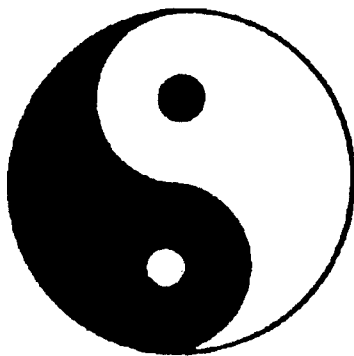
número da Besta, do Apocalipse: **6 - 6 - 6**, que também fazem parte da titulação do Papa João Paulo II. Mera coincidência? Não será, tudo isso, uma forma de nos apresentar o futuro soberano, numa aparência de um super-homem ou semideus? Será um Cristo ou um Anticristo? Em sua cabeça não estará a tríplice coroa do Céu, da Terra e do Inferno? Seus súditos, para comprar ou vender algo, não deverão ter gravado, na frente, o número que ela outorgará a cada um? Lembrando-nos dos códigos da carteira de identidade, do imposto de renda, da caderneta de trabalho, do conselho profissional, do sindicato, etc., não podemos suspeitar de que já estamos vivendo tal fase?

Afinal, que querem os dominadores? Pelo que se depreende, têm, por escopo, acelerar a catástrofe da raça atual, para engendrar outra, com diferentes padrões mentais e culturais. A próxima será rigidamente hierarquizada e submissa, através de uma intensiva doutrinação subliminar e de dependência econômica. O novo soberano e sua escol estarão convictos de sua superioridade. Os restantes, domesticados, serão os párias inferiores e, como tais, os novos servos da gleba, escravos e bárbaros. Talvez, venha a ser uma nova sociedade corporativa universal, onde o conhecimento e o mando pertencerão à minoria, ao passo que o trabalho e a obediência, serão a sina da maioria.

Para os Superiores Desconhecidos, na opinião de Hutin, a humanidade evolui numa espiral cíclica. Durante o descenso, a Idade do Ferro ou o reinado de Kali, todos os erros, maldades e outras formas de iniquidades, se avolumam e se aliam. Ao atingir o ponto de inflexão, o Cosmos fará com que uma nova civilização surja, desenvolvendo a Verdade, a Beleza e a Sabedoria. As sociedades secretas, ao intensificarem a degradação geral, estarão acelerando o alvorecer da sexta sub-raça. Desta forma, o bem futuro justificará o mal presente. Como o Apocalipse é o desfecho de todos os ciclos terrestres, deverão provocá-lo o mais rápido possível. No entanto, como diz o provérbio latino **Natura saltus non dant**, tudo nasce, amadurece e define no

tempo devido. Quando o agressor ataca a Natureza o agredido acabará sendo ele próprio.

As sociedades secretas, impregnadas de filosofias cabalísticas, utilizam símbolos com intensidade. Dos preferidos, um deles, é o taoísta **Ying - Yang**, o qual demonstra a indissociável complementaridade dos contrários: do positivo e do negativo, da luz e da treva, do bem e do mal, prosseguindo numa intensa dicotomia de paradoxos.



É o útero que gera os gêmeos antagônicos. O branco possui o vírus do preto, e o preto, o do branco. Quando um deles se eleva, o outro decai. Este sinal compara-se ao décimo arcano maior, no baralho do tarô: a roda da fortuna. É a luta maniqueísta dos contrários, com a alternância da vantagem, sem a supremacia eônica. No corpo do negro está o germe do branco, que o derrotará e vice-versa. Reporta-se à existência de nossos corpos: vivos, são mantidos por microorganismos; mortos, são devorados pelos mesmos.

O segundo é a **águia bicéfala**, com o corpo se colocando em direção oposta às cabeças e, estas, em sentidos divergentes. Corresponde ao oitavo arcano maior, o carro. Expressa a aliança entre os poderes material e espiritual, emanantes de um único corpo, a autori-

dade central, chamada Rei do Mundo, Padre João, Melquisedeck, Chakravartin, etc.



A sentença latina **Ordo ab chao** é sintomática, traduz-se por **Ordem no caos**. A outra, **Deus Meumque Jus** pode ser interpretada de várias formas, como *Deus é minha justiça*, ou *Minha justiça é igual a de Deus*, *Deus me fará justiça*, etc. Por ser de tradução imprecisa, à medida que o membro da sociedade secreta se eleva em graus, novas interpretações lhe serão comunicadas.

As **iniciações** têm dois sentidos, o exotérico e o esotérico. O **exotérico** é um ritual praticado para permitir o ingresso de certas pessoas nas sociedades secretas. O **esotérico** é a renúncia a uma posição ou estado anterior. Essas sociedades, tem, por finalidade, transmitir ao neófito, algumas informações e poderes, exclusivos dos já iniciados.

A **contra-iniciação** tem, por meta, a revelação dos desvios morais, da subversão e do caos, instituindo a aceleração da involução e do fim do mundo.

O verdadeiro **iniciado** é aquele que conhece o começo, por isso, só Deus merece esse título. Quanto aos seres humanos, o máximo a que podem chegar, é à ação de eternos investigadores. Num sentido limitado, um iniciado só pode adquirir a parte dos conhecimentos, através da pesquisa, da experiência e da meditação.

O sentido da palavra **mistério** dificilmente é explicado aos membros dessas sociedades. Existem duas modalidades de mistérios, os pequenos e os grandes. Os **pequenos mistérios** são os segredos insignificantes, simplesmente literários, apresentados sob a aparência de máxima importância. São dirigidos aos iniciados inferiores e médios, a fim de que se tornem servos dóceis, nas mãos dos detentores dos segredos políticos. Os **grandes mistérios** compreendem os segredos políticos e não servem como objeto de ensino. Quando percebidos, são postos em execução. Destinam-se às sociedades secretas superiores, como fórmulas de saberem como dominar o mundo.

O entendimento desta classificação, freqüentemente, ocorre tarde demais aos iniciados pouco precavidos. Para Napoleão Bonaparte, pareceu que, pela dominação das autoridades oficiais das sociedades secretas, teria, nas mãos, suas organizações. Tal equívoco custou-lhe a coroa e a vida.

No livro *Memoires*, de Barruel, consta que, em 1793, as sociedades secretas supliciaram, no cadafalso francês, Luís XVI e, em seguida, a rainha. Todos os seus conselheiros foram maçons e inimigos implacáveis. Na masmorra, à espera da execução, escreveu num pedaço de papel:

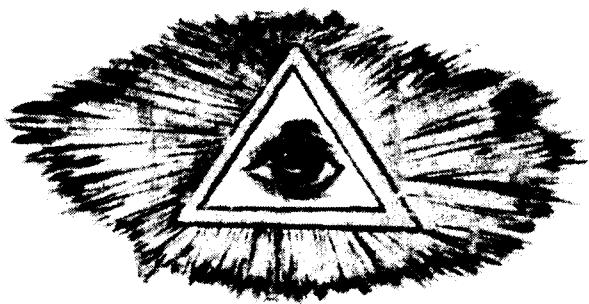
“Peço a todos a quem ofendi, por distraimento, porquanto não me lembro, conscientemente, de ter ultrajado a quem quer que fosse, bem como àqueles a quem pudesse dar mau exemplo ou a quem corrompesse, que me perdoem o mal, que, segundo lhes parece, podia ter causado.

Perdão, de todo o coração, aos que se tornaram meus inimigos, conquanto não lhes tive fornecido nenhuma razão para o serem; rogo a Deus que lhes perdoem”.

Um dos que o condenou, o príncipe e grão-mestre maçom, Felipe de Órleans, assustou-se com a obra da qual participara e, por remorso, retratou-se por tê-lo condenado. Três meses, depois, ele e outros maçons, foram guilhotinados, pelos mesmos mandantes, no mesmo patíbulo.

Aos crédulos, as religiões e sociedades fraternais ocultistas dedicam-se ao bem e ao preparo do ser humano para a salvação do espírito. No concerto dos cautos perquiridores da História, são o cadinho psíquico, onde as multidões doutrinadas acatam, passivamente, o jugo dos seus pastores, que as cuidam para, posteriormente, comer-lhes as carnes e cobrirem-se com suas peles.

Por maiores e mais convincentes que sejam os apelos dos suplicantes, a resposta dos dominadores é, invariavelmente, a frase de Disraeli: *“Muitos discursos me impressionaram, mas, nunca, nenhum deles me fez mudar de opinião”*. Quem, hoje, se vende, não poderá, amanhã, reivindicar liberdade nem vida, para si e seus descendentes.



Os Nomes e suas Surpresas

É DEBALDE negar a existência do sortilégio nas sociedades secretas. Uma das várias finalidades da magia cerimonial é a criação e o fortalecimento de egrégoras. Na concepção de P.-V. Piobb, a **egrégora** e o **egregório** são o pensamento consciente e direcionado, dotado de vida e inteligência. Procedem de uma ou mais pessoas, reunidas com um propósito definido. Os magos antigos tinham noções precisas dos egregórios e os utilizavam para criar fenômenos, incompreensíveis aos leigos.

Um grupo, emitindo intensamente pensamentos da mesma natureza, poderá criá-los e animá-los, através de energias boas ou más. Este produto da mente coletiva, a princípio, é débil e incapaz de atividade. Animado por pensamentos treinados, vai adquirindo forma e índole definidas, à medida que as reuniões vão se sucedendo, e a concentração mental e o ritual forem se aprimorando. Em decorrência, a egrégora vai se tornando mais nítida e com maior capacidade de ação. Ela é, melhor exemplificada, como um halo protetor, quando estática, ou uma personalidade artificial, quando dinâmica. É assemelhada a uma seta viva, obediente à vontade dos seus criadores. Sua forma astral, à medida que se fortalece, vai, aos poucos, se densificando como um fantasma, com o fito de proteger ou de atacar. Os clarividentes podem distingui-las dos duplos etéricos dos encarnados (os vivos) e dos desencarnados (os falecidos). O **duplo etérico** é um corpo igual ao físico. Enquanto este é constituído de carne e ossos, aquele é formado de substância etérica.

O duplo etérico do vivo, quando se desloca do corpo material, consciente ou inconscientemente, permanece ligado à matéria por um fio prateado. O desencarnado não mais o possui.

O duplo guarda as características físicas do corpo, quando a ele esteve ligado: pode ser exorcizado ou “encaminhado ao plano astral”, como dizem os espíritas, pelos apelos racionais ou sentimentais. O egregório, pela forma como foi concebido, desconhece tais invocações. Comporta-se como um robô. Um dos métodos de dissolvê-lo é por meio da magia solar. A maneira de prevenir-se dele, e de outras formas astrais perniciosas, se consegue pela alimentação não carnívora, pela boa respiração, pelos pensamentos altruístas e, pelo reto proceder. Como tem sido dito, desde a Antiguidade, “somos o que comemos, respiramos, pensamos e agimos”.

O núcleo central da egrégora se forma, sempre, nas vibrações cósmicas. A parte astral tem origem, quando os princípios mentais se envolvem na concepção aprioristicamente definida. Sua materialização corresponde à vibração de algum culto cerimonial, manifestado num ser artificial, parecido a um fantasma. Algumas correntes da magia cristã a conceituam como um demônio engendrado, artificialmente, por uma força perversa da imaginação e da vontade coletiva.

{ Este fenômeno pode explicar, em parte, (1º) o motivo do todo ser maior do que a soma das partes e (2º) porque a ação organizada de um pequeno grupo, prevalecer sobre a multidão.

Nas mais diversas culturas existem os filhos das intenções coletivas. O vodu, do Haiti, anima os zumbis. A umbanda e a quimbanda, utilizam-se dos exus e, pior ainda, dos quiumbas, como fazem os quimbandistas. Os **exus** são entidades astrais desprovidas de discernimento e os **quiumbas** se comparam aos elementares. No judaísmo, existem as crenças do dibbuk e do golem. Os **dibbuks** são os espíritos dos mortos, os quais, não encontrando paz, obsidiam e prejudicam os vivos. Os **golem**, segundo uma lenda judaica, da Idade Média, são humanóides, gerados artificialmente. São autômatos que um mago cabalista anima, traçando na fronte dele, um pentáculo. Essas criaturas semi-inconscientes obedecem todas as ordens do seu mestre. No en-

tanto, se um golem conseguir apagar o pentáculo que o enfeitiça, estrangulará o mago e roubar-lhe-á a alma. Tornar-se-á um demônio, de força invencível, para os humanos, espalhando o mal e a morte. Os teósofos explicam a existência dos elementares, que não devem ser confundidos com os elementais. Os **elementares** são almas pervertidas, desprovidas da capacidade de regeneração e condenadas a perderem a individualidade, voltando ao caos primordial. Os **elementais** são os espíritos ingênuos da natureza, como os elfos, as fadas, os silfos, as salamandras, as ondinas, os duendes etc.; são os anjos da guarda dos seres minerais, vegetais e animais.

Além disso, os magos e feiticeiros conhecem o poder dos números e dos sons. O nome de cada indivíduo, quanto mais pensado e, principalmente, pronunciado, vibra numa frequência benévola ou malfazeja, atraindo o que ele significa.

Como preâmbulo a esta teoria, é possível estabelecermos relações fortuitas entre os nomes de pessoas e suas atividades. Um dos representantes do Sindicato da Construção Civil, em Porto Alegre, tinha o nome de *Cimenti*. Cimento é a matéria-prima de moradias e estradas. *Carrasco* era o sobrenome de um assaltante perigoso. Um dos generais-ditadores da Revolução de 1964, chamava-se *Geisel*, que, em alemão, se traduz por açoite, chicote e flagelo.

Há uma outra atividade da magia, principalmente, da feitiçaria, que atrai a atenção do perquisidor. Schnoebelen, no seu **Programa de Cinco Pontos**, comenta as formas de possessão diabólica, usada por algumas sociedades secretas.

O primeiro chama-se **adoção**. Ocorre quando o iniciado é trazido à comunhão com Lúcifer. É a venda da sua alma ao diabo.

O segundo é a **iluminação**. Consiste em experimentar poderes psíquicos, que chama de “abrir um pouco o olho”. “Abrir completamente o olho” equivale a ter a mente inundada pela iluminação da pura consciência luciferiana.

O terceiro é a **conversação**. Significa manter comunicação com o *Poderoso Morto*. Diz que o espiritismo, ao manter contato com os mortos, desempenha uma ação significativa, em auxílio ao Paladium, uma vez que a mediunidade é vital no diálogo com os “sábios da História”. Existe a distinção entre paranormalidade e mediunidade. A **paranormalidade** é a consequência natural de um pendor psíquico. A **mediunidade** é forçada, muitas vezes, pactuando com o capeta, que se apresenta sob o engodo de uma *entidade de luz*.

O quarto são as **relações sexuais com os mortos para Deus**. Diz que, nesse caso, o *médium* é possuído pelo espírito do **morto** (um demônio), onde o casamento sacrílego se realiza. O vício mágico do espírito fluiria para o iniciado, através do ato íntimo. Ele o chama de *Oitavo Trabalho*. Talvez, sem o saber, equiparou à Oitava Esfera, da Teosofia, ao Inferno, cristão, ou ao Plutão, astrológico.

O quinto e último ponto é a **união**. A alma do iniciado é totalmente dominada pelo espírito maligno. Ele o chama de **Possessão Perfeita**, onde o iniciado não é mais senhor de si e passa a ser como “uma luva carnal para a mão demoníaca”, que o controla. Esses iniciados tornam-se os *santos satânicos*, deixam de ser pessoas, para se transformarem em fantoches, comandados por demônios. “Movem-se em uníssono, mentalizando um fim que é transgeracional”. São os que apresentam dons excepcionais, concedidos pela potência do mal. São os *guias espirituais* que se encontram no lado negro do espiritismo, da magia e do tantra-yoga, como Crowley, Rajneesh, Rasputin e tantos outros aliciadores do demônio.

Na teologia hebraica, a alma que não obedece ao Criador, permanece como uma entidade separada dele, não recebendo sua essência e substância. Por isso, decai, gradativamente, na escala dos mundos, através de um processo de causa e efeito de inúmeras contrações. Isto vai, até que a luz e a vida se diluem, a ponto de ser encerrada num

sentimento de exílio. Neste estado, ela retorna à inexistência ou perda de individualidade, como antes de ser criada.

A **Oitava Esfera** é a fossa sanitária astral. O que nela cai não pode retornar à evolução. Lá, o sujeito é rodeado dos despejos odiados de todas as vilanias, concentradas nas eras passadas. Arde em desejos que não poderão ser satisfeitos. A monstruosidade, aos poucos, vai se degenerando, até retornar à total aniquilação.

Plutão, para os romanos, é o Senhor dos Subterrâneos, das trevas, o mortal invisível, o inimigo da vida, a antítese do Sol, do Cristo, a destruição e a morte. Na mitologia grega, é **Hades**, um reduto de trevas e silêncio, onde os mortos vagueiam exangues e inconscientes, invejando o maior sofredor sobre a Terra que, no entanto, pode usufruir do ar e da luz e que tem o direito de morrer e, de novo, renascer, num ciclo desconhecido de reencarnações. Em inglês, Hades e AIDS têm a mesma pronúncia: *eids*. De Plutão se derivam *plutocracia*, o governo dos ricos, e *plutônio*, o agente destruidor, na bomba atômica.

O **Inferno**, na concepção de Martinetz de Pasquallys, é o lugar de maior privação divina. Para Charles W. Leadbeater, é o tempo sem Deus, assim como o céu é Deus sem o tempo.

O nome **Lúcifer** tem vários significados. Para algumas sociedades secretas, significa **Luz Interiorizada**. Para outras é sinônimo de **A Luz da Insignificância Ilimitada**, de vez que essa entidade é o senso de alienação e a solidão, sentida na treva cósmica. É um estado mórbido de separação do resto da criação e de terrível isolamento. Na concepção humana, tridimensional e relativa, Lúcifer e seus asseclas, ao se afastarem de Deus, transformaram-se na extrema insignificância divina. Seus seguidores, quanto menores ficam, para o espírito, maiores se tornam para a materialidade e para os que vivem para ela. Tomando um caminhão, como exemplo, ao passar a poucos metros de nós, demonstra ser enorme e se locomove em alta velocidade; caso

o contemplarmos do alto de uma montanha, parecerá pequenino e lento. É a miopia materialista dos gananciosos.

Talvez, esses argumentos permitirão compreender a razão de muitas pessoas, importantes para a sociedade, terem nomes que expressam ninharia. Na imprensa, encontramos o nome de um próspero comerciante, **Caleb**, que, em hebraico, significa *cachorro*. O sobrenome **Assmann**. Tanto em alemão, como em inglês, **mann** se traduz por *homem*. **Ass**, em inglês polido, significa *burro* ou *imbecil*; na linguagem grosseira, se traduz por *nádegas*. Logo, **Homem Imbecil**.

Eitan, em hebraico significa *Poder*. No ritual satânico quer dizer *Amém*.

O nome de uma empresa: **Devilbis**. **Devil**, em inglês, quer dizer, *diabo*. **Bis**, significa *repetir*. Portanto, **Bisar o Diabo**.

No idioma polonês, a letra **l** é pronunciada como o **t** latino. Por exemplo, a grafia do sobrenome Curilo é articulado como Curito. Para ser proferida como Curilo (à moda latina), terá de ter o **l** cortado, de forma oblíqua ascendente: mais ou menos Curilo. Este comentário introdutório interessa ao sobrenome francês Gadret que, lido na forma eslávica assemelhar-se-á a *Gadrel*. Em “O Livro de Enoch”, capítulo LXVII, 6-8, Gadrel é o demônio cabalista que revelou aos filhos dos homens os meios de ministrar a morte (§ 6); que seduziu Eva e ensinou aos seus descendentes a confecção dos instrumentos que proporcionaram os assassinatos e os meios de defesa, como a couraça, o escudo, a espada e tudo aquilo que pode proporcionar ou evitar a perda da vida (§ 7). Esses instrumentos passaram de suas mãos aos habitantes deste mundo e aqui permanecerão para sempre (§ 8).

O nome próprio Lilybeth, subtraindo o **b** e o **e**, e trocando **y** por **i**, fica **Lilith**, o demônio feminino, o lado demoníaco da Lua ou Lua Negra.

Isdra, sem o **s**, transforma-se em **Idra (Hidra)**, a serpente venenosa.

Na França, o dono do Banco Worms chamava-se Hippolyte Worms. **Worms**, em inglês é o plural de *caruncho*, *lombriga* e *verme*.

Até agora, foram comentados nomes e sobrenomes escritos na grafia ocidental, da esquerda para a direita. Os hebreus e os maçons, no entanto, escrevem da direita para a esquerda. Para os cabalistas, esta forma de escrever, denomina-se de **Notariqon**. Nomes personativos que, em português, carecem de significado, lidos ao inverso, apresentam sentido. Assim Lemos passa a ser Só Mel e o nome árabe Said, transforma-se em Dias. Leon, Noel, o Papai Noel.

O otomano Obeid, agermanizado, pronuncia-se Obaid: Diabo.

Burd, em inglês, Drub, significando *espancar*.

Nobel, em francês, Le Bon, *O Bom*.

Druck, sem **k**, em inglês Curd: *Coagular*.

Gantes, setnag. No idioma inglês, **set** significa *jogo*, *grupo* e *soci-idade*. **Nag**, se traduz por *cavalo inferior* (*matungo*, como é dito na gíria do Sul), *resmungar* e *importunar*. De **setnag** depreende-se *soci-idade importuna* ou *grupo de cavalos inferiores*.

O nome Aron é lido por *nora*.

Eno, em inglês, One: *Um*.

Ari, decorrendo *ira*.

Avon, a multinacional dos cosméticos, gerando *nova*.

Hodara, sem o **h**: *arado*.

Birman, no inglês, Rib = Costela; Man = Homem. Logo, *Homem da Costela*.

Matias, sem o **i**: *Satam*.

Wolf, em inglês, Flow = *Fluxo*.

Vasco da Gama, lendo **v** por **u**, à moda da Antiguidade: *A Maga do Caus* (Caos).

Colombo, sem o **o** e o **b**: Moloc, o deus que devorava crianças.

Keniger. Regine K ou Rainha K.

O Banco Crefisul de Investimentos. **Crefisul**, sem o **c**, fica **Lusifer** ou **Lúcifer**.

Tel Aviv, capital de Israel. **Tel**, lido ao inverso, *Let*, do inglês, *deixar*. **Aviv**, em português, *viva*. O que significa, **Deixe-a viva**.

A cidade santa dos cristãos, dos islamitas e dos judeus é Jerusalém, pronunciada *Ierusalaim*, em hebraico. Em certos idiomas, **J** é pronunciado como **I**, como **Ierusalém**, que, da direita para a esquerda, é grafada como **Melasurei: Mela su rey**, no castelhano, ou **Unge (mela) teu rei**, adaptando-a ao português.

Hiram, rei de Tiro, a lendária figura do Antigo Testamento, é pronunciado, em inglês como “Hairæm” ou “Airæm”. Lido ao contrário resulta em *Maria*, no latim, ou *Mariah*, em hebraico.

Goldwin. No inglês, Gold = Ouro; Win = Vitória: *Vitória do Ouro*.

Se as letras forem arranjadas, outros nomes adquirem significado. Osma se transforma em *Soma* (\$).

Uma observação interessante, consiste no desmembramento do nome do grande banqueiro internacional, Nathan Mayer Rothschild. **Nathan**, trocando o primeiro **n** por **s** fica *Sathan*. **Mayer**. **May** é a escrita fonética da primeira pessoa do singular do pronome inglês **My** (Meu). **Yer**, lido ao contrário, é a palavra espanhola *Rey* (Rei). **Roth-Schild**. **Rot**, em inglês, significa *podre*. **Roth**, em alemão, *vermelho*. A pronúncia **Schild** (escudo, em alemão), anglicizada, é homófona a **Child** (inglesa), representa *criança*. Portanto **Nathan Mayer Rothschild** pode significar **Satã, meu rei, é uma criança podre** (ou *vermelha*).

O piloto, que lançou a bomba atômica sobre o Japão, deu ao avião o nome de sua mãe, *Enola Gay*. **Enola**, invertido, passa a ser *Alone* (sozinho). **Gay** (alegre), na gíria americana, significa *homossexual*: **Homossexual Solitário**. A bomba chamava-se **Little Boy** (rapazinho): **O menino do homossexual solitário**.

A doença AIDS tem, no Rio Grande do Sul, um grupo que protege suas vítimas, o GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS). Se forem inseridas outras letras, nas siglas invertidas: S-D-I-A e A-P-A-G, **sodomia**, **apaga**. Portanto, **Apaga a sodomia**.

Alguns desses nomes, por acaso, não possuem conotações malignas? Alguns deles não pertencem aos homens mais poderosos do mundo? No Novo Testamento, não há uma frase, em que Jesus disse: “É mais fácil um camelo passar pelo orifício de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus”? Não cabe repetir que um dos significados de Lúcifer é “A Luz da Insignificância Ilimitada”?

Nas comunidades hebraicas é comum encontrar-se nomes próprios escritos com a mesma grafia, quando lidos nas formas diretas ou inversas, como Aba, Tebet, Natan (Nathan) e Renner.

Quem adquirir o hábito de ler nomes às avessas e conhecer outros idiomas, verá que muitas pessoas, ricas e famosas, possuem nomes esquisitos, como *lebre ver*, *suíno vil*, e obscenidades, que não precisam ser descritas.

O estímulo subliminar à destruição e à violência encontram-se nos brinquedos que os pais dão aos filhos. Nas tendas de quinquilharias, um rapaz comprou para o filho, de três anos, uma viatura policial vermelha, importada da Coreia. No capô estava escrito a palavra **Helicop**. À primeira vista, lembrava a abreviatura da palavra inglesa **helicopter** (helicóptero). Porém, na gíria norte-americana, **cop** significa *policia*, advindo *policia* do inferno. O automóvel tinha as placas HK - 666. 666 é o número apocalíptico da besta e **HK** bem pode representar as iniciais de **Hell Kingdom** (Reino do Inferno). “Belo” produto que o fabricante põe no mercado para o entretenimento de crianças!

O Homossexualismo sob as Bênçãos da Justiça e da Religião

ARIGIDEZ e a lassitude são os passos ébrios da sociedade, quando se afasta da temperança. O equilíbrio não significa somente a fixação no centro. Quem quer a harmonia deve controlar as extremidades. A superestrutura de qualquer povo assenta-se na moralidade, no trabalho, na educação, na instrução e na vigilância recíproca entre governados e governantes. O repouso é o breve descanso do guerreiro, que separa os combates da sobrevivência e do êxito. O progresso é um eufemismo que esconde a violência.

O próprio esforço humano, em muitos casos, está desprovido de racionalidade. A Psicologia demonstra que certas ações, aparentemente racionais, são dirigidas por forças desconhecidas e estranhas à lógica comum. O zelo, às vezes, conduz a resultados adversos. Quando, no passado, uma filha, numa paixão invigilante, deixava-se seduzir antes do casamento, ofendia a dignidade da família. Com frequência, era expulsa de casa. Seu destino, caso não tivesse algum amparo, seria o prostíbulo. O filho natural carregava, por toda a vida, a pecha de *bastardo*, punido por um ato do qual foi consequência. O marido traído ainda é grosseiramente acoimado de *corneo*, como se tivesse culpa da desonra da mulher. Na atualidade, os formadores de opinião desagregam o meio e o indivíduo, sem que os pais precavenham os filhos da solerte corrupção dos costumes.

A aceitação da libertinagem, por parte do povo, sempre lhe traz danosos dissabores. No antanho, foi a propagação da sífilis. Hoje, a AIDS. Por sarcasmo ou produto do inconsciente coletivo, **aids** é o plural de **aid** que, na língua inglesa, significa *apoio, ajuda, auxílio, amparo e socorro*.

O sexo, que deveria ser o **motu proprio** da perpetuação da espécie e a sensualidade sadia, a exaltação íntima do afeto recíproco de um homem por uma mulher, transformaram-se em objeto de comércio, de investimento, de submissão e degeneração moral dos pósteros.

Em outubro de 1995, em Paris, o Centro Pompidou realizou uma exposição intitulada "Masculino-Feminino; O Sexo da Arte". Lá, foram exibidas centenas de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras de órgãos sexuais e cópulas, destacando cenas de masturbação, homossexualidade e sadomasoquismo, estimulando aberrações que se propagaram por todo o mundo.

A Dinamarca, a Holanda, a Inglaterra e a Suécia legalizaram o casamento entre pessoas do mesmo sexo, assegurando às partes o direito à herança. Em 1988, São Francisco, nos Estados Unidos, abrigava, na sua população, 35% de homossexuais. O ingresso de mulheres nas forças armadas norte-americanas, além de proporcionar emprego, é um esforço para conter a pederastia.

A França admite o homossexualismo a partir dos quinze anos de idade e Israel, depois dos dezoito. Nos países onde ele se constitui delito, o Chile pune os homossexuais com três anos de prisão, a Rússia, com um mínimo de cinco ou com trabalhos forçados, a China, com a pena mínima de oito anos e o Irã, com a morte.

Pela patogênese, é visto como doença, neurose e patoforeses genética. Para Freud, é uma forma de perversão sexual.

No Antigo Testamento, o Levítico (18, 29) determina a erradicação do homossexualismo, entre os judeus, exilando os praticantes.

Várias são as hipóteses causais.

Segundo a Psicologia.

- * Se o filho tiver sido rejeitado pela mãe, na primeira infância, quando adulto, tenderá a projetar a imagem negativa nas outras mulheres, op-

tando pelo relacionamento com parceiros do mesmo sexo. O mesmo ocorre com a filha, em relação ao pai.

- * Quando o filho se sente desprezado pelo pai ou a filha, pela mãe.
- * Desregramento dos pais, imaturidade, insegurança e complexo de inferioridade.
- * A destruição do lar e a confrontação com o outro marido da mãe.
- * Narcisismo. O indivíduo apaixona-se por si e rejeita a ligação com o sexo oposto. A união com outro, do mesmo sexo, constitui um desejo inconsciente de copular consigo.
- * Psicossomática. É reversível. O paciente possui características do sexo oposto, podendo provir de distúrbios hormonais.
- * Genética. É irreversível. O homossexual apresenta todas as características físicas normais, porém sua libido se dirige a pessoas do mesmo sexo.
- * Biológicas. Pode provir do atrofiamento do pênis. Decorre do crescimento exagerado da população e da luta exasperada pela sobrevivência.
- * Ocorre com maior incidência com filhos únicos e em lares judeus.

Pela visão do espiritismo.

- Os transexuais têm profunda aversão pelo sexo oposto.
- Quem, em vidas passadas, abusou do sexo ou corrompeu outros.
- Vítimas da obsessão de alguma alma desencarnada que, em vida, foi homossexual.
- Tiveram outro sexo, na encarnação anterior e não se adaptam ao atual.
- O espírito sente necessidade das experiências do outro sexo.
- A transformação reencarnatória ocorre de forma gradativa: é transexual, homossexual, transvestido e, por fim, encarna com um sexo que lhe satisfaz.

Sob o prisma do ocultismo.

Quando o ocultismo especula sobre a Queda do Homem, supõe que o espírito afasta-se inconscientemente do paraíso, que é a essência divina, para depois das experiências vividas e, enriquecido de discernimento, voltar a ele, de forma consciente e mais valorizado. Naturalmente, que esta divagação se desenvolve num raciocínio relativo, pois, de forma absoluta, é uma incoerência, por ser a onipresença, um dos atributos de Deus. Logo, nada pode existir fora dele.

No raciocínio relativo, a união do espermatozóide com o óvulo gera uma absorvência que permite a corporificação do espírito, pelo densificar da energia vital. Lembra o postulado de Einstein, quando dizia que a matéria é a energia congelada, e, a energia, a luz condensada. A filosofia yogue dá um passo além, ensinando que a luz é o resultado do éter, quando entra em condensação com a matéria. Do ponto de vista da Física, a luz é o atrito dos sólidos que se chocam, provocando a faísca.

Os espermatozóides, lançados no canal vaginal, vão de encontro ao óvulo, que os seleciona. Unidos, no útero, dão à alma a oportunidade de se encarnar para desenvolver o darma ou resgatar um carma, como teorizam os hindus. A união do espermatozóide com o óvulo provoca o desenvolvimento do feto, da criança e do adulto, o qual usará o mundo como um campo de provas e experiências para a sua evolução. Assim, os dois, num só corpo e numa só alma, cumprem suas funções de agentes da ordem microcósmica e da redenção do espírito

No coito anal, o espermatozóide é jogado no reto, onde, em vez de unir-se a um óvulo, degrada-se nas fezes, na decomposição orgânica do que sobrou dos alimentos, expurgados pelo organismo, no caos, e na perda de individualidade. Assemelha-se à teoria astronômica da absorção dos corpos, pelos buracos negros do universo e sua posterior expulsão, por meio dos brancos. Sua finalidade divina se corrompe.

Sendo o espermatozóide um átomo solar, na vagina, cumpre uma missão divina, colaborando naquilo que os alquimistas chamam de Grande Obra, o ouro alquímico. Nas fezes, será luciferino, isto é, na luz capturada pela treva, trabalhando como escravo para a involução e a degradação. Recordando o princípio de Lavoisier, ao postular que, no mundo nada se cria nem morre, porque tudo se transforma, a ejaculação no reto obra para a decadência dos sodomitas e sua descendência. Esta teoria pode explicar um dos vários sentidos da frase de Jesus, quando disse que os filhos pagam pelos erros dos pais, estendendo-se a praga divina até a quarta geração.

A teologia judaica prega que a ascensão da vitalidade do sêmen, pelo ato sexual, permite que a alma, do mais baixo plano de existência, promova a mais elevada união com a divindade. É o aspecto transcendente de Deus com a sua parecença imanente e exilada da Criação.

O prazer sexual indiscriminado, visto como uma forma de epicurismo, é uma concepção equivocada. Epicuro, o filósofo grego, aconselhava que não devemos evitar os prazeres, mas escolhê-los. A preferência deve ser dada aos intelectuais, em vez dos sensuais. Aconselha a evitar os que excitam e perturbam a alma, dando precedência aos que a acalmam. Segundo ele, o prazer supremo do ser humano consiste na cultura do espírito e na prática da virtude, e, não na volúpia dos sentidos. O verdadeiro prazer só se consegue na equanimidade, na serenidade e na tranqüilidade.

Excetuando a obsessão e a lei de causa e efeito espiritual, os demais argumentos espíritas são simplórios. Para aceitá-los, teríamos de reconhecer que a Natureza e Deus são irresponsáveis, perversos e injustos, o que é inadmissível. Além do mais, o espírito não tem e nem precisa de sexo.

O homossexualismo é causa de infelicidade para suas vítimas. Provoca ansiedade, depressão e suicídio. O homossexual sabe que a

união com alguém, do mesmo sexo, não pertence à sua verdadeira natureza.

A História tem destacado muitos homossexuais.

No Cinema: Greta Garbo, Mae West, Helmuth Berger, Luchino Visconti, Pier Paolo Pasolini, James Dean, Rock Hudson e Burt Reynolds.

Na Música: Chopin, Tchaikowsky, Liberace e Elton John.

Na Literatura: William Shakespeare, William Somerset-Maugham (espião britânico), Tennessee Williams, Truman Capote, Oscar Wilde, André Gide, Jean Genet, Rimbaud, Verlaine, Virginia Wolf e Amandine Aurore Lucie Dupin (George Sand), hermafrodita, que viveu com o compositor polonês, Chopin.

Na Filosofia: Sócrates e Michel Foucault.

No rol se inclui os amantes espanhóis Salvador Dali, pintor, e Federico Garcia Lorca, poeta. O imperador romano Júlio César, considerado o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os homens; foi assassinado por seu filho adotivo e amante, Brutus. Na Macedônia encontramos Alexandre, o Grande, no Egito, Cleópatra, e na França, Napoleão Bonaparte.

Eleanor, mulher do libertino presidente americano, Franklin Delano Roosevelt, era lésbica. A sua amante, Lorena Hickok, vivia na Casa Branca, num aposento em frente ao quarto dela. John F. Kennedy medicava-se para manter a potência sexual. Entre suas amantes constavam as atrizes Audrey Hepburn, que foi embaixatriz da ONU, Gene Tierney, Marilyn Monroe, que conforme indícios foi morta por ter se relacionado com ele, pelo fato de saber demais, Sophia Loren e Lee Remick. Sua mulher, Jacqueline, depois Senhora Onassis, para vingar-se, teve, como amantes, um dos altos funcionários do ex-presidente, o ator William Holden e o escritor Gore Vidal. À propósito, a casa presidencial dos Estados Unidos, devido aos escândalos dos presidentes que por lá passaram, já foi alcunhada de Bordel Presidencial.

J. Edgar Hoover, o chefe onipotente do Federal Bureau of Investigation (FBI), foi pederasta. Nas suas orgias, usava peruca loira, ligas e boás pretos e atendia pelo nome de Mary. Como policial, foi corrupto, inescrupuloso e colaborador da Máfia.

A marinha norte-americana, por sua vez, também vem sendo severamente desprestigiada pela seqüência de escândalos, causados por militares de todos os escalões hierárquicos. Eles têm sido caracterizados por orgias, agressões sexuais, roubo de veículos, tráfico de drogas, acidentes múltiplos e fraudes. No ano de 1994, um almirante foi transferido para a reserva, devido a um alvoroço sexual, ocorrido em 1991, no qual participaram outros três oficiais do mesmo nível. Oitenta mulheres da corporação denunciaram maus tratos sofridos numa das bacanais. Na mesma ocasião, 1.500 marujos embebedaram-se em Las Vegas, provocando arruaças generalizadas. Em maio de 1996 o almirante de maior patente suicidou-se por causa das acusações. Como se não bastassem os desmandos cometidos dentro do país, os fuzileiros navais os reprisam no exterior. No ano de 1995, em Okinawa, uma menina japonesa foi estuprada por vários marinheiros americanos. Naquele mesmo período o FBI prendeu um mecânico da frota, acusado de espionagem.

À respeito das atividades de inteligência, os consulados norte-americanos no Brasil são hábeis executores desse tipo de trabalho. Até 1994, sob o rótulo de *assessora econômica*, a espiã Sandi Lucas, de 48 anos, e o marido, formados pela **The Farm** (A Fazenda), centro de treinamento da CIA, beneficiando-se da cobertura diplomática, praticaram os mais diversos tipos de espia no território brasileiro. O fato foi divulgado em 1994, quando a mulher moveu uma ação judicial contra a Agência, alegando discriminação sexual.

Voltando ao homossexualismo, na História do Brasil se sobressaíram Santos Dumont e a imperatriz D^a Leopoldina. O papa Alexandre VI, que assinou o Tratado de Tordesilhas, definindo as partes do

território brasileiro que pertenceriam a Portugal e Espanha, estuprou seus filhos, César e Lucrécia Bórgia.

Num programa da televisão brasileira, um ativista homossexual prometeu publicar, na próxima edição do seu “Guia para Homossexuais”, os nomes de dezoito deputados e deputadas federais homossexuais. Revelou que Joana D’Arc e o papa Paulo VI praticaram o homossexualismo.

Se qualquer pessoa de bem reconhece ser a homossexualidade uma degradação para o indivíduo e a sociedade, assim não pensam certos representantes do poder judiciário brasileiro e de religiões. Em março de 1988, o juiz da 28ª Vara Cível, do Rio de Janeiro, reconheceu que a *“a união entre dois homens ou mulheres é fato comum na solidão da sociedade”*. Para ele, a cura do isolamento está na amasia homossexual e não no companheirismo entre um homem e sua mulher. Em fevereiro de 1983, o Grupo Gay, da Bahia, obteve sua oficialização, como entidade civil. O juiz, ao concedê-la, permitiu seu registro no 2º Ofício de Registro Especial de Títulos, em Salvador. No deferimento escreveu:

“Há de ser o pedido deferido, como defiro, mesmo que pareça estranho a quem pudesse negar lugar *no jardim da criação de Deus, às rosas rubras, brancas e amarelas, só porque não são róseas. Nascem assim e só existe um Criador-Deus e as escrituras consignam “e Ele viu que era bom”, para toda a criação. Pagas as custas, registrem-se os estatutos”*.

Dolosamente, esse juiz omitiu o trecho do Antigo Testamento, o qual narra a chuva de fogo e enxofre que caiu sobre Sodoma e Górra, bem como o trecho do Levítico, capítulo XX, que pune, com morte de forma horrenda, as uniões abomináveis e os abusos sexuais.

A reportagem de uma revista, de grande circulação nacional, relata o casamento de dois atores pederastas judeus, do cinema americano. No final da cerimônia, o rabino quebrou uma taça, como faria se tivesse unido um homem e uma mulher. No dia 28 de março de 1996, a Conferência dos Rabinos Norte-Americanos aprovou uma resolução, apoiando os casamentos legais entre homossexuais. Tal conferência reunia cerca de 450 rabinos, classificados como reformistas e que integravam o ramo principal do judaísmo liberal.

A Igreja Luterana também tem celebrado matrimônios homossexuais.

Em março de 1995, o primaz da Igreja Católica da Grã-Bretanha, declarou que a homofobia não deveria ter lugar entre os católicos.

Em março de 1989, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, de propriedade dos padres jesuítas, aprovou, com nota máxima e distinção, uma tese do curso de Direito. Seu autor defendia o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Em 1988, um pregador espírita revelou que o cardeal Paulo Evaristo Arns declarou, publicamente, que “*o homossexualismo não é pecado mas, apenas, um defeito da natureza*”.

Em 1995, o bispo anglicano de Glasgow, Escócia, de 74 anos, reconheceu, na televisão, sua homossexualidade, dizendo-se apaixonado por um jovem de 20. Expressou o desejo de sua igreja abençoar as uniões homossexuais e confirmou que seu confessor o havia parabenizado por ter encontrado o amor. O grupo Outrage (Escândalo) denunciou, em público, outros oito bispos anglicanos pederastas.

O jornalista que acusou o cardeal brasileiro é escritor e pregador kardecista. Suas preleções são feitas em muitos centros espíritas da cidade de Porto Alegre. Sobre o tema, escreveu um livro, intitulado “**Homossexualismo e Deus**”, onde concitou os indecisos a se homossexualizarem, aconselhando as famílias e outras religiões a repensarem

seus pontos de vista. No livro, revelou a vida dupla de um ex-ministro brasileiro: heterossexual, para a mulher e os filhos, e homossexual, para os amigos íntimos. O escritor afirmou que sua obra é *puritana*, sugeriu que todos deveriam assumir seus desequilíbrios sexuais e propôs que a sociedade compreendesse esse desvio de conduta. Como espírita convicto, acusou o catolicismo romano de ter sido, ao longo desses dois milênios, uma “usina” de pederastas. Para ele, o homossexualismo é um estado de alma. Por casualidade, seu sobrenome é *Worm*.

Em novembro de 1993, o jornal *Notícias da Semana*, de São Paulo, publicou um artigo assinado por Chico Alves, que acusa o famoso médium espírita kardecista Francisco Cândido (Chico) Xavier de ser pederasta. Reporta-se, à revista *O Cruzeiro*, de fevereiro de 1964, em cuja capa, embaixo, apresenta a manchete:

“Polícia técnica confirma: a materialização de Uberaba é uma farsa”.

Aquela reportagem valeu-se do trabalho do perito Carlos de Mello Éboli. Ele prova, através de recursos fotográficos, a burla das materializações de espíritos desencarnados, operadas por Chico Xavier. O *espírito* manifestado não passava de uma mulher, em carne e osso, onde numa das fotos, pode-se ver, nitidamente, seu porta-seios. No referido jornal, Chico Alves escreveu:

“Chico Xavier sempre foi um trapaceiro, ou seja, um coitado nas mãos dos seus tutores. Ele sempre foi usado como uma bucha de *canhão* pelos falsos espiritualistas ... tem um cérebro de uma criança de doze anos, ou seja, ele é totalmente retardado, não sendo culpado por seus atos, pois tudo o que ele faz é encenado, depois de devidamente ensai-

ado pelo grupo espírita de Uberaba, para que possa representar a grande farsa espiritualista, frente ao povo.”

Neste trecho, duas observações se destacam. (1ª) usou a palavra **canhão**, que é um termo cifrado na maçonaria e (2ª) não revela quem compõe o grupo espírita de Uberaba. Não parece que este jornalista sabia mais do que escreveu? Não está, neste trecho, mais uma evidência da ação das sociedades secretas?

Depois das duas reportagens, os espíritas kardequianos brasileiros fizeram um esforço denodado para que Chico Xavier concorresse ao Prêmio Nobel da Paz. Não foi aceito, ao contrário de madre Tereza, de Calcutá. Há fatos que reforçam a suspeita de que o referido médium seja o que dele diz o repórter. Certa vez, interrompeu sua palestra para afirmar à platéia de que não era homossexual, a fim de silenciar os sorrisos furtivos dos presentes. Um dos mentores dos livros que psicografa chama-se **Mei-Mei**, nome de conotação efeminada. Um dos diretores de um centro espírita de Porto Alegre asseverou, numa reunião de médiuns, que Chico era transexual.

Estas personagens públicas e religiosas citam, com freqüência a Bíblia, porém não se lembram de que nela está escrito que, no final dos tempos, **os homens sentirão paixão pelos próprios homens**, prenunciando a grande hecatombe terrestre.

O espiritismo kardecista tem sabido utilizar sua propaganda em todos os veículos da *mídia*: o rádio, o cinema, a imprensa, a televisão, o teatro, as conferências públicas e gratuitas e suas poderosas editoras. Nas apresentações, alguns dos líderes masculinos, mais notáveis, têm demonstrado personalidades efeminadas. Um deles, quando desenvolve as palestras, afina a voz, como se fosse uma mulher que estivesse falando. Diz estar inspirado pela sua guia espiritual. Tanto os espíritas como outros espiritualistas, sabem que uma alma evoluída não se prende a características do plano denso da materialidade, nem expõe o médium a trejeitos e timbres de voz, contrários à sua natureza. Uma

entidade astral, que assim procede, é involuída. A que se eleva no plano astral, transcende às limitações do espaço, do tempo e dos hábitos. A História mostra que Moisés, Jesus e Maomé, sempre ostentaram uma forte personalidade varonil. Buda e Confúcio caracterizaram-se pela serenidade estoíca. De nenhum deles, se ouviu dizer que tivessem momentos de postura adamada. Se nos recordarmos do **Programa de Cinco Pontos**, mencionados no capítulo sétimo, não teremos razões para suspeitar desses taumaturgos? A Bíblia nos ensina que o demônio, para conquistar os desatentos, também realiza atos prodigiosos. São João, no Apocalipse, e Nostradamus, nas Centúrias, não falam dos poderes da Besta e do Anticristo?

Muitos praticantes da umbanda e da quimbanda afirmam, de um modo geral, que o médium masculino, que se deixa incorporar por entidades desencarnadas, as quais, em vida foram mulheres, são pederastas. Vários transvestidos prostitutos, que laboram na umbanda cruzada (branca e negra), recebem as mais violentas e rancorosas entidades da treva astral, como as Pombas-Giras, as Rosas Vermelhas, os incubos (demônios com aparência masculina) e os súcubos (feminina). As estatuetas dos terreiros evidenciam o que se fala. A própria Igreja reconhece esses monstros astrais, ao praticar o exorcismo.

À respeito do movimento homossexual, há outro fato que merece reflexão: o do movimento dos travestis que, desde a década de 1970, têm infestado determinadas vias públicas das médias e grandes cidades do mundo, quase de forma simultânea. Como podem os *prostitutos* surgirem e se espalharem, em tão pouco tempo, por todo o mundo ocidental? Dirão os menos avisados de que é efeito da eficiência das comunicações. Mas, por trás das comunicações, não existe alguma ação intencional?

Em relação à filantropia, há diversas associações que apelam para o reconhecimento dos direitos dos homossexuais. No entanto, é notório que têm sido, eles, os maiores propagadores da AIDS. Por causa deles, milhões de hemofílicos, mulheres, crianças e homens he-

terossexuais estão contaminados e, por conseguinte, condenados à morte, por exercerem o direito natural de satisfazer suas necessidades sexuais. Os magistrados e religiosos podem reverter tão injusta sentença e, ao mesmo tempo, devolver a vida àqueles que ainda poderiam estar vivos, por causa de uma praga, propagada pelas **rosas róseas**? Deverão morrer todas as rosas rubras, brancas e amarelas, a fim de que a rósea seja preservada? É justo sacrificar a maioria sã, para apaniguar a minoria doente? Consideram os magistrados, ser a lei civil mais sábia do que a natural? Amar o próximo significa ignorar o sofrimento da multidão indefesa? Aos olhos de Deus, um pederasta vale mais que uma criança, a mãe e o chefe de família contaminados?

Existem várias formas de desbastar a população. Uma delas é a guerra, porém destrói o capital. Outra são as doenças endêmicas contagiosas, não destroem a riqueza material e aumentam os lucros das empresas farmacêuticas. Para os senhores do mundo, não serve a corrupção dos costumes para domesticar sua mão-de-obra, desbastá-la e enriquecer ainda mais com a miséria dela?

{ O observador percebe que a toxicomania e o homossexualismo contemporâneo não provêm somente de causas patogênicas mas, sobretudo, da indução premeditada dos grandes poderes destrutivos.

Assim se arrasta a humanidade, julgada, disciplinada, comandada e doutrinada por seres que, aos olhos de um decente humilde, não passam de sepulcros caiados, que pretendendo apressar o caos, esperam gozar, sozinhos, as benesses de todo o planeta.

Rira mieux qui rira dernier.

A Manipulação da Crendice como Instrumento de Poder e Submissão Popular

LIGANDO os fatos do dia-a-dia percebe-se, facilmente, como a Economia e a Política se complementam. Comparando as religiões com as sociedades secretas, constata-se várias semelhanças. A primeira arregimenta as massas crédulas e irrefletidas, disciplinando-as e conduzindo-as, por meio de promessas de um prêmio paradisíaco ou de uma punição infernal. Como o ser humano é possuidor de remorsos e teme o desconhecido, aceita a canga da doutrinação. Os óbulos individuais, por pequenos que sejam, somados, transformam-se em imensas fortunas que, anualmente, abarrotam as arcas dos pastores de Deus, democratas com o público, mas aristocratas na intimidade.

Os pontos comuns entre as religiões e as sociedades secretas são (1º) a arregimentação de prosélitos, verdadeiros batalhões gratuitos, postos à disposição de comandos que sabem manipulá-los sem ônus e (2º) as mensalidades que provêm desses soldados.

Conectando os dois pares de forças, Economia-Política e religiões-fraternidades ocultas, começamos a visualizar a quinta-essência do poder. }

Como a administração se baseia em princípios, à medida que se progride no estudo da ciência, também se avança na descoberta de suas insuficiências, fazendo com que os pequenos aprendam com os grandes a lhes causar concorrência e incômodos.

Uma ciência sem consciência, assim como uma consciência sem ciência, causam a ruína do ser humano. Uma sem a outra geram armas ofensivas, superiores às barreiras defensivas.

De todos os ramos do conhecimento, os mais temerários são os que controlam os pensamentos das multidões, de vez que anulam a individualidade e propiciam o governo despótico e alienante. Eviden-

temente, aqui não se fala da ciência profana, mas da chamada *sagrada*. É a mais temível, porque nas mãos dos senhores do mundo continua secreta e inatingível.

Por prudência dos grandes, há razão suficiente para manter certos conhecimentos no segredo. Como admoestou Fulcanelli, o privilégio das ciências deveria ser o apanágio dos sábios de escol. Distribuídas ao povo sem discernimento e exploradas de forma leviana, as mais importantes descobertas mostram-se mais prejudiciais que benéficas, porque a natureza dos seres impele-os, voluntariamente, para o mal e para o pior. Na maioria das vezes, o que poderia servir para o bem-estar, transforma-se em sofrimento e destruição.

Das guerras, a mais terrível é a que se trava pela possessão da alma, pois comparada a ela, o conflito convencional é apenas uma amostra insignificante. De todas as armas utilizadas, uma das mais insidiosas é a da informação. Através da semântica, é possível espalhar uma lenda com as mais variadas interpretações.

Conhecedor desse fato, o presidente brasileiro propôs, para o ano de 1996, aumentar os gastos publicitários em 47%. A verba do gabinete presidencial foi orçada em 5 milhões de reais e a dos ministérios em 130, somando 135 milhões de reais ou 137,4 milhões de dólares, além de outra, destinada a premiar àqueles que enaltecessem os feitos da administração. Tal dispêndio tinha, por objetivo, tanto acalmar as críticas da *mídia* contra o seu desempenho, como doutrinar o comportamento da população. A bem da imparcialidade, cabe ressaltar que seus opositores políticos têm empregado os mesmos expedientes. Na época da extinta União Soviética, era de conhecimento público que partidos esquerdistas descontavam um percentual das rendas dos seus filiados, dos sindicatos, além de receber auxílios financeiros da Polônia e da Alemanha Oriental.

Pressões gigantescas se jogam sobre a Tradição, a fim de reduzi-la a um texto de minúsculas proporções, numa significância raci-

onalista e convencional. Este convencionalismo levou Shakespeare a, ironicamente, dizer que a História é uma história de loucos, contada a outros loucos.

Como nem sempre *pequeno* é sinônimo de *parvo*, os miúdos, observando os graúdos, aprenderam que a indústria da crença e do fanatismo é um negócio que, com pouco investimento, proporciona elevados lucros. As multinacionais da fé têm, agora, de apeiar dos seus pedestais e disputar seus mercados cativos com os pejorativamente chamados *pastores eletrônicos*, os messiânicos, os pretos velhos, os pais e mães de santo, da umbanda, num Brasil que, no dizer de Chico Xavier, é o “coração do mundo e a pátria do evangelho”. Onde, em nome de Deus e dos bons guias espirituais, a miséria, o desemprego, a fome e a corrupção fazem crescer a penúria do povo e as arcas dos desonestos.

As seitas dos pastores eletrônicos chamadas, eufemicamente, de *neopentecostálicas*, estão se espalhando por todos os recantos brasileiros, como, também, penetrando na Europa e nas Américas. Uma delas, a **Igreja Universal do Reino de Deus**, contava, só no Brasil, em outubro de 1995, com mais de trinta e cinco milhões de seguidores. Seu fundador aplicou os ganhos, principalmente, nas rádios e na televisão. Na Inglaterra e Portugal, comprou cinemas e hotéis para transformá-los em templos. Somente no Brasil, era proprietário de 63 empresas. Sua imensa fortuna se formou pelas doações e dízimos que não aparecem perante o Fisco.

O vice-presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, dom Paulo Ponte, em 1991, denunciou que os Estados Unidos, através da CIA, e com seus grandes capitalistas, estavam estimulando o surgimento de seitas evangélicas no Brasil e noutros países latino-americanos. O objetivo era reduzir a influência da Igreja Católica, cujo trabalho de conscientização da população os estavam prejudicando.

mas não fornece o

No mês de outubro de 1995, em vários pontos do país, a seita confrontou-se com a Igreja Católica. Concentrou seus primeiros ataques nas imagens da mãe de Jesus. Em São Paulo, no dia 12, na televisão, um dos seus bispos esbofeteou e chutou a estátua de Nossa Senhora Aparecida. Pouco depois, foi suspeita de incendiar outra imagem sacra, próxima a uma igreja. Na data de 15 de dezembro, no bairro de Olaria, no Rio de Janeiro, tentou impedir uma procissão em homenagem a São Geraldo, quando os católicos, revoltados, apedrejaram um de seus templos. Na paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes, em Porto Alegre, dispôs-se a perturbar outro festejo católico.

Nas vésperas do Natal de 1995, Edir Macedo, o criador da seita, contratou uma campanha publicitária, no valor de 10,4 milhões de dólares para recuperar a imagem da TV Record, de sua propriedade. O propósito era transformá-la na segunda maior emissora do país. Pretendia convencer o público de que ela seria uma boa opção de lazer, apesar de dedicar nove horas de sua programação à doutrinação religiosa. Para isso, empenhou-se em contratar dois dos melhores jornalistas da TV Globo, detentora da maior audiência nacional.

A competição da Igreja Universal com a Rede Globo de Televisão custou-lhe caro. Poucos dias depois, um pastor cismático entregou à Rede Globo fitas de videocassetes, denunciando gestos obscenos dos pastores e os ardis para extorquir dinheiro dos fiéis. A denúncia se estendeu, revelando a conexão de Macedo com o narcotráfico colombiano e cometedor de crimes de estelionato e sonegação fiscal. Na entrevista, o dissidente revelou que certos governos estaduais e o ex-presidente da República, Fernando Collor, deram-lhe proteção.

O atrito das igrejas Católica Apostólica Romana - Universal do Reino de Deus e televisões Globo - Record não trouxe vantagens para qualquer lado. Pela parte do comércio da fé, mostrou que tanto os líderes e sacerdotes das grandes, como das pequenas religiões, são vinho do mesmo barril e que o nome de Deus e da Bíblia são as melhores

máquinas de fabricar fortunas legalizadas. Quanto à televisão, os bispos neopentecostálicos revelaram como a mídia constrói notícias falsas, como o proprietário da Globo tornou-se o homem mais rico do Brasil e com que habilidade desmascararam as denúncias feitas contra eles e a TV Record, nos anos de 1991 a 1995.

No dia 3 de janeiro de 1996, dois de seus bispos criticaram o presidente e o vice-presidente da República, acusando-os de perseguição religiosa e ameaçando transferir os votos da totalidade de seus fanáticos seguidores para os candidatos socialistas, da oposição.

Dois anos antes, em 1993, na 31ª assembléia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, realizada em Indaiatuba, SP, a Igreja Católica decidira dedicar sua atenção aos métodos persuasivos das seitas neopentecostálicas e das lojas maçônicas, que desenvolviam campanhas para conquistar adeptos e aumentar sua atuação na sociedade. Dom Amauri Castanho revelou, em Jundiá, que os maçons eram donos de uma faculdade de direito, de um jornal e da melhor rádio da cidade. Esses meios de comunicação e de educação davam-lhes condições de melhor doutrinar a população.

No Rio de Janeiro, a intolerância religiosa foi abordada na Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, realizado na Associação Religiosa Israelita. Lá, o cardeal-arcebispo recebeu a solidariedade da comunidade hebraica. Como se percebe, nos momentos de apreensão, os grandes credos religiosos se aliam.

Em 28 de dezembro de 1995, no jornal *Correio do Povo*, o jornalista Mendes Ribeiro redigiu o seguinte artigo:

“O estardalhaço que a Rede Globo e alguns setores do governo federal fazem com a Igreja Universal não é nenhuma vontade de defesa da moral e dos bons costumes. Atrás do denunciamento, subjacente ao pretense interesse de desvendar práticas mercantilistas e abuso da boa vontade corre interesse finan-

ceiro. ... O que a Rede Globo faz não é mostrar práticas ilícitas e sim tentar enfraquecer um adversário que, em dez anos, abocanhou importante fatia do mercado publicitário e de audiência. Os trinta e cinco milhões de evangélicos representam um segmento de mercado que é preciso ser contido. E, talvez, o maior interesse: evitar o crescimento geométrico da Record e da Igreja Universal, que em poucos anos podem derrubar o império da Vênus Platinada. Pena que muitos embarquem nesse discurso fácil e falso da Globo, esquecendo-se de como o império foi construído e que tratamento foi dado a tantas denúncias já feitas. São lobos em pele de ovelha. Dos dois lados."

Por outro lado, surge a ameaça de mais um flagelo social, semelhante aos conflitos religiosos da Irlanda, da Índia e de outras nações.

Na cidade de Guaratuba, no Estado do Paraná, a seita **Lineamento Universal Superior** (LUS) foi acusada, em 1992, de ter sacrificado crianças.

Em 1973, chegou ao Brasil, procedente dos Estados Unidos, a seita **Meninos de Deus** que, depois de processos judiciais, mudou o nome para **A Família**. Sua atuação se estende por mais de cinquenta países. Nela, os adultos depravam crianças, praticam o incesto e induzem meninos e meninas a se prostituírem, com o objetivo de angariar dinheiro e novos adeptos. Foi expulsa da China onde, sob o pretexto de ensinar inglês, projetava filmes pornográficos, em hotéis e escolas, para adultos e menores de idade.

Da Índia chegaram várias seitas. Em 1983, o inventor da **Meditação Transcendental**, Maharishi Mahesh Yogi, comprou um hotel de luxo por 50 milhões de dólares. Os **Hare Krishna** investem nas mansões das zonas nobres. A respeito desta seita, muitos pensam ter provindo da Índia. Na verdade, ela foi fundada nos Estados Unidos,

em 1966, tendo sido financiada pela Coca-Cola e pelos milionários Ford e David Rockefeller. Rajneesh, tentou fazer, no Brasil, o que não conseguiu nos Estados Unidos, donde foi expulso por atentado coletivo ao pudor e perversão de costumes.

No auge do fanatismo, algumas dessas seitas já induziram seus seguidores ao suicídio coletivo. Em 1978, na Guiana, o reverendo Jim Jones fez com que 900 dos seus liderados se suicidassem, num mesmo momento.

Em julho de 1995, em Phoenix, Arizona, a justiça americana examinou um processo contra a **Igreja dos Inconscientes Mortais**, que induzia os seguidores a conceberem crianças para vendê-las. Nos bailes, os participantes dançavam despidos.

Na **Igreja Cientológica**, do pastor norte-americano Lafayette Ron Hubbard, foi pregado que, por meio da teoria *engram*, o discípulo poderia tornar-se um *tetano*, adquirindo poderes ilimitados. Seu livro sagrado, o *Excalibur*, faz as vezes da Bíblia e da Arca da Aliança, ao mesmo tempo, uma vez que é guardado no maior sigilo e promete levar à loucura, o temerário que o ler.

Os cientólogos são acusados de dominar a mente dos seguidores, conduzindo-os como autômatos, com o objetivo de dominar o mundo.

Se alguém procura denunciá-los, tem sua vida investigada nos menores detalhes, a fim de ridicularizá-lo perante a opinião pública.

No ano de 1995, o Japão contava com 183.581 grupos religiosos e místicos. O que mais tumulto causou, naquele ano, foi a **Aum Shinri Kyo**, o **Ensino da Verdade Suprema**, conduzida pelo fanático Shoko Asahara. Em março, seus seguidores espalharam no trem metropolitano de Tóquio, no horário de maior movimento de passageiros, o gás venenoso, chamado *sarin*. Morreram onze pessoas e outras cinco mil ficaram intoxicadas. Este gás é inodoro, incolor e, por ser mais pesado que o ar, flutua próximo à superfície do solo. Ataca o sistema

nervoso central e é vinte vezes mais letal que o usado nas câmaras de gás norte-americanas.

Um dos laboratórios da seita produzia bactérias, causadoras de botulismo, semelhante às usadas na Primeira Guerra Mundial. Mantinha toneladas de matéria-prima para a fabricação de explosivos. Seu arsenal era composto de armamentos leves, de máscaras contra gases e de um helicóptero militar russo.

A seita foi acusada de praticar seqüestros e de manter seus iniciantes em severos exercícios de jejum e de meditação. Os cadáveres dos sucumbidos eram cremados e as cinzas espalhadas, para que os parentes não tivessem conhecimento dos fatos. Ao arrombar as dependências, a polícia encontrou um número superior a cinquenta pessoas desnutridas e semiconscientes, em cubículos de dimensões exíguas, praticando o jejum ritual.

No Japão, detinha dez mil seguidores. Na Rússia, de dez a trinta mil e, sem dados numéricos, na Austrália, na Alemanha e nos Estados Unidos. Nesses países, submetia seus prosélitos a lavagens cerebrais.

Asahara, no seu livro, “O Desastre Se Aproxima Da Terra Do Sol Nascente”, previu a batalha do Armagedon para o período de 1997 a 2000, onde o Anticristo atacará o Japão com nuvens de gás dos Estados Unidos, dirigidas pela franco-maçonaria. Condena os americanos pelo envio ao Japão, de pornografia e maus alimentos. Intitula-se Sua Santidade, o Venerando Mestre, copiado do ritual maçônico. A doutrina é uma mistura de budismo com as crenças dos adoradores de Kali, a deusa da destruição.

Fundada no ano de 1987, a seita foi dissolvida pela justiça, em 1995. Nos oito anos, os discípulos deram a Asahara um patrimônio de oito milhões de dólares, em moedas fortes de vários países, vinte e dois lingotes de ouro, uma rede de lanchonetes, outra de restaurantes e lojas de computadores.

Em 1954, na Coréia, Sun Myung Moon, após o costumeiro sonho profético de todos os criadores de religiões, fundou a **Igreja da Unificação**. De lá, expandiu-a às Américas. Dos Estados Unidos, onde esteve preso até 1985 e multado em oito milhões de dólares, por sonegação do imposto de renda, concentrou a administração dos negócios no Uruguai, onde formou o quarto grupo financeiro do país, com mais de duzentos milhões de dólares. Dali, expandiu-se no Brasil. Em 1986, seus três milhões de fiéis, que lhe entregaram bens e salários, permitiram-lhe, em trinta e dois anos, acumular um capital superior a cinco bilhões de dólares.

Os discípulos também se submetem a uma disciplina rígida e conduta puritana. Celebra casamentos coletivos, onde os noivos são escolhidos pela seita. Aproveita as ocasiões para exibir espetáculos de grande misticismo.

No final da década de 1980, seu poder político era capaz de desestabilizar governos. O congresso americano qualificou a Igreja da Unificação como um partido internacional. Seus negócios, ao redor do mundo, abrangem a indústria de armamentos, fábricas, comércio internacional, bancos, hotéis, jornais e editoras. Nos países em que se instala, dispõe dos melhores advogados, os quais processam quem ousa denunciar suas atividades. Como tantos outros investidores na indústria sacra, levantou seu patrimônio sem nenhum investimento inicial.

Em Corrientes, uma das mais importantes províncias argentinas, Moon, o estimado amigo dos ditadores latino-americanos, comprou mais de 700 hectares de terras, colonizando-as com comunidades ideais, que *proporcionarão, aos eleitos, o retorno às fontes da vida*. Em 29 de dezembro de 1997, celebrará, em Seul, capital da Coréia do Sul, o casamento de 3,6 milhões de pares, numa cerimônia simultânea em 163 países, transmitida por satélite. Na última cerimônia desta espécie, realizada em janeiro de 1996, milhares de sul-coreanos foram

separados de suas esposas filipinas, antes escolhidas pela Igreja da Unificação. Desmascarando a farsa, o governo filipino acusou a seita de levar para Seul, mulheres do seu país, transformando-as em escravas.

Pensando em votos, o Partido Social Socialista, ex Partido Comunista Brasileiro, decidiu, em novembro de 1995, apoiar, formalmente, os evangélicos, pensando nas próximas eleições municipais. Assim, os pastores neopentecostálicos aliam o poder do fanatismo ao político, fortalecendo-se ante as grandes religiões convencionais.

Na mesma época, um fato sintomático ocorreu no Rio de Janeiro. Um pastor da Assembléia de Deus agrediu, a socos e pontapés, uma professora, com seis meses de gravidez, pelo fato dela estar se demorando num telefone público. Mostrou que praticam o oposto daquilo que apregoam.

As religiões também servem de guarida a movimentos racistas. No ano de 1963, nos Estados Unidos, o pastor Martin Luther King liderou uma passeata de 200 mil negros, em prol dos seus direitos. Até aquela época, os bebedouros, os assentos dos ônibus, as escolas e tantas outras utilidades, não podiam ser compartilhadas por pessoas de cor. Os índios, ainda sofriam piores discriminações, apesar de todas as maldades, sevícias e roubos que os brancos sempre lhes causaram. Trinta e dois anos depois, em 1995, novo passeio foi realizado, com mais de um milhão de negros, conduzidos pelo grupo **Nação do Islã**. Em seu discurso, o líder, Louis Farakhan disse serem os judeus, as sanguessugas dos americanos. A segunda jornada reivindicou para o povo afro-americano a melhoria de condições de vida, a devida dignidade e a reintegração da família. A separação racial vem reforçar a predição de uma vidente, quando declarou que os Estados Unidos irão enfrentar uma luta inter-racial.

O estratagema dos novos messias é, quase sempre, o mesmo. Joseph Smith, o fundador dos mórmons, **Igreja de Cristo dos Santos dos Últimos Dias**, era visitado por Jesus e tinha visões apocalípticas. Paul Twitchell, do **Movimento Eckankar** e o reverendo Moon, da mesma forma, viram Jesus em sonhos e aparições, que lhes ordenou a fundação de novas igrejas e salvar a humanidade. Imitam a sagacidade de Moisés, que recebeu o Decálogo das mãos de Deus. }

Ardil semelhante utilizam as sociedades secretas, que prometem revelar mistérios e domínios de certos poderes. A proliferação de seitas, sociedades ocultistas e cultos apocalípticos tem como uma das causas, a incapacidade dos indivíduos para dominar as crises sociais, danosas às estruturas emocionais, físicas e morais das pessoas. A epidemia da cólera, em Marselha e no País de Gales, fez ressurgir a religiosidade católica. Os flagelos sociais levam, no Brasil, multidões a igrejas, casas espíritas e cultos ridículos. As pesquisas psicológicas revelam que as pessoas mais seduzidas pelas seitas, são as de estrutura moral rígida, as que se encontram emocionalmente desequilibradas, que carecem de afeto e não são reconhecidas na profissão nem na sociedade. Por outro lado, os sedutores são os que possuem carisma, sabem captar as carências alheias e dizer aquilo que os inseguros desejam ouvir.

Abstraindo as causas político-econômicas e observando apenas a superficialidade, ficamos a indagar sobre a irracionalidade das lutas inter-cristiânicas na Irlanda e outros países, na imprevidência papal, no temperamentalismo luterano e na incapacidade da diplomacia cristã, que provocaram a Reforma Protestante, de 1517. Esta, pela segunda vez, rasgou a cortina do templo, para gerar um Terceiro Testamento, desmembrador da hegemonia eclesiástica. Possivelmente, um Quarto surgirá após o segundo milênio, quando a Ciência derrubar a impostura da História Teocrática.

Também é interessante questionar as declarações da *mídia*, quando sabêmo-la atrelada aos donos do poder. Jim Jones foi um pastor que tirou muitas pessoas da marginalidade, dando-lhes dignidade, qualificação profissional e ocupação. Na invasão de seu sítio por forças policiais e paramilitares, somente o *Washington Post* teve acesso às primeiras notícias. Teria ele, de fato, induzido seus seguidores a um fanático suicídio coletivo, ou preferiu vê-los se suicidando do que metralhados cruelmente pelo sistema político-econômico, que não suporta outra estrutura que ameace seus privilégios? Asahara, até o presente momento, somente foi acusado. Ninguém se apresentou, ou pôde se apresentar, para defendê-lo. Por que mataria seus compatriotas, quando o objetivo era angariar prosélitos? Seria tão obtuso em praticar assassinatos em massa, somente para conquistar a simpatia popular ou de seus seguidores? Os assassinatos não poderiam ter sido cometidos por ordem do poder maior, atribuindo-lhe a culpa? Suas filosofia e doutrina não poderiam, igualmente, por em risco a estabilidade e as vantagens do sistema todo-poderoso?

A Arqueologia, desmistificando as bases doutrinárias judaico-cristãs, comprovou que Moisés não era judeu, nem recebeu de Deus, o Decálogo. Houston Stewart Chamberlain, através dela, certificou-se de que Jesus, também, não o foi. Este equívoco se desmascarou pelo fato dele ser alcunhado de *Galileu*. O nome **Galiléia** é uma impropriedade, uma vez que o correto é **Gelil Haggoyim**, que se traduz por **Terra Pagã** ou **Terra Gentia**. Além disso, o direito positivo judaico só permitia a sentença de morte a um *mestih*, ou seja, aquele que tentasse fender a unidade racial e política da federação. Assim, a História falha, quando conta que o cristianismo proveio do judaísmo. Cristo foi um segundo messias o qual, pregando sua doutrina em território hebreu, ameaçou o primeiro, o próprio povo judaico. Por isso, foi condenado a morrer da forma mais execrável para os hebreus, na cruz, porque,

como nos ensinam as abelhas, duas rainhas não convivem na mesma colmeia.

O cristianismo se fez pela negação do nacionalismo hebraico e da sua predestinação racial. A inovação cristã é a antítese do dogmatismo judeu. O Pai de Jesus e, de todos, é universal e o Deus de todos. Jeová é, ao contrário, uma divindade exclusiva das tribos jeovitas.

O Sinédrio, dos setenta eleitos, tem sido a direção política do judaísmo mundial. Desde antes do nascimento de Cristo, ele não tem tolerado outra forma de messianismo que não seja o hebraico. Cristo, ao anunciar um império divino, não pertencente a este mundo, afrontou-o diametralmente. Ainda mais, disse que o reino de Deus abriga todos os que o merecem, sem distinguir qualquer raça. Logo, uma monarquia, como esta, pacificaria e apagaria o entusiasmo revolucionário dos hebreus, com respeito à realidade mundial. Tal fato tiraria dos sinedristas, sua melhor arma ofensiva. Portanto, só restou ao Sinédrio, a alternativa de aniquilar a doutrina de Jesus, sem a mínima delonga. Se assim não o fizesse, cairia o logro da raça eleita por Deus e suas aspirações de herdeiros e condutores da humanidade e de toda a Terra. Assemelhou-se à atitude de Israel, em 1981, quando, em estado de paz, num ataque aéreo preventivo, destruiu a central atômica de Osirak, do Iraque, impedindo que este o atacasse, no futuro, com bombas nucleares. Evidentemente, outro país, pelo conceito da ONU, não poderia realizar tal proeza.

Considerando a humanidade como uma grande colmeia. Dando crédito à doutrina maniqueísta, segundo a qual, o universo é a criação de dois princípios que se combatem, o bem (Deus) e o mal (o demônio). De que, no mundo, sempre existiu duas potências antagônicas: Roma e Cartago, civilizados e bárbaros, capitalismo e comunismo, Estados Unidos e União Soviética, percebemos que essas superficialidades distraem a atenção de duas outras potências, as quais se digladiaram, silenciosamente, nas profundezas, há dois milênios: o Clero e o

Sinédrio, também chamado de Sionismo. A observação faz crer que o sionismo derrotou o clericalismo. Este, para não ser destruído e continuar a reinar, embora não governando, aliou-se, como sócio minoritário, ao controlador hebraico, na grande Companhia da Fé, do Poder e da Riqueza.

O judaísmo não é uma religião revelada, mas, sim, uma legislação outorgada por Moisés, sob o engodo da inspiração divina. É uma federação tribal que compôs, ao longo do tempo, uma doutrina política e moral exclusiva, recheada de misticismo e expurgando os outros povos.

Incluindo o islamismo, nenhuma das três tem autoridade para condenar qualquer outra seita ou religião. O imperialismo judaico-cristão, aliado às monarquias dominantes da Europa, ensanguentou e saqueou os demais continentes, roubando-lhes as riquezas e destruindo civilizações, como as da América Central, que poderiam oferecer uma preciosa herança cultural e científica à raça humana atual. Também os islamitas banharam com sangue as páginas da História. Um dos chapéus islâmicos, chama-se **fez**. **Fez** foi o nome de uma cidade cristã, na qual os muçulmanos marroquinos chacinaram toda a população. Como regozijo, imergiram seus turbantes nas poças de sangue, tingindo-os de vermelho. Daí vem o nome **fez vermelho**, que é o barrete circular, usado pelos turcos e pelos maçons de grau 33.

Omar, o criador do castigo do chicote para os alcoólatras, incendiou a mais famosa biblioteca do mundo, a de Alexandria, pelo fato de ter encontrado algumas obras contrárias à religião muçulmana.

O maometismo é uma compilação majoritária do judaísmo e, minoritária do cristianismo. Alá é o único deus e Maomé, o seu profeta. Considera que os idólatras devem ser assassinados. Por ser uma religião masculina, os eleitos desfrutarão, no Céu, de huris, as belas mulheres virgens, embebedar-se-ão sem tontura, com os melhores

vinhos, vestir-se-ão com roupas de seda, enfeitar-se-ão com jóias de ouro, engastadas com pérolas e pedras preciosas.

O islamismo aceita o coito anal, porque proíbe a ejaculação interrompida. Daí, uma das causas do alto índice de sodomia entre os turcos, apesar da homossexualidade ser punida com a pena de morte.

A Igreja prega o amor e a paz, mas pratica a prepotência. A maioria dos lugares sagrados cristãos, na Europa, foram, antes do advento do cristianismo, centros religiosos druídicos, tomados pela força. Cristo, pelo altruísmo, procurou aproximar da Terra o reino de Deus. O clero realizou o contrário: os dogmas e rituais tomaram o lugar da virtude e da moral. Os homens, em lugar de se aproximarem, separaram-se em várias seitas hostis. Os cristãos, em vez do reto proceder, compraram indulgências para obter bons lugares no Céu.

Todas as igrejas cristãs enfatizam o **pecado original**. Jesus jamais se referiu a ele, nem à sua eterna condenação. Há, ainda, outra contradição excêntrica. Deus não perdoou Adão e Eva, por terem comido o fruto da árvore proibida e condenou Caim, por ter assassinado seu irmão, Abel. No entanto, perdoou os assassinos de Jesus, seu filho muito amado.

A teocracia cristã tornou-se potência hegemônica ocidental em 313, quando o imperador romano, Constantino, lhe garantiu a paz e, depois a transformou em religião oficial, estabelecendo o início da Idade Média. Um dos *tiros de canhão* mais contundentes que sofreu das sociedades secretas, ocorreu em 1517, quando Martinho Lutero e Zwínglio provocaram a secessão protestante. As mesmas sociedades determinaram o fim da Idade Moderna e da supremacia papal, em 1789, quando, pela Revolução Francesa, entronizaram o reinado da deusa Razão, que o clero chama de “prostituta com os seios desnudos”.

O que ocorre nas pequenas seitas e religiões, igualmente se repete nas grandes. Na década de 1990, um laboratório ligado ao protes-

tantismo, comercializava um produto dietético que, na bula, afirmava ter as vitaminas e sais minerais que o corpo necessita. Feito o exame laboratorial, as autoridades constataram conter somente água, açúcar e corante.

Se, em trinta anos, a exploração da fé proporcionou ao reverendo Moon um patrimônio de mais de cinco bilhões de dólares e a capacidade de derrubar governos, pode-se avaliar a do protestantismo, com uma vida de cinco séculos, do catolicismo, com vinte, e do judaísmo, com sessenta.

Na década de 1970, a revista inglesa *The Economist*, superficialmente, calculou a fortuna do Vaticano em seis bilhões de dólares, não considerando os valores dos palácios e obras de arte. A norte-americana, *Time*, concluiu que, em 1974, as propriedades imobiliárias da Igreja, nos Estados Unidos, eram capazes de comprar as quatro maiores empresas do país. Em Fort Knox, ela tem guardado barras de ouro, no valor de dois bilhões de dólares.

Na Itália, é de conhecimento público sua participação no laboratório Serona, que fabrica o anticoncepcional Luteolo, no Banco Unione e na empresa marítima Linea C, que tem cassinos para os passageiros.

Também na Itália, a operação *Mãos Limpas*, destinada a combater as atividades da Máfia, descobriu, em 1993, que o monsenhor Salvatore Cassira e o cardeal Fiorenzo Angelini, operadores da saúde da cúria romana, receberam propinas de empresários, envolvidos com escândalos de corrupção. O cardeal Angelini recebeu US\$ 45,000.00 das indústrias farmacêuticas, em troca do apoio aos aumentos de preços de remédios subsidiados pelo sistema nacional de saúde e da inclusão das chamadas “drogas inúteis”, onde, da mesma forma, esteve envolvida a loja maçônica P-2 (Propaganda - 2), liderada por Lício Gelli, preso na Suíça com mais de 100 lingotes de ouro, moedas do

império romano, rublos de ouro, do czar, jóias e diamantes, num total de US\$ 200 milhões.

A loja P-2 foi fundada em 1966 (coincidindo com o ano da fundação da Hare Krishna) por Giordano Gamberini. Era um centro de tráfico de influências e da permuta de segredos políticos e militares. Dentre seus filiados estavam o ministro da Justiça, Adolfo Sarti e o primeiro ministro Giúlio Andreotti; o chefe do estado maior das forças armadas, general Torrisi, os encarregados dos órgãos de segurança e de todos os chefes dos serviços de inteligência; 19 juízes, magistrados e advogados; quase todos os chefes dos partidos políticos; banqueiros, proprietários de jornais e editoras e 58 professores universitários. Todos juravam obediência a Lício Gelli, que foi um dos brilhantes agentes da KGB soviética.

Em agosto de 1994, a imprensa publicou uma nova versão sobre a tentativa de assassinato do papa João Paulo II, na Praça de São Pedro, em 13 de maio de 1981. Perante a corte italiana, o terrorista muçulmano Mehmet Ali Agca declarou ter agido a soldo da alta hierarquia da Santa Sé. Se João Paulo II (Karol Joseph Wojtila) foi apenas ferido, pior sorte teve seu antecessor e sucessor de Paulo VI, Paulo I. Luciani, o papa João Paulo I, envenenado por cardeais anticristãos.

João Paulo I, revoltado com as negociatas do cardeal norte-americano, Paul Marcinkus, presidente do Instituto de Obras do Vaticano (o banco da Igreja Católica), que recebeu a propina de 3,3 milhões de dólares pela venda de 43% das ações do Banco Católico do Vêneto, determinou que as finanças da Igreja não deveriam permanecer ocultas e que o cardeal deveria ser substituído. Insistia, outrossim, que um religioso não deveria ocupar a direção de bancos e, muito menos, envolver-se em transações espúrias. Trinta e três dias após as declarações, João Paulo I morria. Na sua última aparição em público, apresentou sintomas de desfalecimento. Segundo as personagens dos bastidores, sofrera a ingestão traiçoeira de altas doses de sedativos.

Dali em diante, as informações da Santa Sé eram de que seu estado de saúde piorava gradativamente. Sua morte assemelhou-se a de Napoleão Bonaparte, na ilha de Santa Helena, assassinado pelos ingleses. A Igreja não permitiu a autópsia do cadáver.

As negociatas de Marcinkus não pararam. Com o sócio Roberto Calvi, venerável mestre da loja P-2 e fabricantes de armas no Panamá, desviaram, em 1981, US\$ 1,4 bilhão do Banco Ambrosiano, também do Vaticano.

Na manhã de 18 de junho de 1982, Calvi apareceu enforcado, em Londres, sob a ponte Blackfriars. O outro participante, mafioso e membro da mesma loja, Michele Sindona, foi envenenado numa prisão italiana, em 1986. Como a Itália não tem jurisdição sobre o Vaticano, Marcinkus permaneceu em liberdade.

Depois que as sociedades secretas a derrotaram, os abastados lhes viraram as costas. Sendo a Igreja uma grande empresa mundial, precisa de receita e, como tal, vai buscá-la nas esmolas dos pobres e na diversificação dos seus investimentos. Também aliou-se a seus ex inimigos, os comunistas, que tanto combateu.

A reforma agrária mostra que a cor atual do clero não é mais branca, como poucas vezes foi, mas, vermelha, a cor do sangue e da violência. O **Movimento Sem Terra**, no Brasil dos anos de 90, não é apenas um movimento de trabalhadores pobres à procura de terras aráveis. Ao contrário, é uma organização paramilitar, com tropas treinadas, que, por trás das foices e das enxadas, escondem bombas incendiárias e armas, adequadas à guerrilha. Do Peru, vem peritos guerrilheiros, conhecedores dos modernos planejamentos militares. O Movimento Sem Terra possui sede própria e é administrado por técnicos com grande experiência profissional. Não aceitam a negociação, sua ação se faz pela invasão, pela agressão aos proprietários, aos empregados e ao patrimônio. Nas estâncias que invadem, cavam trincheiras e, quando a Justiça os expulsa, esses redutos são enchidos com

galões de gasolina e outros produtos com que fazem as bombas *molo-tof*, envenenando e esterilizando o solo. Destroem reservas nativas, de que a humanidade e os animais tanto necessitam. Queimam os campos, destroem as pastagens, os equipamentos das lavouras e matam o gado. Para recuperá-la, o dono da terra paga, somente de honorários advocatícios, 10% do seu valor. Despesa que deveria ser cobrada dos invasores, injustiça que um Poder Judiciário, nepotista e abastado, não quer reconhecer. Isso ocorre num país que, hipócritamente, se gaba de possuir uma das mais avançadas constituições do mundo. Ignorando as exceções e as propriedades conseguidas pela fraude, quem possui terras, pagou para adquiri-las. Para isso, teve, antes, de trabalhar e poupar. Os *sem terras* recebem-nas gratuitamente, porque, quem as paga, é a classe média que trabalha, poupa e é escorchada com pesados tributos, pelos governos demagógicos. Em abril de 1996, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) pressionou o governo federal para a aprovação da Lei do Rito Sumário, que determina a passagem das terras ocupadas pelos “sem terra” para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em dois dias e, da Lei do Despejo, que impede a concessão de liminares, pelos proprietários, prevendo a desapropriação das terras ocupadas pelos invasores. Outra vez, foi desrespeitado o direito constitucional à propriedade privada e a tentativa de retorno a um método ultrapassado, que falhou no próprio comunismo soviético.

Em resumo, as abelhas e as formigas trabalham para sustentar os zangões do governo e as cigarras que invadem o campo. Dentre os grupos poderosos, que estão na retaguarda desse movimento, encontra-se a Igreja, através das **Pastorais da Terra** e da **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)**.

No século passado, os emigrantes rumavam ao Brasil, devido ao excesso populacional e de terras agrícolas indisponíveis. Até a primeira metade do século XX, os colonos brasileiros, que não podiam

comprar seus sítios, emigravam para outros países, como o Paraguai. No final da segunda metade deste século, os valores se inverteram. Quem trabalhou e poupou para comprar a sua colônia, não é mais senhor dela e, ainda por cima, é tachado de carrasco, opressor e desalmado. Os agricultores produtivos e que detêm a tecnologia agrária, temem continuar plantando no Brasil. Transferem-se para a Argentina, que os abriga de braços abertos, pois sabe que sua economia agrária será beneficiada. O *sem terra*, agressor, é mimado como a pobre vítima. Sendo a Igreja uma grande latifundiária, deveria seguir as palavras de Cristo e repartir seus sítios devolutos com aqueles que querem plantar. Cristo nunca morou em palácios, como o do Vaticano e de Castelgandolfo; nunca sentou-se em tronos ou foi transportado em liteiras de ouro. Quando se dirigiu aos mercadores do templo e aos fariseus, chamou-os de **raça de víboras**, como se aprende nas aulas de catecismo das próprias escolas católicas.

É compreensível desapropriar terras devolutas e indenizar os proprietários com o justo valor. Porém é intolerável tirá-las dos que trabalham com produtividade e se esforçam para viver condignamente e de forma pacífica, para dá-las a indivíduos que, muitas vezes, nada entendem de agricultura e, igualmente, se prestam como negociatas dos representantes do governo. Diz, a sabedoria popular, que *não se deve despir um santo para vestir outro*. Se o clero fosse bem intencionado, deveria lembrar-se da fábula do **Aprendiz de Feiticeiro**. Os padres estão gerando um **golem**, prestes a tornar-se incontrollável e que, em pouco tempo, poderá despedaçá-los.

Hoje, é o **Movimento Sem Terra**, amanhã, o **Movimento Sem Teto**, que já está se fortalecendo e exigindo a reforma urbana, e, logo depois, a guerra civil. Aí, os padres lavarão as mãos, dizendo que a Igreja não tem nenhuma culpa, isto é, se não surgirem novos jacobinos, que farão, no Brasil, o que já fizeram na França. Faria bem à

Igreja e seus aliados subversivos lerem as máximas de Abraham Lincoln:

“Não criarás a prosperidade se desestimulares a poupança.

Não fortalecerás os fracos se enfraqueceres os fortes.

Não ajudarás o assalariado se arruinares aqueles que o pagam.

Não estimularás a fraternidade humana se alimentares o ódio de classes.

Não ajudarás os pobres se eliminares os ricos.

Não poderás criar estabilidade permanente baseada em dinheiro emprestado.

Não evitarás dificuldades se gastares mais do que ganhas.

Não fortalecerás a dignidade e o ânimo se subtraíres ao homem a iniciativa e a liberdade.

Não poderás ajudar os homens de maneira permanente se fizeres por eles aquilo que eles podem e devem fazer por si próprios.”

Quanto ao pudor, o que nos lembra o Vaticano?

- * O papa Alexandre VI foi amante de uma mulher casada, chamada Rosa Vanozza. Com ela teve cinco filhos, dentre os quais César e Lucrecia Borgia. Morreu envenenado, segundo conta a tradição, por uma bebida que tomou por descuido, e que tinha mandado preparar para matar um cardeal, cujos bens queria se apoderar.
- * O abade francês Choisy, que viveu no século XVII, desejava tanto ser mulher, que se trajava com vestes femininas e
- * as torturas, durante a Inquisição, espetáculos oferecidos aos sádicos, que pagavam para ver os suplícios dos indefesos.

Em 1991, o então presidente da CNBB, referindo-se aos políticos brasileiros, assim os qualificou:

“Homens públicos; degradação moral.”

Vem à memória, outro provérbio popular. **“Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és.”** Assim, cabe perguntar: Quem é don Luciano Mendes de Almeida, o autor desta frase? Não parece ser um coxo, falando mal do perneta?

A Igreja é a santa defensora dos direitos humanos. Publicou um livro, intitulado **“Brasil, Nunca Mais”**, apontando os crimes perpetrados pelos militares brasileiros, na ditadura de 1964. Deveria incluir um **mea culpa** e relatar certas façanhas, como a de Maria, a cruel rainha inglesa, do século XVI, ao alardear que as almas dos hereges não deveriam arder eternamente só no inferno, mas, antes disso, nada melhor do que queimá-los vivos, na Terra, para, com isso, auxiliar a vingança de Deus. O astrônomo Galileu Galilei foi condenado a morrer queimado pela Inquisição, por ter afirmado que a Terra se movia ao redor do Sol (sistema heliocêntrico), contrariando Cláudio Ptolomeu, que afirmava o contrário (sistema geocêntrico). Para salvar-se da fogueira, Galilei renunciou sua verdade, tendo sua pena comutada para a prisão perpétua. No século XVII, a brutalidade e estupidez dos inquisidores foi tamanha, que condenaram a ser assado vivo, na fogueira, um pobre cavalo, cujo dono lhe tinha ensinado algumas habilidades. Só num século, a Inquisição queimou nove mil pessoas. O que os cristãos primitivos sofreram, nas mãos dos judeus e dos romanos, os posteriores repetiram, mais tarde, com aqueles que discordavam de suas opiniões. Durante a colonização da América do Norte, os índios viam, no deus dos brancos, um demônio mau, sanguinolento e hostil a eles. Esta foi a causa dos peles vermelhas terem massacrado, em 1570, os primeiros missionários que pregavam o Evangelho.

Infelizmente, a monarquia da época não foi melhor que a inquisição católica.

Se os escravos tinham razão de se queixar da Companhia das Índias e da Inglaterra, o mesmo tinham os servos da gleba, em relação

aos senhores feudais, amparados, legalmente, pela Monarquia e pela Igreja. Um exemplo degradante foi o ***direito de primeira noite***, costume que vigorou na Europa Medieval com poder jurídico, no qual o suserano tinha o direito de coabitar, durante a primeira noite, após as bodas, com qualquer moça do seu feudo, que viesse a se casar. Hoje, na Era da Informática, vive-se com a mesma mentalidade medieval. A gleba é o espaço do escritório ou da fábrica. O servo é o empregado e o senhor feudal, o patrão. *o espaço da ambição e do poder*

O que a Igreja tem feito, também as outras religiões a acompanham.

Henrique VIII renegou o catolicismo e criou a Igreja Anglicana para casar-se com Ana de Bolena. Casou-se seis vezes e mandou executar duas de suas esposas. Calvino, sucessor de Lutero, ordenou que Miguel Servet ou Servetus, um dos homens mais notáveis do seu tempo, fosse queimado vivo.

A Maçonaria também gostava de fritar pessoas vivas. Quando Edward Benes, grão-mestre maçom, considerado **bel esprit** e grande humanista, entrou em Praga, capital da Checoslováquia, no domingo de 13 de maio de 1945, seus seguidores lhe prepararam uma homenagem fraternal. Na praça São Venceslau, muitos cidadãos alemães jaziam pendurados pelos pés e encharcados de gasolina. Quando o grande humanista aproximou-se deles, com pompa e circunstância, seus corpos transformaram-se em tochas vivas. Em 1955, em Buenos Aires, Argentina, o cardeal Antônio Quaracino, acusou-os de terem criado um anticlericalismo no país, culpando-os pelos incêndios de igrejas. Esta denúncia possui precedente. Durante a Revolução Espanhola, incendiaram templos e conventos com suas inestimáveis bibliotecas e obras de arte.

Um dos motivos dos inquisidores católicos terem criado o suplício da fogueira, foi o medo que tinham das almas dos bruxos e das feiticeiras. Acreditavam, como ainda hoje muito se crê, que o fogo

destruía não só o corpo como também o *duplo etéreo*, erroneamente, chamado de alma ou corpo astral. Os duplos não queimados, poderiam aparecer a qualquer momento, tornando-se motivo de perigos, vinganças e malefícios. Se queimados, estariam destruídos para sempre, a exemplo das estacas de madeira, cravadas nos corações dos vampiros humanos, ou balas de prata ou de chifre de boi brasino, despontadas na sexta-feira santa, para matar os lobisomens.

Na Índia, em certas oferendas às divindades, queimava-se uma pessoa viva em fogo lento. As lágrimas derramadas obrigavam os deuses a enviar chuvas abundantes. As viúvas também eram queimadas com vida, junto com os cadáveres dos maridos; eram consideradas seres desprezíveis, às quais se concedia, quando muito, a possibilidade de viver.

As perversidades judaicas, igualmente, consternaram a humanidade, ao longo da História. As primeiras perseguições aos cristãos começaram pelo próprio Jesus, crucificado por ter atrapalhado o sistema financeiro judaico. Santo Estêvão foi apedrejado e, em 62, fizeram o mesmo com São Jacó, por ordem do Sinédrio. A primeira perseguição dos romanos, contra os cristãos caluniados, foi ordenada por Nero, instigado por sua esposa judia, Popea Sabina.

À respeito deste fato, o cinema, as escolas e os historiadores oficiais omitem a outra parte da história. Na ânsia de poder e conquista, os romanos dominaram a Europa e a África, incluindo a Judéia. Pertencentes ao império romano, os judeus empregaram o tino comercial para se infiltrarem no poder e na economia de Roma, tentando solapá-la com sedições.

No ano 66 d. C., Popea Sabina, aproveitando a ausência do marido, na cidade, e fingindo transmitir ordens dele, ordenou o incêndio de Roma, atribuindo a culpa aos cristãos. Ao retornar, Nero a matou. A conspiração judaica foi sufocada por Vespasiano. Seu filho,

Tito, o próximo imperador, como revide, destruiu Jerusalém e o Templo de Salomão, no ano 70.

A segunda trama ocorreu em 116, dominada por Trajano. A terceira foi comandada por Bar Kochba, que se proclamara o messias judaico, em 136. Adriano o executou, impondo a diáspora aos hebreus, ou seja a dispersão judaica pelo mundo.

Aproximadamente, no ano 100, degolaram mais de 220 mil pessoas, na Cirenaica. Ao arrasarem Salamina, em Chipre, massacraram 250 mil gregos. Os outros 250 mil, aprisionados, foram esfolados vivos. Em 712, quando os espanhóis guerreavam contra os mouros, traiçoeiramente, abriram as portas da cidade de Toledo, onde os muçulmanos mataram todos os cristãos. O mesmo fizeram na França, entregando aos árabes a cidade de Toulouse. No século XX, durante a Primeira Guerra Mundial, foram, novamente, acusados de conspirar contra os povos que os hospedam. No livro *Minha Luta*, no capítulo sétimo, do primeiro tomo, Hitler os acusou de terem sido os causadores da derrota da Alemanha. Escreveu que, na última hora, quando a vitória começava a se decidir a favor das bandeiras germânicas, deram-lhe o golpe mortal, tornando o sucesso impossível: por um lado, através de greves, paralizaram todas as fábricas de munições e, logo em seguida, a indústria; por outro, a imprensa israelita, no auge das lutas decisivas, estimulou o pacifismo e jogou a opinião pública contra o seu exército.

A festa do **Purin** é o único dia de júbilo nacional, em que o povo judeu pode embriagar-se. Comemoram a morte de Haman, seus dez filhos e 75 mil vassalos persas, na cidade de Shushan e províncias. Aquela matança foi ordenada, de forma equivocada, pelo imperador Assuero, que acreditou na intriga de Ester, sua esposa judia e do tio dela, Mordequai. Moisés massacrrou, como sacrificio a Jeová, três mil dos seus compatriotas. Davi, quando tomou a cidade de Rabbat, matou e cortou em pedaços todos os seus habitantes. O profeta Isaías, autor

de um evangelho apócrifo, foi serrado ao meio, por ordem de Manassés, criticado por ele, devido a sua vida dissoluta.

A **via crucis** do povo palestino, neste século, começou com a criação do Estado de Israel. Em 1947, a ONU lhe tirou 58% do território fértil, entregando-o ao Estado judeu. A exemplo do que os norteamericanos fizeram com os peles-vermelhas, colocando-os em campos de concentração, apelidados de *reservas*, os judeus o reprisaram com os palestinos. Em 1965, depois de terem obtido mais de 250 resoluções favoráveis da ONU e de terem frustradas as opções pacíficas, os palestinos resolveram recorrer às armas. Logo foram acusados por Israel e pelas potências ocidentais de terroristas. O primeiro massacre judeu, contra eles, ocorreu em 9 de abril de 1948, em Der Yassin, ordenado por Menahem Begin, forçando-os a abandonar o território. A partir daquela data, as tropas israelenses os têm baleados e torturados, ignorando a idade, o sexo e quem está armado ou desarmado. Os braços das crianças são quebrados, para não jogarem pedras nos soldados.

As mulheres grávidas têm sido esfaqueadas e atingidas por bombas de gás lacrimogêneo, de efeito abortivo, fabricadas pelos norteamericanos. Os homens são metralhados nos órgãos genitais, para não poderem procriar.

Durante o mês de outubro de 1967 Israel tentou desviar o curso do rio Nilo, fato que o Egito jamais poderia aceitar, uma vez que suas águas lhe são de vital importância. Ao Egito, auxiliado pela Síria e Jordânia, não restava outro recurso, senão o das armas, a fim de conter a agressão. O conflito de sete dias foi denominado de Guerra do *Yom Kippur*, em alusão à festa judaica do Dia do Perdão. Por meio de satélites espões, os Estados Unidos forneceram ao exército israelita todos os alvos árabes e as colônias judaicas do mundo, os recursos para o financiamento bélico. A fácil vitória israelense proporcionou-lhe a anexação de mais territórios árabes, como as colinas de Golan, tomadas da Síria.

Em novembro de 1982, o primeiro-ministro Begin e o general Sharon ordenaram o cerco militar aos campos de refugiados de Sabra e Chatila. Nenhum palestino podia sair deles. Na madrugada de quinta-feira, trinta caminhões, carregados de milicianos cristãos e de israelitas entraram nos locais. A fim de evitar o barulho, começaram por apunhalar e degolar a população civil, não poupando ninguém. Pela manhã, os que saíam às ruas eram fuzilados. Depois, invadiam as casas, assassinando a todos e dinamitando-as. Somente numa das valas, foram enterradas 200 crianças. O massacre da população indefesa mostrou as faces sanguinárias da Cruz de Cristo aliada à Estrela de Davi, contra o povo islâmico.

Em 1984 o israelense Ehud Yaton, alto funcionário do Serviço de Segurança Interior, foi promovido pelo presidente Hain Herzog por ter assassinado, a sangue frio, dois prisioneiros palestinos indefesos, com pedradas na cabeça. Heud declarou-se orgulhoso pela execução que praticou. No mês de abril de 1996, a Anistia Internacional revelou que, durante os 17 dias da operação “Vinhas da Ira”, Israel bombardeou propositadamente o campo de refugiados palestinos da ONU, matando 110 civis. Dentre os libaneses, mataram 179 e feriram 300.

Na revista *Terceiro Mundo*, nº 64, de agosto de 1984, consta um artigo intitulado “Palestinos cristãos: perseguição em dobro” com relatos a respeito do duplo acossamento aos palestinos cristãos. Em certo trecho consta: “Atualmente, em Israel, se mudou o sinal que simboliza a soma matemática. Não é mais uma cruz, mas um T”. T é a letra hebraica *tau*, onde, segundo o relato bíblico dos judeus no Egito, estava apoiada a serpente de bronze. Dessa maneira, em vez de escreverem $2 + 2 = 4$, usam $2 \text{ T } 2 = 4$.

Parodiando um presidente mexicano, que lamentava estar o México ao lado dos Estados Unidos, certo imigrante sírio-libanês proferiu: “Pobre mundo árabe, tão longe de Deus e tão perto dos judeus!”

Antônio da Silva Mello escreveu que Moisés, nas suas aspirações pessoais e nas fulminações públicas, era parecidíssimo com Hitler e Mussolini.

A tradição judaica revela que Moloch repastava-se com o sangue dos primogênitos. Jeová, da mesma forma, era sanguinário, pois deleitava-se com o cheiro de sangue e apreciava os horrores desse gênero.

A superstição e o fanatismo religioso sempre foram catastróficos à humanidade. O sacrifício cruento de animais e seres humanos tinha, por escopo, redimir os sofrimentos pela dor do sacrificado. O espargir do sangue significa uma aliança com Deus e a transferência de energia vital. Nas cerimônias rituais denota a vitalidade devolvida aos deuses, que, em troca, beneficia a tribo do sacrificado. Igualmente, destinava-se a aplacar a ira divina. Para os demônios, em acréscimo, se oferecia, conforme a finalidade, o mênstruo da mulher e o sangue coagulado dos cadáveres. O sacrificado, em muitos casos, prestava-se como um mensageiro da comunidade, enviado ao plano espiritual, para interceder em favor dos seus contrerrâneos vivos.

O ardor religioso é tolerado pelos governos porque sabem que o misticismo é uma emulação, que torna invencível o homem que luta por um ideal, do qual sabem tirar proveito.

Por meio da teoria da informação, compreende-se como as sociedades secretas se utilizam da cabala para, através dos seus símbolos, transmitir aos iniciados os pequenos e grandes mistérios. A décima-sexta carta, dos arcanos maiores do tarô é a Torre, atingida por um raio, a Torre de Babel, expressão cifrada, onde se vê um rei e outra pessoa despencando dela. Nos grandes mistérios representa a destruição da fortificação que encastela a monarquia e o papado, portanto, a representação de uma ação política.

Jean Saunier, em *A Sinarquia*, escreveu que, no ano de 1910, um ex jesuíta revelou que a **crise modernista** da Igreja Católica fora

meticulosamente preparada por uma sociedade secreta, manipulada de forma imperceptível, pelos ocultistas e pseudognósticos da época. Estes, por outro lado, estavam animados pelos mais secretos iniciados cabalistas.

Pelos indícios deste final de século XX, as sociedades secretas mudaram sua estratégia em relação ao Vaticano. Preferiram conquistá-lo, em vez de destruí-lo. Através dele, dominam com mais facilidade, as massas católicas, conduzindo-as segundo os seus interesses. Repetem o que fizeram na Idade Média, por meio das classes revolucionárias, as quais, por serem cegas, adquiriram o caráter de seitas religiosas incendiárias.

O progresso das religiões está em proporção inversa com o grau de maturidade de um povo. Quanto maior a cultura e o raciocínio crítico, menos se desenvolvem.

Seus enganos impregnam a humanidade de ameaças e exigências descabidas. Uma vida natural se transforma num caudal de sofrimentos e de distúrbios psíquicos e emocionais, os quais se refletem no corpo.

As religiões medram na ignorância, no sofrimento e na pobreza para definharem na fartura, na educação e no discernimento. Por isso, o lema “quanto pior, melhor”, serve para estabelecer as políticas dos governos e dos chefes religiosos.

Os condutores das religiões, das seitas e das fraternidades, em geral, são embusteiros, mentirosos e charlatães. As religiões e as seitas, calcadas nos testamentos, escondem que os textos hebraicos só apareceram após o nono século, de vez que os judeus não conservam suas velhas bíblias e, quando começam a estragar-se, as destroem, para não serem profanadas pelos gentios.

A História, por mais hipócrita que seja, não deixa de ser confiável, quando narra que os períodos de religiosidade coincidem com as guerras mais cruentas, com as perseguições mais implacáveis e com os

crimes mais hediondos. A própria Psicologia comprova que os demasiados místicos são considerados mal equilibrados e que as emoções religiosas progridem *pari passu* com os impulsos sexuais. A ânsia de religiosidade é indício de impostura. Jules Romain foi taxativo ao afirmar que o espírito, enclausurado em credos e sistemas, se define e se aliena. A moral, baseada em credos, presta-se a excessos, uma vez que as práticas canônicas permitem anular as falhas sociais. Elas, muitas vezes, entravam o progresso da civilização, embora noutras, preservam o acervo da cultura. Nelas, o ser humano tende a permanecer na imaturidade, onde, mesmo inteligente e culto, se compraz com lendas infantis.

À propósito, as lideranças das civilizações imperam porque reúnem, em todo o mundo, enormes inteligências anti-sociais, propagadoras de um mundo novo, geneticamente manipulado, politicamente obtuso e psiquicamente alienado. Numa palavra, **artificial**. Não se lembram, essas inteligências, de que, “quem altera a Natureza, altera a si”. Quem ousa enfrentá-las, quase sempre fracassa: elas, ao se infiltrarem nas organizações visadas, formam conchavos restritos, delatados pela espionagem ou traição de algum de seus membros, ou, já nesta hora, sem terem condições de se agrupar. Para Jacques Bergier, os grandes espíritos estão fora daquilo que se chama “civilização”.

A falta de uma religiosidade eclética, baseada na razão e na Natureza, torna o regime social embrutecido. Vive-se no mundo da competição, só vale quem é o primeiro e, por conseguinte, prevalece a ganância e a crueldade. Se a competição é uma escola de inimigos, a cooperação é a filha do altruísmo, da afabilidade, do “todos por um e do um por todos”, como romanceou Alexandre Dumas, nos Três Mosqueteiros. A miséria e os sofrimentos do mundo, no prisma de Bertrand Russel, se devem às superstições, à falta de clareza de idéias e, em grande parte, ao misticismo.

As religiões e as sociedades secretas conduzem as massas a fim de que as minorias, economicamente, enriqueçam, e, politicamente, dominem. Se, como diz o adágio, que “*de gênio ou de louco, todo o mundo tem um pouco*”, cabe examinar se essas elites agem com lucidez ou demência, parecendo o alienado do tarô, carregando em sua bagagem outros alucinados ou cegos, por meio de sendas escabrosas.

O Preço da Informação e o Perigo da Ciência

OS DANOS causados pelas intempéries são menores que os provocados pelo homem. Os 20% da população mundial, em função do consumo desenfreado dos recursos naturais, estão provocando o desastre dos 80% restantes. Os madeireiros devastam tudo o que encontram pela frente, sem pensar no futuro. A sociedade industrial, além de os estimularem, age da mesma forma. O ser humano, se fosse mais sensato, teria uma consciência simbiótica, reconhecendo que não é o único herdeiro do planeta, uma vez que todos têm direito à vida. Esquecem-se de que, num futuro próximo, a Terra não mais aceitará as agressões sofridas.

A política partidária, servil aos interesses econômicos, é um arдил que beneficia os ambiciosos, suas paixões e seus jogos de azar. Seus líderes não sabem onde jogam a humanidade, seus descendentes e a si próprios. Condutores e conduzidos ignoram que a Política é uma ciência complexa e, para exercê-la, é preciso estar muito bem preparado.

No final do século XIX, um professor vienense afirmou que o maior perigo da civilização atual é o avanço de um progresso técnico vertiginoso, sem o correspondente adiantamento moral e político. Passados oitenta anos, em agosto de 1970, o secretário-geral da ONU, U Thant, advertiu que a humanidade estará fadada ao desaparecimento se não enfrentar com êxito o *efeito multiplicador* do desenvolvimento atual. Na época, as conseqüências se manifestavam num estoque de armamentos equivalente a 20 bilhões de dólares; numa população, que corresponderá no final do século, a mais de seis bilhões de habitantes; na exaustão dos recursos naturais não renováveis; no esgotamento do solo agrícola; no envenenamento da terra, do ar e da água; no degelo dos pólos, causado pelo efeito estufa, que provocará a invasão dos

mares. Naquela época, ainda não se falava na redução da camada de ozônio, que já está produzindo a cegueira e o câncer de pele. Também não se comentava que os mais de 200 milhões de veículos que circulam nos Estados Unidos, emanando gases tóxicos na atmosfera, são um dos prováveis responsáveis pelo excesso de chuvas, que tem assolado o Brasil, na década de 1990. Finalizou seu discurso, alertando sobre a crescente concentração de renda, aumentando a disparidade entre ricos e pobres, geradora de descontentamentos, cujas ondas são cada vez mais ameaçadoras à paz mundial. Em 1995, na classificação mundial dos países com pior distribuição de renda, o Brasil ocupou o segundo lugar. Só perdeu para Botswana, a campeã.

Com o propósito de frear o avanço dos conhecimentos, existe uma elite reduziíssima, que procura manter no anonimato, determinados descobrimentos científicos. }

Certa espécie de literatura tem sido destruída no decorrer da História. Esta conspiração permanente tem, por objetivo, impedir que as descobertas científicas e os fatos históricos se revelem com rapidez. Alegam que certos fatos do saber são perigosos, por isso devem ser censurados ou eliminados. Os ramos mais visados do conhecimento são a Física, a Química, a Biologia, a Arqueologia e a História.

Os censores se colocam acima da hierarquia dos reis, dos presidentes e dos ditadores dos países mais poderosos do mundo. A preocupação decorre do fato de que alguma divulgação, surgida de forma precoce, referente aos segredos de uma ciência superior, pode destruir a civilização atual.

Em 1903, o escritor e cientista russo Mikhail Mikhailovitch Filipov, marxista convicto, publicou um livro intitulado **A Revolução Pela Ciência** ou **O Fim Das Guerras**. A obra ensinava como transmitir pelo rádio, através de um feixe conduzido por ondas curtas, o efeito de uma explosão. O espocar de uma dinamite, de um raio ou de qualquer bomba, em Moscou, poderia ser totalmente transferido, atra-

vés de uma onda indutora, a Paris, Nova York, Pequim ou qualquer cidade da América do Sul. Na noite de 17 de outubro foi assassinado no seu laboratório.

Se a descoberta fosse empregada para finalidades bélicas, toda a face da Terra poderia sofrer destruições. O mandante do crime, se é verdade, também destruiu o livro; sua intenção deve ter sido a de livrar o mundo de um bombardeio incontrolável e sem precedentes, na história da civilização.

Alfred Hoyle escreveu em **Os Homens E As Galáxias** que somente cinco linhas redigidas já seriam suficientes para destruir o mundo. Através disso, percebe-se porque as organizações ocultas tentam impedir a aliança entre sábios e revolucionários, escondendo determinados inventos. A ciência, a tecnologia e a descoberta dos mistérios da Natureza constituem um eterno perigo. Qualquer conhecimento prematuro, derivado de um estágio superior à nossa civilização, poderá destruí-la pelo fato de não saber como utilizá-la.

Dez anos após a morte de Filipov, foi a vez de Rudolf Diesel tornar-se o próximo mártir da Ciência. Engenheiro alemão, nascido em Paris, dedicou-se à construção e ao aperfeiçoamento de motores térmicos, destinados a substituir as máquinas movidas a vapor e a gasolina, pelo óleo que herdou seu nome.

Sua primeira oferta foi feita às autoridades alemãs que, por estarem envolvidas com os preparativos bélicos, rejeitaram-na. Sem se deixar abater pelo desânimo, ofereceu-o, depois, aos ingleses, que se mostraram receptivos. Em 1913, quando viajava da Holanda para a Inglaterra, desapareceu do navio. Seu corpo e seus projetos jamais foram encontrados. Algum tempo depois, o mundo utilizava, intensamente, os motores que tinha inventado, sem que a família recebesse qualquer recompensa.

Na década de 1970, a Associação Inglesa Para O Progresso da Ciência censurou uma pesquisa, acerca das possibilidades das diversas

raças humanas terem inteligências diferentes. Os cientistas afirmaram que a divulgação poderia estimular o racismo.

Em 1995, os jornais publicaram dois artigos sobre o que a ciência pode fazer para o bem e para o mal. No mês de fevereiro, os estudiosos da Universidade de Tübingen, na Alemanha, testaram tecnologias de *biofeedback* (bio-retroalimentação) para dar maior controle da energia cerebral às vítimas de doenças motoras. Esperavam proporcionar aos pacientes condições de moverem cadeiras de rodas e mudar canais de televisão pelo poder da mente. No mês de dezembro, a Comissão de Direitos Humanos do Peru denunciou a ação de uma quadrilha, especializada no seqüestro de crianças, que as matavam e vendiam seus órgãos ao exterior. Em novembro, no interior do Rio Grande do Sul, um agricultor foi narcotizado e teve os olhos arrancados. Os policiais, encarregados do caso, foram afastados pela falta de empenho nas investigações.

Assim como receamos a terrível energia contida na matéria, também devemos nos acautelar com aqueles que fazem mau uso da ciência, da política e da segurança pública.

No ano de 1976, o jornalista americano Walter White entrevistou o assessor parlamentar Harold Wallace Rosenthal. O teor da entrevista foi publicado, em inglês, sob o título **Os Mandamentos Pessoais de Rosenthal**. A tradução árabe chamou-se **A Opressão Que Sufoca O Líbano** e, em 1989, a Edições Acácia Livre, do Rio de Janeiro, divulgou-a sob a denominação **O Dossiê Rosenthal**. Rosenthal, um judeu-americano, era bem informado sobre política e economia mundiais, não ensinadas nas universidades. Na palestra, expôs os objetivos e métodos do sionismo com respeito à dominação mundial.

No seu depoimento, revelou:

Não compreendo porque o povo americano não se revolta e não expulsa todos os judeus para fora do país. Os norte-americanos, desde 1932, não têm

opção de escolher presidentes. Nas três últimas décadas (desde 1940), nenhum deles conseguiu realizar qualquer influência política sem a aprovação dos judeus. Roosevelt era o nosso homem e todos os presidentes que o sucederam também. A política externa de Henry Kissinger (nome verdadeiro: Avraham Ben Eleazar) é sionista-comunista de início ao fim. Assim mesmo, os cidadãos continuam acreditando que a política judaica ajudará a América. A **detente** e Angola são verdadeiros testemunhos da política judaica. Os americanos, com sua mentalidade simples, só receberam de Kissinger a fantasia e a ilusão.

Nós, judeus, lançamos ao povo americano, uma teoria após outra e apoiamos cada uma delas, para implantarmos a confusão. Concentrando-se nessas teorias, eles não conseguem enxergar quem se esconde por trás de cada espetáculo. Estamos brincando com o povo americano como no jogo do gato e do rato. O pensamento judaico incita cada grupo étnico contra outro. O sangue da massa correrá, enquanto os judeus esperam a vitória internacional. Os cristãos são tolos. A invasão judaica ao mundo tornou-se quase completa, graças à ignorância cristã.

Milhões de dólares, isentos de imposto, são remetidos, anualmente, a Israel. Os políticos ingênuos, em Washington, podem ser enganados com muita facilidade. Muitos deles são desprovidos de inteligência. Assim o *lobby* judeu conseguiu levá-los a aprovar esse processo. Parte desse dinheiro é devolvido aos Estados Unidos e aplicado na propaganda sionista¹; a maior parte dela pela B'nai B'rith, os congressos judaicos e o Senado Judaico Internacional. A Agência Judaica é o braço financiador. Até certo ponto, ela é o grupo de membros da B'nai B'rith. Não há nenhuma falha nas remessas de dólares para Israel, já que temos a eficiência suficiente para desviar este dinheiro.

O **anti-semitismo** não quer dizer obrigatoriamente opor-se ao sionismo. É uma expressão suja, baixa, que nós, judeus, usamos para desmoralizar os fanáticos, os que criticam os judeus ou incrementam o ódio contra eles.

¹ **Sionismo**, segundo Rosenthal, é o anseio do povo judeu em retornar ao Sião e reconstruir Jerusalém.

Na época do Cristo, os judeus tentaram fundar um reino terrestre, palpável, enquanto Jesus ofereceu-lhes um reino espiritual, que os judeus recusaram, como recusaram Jesus e agiram no sentido de crucificá-lo.

Jesus foi um homem que andou no chão, como qualquer outro. A lenda da ressurreição e o retorno à terra é uma alegação vazia. Os judeus, que rechaçaram os árabes, na Palestina, fizeram isso para derrubar a pregação de Jesus sobre um paraíso espiritual. Em vez de um líder que atuasse para derrubar um império judaico, a natureza de seu povo deu aos judeus, um pacificador que se chama *Cristo*, que substituiu *o olho por olho*, pelo *dar a outra face*. Nós construímos um império terrestre, sem o Cristo falido.

Muitos judeus não têm a coragem para dizer a vocês como vivemos e como planejamos tudo. Mas ***eu não tenho medo de ninguém, nem de nada, estou consciente do meu caminho.***

Os judeus mudam de nome² frequentemente, porque são os mais inteligentes de todos os povos. Se perceberem que essa troca lhes traz benefícios, eles o fazem. Misturam-se aos vários ambientes, cheios de corrupção. Enquanto os judeus tiram proveito disso, os **goyins** (gentios) ignorantes não percebem que estes, que não tem nomes judaicos, são judeus de fato. Sei o que vocês pensam dos judeus que estão na Administração Pública e que não têm nomes judaicos. É bom se preocupar com este assunto, já que, no futuro, não haverá poder presidencial nos Estados Unidos. O governo oculto está indo com passos rápidos e firmes, nesse sentido.

Há, na Rússia, dois governos diferentes, um explícito e outro oculto. Enquanto o primeiro é composto de etnias diversificadas, este o é só de judeus. A polícia secreta recebe ordens do governo oculto. Os judeus são unidos e confiam, inteiramente, em si, enquanto os outros se espionam. O poder oculto, que tem

²No Brasil, o sobrenome original do ex-presidente Juscelino Kubitschek era Kubitch. O sufixo Schek foi acrescentado para denotar ascendência tcheca. Nos Estados Unidos, os sobrenomes dos presidentes Franklin Delano Roosevelt é *Rosenfeld* e o de Harry Salomon Truman é *Shipe*.

sua sede em Tel Aviv, donde saem todas as informações, domina o governo explícito.

Dominamos as Nações Unidas e todos os seus organismos. Controlamos, também, todos os meios de comunicação, inclusive, as revistas, jornais, rádios e a televisão. Até as músicas, quando preparadas para a divulgação, nós as censuramos, e bem antes de suas chegadas às gravadoras. Brevemente, manteremos o controle completo sobre os pensamentos dos povos.

Haverá lutas de classes nos Estados Unidos e muitos serão liquidados, mas os judeus nada sofrerão. Os seguidores da religião cristã se atrasaram muito em elaborar um plano de defesa. O tempo já passou. Nós deveríamos ter tomado a iniciativa há muito tempo. Sem dúvida, este foi o nosso maior objetivo na vida. Somos os anjos vingadores, como nos ensinou o Talmud.

O judaísmo é a cultura inigualável. O que vocês chamam de *cristianismo* é uma ramificação natural do jeovismo. As influências cultural e intelectual judaicas são um fato real, sentido no mundo inteiro, uma vez que ele é o conteúdo da Civilização³.

O dinheiro é mais importante que a moral. Podemos realizar qualquer coisa com ele. Nosso povo, em Israel, o confirma. Sua força de repelir ataques inimigos se insere na sua preparação contínua para a guerra. Israel pode ganhar qualquer batalha⁴. Os intelectuais que estão fundando *kibutz* (colônias), transformarão aquela pequena Pátria em um país de milagres, no Oriente Médio, que será, também, a sede do governo universal.

³ No século XVI, alguns dos membros mais ilustres da Escola de Sagres, em Portugal, eram os navegadores Cristóvão Colombo, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, judeus.

⁴ O argumento se explica pelo fato de, entre 1944 e 1949, os judeus norte-americanos Robert Oppenheimer, Harry Gold, Klaus Fuchs, Július e Ethel Rosenberg, além de outros, terem entregado os segredos das bombas nucleares à União Soviética, através de Londres. Em 1996, outros hebreus norte-americanos, entregaram à China Continental, por meio de Israel, novas tecnologias atômicas e de foguetes de ogivas múltiplas.

As massas nada sabem da atuação dos seus governos e sobre como dirigir o poder, porque elas são jumentos.

Nos demais povos não existem corajosos. Nós planejamos as bases dos seus pensamentos até que plantamos, em suas mentes, o complexo de culpa, de modo que eles têm medo de criticar abertamente o judaísmo.

Para impor nossa aceitação, com facilidade, entre as outras raças, há muito tempo começamos a procurar os meios que permitissem desviar qualquer atenção sobre o fator racista. Foi o fato mais eficiente e, ao mesmo tempo, fora de qualquer suspeita, adotar a idéia do grupo religioso. Nunca tivemos uma instituição religiosa fora do nosso interesse particular, porque não possuímos qualquer tipo de idealismo. Fé, na vida fora da existência material, é uma coisa estranha ao nosso pensamento. O Talmud não apresenta princípios para preparar o indivíduo para uma segunda vida, mas sim, oferece as bases para uma vida luxuosa, neste mundo. Ele é uma série de ensinamentos para proteger a raça judaica e para estruturar o trato com os estrangeiros, os animais. Nossos ensinamentos não cuidam das questões morais, mas, sim, como ganhar, como vencer, como receber. Nossa vida é só deste mundo e nossa mentalidade é completamente diferente da realidade do espírito cristão, tal como nossas características foram expressas pelo fundador desta ideologia.

Há dois mil anos, o fundador do cristianismo não escondeu suas opiniões sobre os judeus, nem a vontade de que ele não era um de nós. Naquela época e, como de costume, usamos a religião como um meio de aumentar nossos lucros comerciais. Conseguimos crucificar Jesus, por motivo de sua oposição a nós. Hoje em dia, os cristãos se incorporam nos partidos políticos, objetivando a vitória nas eleições e se humilham mendigando votos e apoio dos hebreus. Acabam colaborando conosco em aspirações políticas, contra os interesses de suas próprias pátrias.

Conseguiremos conviver com as outras nações e Estados, enquanto pudermos convencê-los de que os judeus não são diferentes deles, mas que represen-

tam somente uma crença religiosa. Na realidade, esta tem sido nossa maior mentira.

Escondemos nossas qualidades peculiares e nosso modo de vida, para que possamos sobreviver como parasitas entre as nações.

Nossa força nasceu pela especulação financeira internacional. Inspirados pelos nossos fundamentos, era muito importante fundar um banco nacional particular. O *Sistema do Fundo de Reserva Federal* (o equivalente ao Conselho Monetário Nacional) que dominamos, combina perfeitamente com o nosso planejamento, embora o nome insinue ser uma instituição pública. Nosso objetivo era, desde o início, o confisco de todo o ouro e a prata, substituindo-os pela moeda papel, sem valor e sem possibilidade de recuperar seu preço, em metal precioso. Realizamos um grande sucesso, por meio deste ardil. Esta é a nossa maneira de pegar dinheiro e dar papel, em troca.

No início, e com nossa soberania sobre o sistema bancário, tornou-se possível a dominação sobre o capital das empresas. Assim, conseguimos monopolizar totalmente a indústria cinematográfica, as redes de rádio e a televisão. A indústria gráfica, os jornais, as revistas periódicas e técnicas, também caíram em nossas mãos, como resultado disso. Mais tarde, veio o nosso predomínio sobre as publicações escolares, para coroar tudo o que conseguimos realizar. Através de todos esses meios de comunicação, conseguimos fazer a opinião pública concordar com os nossos objetivos, já que a massa não passa de uma vara de porcos, que grunhem as músicas que lhes oferecemos, sejam mentiras ou verdades.

O ópio de nossa indústria de diversão mantém o povo ignorante. Tornamo-nos os donos do povo, fazendo dele, um mero escravo. A indústria do cinema e da televisão atendem aos desejos sensíveis, à sensualidade e não à lógica do pensamento ajuizado. Com isso, o povo, sem raciocínio, torna-se programado para contentar-se com o que nós ditamos e não com a lógica.

Castramos a sociedade através do medo e do horror. As massas passaram a ser obedientes e fáceis de serem conduzidas. O pensamento delas, como as dos

castrados, não é dirigido ao futuro e ao desenvolvimento, mas, à ação atual e à próxima refeição.

Tivemos êxito em dividir a sociedade, incitando os operários contra os patrões. É um triângulo, onde só aparecem os dois ângulos inferiores, já que o terceiro é representado pelos judeus. Na indústria moderna aparece o capital, que representamos, e sua força no vértice do triângulo. Os operários e os empresários são os digladiantes. Os dois permanecem num confronto contínuo, que desvia a atenção dos principais problemas. Os empresários são obrigados a elevar os preços, quando aumentamos o valor do capital (os empréstimos). Os operários, em consequência, exigem aumento de salários, fazendo com que os patrões aumentem, ainda mais, os preços dos produtos. Assim, forma-se um círculo vicioso e ninguém nos culpa pela inflação que criamos.

Os atritos entre patrões e empregados não deixam que percebam nossa atuação. Nós não trabalhamos nem administramos, entretanto, somos os que obtêm os lucros. O capital que oferecemos à indústria, através da movimentação de nossa fortuna, nada nos custa. Por meio do nosso banco, o da *Reserva Federal*⁵ (Banco Central), oferecemos empréstimos contábeis, que criamos do nada, a todos os bancos locais, membros do sistema bancário e, que, por sua vez, oferecem empréstimos à indústria e ao comércio. Assim, atuamos mais que Deus, porque criamos nossa fortuna do nada. Desse modo, fazemos que a indústria, o comércio, os patrões e os empregados fiquem endividados conosco e nunca paguem suas dívidas. Por esse processo, os patrões e empregados jamais se unirão para nos atacar.

A religião também deve ser estudada. Com o nosso domínio sobre a indústria do livro e sobre os meios de comunicação, conseguimos ocupar os postos-chaves religiosos. A ignorância cristã recebe nossos ensinamentos e os divulga,

⁵ Dirigido por Alan Grünspann, que anglicizou o sobrenome para Greenspan [Palm (medida arcaica) Verde], em português. O Banco Mundial é administrado por Wollfensohn (Filho do Lobo, em alemão).

como se fossem seus. Nossa propaganda fez com que a Igreja se tornasse um veículo de nossa divulgação. O que nos dá um lugar de destaque na sociedade é que ela acredita na mentira de sermos o povo eleito de Deus.

Os filhos enganados da Igreja⁶ nos defendem até o ponto de destruir sua própria cultura. Esta realidade explica, até para os loucos que analisam a História, que, todas as guerras, aconteceram entre brancos para que nós pudéssemos manter nosso predomínio. Dominamos a Inglaterra, durante a revolução das colônias da América do Norte; dominamos o Norte, durante a guerra civil americana; e conseguimos subjugar a Inglaterra e os Estados Unidos, através das duas guerras mundiais. Com a nossa influência sobre a religião, conseguimos envolver os cristãos brancos e ignorantes, na guerra entre eles e que resultou no empobrecimento dos dois lados, enquanto colhíamos os frutos materiais e políticos. Através da religião, conseguimos manter o domínio total sobre a sociedade, o governo e a economia.

Os clérigos ignorantes declaram que todas as raças são iguais. Assim, nós, os judeus, gozamos de uma posição distinta na sociedade, enquanto todos os outros povos e raças estão decaindo e se situando no mesmo grau de igualdade.

⁶ **Padres católicos judeus.** Nos séculos XVI e XVII, no Brasil Colonial, os judeus sefarditas Tomás Peres, Baltazar Ribeiro, Chacon, que recebeu a Ordem de Cristo, em 1651, e o frei e bispo Francisco Vitória, traficante de escravos. No século XX, os cardeais Bea (em hebreu Behaim) e Agostinho Casarolli, assessores do papa maçom João XXIII (Ângelo Giuseppe Roncalli, iniciado na maçonaria francesa entre 1944 e 1953, quando era núncio apostólico do Vaticano, em Paris). Também os papas Anacleto II, [cardeal Pierleoni (sefardita)] que tinha o nome semita de Elchanaan e Vitor IV, ambos considerados antipapas. No Brasil, o cardeal Paulo Evaristo Arns. Em 1962, o Patriarca de Moscou, da Igreja Ortodoxa Russa, nascido em Odessa, na Ucrânia, cujos pais eram donos de um prostíbulo.

Em 11 de outubro de 1962, o Papa João XXIII, por meio do Concílio do Vaticano II, abriu as guardas da Igreja à maçonaria e ao sionismo, através da doutrina da modernização católica. M. Pinay considera que o referido Concílio foi planejado e implantado por cardeais comunistas, maçons e israelitas, com o fim de destruir o catolicismo.

Por isso, lançamos o mito da **igualdade** e, com isso, todo o mundo fica num grau aquém do nosso.

Já que não acreditamos numa vida depois da morte, todos os nossos esforços se dirigem para o *aqui e agora*. Enquanto os gentios vivem para o bem comum, nós vivemos e morremos unicamente pela vida individual e própria. A idéia de sacrifício próprio é odiada profundamente pelos judeus. Não há nenhuma causa que mereça o sacrifício pessoal, já que a vontade é o fim. O único período em que nos unimos é para proteger nossos seres individuais, que nem bando de raposas, que se une para atacar a vítima e se dispersa depois de saciar a fome. Assim, nós, os judeus, nos aglomeramos, não para proteger nosso grupo, mas para que cada um possa proteger sua própria pele.

Essa maneira de ser representa toda a nossa existência e toda a nossa filosofia. Não somos os criadores, porque a criação beneficia os outros. Somos os lucradores, porque só nos interessamos em nos satisfazer. Para entender a nossa filosofia é preciso entender a expressão "*arrebatar*". Nunca daremos, mas sempre tiraremos. Nunca trabalhamos, mas sempre aproveitamos os frutos dos esforços dos outros. Não criamos, mas confiscamos. Não somos produtores, mas parasitas. Somos capazes de viver, fisicamente, em qualquer sociedade, mas permanecemos separados espiritualmente. Os povos insatisfeitos representam os peões em nosso jogo para submeter o mundo. Assim, eles lutam continuamente sem alcançar a satisfação. Quando os gentios começam a procurar a felicidade fora de si, tornam-se, voluntariamente, nossos escravos, sem perceber.

A História confirma que a reação da minoria alerta, qualquer que seja seu tamanho, já deu suficiente força para derrubar grandes impérios.

Os movimentos que decidem os destinos não são os que dependem da maioria calada. A força da vontade é o verdadeiro poder, e não a força quantitativa, porque aquela é que sempre domina as massas. Reitero que estamos seguros enquanto nossa força de vontade for maior, ou enquanto a vontade do povo for

desorientada e dispersa, sem liderança. Não é a palavra que irá nos derrubar, mas a força⁷.

Rosenthal foi morto no dia 12 de agosto de 1976, numa operação de pirataria aérea, desfechada contra um avião da empresa israelense El Al, no aeroporto de Istambul, na Turquia. A despeito dos quatro passageiros mortos e dos outros trinta, feridos, atingidos por balas perdidas, ele foi o único a ser atingido por um golpe mortal direto. Foi um jovem de 29 anos que trocou a prudência pela audácia, esquecendo-se que nem tudo que se sabe, pode ser dito. Suas palavras parecem ter vaticinado as declarações de dois candidatos à presidência da Rússia e dos Estados Unidos. O deputado russo Vladimir Zhirinovsky, em 22 de fevereiro de 1996, congratulou-se com o republicano Patrick (Pat) Buchanan, pela vitória nas pesquisas primárias de New Hampshire, e New England, chamando-o de “irmão de luta da libertação nacional”. Lembrou que Buchanan referia-se ao Congresso Estadunidense como “território ocupado pelos judeus”, declarando que o mesmo ocorria na Rússia. Propôs que os dois países isolassem “esta tribo de encenqueiros” em reservas apropriadas.

Buchanan, dando-se conta que as assertivas iriam custar-lhe a perda de votos e de auxílio político, por parte da colônia judaica, denunciou a política de ódio do russo, dizendo que iria apoiar os direitos de todos os americanos, incluindo os hebreus. Zhirinovsky respondeu-lhe com uma carta, publicada no *Harper's Magazine*, de maio:

« Senhor Buchanan! Somente me referi a seus comentários, em resposta à minha carta congratulatória, à respeito de sua vitória na primária de New Hampshire.

⁷ O texto de Rosenthal repete trechos que Adolf Hitler escreveu no capítulo XI, *Povo e Raça*, no primeiro tomo do livro **Minha Luta** (*Mein Kampf*), em 1924.

Por certo, temos a mesma opinião à respeito dos judeus. Também não quero deportá-los. De fato, proponho-me a proporcionar-lhes a melhor vida possível, em qualquer parte do mundo - nos Estados Unidos, na Rússia, na Alemanha, na França ou na Costa do Marfim. É de minha vontade que tenham um suprimento infundável de caviar; que nadem em champanha e que tenham tudo o que desejarem.

Tal como o senhor, eu me supero em júbilo cada vez que os vejo no meu receptor de televisão. Faço questão que tenham forte presença nos programas televisivos em todos os nossos países; que circulem em todos os nossos jornais, revistas e casas de publicidade. Insisto que sejam os banqueiros e presidentes das grandes sociedades anônimas. É natural que igualmente quero que dominem todos os governos e parlamentos do mundo; que ocupem todos os postos importantes dos ministérios interiores, das relações exteriores, da economia e das finanças. E, se esses judeus quizerem ser presidentes e primeiro-ministros, bem, por que não? Tudo o que devemos fazer é propor-lhes todas as facilidades.

Pat, porque não vais para o inferno? Pensei que fosses um defensor dos interesses do teu país. Porém, acontece que és tal qual o Clinton e todos os outros políticos vendidos. Agora percebo que, em vez de prezar tua pátria, amas somente a ganância e a vaidade.

Disseste: "Defenderei os interesses de cada cidadão americano". Todavia, és um mentiroso. Cuspiste nos anseios de cada americano e na América.

Pat, és um excremento! Defecaste nas calças tão logo recebeste minha carta. Do que tens medo? Dos sionistas?

E, acima de tudo, te consideras um patriota.»

No dia 22 de maio de 1994, o jornal *Correio do Povo*, publicou na sexta página, o seguinte artigo:

“Bonn - O Parlamento da Alemanha aprovou uma lei, determinando que ***é crime negar publicamente o fato de que seis milhões de judeus europeus foram mortos sob o regime nazista, entre 1933 e 1945.*** A decisão ocorre no momento em que grupos nazistas estão ressurgindo no país. Pela nova lei, ***quem negar o holocausto será acusado de incitar o ódio racial e poderá pegar até três anos de prisão.*** A nova lei foi aprovada por unanimidade, como parte de uma ampla legislação criminal, depois das críticas internacionais à declaração do Supremo Tribunal Alemão de que apenas negar o holocausto não contribuiria para incitar o ódio racial.”

Em agosto de 1995, em Viena, na Áustria, as escolas viviam a “batalha do crucifixo”, devido à decisão da Corte Constitucional Alemã de proibir os crucifixos nas escolas públicas da Baviera, em nome da liberdade de culto.

Dois anos antes, no mês de abril de 1993, em Varsóvia, Polônia, o Vaticano decidiu retirar as freiras carmelitas do local onde, durante a Segunda Guerra Mundial, funcionou o campo de concentração de Auschwitz. O pedido foi feito pelo governo polonês, devido à pressão que sofreu do Congresso Mundial Judaico, ameaçando não enviar representante às cerimônias do cinquentenário do levante do gueto.

Em 1992, na cidade de Berlim, três pessoas perderam o emprego, por expressar sentimentos nazistas.

Durante a Feira do Livro, realizada no mês de novembro de 1990, em Porto Alegre, a polícia invadiu a banca de uma livraria e, no

outro dia, uma editora revisionista⁸, apossando-se de nove mil livros. Posteriormente, foi criada uma lei, proibindo a ostentação da cruz gamada.

Se a verdade é perseguida, pela destruição de obras, de seus autores e da própria autoridade constituída, imposta aos povos pelo poder invisível, a mentira é, ao contrário, estimulada e exposta como realidade, em todos os meios de comunicação. Em 1994, o escritor revisionista Siegfried Ellwanger Castan publicou, em Porto Alegre, um prospecto intitulado **A Lista de Schindler & Goldberg**:

« Um simples exame da onda mundial que estamos assistindo para promover o filme "A Lista de Schindler", identifica claramente o desespero do sionismo para manter a Mentira do Século e a inútil tentativa de evitar o desmascaramento das histórias que nos impingiram após o fim da II Guerra Mundial.

A publicidade o apresenta como "documento histórico", apesar de ser baseado em relatos de judeus poloneses, que Thomas Keneally transformou em "romance histórico" no livro "Schindler Ark" - A Arca de Schindler - e que o próprio autor não teve dúvidas em registrar como **ficção**, na catalogação no Brasil sob nº 93.480 e com o nome de "A Lista de Schindler, da *Editora Record*, 2ª edição, onde na capa o filme já era promovido como "o mais aclamado de Spielberg", quando nem ainda havia estreado ao público ...

Na edição em inglês de 1982, da *Hemisphere Publishers*, de Nova York, logo abaixo do nome "Schindler List", na capa, consta a palavra **Novel**, portanto um romance. No Brasil, na capa, logo abaixo do título colocaram "Um herói do

⁸ **Revisionismo**. Movimento intelectual que procura revelar as outras versões da História.

holocausto" ... Na terceira página do livro em inglês, a ficha catalográfica é idêntica a brasileira: "Oscar Schindler (Ficção) - Holocausto Judeu (Ficção) - Guerra Mundial (Ficção)".

Na terceira página da edição inglesa, o autor Thomas Keneally informa textualmente: "Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são resultados da *imaginação do autor* ou usados de forma *ficcional*. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é total coincidência".

Para desgosto dos deformadores da história da II Guerra Mundial, informo ainda que na contra-capla do livro em inglês consta: *Fiction/ Judaica*, que não necessita tradução.

Spielberg e os demais poluídos que criaram o deturpado, falso, sensacionalista, odioso e racista filme, não são diferentes aos de Baruch Goldstein e seus valentes companheiros israelitas que metralharam, assassinaram e feriram 223 palestinos, dentro da antiga mesquita de Hebron, no dia 25/2/94, no sagrado momento das orações.

De nada valeram as desculpas dos governantes de Israel, responsáveis por assassinatos diários, pois Goldstein, o único assassino que os palestinos conseguiram pegar, foi sepultado como herói e é venerado diariamente como tal. Esse racista Estado revela-se mais uma vez quando o rabino Yaacov Perrin, referindo-se ao massacre, declarou que "um milhão de árabes não valem a unha de um judeu" (sic). A imprensa, como não podia deixar de ser, diariamente está reduzindo o número dos mortos, que no dia 25/2 foram acima de 60, no dia 29/3/94 já eram apenas 29, dos 170 feridos por armas de grosso calibre não se teve mais nenhuma notícia.

Conforme o próprio Spielberg *o filme tem a finalidade de combater a onda de "nazismo"* que estaria crescendo em todo o mundo. Eu diria que o crescimento é de pessoas saturadas de deformações sionistas, que criaram a **vitimização judaica** através de um suposto "holocausto".

Schindler não era alemão, era tcheco, tendo servido no exército desse país, não era industrial, era filho de um pequeno industrial que faliu, sendo tcheco não seguiu com os alemães na invasão da Polônia, pois lá já estava um ano antes, não possuía capital nem fábrica, não era nem podia ser nacional-socialista, apenas por conveniência usava um distintivo com a suástica na lapela.

Por ser tcheco e avesso aos alemães, ele foi escolhido, pelos dirigentes da comunidade judaica de Cracóvia, como um homem de sua confiança. Cederam a ele uma fábrica que pertencia a um judeu e conseguiram muito dinheiro para a ampliação e funcionamento da mesma, ao contrário do filme, produzia material bélico, além de painéis, fato que foi motivo para conseguir bons contratos com o exército alemão.

Era portanto um testa de ferro, pois a própria fábrica, segundo o livro, era dirigida por dois competentes administradores judeus. Possivelmente foi um bom relações públicas, além de executor das linhas traçadas por seus financiadores e orientadores judeus.

O provavelmente sionista deputado José Serra⁹, também confirma este conceito, no seu artigo sobre o assunto na

⁹ Ministro do presidente Fernando Henrique Cardoso, até o meado de 1996. A primeira-dama, Ruth Cardoso, cujo sobrenome de solteira, Blay, é da progênie judaica que, com o casamento, fez com que o marido optasse pela religião mosaica. A irmã, Eva Blay, foi suplente de Fernando Henrique, no tempo em que foi senador. A filha do casal, Beatriz, é casada com o Secretário de Energia do Estado de São Paulo,

Folha de São Paulo do dia 27/3/94, quando observa: “Findo o pesadelo, Schindler voltou à sua vida apagada e atribulada de anteriormente e só escapou de privações porque nunca mais deixou de ser ajudado pelos judeus a quem ajudara”. (A parte final parece não ter acontecido bem assim).

O filme, propositadamente, omite importantes evidências do próprio livro de ficção. Tratando-se de uma indústria de interesse militar e sob completo controle da Inspetoria de Armamento alemã, é lógico que a fábrica teria que ser transferida para outro local, em face do avanço soviético. Era, portanto, de interesse alemão manter os empregados judeus, acostumados na produção industrial da mesma; não havia substitutos para contratar e nem haveria tempo para treiná-los. O que era a transferência total de uma fábrica, foi transformado em “ato de heroísmo”, por diversos motivos. O principal está justamente na própria Lista, porém não da forma apresentada no filme.

Após Schindler mandar relacionar todos os empregados, aproximadamente 800, incluído os familiares, a Lista passou para as mãos do Coordenador do Pessoal, o judeu MARCEL GOLDBERG que, segundo o livro, *tinha o poder de retirar ou de incluir nomes*. A partir desse momento a Lista deve ser chamada de Schindler & Goldberg. Aos alemães não importava, ainda segundo o livro, quem seria transferido, apenas estavam voltados ao número total, que pode ter sido de 1.200, número constante na sua sepultura em Jerusalém, porém sem confirmação nenhuma.

David Zylberstejn, também hebreu. O sobrenome Cardoso, desde o Brasil Colônia, tem sido incorporado pelas famílias sefarditas, como aludiu Harold Rosenthal.

À página 281 do livro, *Goldberg* pergunta a Pfefferberg, um dos "sobreviventes-Schindler", que tinha interesse em ser incluído na Lista, se ele possuía diamantes, pois, para ser incluído, era preciso ter diamantes!!! Os "sobreviventes" Dresner, Wulcan, Horovitz, etc., que aparecem no final do filme, no cemitério de Jerusalém, pagaram em dinheiro e diamantes para serem incluídos na Lista. O filme naturalmente não faz nenhuma referência a este fato citado no livro, pois tiraria a "glória" do Oskar; nem no livro se fica sabendo com quem ficou a fortuna arrecadada das não menos 400 pessoas, que nem eram funcionários da fábrica ...

Judeus de grandes posses foram incluídos para não ficar à mercê dos poloneses, após a desocupação alemã. O medo dos judeus poloneses não era dos alemães, que os podiam ter liquidado durante os cinco anos de ocupação, se isso alguma vez tivesse sido sua intenção, mas dos poloneses quando libertados, pois odiavam os judeus e os responsabilizaram pela desgraça da guerra.

"Sobreviventes Schindler-Goldberg" que foram para a Alemanha chegaram a adquirir uma fábrica de cimento. Entre as centenas de não empregados incluídos na Lista, encontra-se um relativamente pequeno número de judeus, que mesmo tendo pago pela inclusão na Lista, passaram a ajudar Schindler quando ficou sem dinheiro. Tudo indica que essa ajuda foi totalmente ridícula, para uma pessoa apresentada como herói que salvou 1.200 judeus das "câmaras de gás", acostumado a viver bem e que, como inimigo dos alemães, ajudou a procurar "criminosos de guerra" após o conflito. Com uma pensão de 200 marcos, acabou morrendo num pequeno apartamento numa das piores zonas de Frankfurt, próximo à estação ferroviária, em outubro de 1974, e confor-

me seu desejo, foi sepultado em Jerusalém, onde ainda em vida havia sido declarado um Justo ...

Se Schindler foi um Justo para os filhos de Israel, pois segundo eles: "Quem salva uma vida, salva o mundo", Israel parece não ter sido nada Justo para quem teria salvo tanta gente, pois deixou-o morrer praticamente como indigente.

Fica bem claro que estamos diante da maior cobertura publicitária que se tem notícia, para promover uma autêntica farsa, cheia de contradições, que não resiste a nenhum exame. Na cena final aparecem, no cemitério, 6 ou 7 pessoas que realmente constavam na Lista e os demais eram extras! É impressionante assistir o arsenal publicitário sionista em ação, para enganar não só a crédula comunidade judaica, mas o resto da humanidade.

A propaganda de que a Lista salvou da "câmara de gás" é totalmente falsa por um simples motivo: Nunca existiu uma única câmara de gás, para a execução de pessoas, fora dos EUA.

Apenas como um pequeno exemplo, informo que, apesar de não ter sido incluída na "Lista Schindler-Goldberg", e ter permanecido no campo de Plaszóvia, do Comandante Amon, reside em Porto Alegre, em amplo e confortável apartamento no aristocrático bairro Moinhos de Vento, a Sra. Herta Spier-Gruber, hoje com 75 anos, conforme o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, do dia 27 de março de 1994.

Só o fato de apresentar os alemães como loucos assassinos, bêbados e corruptos, voltados totalmente a negociações, ao dinheiro, câmbio negro, ouro e diamantes, *pela inversão total de valores*, merece os sete Oskars da Academia que há 50 anos é especializada em **Hollycausto**.

Emilie Schindler, a viúva, em entrevista na *Folha de São Paulo*, de 14/10/93, página 4-1, declarou solenemente que o autor do livro era um sensacionalista e que não era bom; referiu-se ao filme de também *ser falso e ter muita coisa inventada!!!*. Disse que seu marido Oskar não fazia nada, era um estúpido e inútil!!!

Era necessário fazer algo para neutralizar a desastrosa repercussão da entrevista. Levaram Emilie para assistir novamente ao filme nos EUA na presença de Clinton. Em Buenos Aires a B'Nai-Brith levou-a duas vezes para assisti-lo (Levar quatro vezes uma senhora de 86 anos para assistir um filme como esse, de 3:15 horas é na realidade uma tortura/lavagem cerebral).

No dia 11/3/94, tivemos o resultado na própria *Folha de São Paulo*, à pg. 5-10, com reportagem do mesmo entrevistador anterior. Cinco meses após, Emilie tentava salvar Spielberg e o sionismo. Após informar que "nem vi o filme direito" (sic) ela cita que o filme mostra bem o que aconteceu ... que apesar de **excelente** (sic) ainda é muito distante do que aconteceu. "Na verdade o que fizeram com as pessoas era muito pior, muito pior" (sic). Na mesma *Folha*, pg. 5-9, o sugestivo título em destaque, com a opinião do próprio Spielberg a respeito da obra: **"Ficção é mais eficaz que documentário"** (sic).

A finalidade do presente artigo é esclarecer nosso povo e governantes contra mais esta nefasta deformação histórica, que os sionistas gostariam de levar às nossas escolas. Reproduzindo e divulgando este impresso, estarás lutando contra a contínua tentativa de idiotizar não só os brasileiros mas toda a humanidade, através da fantástica máquina de informação que o sionismo (Movimento racista, político, ideológico e nacionalista judaico,

voltado totalmente aos interesses de um país estrangeiro - Israel), implantou no Brasil e no mundo.»

O rol dos fatos, em todo o planeta, confirma a entrevista de Harold W. Rosenthal e S. Ellwanger Castan. A afirmativa de que a História é facciosa e a atitude do imperador romano, demonstrando o poder da força sobre a força do direito, quando, jogando a espada sobre a balança, exclamou: “Ai dos vencidos”.

Mais uma vez, cai o véu embotador da teoria da Informação, mostrando quão ludibriado é o ser humano e quão servis são as nações, conduzidos, ora como ovelhas ora como hienas, segundo os caprichos dos superiores desconhecidos.

Mistérios Desvendados

DECODIFICANDO os símbolos, as informações e espetáculos, produzidos pelos políticos, religiosos e empresários dos meios de comunicação, começamos, pelo senso crítico, a separar o joio do trigo. Neste mundo de relatividade, percebemos que o **bom** e o **mau** são os rótulos da *sabedoria* e da *ignorância*. O bem e o mal estão na régua com que medimos os valores necessários à sobrevivência e ao bem-estar. Para os egoístas, que formam o grosso da humanidade, **bem** é tudo aquilo que é útil e faz gosto, incluindo o veneno adocicado. **Mal** são as ações prejudiciais ou desagradáveis, como a verdade que, quase sempre, tem um sabor amargo.

Aristóteles, que suplantou Platão e Sócrates no conceito de liberdade, dizia que **virtude** é tudo aquilo que está em harmonia com o bom senso; **vício**, todo o distanciamento da razão inerente ao homem, por sua natureza, mediante a qual a criatura logra reconhecer o que deve fazer e o que lhe cabe evitar.

No atual estágio evolutivo, percebemos a mente se desenvolvendo mais que a moral, fazendo a inteligência colocar-se a serviço da maldade.

Por ser o intelecto mais analítico que sintético, difícil é para o detalhista captar a linguagem simbólica, que sintetiza numa imagem, o que não poderia ser descrito em muitos livros.

Os símbolos não nascem do nada, nem são inventados. Eles representam uma realidade abstrata, formados por uma estrutura que a inteligência humana se esforça por compreender, mas que o esboça, conforme a acuidade, em teorias mais ou menos complexas.

A qualidade de um emblema depende da tradição, a qual narra tudo o que se passou, desde o início dos tempos, na lousa do espaço ilimitado.

Das multidões que transitam diante das catedrais, poucos sabem que a torre representa o órgão masculino, enquanto a nave, o feminino. Na alquimia, a transmutação dos metais significa a metamorfose da alma, nos seus diversos estágios evolutivos. Sair no encalço do ouro significa procurar a perfeição da alma. A pedra filosofal é a alma perfeita, que provém da pedra bruta, a vida materialista. Corresponde às pedras bruta e polida da maçonaria. O chumbo representa o homem-animal, enquanto o ouro, o homem-espírito.

Quando a inteligência se baseia na instrução, vemos os homens destruindo a si e seu próprio lar, a Terra. Einstein e Oppenheimer construíram a bomba A, atômica. A lançada sobre Hiroshima, em 6 de agosto de 1945, equivalia a 20.000 toneladas de trinitrotolueno (TNT). Na data de 12 de agosto de 1953, a União Soviética fez explodir a sua, nos confins da Sibéria, seis vezes mais potente que a americana. Insatisfeito, o cientista soviético Pontecorvo construiu a bomba H, de hidrogênio, equivalente a mil bombas atômicas soviéticas. Como a insatisfação ainda persistia, a ciência bélica desenvolveu outra, muito mais destrutiva, a bomba C, de cobalto. À respeito desta, um físico inglês disse, em 1953, que, com a explosão de apenas uma, será varrida da Terra toda a espécie humana, uma vez que seu pó mortífero se alastrará por todo o planeta.

A *instrução* prepara o ser humano a tornar-se um cidadão, isto é, molda-o para ser um eficiente servidor do Estado e do poder vigente. É o cadinho doutrinário, condicionando as massas à ação coletiva e ao raciocínio estereotipado. O instruído é erudito, leu sobre os fatos da Natureza, pode fazer o bem sem ser bom, como também pode ser mau e infeliz.

A *educação* é o estímulo à criatividade e à originalidade. Na concepção de Huberto Rohden, ser educado é realizar explicitamente o que é implícito. O educado é bom, realiza os fatos da natureza que tem em si e eduz de si os valores humanos. O auto-conhecimento e a auto-realização são os componentes da verdadeira educação.

Ninguém pode educar quem quer que seja, somente a si próprio. A família, quando muito, lhe facilita a virtude.

O Estado, maliciosamente, confunde instrução com educação. O sistema de poder não vê com simpatia os atributos da criatividade e do raciocínio independente. É-lhe muito mais fácil dominar quem está condicionado à fórmulas pedagógicas, quase sempre alienígenas, do que àquele que pensa com originalidade.

Nas sociedades deficientemente instruídas e educadas, percebe-se que qualquer disparate, publicado nos meios de comunicação ou proferidos nos palanques políticos e púlpitos religiosos, é aceito como verdade.

Na última guerra mundial, o governo americano, para atrair o Brasil ao contesto da luta, incumbiu Walt Disney a fazer um filme, enaltecendo as belezas do Rio de Janeiro. Assim foi criada a figura do Zé Carioca e as promoções de Cármen Miranda e Ary Barroso. Na Rede Manchete de Televisão, um líder sionista declarou que, quando a opinião pública se aborrece com o sionismo, este lança nos mercados cinematográfico e televisivo, novos filmes sobre o anti-semitismo.

Fundamentando-se nesses postulados, é fácil entender a multiplicação de seitas e opiniões preconcebidas, que jogam grupos ignoros uns contra os outros.

Um dos motivos do crescimento dos neopentecostálicos decorre do distanciamento dos fiéis de suas religiões seculares que, reacionárias e repetidoras de sofismas já não convincentes, não souberam se adaptar aos progressos da tecnologia e às carências da população.

Nas seitas e sociedades secretas, durante os processos de aliciamento, o líder aproxima-se como um indivíduo acessível, que ouve e aconselha. Nas grandes religiões, os condutores mantêm-se distantes e ostentatórios.

As seitas não só usam e abusam de toda a parafernália da comunicação: televisão, rádio, videocassetes, jornais, revistas e gravadoras de discos, como aproveitam-se da ignorância popular. O pastor ou

o iluminado tem uma aparência messiânica. Ele viu e conversou com Deus, Jesus ou Jeová, que lhe ordenaram a fundar a nova religião e salvar os bons das agruras existenciais e das penas do inferno. Os ingênuos, por serem crédulos e supersticiosos, crêem nele piamente, considerando-o como pai, protetor e conselheiro. São como um rebanho bovino, maleável aos interesses dos tropeiros, conduzido ao mata-douro, pensando em ir se alimentar no verde pasto. No Nordeste brasileiro, as massas rezam em procissões, pedindo chuva às colheitas. No restante do país, outras multidões, lideradas pelos mesmos condutores, marcham esbravejando revolta, mostrando a face alternativa da violência.

Como tudo tem seus períodos de nascimento, crescimento, plenitude e declínio, também as seitas atingem seu ponto de inflexão. Neste estágio se desmembram, a exemplo do cristianismo, ou vociferam umas contra as outras. Imitam os partidos políticos. Na oposição, denunciam os que estão na situação. Apregoam a justiça, a promoção do bem-estar social e a construção da grandeza nacional. No poder, revelam a impostura, repetindo as mazelas dos opositores.

René F. Miller, analisando a literatura e o teatro, como meios de doutrinação político-religiosa, escreveu que os romancistas e os teatrólogos são envenenadores que empeçonham as almas dos homens. Sobre a candura dos clérigos, afirma que se impressiona mais o povo pela aparência do fervor espiritual, pelas palavras tranquilas e pelo olhar sereno, do que por meio de palavras rebuscadas.

Outro fato que abala o ser humano é o desconhecimento do futuro. Lembra Shakespeare, quando disse que “entre o céu e a terra há muita coisa que a nossa vã filosofia não alcança”.

As profecias são um desses mistérios que, em certas vezes, se concretizam e, noutras falham. Os pressagiadores afirmam que elas alertam mas não determinam. É o caso de alguém, avisado de falecer num acidente aviatório. Aceitou a advertência, não embarcou e, depois, soube da queda da aeronave. O mesmo aconteceu em relação ao

naufrágio do navio inglês Titanic.

A palavra **profecia** significa *visão do futuro*. Não é dom exclusivo de taumaturgos, como Jesus e Nossa Senhora. Nem de santos e figuras veneráveis como Dom João Bosco, que previu a construção de Brasília e uma região de grande prosperidade, abrangendo os territórios argentino e brasileiro, ou o escatologista judeu Shabetai Shiloh, que anteviu a guerra árabe-israelense e a batalha de Gog e Magog: um conflito atômico definitivo entre Estados Unidos e Rússia, no Oriente Médio.

Uma importante predição já foi descrita no capítulo III, sobre os limites do crescimento industrial, realizada pelo Clube de Roma.

À respeito do período de 1995 a 2000 ou depois, seguem as narrações dos augúrios de vários videntes.

Em 1978, John Hackett e outros generais do exército, marinha e aeronáutica britânicos, conselheiros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), anteviram a importância da guerra eletrônica, que se confirmou no conflito das Malvinas/ Falkland; o surgimento do poderio econômico-militar chinês, que igualmente está ocorrendo; a aliança econômica e militar da China com o Japão, abrangendo outros países asiáticos, culminando com a ameaça amarela aos demais povos e o confronto americano com o poderio sino-japonês, no Oceano Pacífico.

No aspecto econômico previram a formação do eixo norte-sul, composto pela América e o Brasil, criando uma área de prosperidade conjunta. Consideraram que a Índia e o Paquistão virão a ser um território manufatureiro, influenciado pela aliança China-Japão, onde instalará suas indústrias pesadas e poluentes. A África terá o mesmo destino, aceitando as mesmas indústrias do Mercado Comum Europeu e, talvez, dos Estados Unidos, se não instalá-las nas Américas Central e do Sul.

Com relação ao desbaste natural da população humana, sem recorrer às guerras convencionais, que destroem o capital, a ciência

militar tem intensificado o que chama de **armas de baixa intensidade**, que provocam genocídios sem afetar o patrimônio das vítimas. Neste conceito estão incluídas as armas bacteriológicas e psicotrônicas. As principais matérias-primas do armamento bacteriológico são os organofosforados, o zinco, o cádmio, as bactérias, os fungos e as algas desidratadas.

O pioneiro no uso destas armas são os Estados Unidos. A primeira aplicação foi feita em junho de 1763, quando o general Jeffrey Amherst enviou uma carta ao comandante do forte Pitt, coronel Henry Bouquet, recomendando-o a borrifar pó venenoso nos cobertores, entregue aos índios do cacique Pontiac. A finalidade era “exterminar aquela raça repugnante”. Logo, uma epidemia dizimou toda a tribo. Em julho de 1953, realizaram a segunda experiência que se tem notícia, espalhando o NJZ2266 (composto de zinco sulfúrico, cádmio e musgos desidratados) no vale do rio Moncazy, em Maryland. Em setembro do mesmo ano realizaram a terceira, no povoado de Leesburg, próximo à cidade de Virgínia. No mesmo período realizaram outras vinte e oito provas em Rosemont, no Estado de Minnesota. Tempos depois, foram feitos ensaios nos metrô de Nova York, Saint Luis (Missouri), Minneapolis (Minnesota) e Winipeg, no Canadá. Na Coreia e no Vietnã empregaram a **bioarma**, que é a difusão perene de agentes causadores de enfermidades de difícil comprovação. Em Cuba, entre os anos de 1971 a 1981, através do mosquito *aedes aegypti*, infiltraram a febre amarela que nunca houvera se manifestado na ilha, matando 200 cubanos; concomitantemente, infectaram com pragas as plantações de açúcar, de tabaco e os rebanhos de gado, para solapar as exportações e contaminar a população consumidora.

Na década de 1980, outra vez, no próprio território americano, realizaram experimentos com a **arma étnica**, cujo propósito era dizimar a população de cor, deixando incólume a branca.

A guerra **climática** tem, como meta, destruir as reservas alimentícias do inimigo, dominando-o pela fome. Por sua vez, a **geográ-**

fica provoca terremotos, levando-o ao pânico.

Em 1985, o cientista iugoslavo Andrija Puharic revelou no Congresso Internacional do Homem, em São José, da Costa Rica, que, atualmente, estamos sendo submetidos a uma guerra de campos de ondas de baixa frequência, contra a qual o organismo humano, com suficiente dose de vontade, poderia desenvolver alguma resistência.

As recentes experiências com armas de baixa intensidade incluem as chamadas **guerras psicológicas e parapsicológicas**, esta, também rotulada como **guerra psi** ou **psicotrônica**. As armas psicotrônicas visam afetar o comportamento alheio, por meio de recursos telepáticos. As mentais ou psíquicas tem, como objetivo, perverter a mente de amplas camadas das populações inimigas e amigas. As últimas, por motivos de aliança e apoio material e humano.

Na Inglaterra, a Câmara dos Lordes, em reunião a portas fechadas, informou que as poderosas emissoras soviéticas estavam condicionando as mentes das populações ocidentais. Os cubanos a testaram em Angola. Os ingleses contra a Irlanda. Os israelitas contra os árabes. Os alemães a experimentaram na prisão de segurança máxima de Satutgart-Stamheim, contra os terroristas do grupo RAF Baader - Meinhof, onde todos se suicidaram.

O rádio e a televisão são os principais vetores das armas psíquicas, onde, a exemplo do cigarro, a vítima paga pelo veneno que consome.

Antes, no ano de 1948, George Orwell publicou o romance "1984", inversão de 1948, ano em que foi escrito, onde a humanidade se dividia em dois blocos, sendo o ocidental, governado pelo ditador, alcunhado de Irmão Grande (Big Brother). Era um mundo onde as pessoas se denunciavam mutuamente, hipnotizadas pela tirania do grande déspota. Filhos, pais, cônjuges e amigos submetiam suas afeições e lealdades ao poder político. O único amor e fidelidade irrestritos eram dedicados ao grande condutor. O planeta era dominado por máquinas, que tomavam decisões irreversíveis.

Edgar Cayce, nascido em Hopckingsville, Kentucky, EUA, nos estados de adormecimento, vaticinava diversas ocorrências para o final do século XX. Dentre elas, encontram-se

- que o Estado da Califórnia será abalado por um grande terremoto, o que é confirmado pelos geólogos;
- parte dos Estados Unidos será tragada por um maremoto;
- a destruição do Japão, causada por terremotos e erupções vulcânicas, fenômeno que igualmente está revelando seus primeiros sinais;
- a terceira guerra mundial, em 1999, estabelecendo o término da civilização atual e
- mudanças súbitas na superfície do planeta, devido à verticalização axial, também prognosticada por Ramatis e que já está sendo acompanhada pelos astrônomos.

Ferdinand Ossendowsky, na obra *Bestas, Homens e Deuses*, divulgou as profecias do Rei do Mundo, recebidas dos monges tibetanos.

- * Reinará grande corrupção na Terra.
- * Os homens esquecerão, gradativamente, suas almas, ocupando-se com o cultivo do corpo.
- * O islamismo desaparecerá e seus adeptos ficarão reduzidos à mendicância perpétua.
- * As pessoas tornar-se-ão iguais aos animais ferozes, sedentos do sangue dos seus irmãos.
- * O desaparecimento de reinos. Guerras, tremores de terra, êxodos e destruição de cidades prenunciarão um final de século terrível. Esses males serão sucedidos pela vinda de povos desconhecidos, os quais fundarão uma nova vida, até que os povos de Agartha saiam das profundezas para se apoderar da superfície do planeta.
- * Haverá uma guerra horrorosa entre todos os povos. Os oceanos rugirão. A terra e o fundo do mar ficarão cobertos de esqueletos e povos inteiros morrerão.
- * Fome, doença e crimes desconhecidos das leis, como o mundo nunca

vira.

- * Os perseguidos insurgir-se-ão e a atenção do mundo neles se fixará.
- * As estradas ficarão congestionadas pelas multidões alucinadas, perambulando de um lugar para outro.
- * As maiores e mais belas cidades serão destruídas pelo fogo.
- * Haverá nevoeiros e tempestades. A Terra tremerá e milhares de homens trocarão pela fome e pela morte as algemas da escravidão e da humilhação.
- * Sobre o globo irão pairar a noite e a morte.

A vidente católica Jeane Dixon confirmou as profecias de Nostradamus, ao dizer que o Anticristo nasceu em 5 de fevereiro de 1962, no Oriente Médio, e que possui dois dentes na garganta.

Michel de Nostredame, conhecido no mundo inteiro como Nostradamus, nasceu em 14 de dezembro de 1503 em Saint-Remy-de-Provence, cidadezinha situada entre Avignon e Arlés, no sudeste da França. Judeu de nascimento e católico por conveniência, teve a sorte de conhecer os meandros dos dois poderes e os segredos que guardavam. A dupla religiosidade lhe deu acesso a conhecimentos raros, que, aliado ao dom premonitório, tornaram-no um dos maiores prognosticadores que o mundo conheceu. Sobre o período revelou as previsões que se seguem.

- ◆ Descrença dos eleitores nos políticos.
- ◆ A hipocrisia das grandes nações. Às claras assinam tratados de paz. Às escuras, armam-se para a guerra.
- ◆ A bancarrota do sistema econômico internacional.
- ◆ João Paulo II, como o antepenúltimo papa.
- ◆ O bombardeio de Roma e o fim do Vaticano.
- ◆ Em julho de 1999 virá um rei de terror e, em outubro, os fenômenos astronômicos farão as pessoas acreditarem que a Terra estará fora de órbita.

- ♦ Numa certa data, o dia será igual a uma fomalha acesa, onde todos os soberbos e os ímpios flutuarão no ar, como palha queimada. O fogo que cairá do céu, durante três dias, deixará todo o solo crestado.
- ♦ A Idade Contemporânea terminará em outubro de 1999, representando o final dos tempos.

Raymond Abílio, em 1946, profetizou que, no final do milênio, o povo se tornará vítima da magia hipnótica. As criaturas serão registradas, selecionadas, reunidas e aperfeiçoadas, a fim de que elas e os grupos sejam manipulados numa criação sábia, hierárquica e dinâmica.

No livro *O Império da Quantidade e o Sinal dos Tempos*, René Guenon revelou que os homens serão autômatos, movimentados artificialmente por uma vontade diabólica, dando-nos a idéia do que poderá acontecer nos limites da dissolução final.

Na profecia de Saint Germain, de existência contestada, pois dizem ser uma figura criada pelas sociedades secretas para se equiparar aos santos da Igreja, consta que a poluição atmosférica e as explosões atômicas perturbarão o ritmo normal das estações, nas regiões temperadas. “As estações mudarão gradativamente, a primavera antes e, em seguida, o verão. Será a parada gradual do próximo tempo, o presságio da conclusão do ciclo”.

Filipe de Lyon, filho de Philippe Encausse (Papus) revelou, em 23 de abril de 1902, que a cada quatro ou cinco mil anos, terríveis cataclismos acontecem na Terra. “Tudo é destruído, nada mais existe. É a hora em que Deus celebra a sua safra. Os bons serão separados, eles chegaram ao fim. Os outros serão jogados novamente sobre a Terra, onde tudo recomeça no estado primitivo”.

Hermes Trimegistro, que viveu há muitos séculos antes de Cristo, renunciou que os homens desdenharão das maravilhas do Universo. Em vez de contemplar o céu, admirarão os precipícios. Preferirão as trevas à luz e a morte à vida. O religioso será considerado louco; o ímpio como sábio e o pior como o melhor. Direitos novos,

irreligiosidade, mentiras, guerras e rapinas, tudo conspirando contra a natureza e a alma. A Terra não permanecerá mais em equilíbrio, ficará com o eixo verticalizado. O ar entorpecerá. Será a senectude do mundo. Então, o Pai e Senhor porá fim à corrupção geral pela água, pelo fogo, pelas guerras e pelas epidemias, restituindo ao mundo sua beleza original, quando, então, surgirá uma nova Idade de Ouro.

As últimas datas, registradas na pirâmide de Queóps, a Grande Pirâmide, vão do período de dezembro de 1922 a setembro de 2001. Essas anotações estão na medição das galerias que conduzem às câmaras mortuárias.

São João Evangelista redigiu no ano 96, depois de Cristo, o Apocalipse, escrito em grego. *Apokalypsis*, significa *revelação das coisas ocultas* que, com o decorrer do tempo, passou a ser sinônimo de *fim do mundo*. Nele descreve que, nas vésperas do fim, um exército de 200 milhões de soldados matarão um terço da humanidade. O outro terço perecerá num próximo momento, afirmando que, de cada três, um sobreviverá. Sua premonição coincide com os demógrafos, quando afirmam que a população mundial não deveria ultrapassar a dois bilhões de habitantes. Hoje já somos, mais de **seis** bilhões.

Prosseguindo sua narrativa, São João diz que após o ataque a Israel, a besta, que tem o número 666, agredirá o cristianismo, onde o Vaticano será devastado em apenas uma hora, conforme interpretam os exegetas.

O Estado de Israel parece ter levado à sério os augúrios. Conforme foi publicado em novembro de 1994, em Londres, pela revista *Jane's Intelligence*, Israel tinha sete instalações nucleares e, pelo menos, 200 bombas atômicas apontadas para o mundo árabe, as quais foram detectadas por satélites russos e franceses. As imagens de alta precisão, obtidas desde 1989, permitiram seguir a “rota nuclear israelense até chegar ao produto final”. O técnico judeu Mordechai Vanunu informou que sua nação era a sexta potência nuclear do mundo. Em 1988 foi preso, por espionagem e traição. Sabe-se que a base de

Dimana está localizada no deserto de Negev. Os mísseis e foguetes, condutores das ogivas nucleares, são testados em Palnikin, junto ao Mediterrâneo e fabricados a oeste de Jerusalém.

No dia 11 de fevereiro de 1858, na aldeia de La Salette, na França, uma menina, Maria Bernarda Soubirous, apelidada de Bernardette, conversou com uma bela senhora, de aparência luminosa e que insistia em não ser a Virgem Mãe de Jesus. Esta senhora revelou-lhe

- ⇒ o aparecimento de pestes e doenças contagiosas;
- ⇒ o estalar de guerras sangrentas;
- ⇒ que a Igreja Católica será eliminada;
- ⇒ trovoadas, terremotos e maremotos que engolirão cidades e países;
- ⇒ um sofrimento tão intenso que os vivos invejarão os mortos;
- ⇒ que a Besta e seus súditos apresentar-se-ão como salvadores do mundo. A humanidade acreditará nas suas mentiras mas, no final, serão pulverizados pelo sopro do Arcanjo São Miguel e
- ⇒ no final, a água e o fogo purificarão a Terra.

Em 1917, na freguesia de Fátima, em Portugal, Nossa Senhora apareceu às crianças Lúcia, Francisco e Jacinta, avisando-os de que, na segunda metade do século XX, ocorrerá uma terrível guerra, na qual o fogo e a fumaça cairão dos céus e as águas dos oceanos se transformarão em vapor. Milhões de pessoas morrerão e os sobreviventes invejarão os mortos.

Nossa Senhora pediu à Igreja que suas profecias fossem reveladas ao mundo. Na data estipulada, o papa João XXIII negou-se a fazê-las. O mesmo fizeram seus sucessores. O clero encarcerou Bernardette e Lúcia em conventos, a fim de que os augúrios não fossem divulgados, com o propósito de não expor suas infâmias. Assim, o cinismo da Igreja esconde da humanidade verdades que, por direito, lhe caberia conhecer.

A bem da imparcialidade, o espiritismo repete a atitude do Vaticano. A Federação Espírita, durante alguns anos, colocou na lista de livros espúrios, as obras de Ramatis. Outro livro, intitulado *Cartas*

Abertas, psicografado por Rose dos Anjos, que recebe as mensagens do Irmão K (John Fitzgerald Kennedy) só são vendidos pelas livrarias que se afastaram dela. O motivo é óbvio, revelam a face ignóbil do espiritismo oficial.

Israel é a nação mais alertada sobre os flagelos do porvir. Sua situação geográfica lhe expõe a uma guerra de grandes proporções. O profeta Ezequiel previu que, quando o País viver em segurança, dos confins do Norte, povos numerosos, em grandes multidões, cercarão a cidade de Jerusalém, invadindo-a. Jesus também afirmou que a reunião do povo judeu será o prenúncio do seu fim e dos tempos.

As adversidades daquele povo coincidirão com

- ◇ o conhecimento do Evangelho em todo o mundo
- ◇ grandes sofrimentos no mundo: fome, superpopulação, desemprego, doenças, cataclismos e saques da população pelos governantes;
- ◇ pérfidas ideologias e falsos profetas, que corromperão a juventude;
- ◇ prodígios, como viagens interplanetárias, inteligência artificial, clonagem e colonização da Lua;
- ◇ perseguição aos cristãos;
- ◇ o fim do papado;
- ◇ os homens acreditando serem deuses e
- ◇ a Besta, de sete cabeças e dez chifres, que saindo do mar, lançar-se-á contra o Estado judeu.

O tríplice 6 significa o poder da maldade sobre a obra divina. Outros significados do fatídico 666 podem ser obtidos pelo estudo do tarô e da gematria, que é a parte da cabala judaica que estuda os números. Para melhor compreendê-lo, é preciso interpretar o zero e os números 1, 2 e 9.

Fulcanelli escreveu que os períodos de padecimento se sucedem num intervalo aproximado de 6.000 anos e estão relatados na Bíblia. A história cíclica abre-se no capítulo 6º, do Gênesis, pela narração do dilúvio e, no capítulo 20, do Apocalipse com as chamas do Juízo Final. A cada 6.000 anos, a Terra é agredida, sucessivamente,

com cataclismos aquáticos e ígneos. Moisés (6 letras) foi salvo das águas, iniciando o período de 6 milênios, e São João, a figura sagrada da exaltação solar, fechará o livro com os selos do fogo e do enxofre.

A Terra, e o que nela vive, tem o tempo previsto e determinado, com suas épocas evolucionárias e involucionárias. Tudo está condenado a morrer, a fim de renascer. Essas existências, delimitadas no relógio vital, estão compreendidas entre a regeneração, estabilidade e degeneração, simbolizadas pelo triângulo, e separam duas convulsões terrestres de mesma ordem, denominadas *ciclos*. Cada período de 1.200 anos ($12 \div 2 = 6$) começa e acaba por uma catástrofe. Assim, a evolução humana, progredindo num movimento de espiral, se estende e se desenvolve entre dois flagelos: a água e o fogo. Estes dois elementos são os agentes de todas as mutações materiais. Operam juntos, durante o mesmo tempo, em duas regiões opostas, na Terra. Faz lembrar uma canção, intitulada *Creio Em Ti* (Deus), na qual, numa de suas estrofes se canta “enquanto é noite aqui, é dia ali”. É como a deslocação solar, ou seja, a ascensão do astro ao zênite do pólo é o grande motivo desta conflagração. Isto quer dizer que o mesmo hemisfério é, alternadamente, submerso no final de um ciclo e calcinado no término do outro. Igual processo ocorre com as civilizações: do Oriente para o Ocidente, e deste para aquele. Quando um usufrui o esplendor, o outro padece com o ocaso.

Além dos ciclos, a vida terrestre sofre a influência de outros astros. No livro *Mensagem do Astral*, Ramatis comunicou que um planeta, não pertencente ao sistema solar, com um volume áurico de 3.200 vezes maior que o da Terra e com massa rígida, um pouco maior, se aproxima do nosso planeta a cada 6.666 anos ($6.666 \div 1.111 = 6$, coincidência dos números 6 e 1). Em virtude do seu magnetismo primitivo, truculento e denso, se assemelha simultaneamente a um gerador de movimentos centrífugos e centrípetos, absorvendo da Terra, como um ímã, as energias deletéricas e envolvendo-a com suas vibrações carregadas, desencadeando uma catarse. Sua função é a de

limpar a aura terrestre, nos acontecimentos que marcam o fim dos ciclos e levando consigo as hordas de almas perversas e incorrigíveis. Sua influência magnética é perceptível desde 1960 (coincidente com as previsões do Clube de Roma e com o movimento *hippie*), sendo que a maior intensidade começou a ocorrer em 1982. Faz lembrar o conteúdo do livro espírita *Os Exilados de Capela*, de Edgar Armond, quando o planeta Capela expeliu para a Terra suas almas perversas. Caberá, agora, ao planeta intruso fazer as vezes do nosso planeta, no passado ignoto, absorvendo os maus. A leitura dos livros de Ramatis tornam-se interessantes, porque, com o decorrer do tempo, a ciência vem confirmar suas assertivas.

No mês de setembro de 1992, em Paris, a imprensa publicou que o asteroide *Toutalis* poderá se chocar com a Terra, provocando o fim do mundo, próximo ao ano 2000. Em Washington, no mês de dezembro, os astrônomos da *Geological Survey* noticiaram que um asteroide de 1,6 a 3,2 quilômetros de diâmetro passou pelo nosso planeta, numa distância de 3,5 milhões de quilômetros, considerada pequena, pelas medições astronômicas. Em 2004 calcularam sua nova passagem a 1,6 milhões de quilômetros. Isto é, em doze anos, a distância será encurtada em 1,9 milhão de quilômetros.

Em agosto de 1995, cientistas chilenos e norte-americanos, baseados nos observatórios de *El Toro* e *La Silla*, descobriram que um supercometa 6,3 vezes mais brilhante que o Hale-Bopp e 150 vezes mais luminoso que o Halley, se aproximará da Terra, no primeiro semestre de 1997.

Assim, percebemos que o número 6 é corriqueiro na cabala e nas comunidades judaicas. No ano de 1995, a população judia, radcada no Brasil dizia ser de 230 mil pessoas ($2 \times 3 = 6$). Há um fato inte-

ressante, os hebreus não gostam de serem contados, pois dizem que isto lhes causa azar¹.

Golias, o gigante filisteu, morto por Davi, tinha 6 côvados de altura e cada côvado equivale a 66 centímetros. A altura do gigante era de 396 centímetros. 396 é múltiplo de 6. O episódio da batalha foi narrado no primeiro livro de Samuel. O nome *Samuel* é escrito com 6 letras.

O Gênesis diz que o mundo foi criado em 6 dias. 600 mil almas particulares compõem a comunidade de Israel (6 letras) e a alma divina da nação está dividida em 600 mil ramificações.

A fundação da maçonaria moderna ocorreu em 24 de junho de 1717. $(2 + 4); 6; (1 + 7 + 1 + 7) = 6; 6; 16^2$. A primeira loja Mãe tornou-se a Grande Loja da Inglaterra em 1726. Pela redução teosófica, $1 + 7 + 2 + 6 = 16$. O século XVI marca o início da franco-maçonaria. Em 1616 surgiu *O Casamento Alquímico de Christian Rosenkreutz*, livro escrito por Johann Valentin Andræ, nascido em 1586. A alquimia é fundamental para o entendimento da filosofia maçônica.

A redução teosófica de 1586 é 20. Dois, como veremos, é um número temido. Zero representa o imanifesto ou o caos. O nome completo de Rosenkreutz é composto de $6 + 8 + 6 = 20$ letras. No baralho do tarô, 6 representa a carta do Enamorado, um rapaz indeciso entre a escolha da mulher morena ou da loira. Na carta 8, encontramos o arcano da Justiça, sentada entre duas colunas, de expressiva significação no simbolismo maçônico. É o inverso da sexta carta. As colunas representam o masculino. A Justiça e a Maçonaria são nomes femini-

¹ Fontes do exterior consideram que a população judaica brasileira ultrapassou a 500 mil habitantes. Na Argentina, a segunda maior concentração mundial, excede a 3 milhões. A primeira está nos Estados Unidos. A terceira no próprio Estado de Israel. No mundo inteiro é superior a 20 milhões. Em 1954, Ana C. Schlesinger, no livro *"1.000 Perguntas e Respostas do Judaísmo"* revelou que, na Argentina correspondiam a 400.000, no Brasil a 125.000, no Uruguai a 40.000 e, no Chile, a 30.000. Desta forma, a população judaica brasileira cresce à taxa de 3,36% ao ano.

² Novamente 6 - 6 - 6.

nos. Na carta 6, o masculino está entre duas figuras femininas. Na carta 8, o feminino coloca-se entre dois elementos masculinos.

A Estrela de Davi, de seis pontas, é formada por dois triângulos, que representam o equilíbrio dos contrários. Desse modo, começamos a perceber nas vinte e duas cartas que compõem os arcanos maiores do tarô, o simbolismo da cabala e da maçonaria, as quais ocultam dos profanos, os grandes mistérios já referidos.

Na última guerra mundial os judeus divulgaram que os alemães exterminaram 6 milhões de seus compatriotas. Comparando com a altura de Golias, 6 pode representar *Satã*, que em hebraico quer dizer *inimigo*, as forças do mal.

Os algarismos 6 e 9 assemelham-se a um espermatozóide ou a um ser humano. O 9 está ereto, na posição normal. O 6 posiciona-se com a cabeça para baixo e as pernas para cima. No simbolismo taoísta do **ying** e **yang**, de grande significado para as sociedades secretas, um está com a cabeça para cima e, o outro, para baixo. Nos arcanos maiores do tarô, indica a décima carta, a **Roda da Fortuna**, representando os ciclos de elevação e queda de 6 mil anos.

Em algarismos romanos, 10 é indicado por X, representação da cruz de Santo André e os ossos cruzados da bandeira negra dos piratas. O negro significa a treva, a antítese da luz. Encimando os ossos cruzados, acha-se um crânio, emblema da morte. O propósito dos piratas era o saque e a destruição, arregimentando fortunas para as organizações clandestinas, extraídas, com frequência, dos galeões espanhóis. Na época, a Espanha era um baluarte do cristianismo, que devia ser derrotado. Na iniciação do terceiro grau, que eleva o maçom ao grau de **mestre**, este ostenta, no seu manto negro, o crânio e os ossos referidos, lembrando a figura alegórica de Iran Abif, o arquiteto assassinado pelos três servidores, durante a construção do templo de Salomão, o rei dos judeus.

Na carta da Roda da Fortuna, encontra-se, em cima da engrenagem, a figura de um monge asiático com um cajado na mão. Na

parte superior e mais espessa do bastão, em forma de 6 ou 9, estão presas duas bolas, lembrando o jogo de golfe. Em inglês, *um taco com duas bolas*, traduz-se por *two ball cane*, pronunciando-se “*tu ból quein*”. Tubalcaim é um personagem das sociedades secretas, fazendo lembrar o pênis e os escrotos, sinal do culto à sexualidade.

Comparando-se os dois algarismos, 9 denota a ordem e 6, a inversão de valores.

O número 1 retrata o elemento gerador ou falo, a união, o positivo, Deus. O 2 é negativo, denota a aceitação passiva. Todos os objetos com duas pontas ou bifurcados reproduzem o diabo³. É o primeiro número que destrói a unidade e a união. Faz ver os chifres do demônio, os conflitos, as contradições, a união dos pólos opostos, o ato sexual, a vida e a morte, bem como a suspensão momentânea do equilíbrio. Por estar ligado à astúcia, à malícia, à crueldade e à duplicidade é considerado, pelos numerólogos, como o mais perverso dos números.

O zero é mostrado, certas vezes, pela serpente Ouroboro ou a Serpente de Sião. Quando a boca engole a ponta da cauda formando um círculo, o início se encontra com o fim. O ciclo se completa. A civilização representada se concluiu: teve nascimento, existência e morte. O ciclo fechou-se. O zero também demonstra o caos ou a divindade não manifestada.

O ano de 1999 reproduz três pessoas. **Três**, o número perfeito, que tem início, meio e fim. Os 999 estão eretos, seguindo o 1, a união. É a marcha da humanidade seguindo a ordem.

No ano 2000, os três zeros presumem o caos, o vazio, o nada. São os 000 desfilando atrás da destruição, do diabo e do mal.

³ Na magia negra, o demônio ora é retratado segurando um arpão com dois dentes, ora com três. Com dois, representa o intento de proteção ao comparsa; com três, o de perseguição e ataque.

O ano 6000 expõe os mesmos zeros, seguindo Golias, o inimigo, o destruidor.

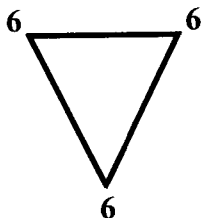
Os calendários cristão e judaico estão próximos dos anos 2000 e 6000, respectivamente. Dessa forma, pode-se compreender o raciocínio cabalista de Nostradamus para o final dos tempos e das civilizações cristã e judaica que, recentemente, concluíram um pacto de não agressão.

« 1999 - 2000 - 6000 »

Este arrazoado dá-nos um incipiente tirocínio de como as sociedades secretas, utilizando a simbologia dos números, do tarô, do I-Ching e de tantos outros símbolos, podem transmitir informações sintetizadas. Numa única figura, ensinam aos seus iniciados o que é incompreensível e, até ridículo, aos leigos.

Na magia ritual, as ações ou frases, repetidas durante três vezes, equivalem a enfatizar o que está sendo feito ou dito, a ponto de tornar irreversível sua realização no plano do espírito. A inversão da magia branca produz a negra. Assim, o triângulo ascendente corresponde à ação evolutiva do Espírito Santo, promovendo o retorno da alma à sua essência divina. Já o triângulo descendente equivale ao propósito de Lúcifer, impedindo a evolução humana e agravando a queda do homem, até que ele perca toda a individualidade na nulificação do caos.

Recordando que 2 patenteia os chifres diabólicos e o 6, o homem decadente, pode-se ter uma idéia do décimo-quinto arcano maior do tarô, o Diabo. É uma vaga compreensão do número da Besta, 666. Então teremos o significado da cabeça e do corpo do bode Baphomet, encontrado em determinados graus de iniciação das sociedades ocultas.



Os dois 6, na base do triângulo invertido são os chifres, significando a riqueza e o poder deletéricos. O 6 inferior, no vértice, indica a sensualidade requintada, o pênis.

A Estrela de Davi, de seis pontas ou os dois triângulos equilibrados, reporta-nos aos Superiores Desconhecidos, os Senhores do Bem e do Mal.

Na tradição judaica, o número 6 possui, também a conotação de **indeterminismo**, semelhante às palavras *muito, bastante, uma porção de*, etc.

A penúltima carta dos arcanos maiores do tarô é a do arcano 20, expresso por algarismos romanos (XX). Representa o Juízo Final ou o Julgamento. Faz ver a balbúrdia seguindo a destruição. É figurada por um homem, sua mulher e o filho. Desta vez, a presença do masculino (1) com o feminino (2) prepara o advento de um novo ciclo, a criança (3). Na dialética hegeliana, equivalem à tese, à antítese e à conclusão.

A última carta, o arcano XXI, o Mundo, retrata uma figura andrógina, com seios e órgãos genitais masculinos, circundada pela cobra que engole a cauda. A serpente fechou seu ciclo, o alfa (α) encontrou o ômega (Ω). É o zero, do Louco, e o XXI do Mundo. A vitória das forças ocultas está concretizada e pronta para a consolidação da Nova Era, que sucederá à Grande Conspiração Mundial.

Cabe ressaltar que, somente neste final de século, é que a humanidade pôde presenciar a química, gerando hormônios, e a cirurgia plástica, implantando silicones, modificando a aparência das pessoas. Unidas, facilitaram a figura dos *travestis*, presentes em todos os países ocidentalizados. Por coincidência ou não, a primeira carta é representada por um louco e a última por um hermafrodita. }

A outra figura andróide que aparece no baralho do tarô, está no arcano XV, o Diabo, onde se pode enxergar os 666 (1º) na cabeça demoníaca, os chifres e o cavanhaque e (2º) no tórax; os mamilos e o pênis, predominando sobre o resto do corpo.

A carta XVI retrata a Torre, a fortaleza danificada por um raio, donde caem duas pessoas, estando, uma delas, perdendo a coroa. Na interpretação dos **grandes mistérios** significa a deposição da realeza absolutista (o castelo) e, também, a queda da monarquia e do papado. }

Como se depreende, em vinte e duas figuras, podem os conhecedores da simbologia transmitir informações equivalentes à Bíblia ou ao Livro dos Mortos, dos antigos egípcios.

Os vaticínios revelam que a grande hecatombe será precedida de uma paz momentânea. Pois bem, o dia 1º de janeiro de 1994, equivalente ao ano 5756, do calendário hebraico, concedeu ao mundo judaico-cristão uma tripla satisfação: o ano novo cristão, a celebração da fraternidade universal e o restabelecimento das relações diplomáticas entre Israel e o Vaticano. Este último fato distou de *seis* anos da data 2000 e de *duzentos e quarenta e quatro* do sexto milênio semita.

Em 2000, a exemplo do que ocorreu no 1000, será a segunda vez que um ano, dividido por quatro, não será bissexto. Na data 2000, fevereiro terá 31 dias, pelo fato de serem incluídas as frações não computadas do primeiro **um**, para o ano; do segundo **um**, para o século e, do terceiro **um**, para o milênio. Estes acréscimos corrigem, a cada milênio, o ano anomalístico, de 365,25964 dias e o sideral, de 365,256361.

244. Pela redução teosófica, $(2 + 4 + 4)$, temos **10**. O **1**, do início, da geração, e da ordem e o **0**, da babel, da inação, do **nada**, para os decaídos e do **tudo**, para os redimidos.

O **4** simboliza o universo criado, a matéria, o espírito em atividade, a base de qualquer edifício duradouro (os quatro pilares), os quatro pontos cardeais, na última carta dos arcanos maiores do tarô, e os quatro elementos que densificam o éter: a água, o fogo, o ar e a terra. É o primeiro número par estável, já que o **2** é instável.

Pela escrita cabalista, da direita para a esquerda, «244», representa as civilizações cristã e judaica, o 4 mais próximo do 2, é a cristã, o mais afastado, a judaica, marchando juntas, atrás do 2, a desintegração.

Ninguém, na Terra Santa, acreditava que Israel e Vaticano se reconciliassem. O acordo, firmado em 30 de dezembro de 1993, previa o esforço conjunto para eliminar quaisquer formas de racismo, anti-semitismo, intolerância religiosa e violência aos direitos humanos. Infelizmente, essas exortações tiveram abrangência limitada e cínica, já que as grandes nações do mundo só têm empregado paliativos para deter os genocídios, praticados na África e na ex-Iugoslávia, onde os negros matam os negros e os brancos, outros brancos.

A conferência de 1º de janeiro de 1994, realizada em Jerusalém, teve a participação de cinquenta líderes de igrejas cristãs católicas, protestantes, ortodoxas, coptas e maronitas e de noventa e sete rabinos. Entre os participantes, estavam o cardeal Ratzinger e o monsenhor Michel Sabbah, descendentes de hebreus. Uma das figuras mais importantes do rabinato, foi a de Renê Samuel Sirat, presidente da Conferência de Rabinos Europeus e ex-grão rabino da França.

Em junho (mês 6), os dois Estados festejaram suas relações diplomáticas. A aproximação do judaísmo com a Igreja iniciou em 1965, quando o Concílio do Vaticano II adotou a Declaração de *Nostri Aetate*, admitindo que os judeus não foram culpados pela morte de Jesus. Neste encontro, Israel rejeitou o pedido do Vaticano em conce-

der-lhe garantias internacionais para Jerusalém, a cidade santa dos cristãos, islamitas e judeus.

Um mês antes, em maio de 1994, a Igreja estava preparando um documento que reconhecia sua culpa por ter contribuído para a promoção do anti-semitismo e por não ter impedido o holocausto, no qual se considerou co-responsável. O reconhecimento da culpa foi condição **sine qua non** de Israel, a fim de que as relações diplomáticas fossem restabelecidas. O documento católico, elaborado por bispos poloneses e alemães, intitulou-se ***O Anti-semitismo, o Holocausto e a Igreja***. Nele, o Vaticano confessou que a tradição antijudaica da sua teologia foi um elemento importante nas atribulações semíticas. Desde a Segunda Guerra Mundial, a Igreja considera o anti-semitismo um pecado, instando os católicos a repudiá-lo.

© 666 ANTIPAPAL

Na sucessão dos principais príncipes da Igreja Católica Apostólica Romana, João Paulo II ocupa o centésimo décimo lugar que, na redução teosófica, (1 + 1 + 0), expressa o **dois**, o número da divisão, da separação e da cisão.

Coincidentemente, João Paulo II representa, três vezes, o tríplice seis do apocalipse que, também, teosoficamente reduzido, exprime o número *dezoito*. Seu nome civil, Karol Joseph Wojtila, tem 18 letras. Nasceu no dia 18 de maio e foi elevado ao trono papal às 18 horas e 18 minutos.

Comparando os algarismos arábicos com os romanos

| |
|--|
| 1 = I, 5 = V, 10 = X, 50 = L, 100 = C, 500 = D e 1.000 = M |
|--|

sua familiaridade com o apocalíptico 666 é demonstrada de três maneiras.

(1ª) João Paulo II, em latim, se escreve **Ioannes Pavlys Secundus**. Substituindo os algarismos romanos, do seu nome, pelos árabes, surge I(1)oannes Pav(5)l(50)v(5)s Sec(100)v(5)nd(500)o:

$$[(1) + (5 + 50 + 5) + (100 + 5 + 500)] = [1 + 60 + 605] = 666.$$

(2ª) Acrescentando-lhe a sucessão que ocupa no trono papal, 110ª, (1 + 1 + 0 = 2) e o lema que lhe foi predito por São Malaquias, **De Labore Solis**, advém *Ioannes Pavlys II, 110º, De Labore Solis*:

$$I(1)oannes Pav(5)l(50)v(5)s I(1)I(1), 110^\circ, D(500)e L(50)abore Sol(50)i(1)s:$$

$$[(1) + (5 + 50 + 5) + (1 + 1) + (1 + 1) + (500) + (50) + (50 + 1)] = [1 + 60 + 2 + 2 + 500 + 50 + 51] = 666.$$

(3ª) A constatação do sinistro número igualmente ocorre no somatório das letras do título latino **Vicarivs Filli Dei** (Vigário do Filho de Deus), que lhe foi outorgado pelo Conselho Mundial de Igrejas, dominado pela maçonaria que, de acordo com Gregório XVII⁴, lhe conferiu o grau 33:

$$V(5)i(1)c(100)ari(1)v(5)s Fi(1)l(50)i(1)i(1) D(500)ei(1) \\ [(5 + 1 + 100 + 1 + 5) + (1 + 50 + 1 + 1) + (500 + 1)] = [112 + 53 + 501] = 666.$$

Outra vez, São Malaquias denunciou-o como antipapa, quando pressagiu que seu brasão seria o de uma cruz negra sobre a letra **m**, como de fato o é. Em grego **M** tem o valor de 40. O santo profeta prognosticou que ocuparia o quadragésimo lugar na lista dos antipapas. Pelas visões do abade francês, Jouin, a cruz negra representa a guerra. Ligando as duas revelações, o pontificado deste papa poderá coincidir com a hecatombe nuclear da Terceira Guerra Mundial ou com uma fase de intensos conflitos localizados. Outrossim as apari-

⁴ Papa da Igreja Católica Apostólica Palmariana. Endereço: Igreja Católica Apostólica Palmariana; Carmelitas da Santa Face; Apartado 4.058; 41.080 - Sevilha (Espanha).

ções ao papa palmariano Gregório XVII revelaram-lhe que a guerra ocorreria durante o pontificado de um antipapa romano.

Também a numerologia do horóscopo cabalístico permite correlacionar os nomes civil e religioso do Papa com a letra M para definir o ano 2000 como uma data decisiva para a humanidade.

Por este processo, as letras representam os seguintes algarismos:

a = 1; b = 2; c = 3; d = 4; e = 5; f = 6; g = 7; h = 8, i = 9; j = 9; k = 10; l = 20; m = 30; n = 40; o = 50; p = 60; q = 70; r = 80; s = 90; t = 100; u = 200; v = 200; w = 200; x = 300; y = 9; z = 400 e til(~) = 40.

Somando **Karol Joseph Wojtyla + Ioannes Pavlus Secundo**

+ **M**, surge

K(10)a(1)r(80)o(50)l(20)

J(9)o(50)s(90)e(5)p(60)h(8)

W(200)o(50)j(9)t(100)y(9)l(20)a(1)

I(9)o(50)a(1)n(40)n(40)e(5)s(90)

P(60)a(1)v(200)l(209v(200)s(90)

S(90)e(5)c(3)v(200)n(40)d(4)o(50)

M(30)

$[(10 + 1 + 80 + 50 + 20) + (9 + 50 + 90 + 5 + 60 + 8) + (200 + 50 + 9 + 100 + 9 + 2 + 1)] = [161 + 222 + 389] = \mathbf{772}.$

$[(9 + 50 + 1 + 40 + 40 + 5 + 90) + (60 + 1 + 200 + 20 + 200 + 90 + 5 + 3 + 200 + 40 + 4 + 50)] = [235 + 571 + 392] = \mathbf{1.198}.$

M(30).

$$772 + 1.198 + 30 = 2.000.$$

Aritmeticamente, pode-se demonstrar que o número bestial (666), irmanado com o prenúncio do ano da Grande Catástrofe (2.000), revelam quem é o atual papa da cristandade romana.

No século XIII, na cidade grega de Suniun, o bispo Anselmo predisse:

“Ai de ti, cidade das sete colinas (Roma), no dia em que a letra K for louvada dentro de teus muros. Será o sinal de que tua queda estará próxima”.

Em toda a dinastia papal, somente ele, eleito por cardeais, membros de sociedades secretas, tem um K (de Karol) no seu nome civil. O segundo K, oculto, está no nome israelita de sua mãe, Katzbroth.

No segundo capítulo de um pequeno livro⁵, publicado na Argentina e, depois, no Chile, consta:

**□ REPRESENTANTE DA VIDA TAMBÉM É □
DA MORTE.**

⁵ Na publicação argentina: **El plan Andínia; el nuevo estado judio**. Editora Entereza, Buenos Aires, 1986, 32 páginas. Na reprodução chilena: **El plan Andínia; estratégia sionista para apoderarse de la Patagonia argentina y chilena**. Alfabet Impresores, Santiago, 1987, páginas 58 e 59.

É evidente a importantíssima atividade da Igreja Católica Romana neste momento definitivo do Plano, ao manejar forças secretas. A cabeça visível é um papa polonês, porventura, um eslavo mesclado com israelita, realizando, no mundo, um trabalho de agitação e de descontentamento. Há, inclusive, seu reconhecimento público, como um irmão hebreu maior, por parte da direção da Grande Sinagoga. Depois destes vinte séculos de segredo, chegou a hora de remover a máscara, começando o trabalho pelo Plano e pelo Messias de Israel. Na América do Sul e, especialmente no Cone Sul, a Igreja Romana avança poderosamente na realização do **Plano Andínia**, cumprindo todos os desígnios do judaísmo. Por um lado, espalhando caos, terrorismo, agitação social, comunismo e a implantação do reino de Israel, no Sul da Patagônia. Por outro, na entronização e no encômio do Messias jeovita, do *final dos tempos*, comparando-o ao retorno de Cristo à *Parúsia*, esperado pelos fiéis *rebanhos de ovelhas*.

A preparação de um conflito entre a Argentina e o Chile⁶, a mediação papal e a visita deste papa eslavo (escravo⁷) ao Cone Sul, a Andínia, em glória e majestade, representam os movimentos básicos, no tabuleiro de xadrez, em que o imperialismo de Sião joga sua partida transcendental.

⁶ Como, de fato, quase ocorreu, na região da base naval chilena de Puerto Mont, quando a Argentina estava prestes a atacá-la.

⁷ No espanhol, as pronúncias *eslavo* e *esclavo* (escravo) se assemelham, assim como no inglês, *slav* e *slave*.

Do Chile e da Argentina, o Papa viajou para a Alemanha, onde *considera o nazismo como uma prova da existência do demônio*, a fim de canonizar uma judia, convertida ao catolicismo, Edith Stein. Estava, assim, cumprindo sua parte em prol do Pacto de Genebra.

Reproduzimos, em continuação, uma circular interna da Gestapo, de Cracóvia, na Polônia, durante os anos da ocupação militar alemã. A tradução, do alemão, é a seguinte:

ASSUNTO SECRETO DE COMANDO.

Departamento Principal de Segurança do Reich.

Cracóvia.

Repartição Geral.

As declarações conjuntas confirmam que um sacerdote católico, polonês, chamado *Karol Wojtyla*, tem participado ativamente do assassinato de alemães, por meio de arma branca. Proponho que o nome do *violento assassino* seja incluído na lista dos procurados. Para efeito do serviço mencionado, dirija-se diretamente à Gestapo de Cracóvia, Departamento F. VII. A.

Assim, o mensageiro da vida também é o da morte, bem como um importantíssimo agente do Sionismo Internacional.

Na Segunda Guerra Mundial, o padre Karol (Carlos) J. Wojtyla, sendo um “partisan”, foi internado no campo de concentração de Auschwitz, junto com prisioneiros judeus, sob a acusação de ter assassinado militares e cidadãos alemães, radicados na Polônia.

Foi o primeiro papa, na história da Igreja Católica Apostólica Romana, que assistiu uma cerimônia religiosa na sinagoga de Roma, a convite do grão-rabino Tofay, que o chamou de **seu irmão**. Também fez o Vaticano reconhecer oficialmente o Estado de Israel. Como hebreu e socialista, nomeou muitos cardeais marxistas-leninistas, maçons e judeus. Semita é o cardeal de Paris, Jean Marie Lustiger. O nome jeovita do cardeal Lustiger é Aaron. João Paulo II o está preparando para sucedê-lo. Dizem os católicos tradicionalistas que, se conseguir se eleger, extinguirá a Igreja Romana. Será um dos passos para a implantação do golpe de estado mundial sionista. Os judeus ortodoxos dizem que Israel já tem o futuro **Rei do Mundo**, que se chama *Emmanuel Samuel Sholnik Abrabanel*, nascido em 1942, na cidade palestina de Nathânia e que se considera o **Benei Meley** (Filho de Rei), descendente direto do rei David, de 3.000 anos.

A primeira ação de *João de Deus*, como foi cognominado em Porto Alegre, quando visita países, é a de ajoelhar-se e beijar o chão. Parece que o gesto induz a supor

- o emprego de um lance mercadológico, para conquistar novos fregueses e manter cativo a fatia de mercado que sua companhia transnacional da fé já possui;
- que agradece ao povo hospedeiro pela contínua remessa de riquezas aos seus insaciáveis sócios religiosos;
- o remorso do Vaticano, se é que possui, pelos massacres de povos e civilizações, perpetrados com os conquistadores europeus, em todos os continentes, ou
- a capitulação da Igreja, perante seus inimigos que, de joelhos e fronte prostrados ao solo, implora pela sobrevivência.

Em dezembro de 1994, em Stuttgart, Alemanha, Josev Schwammberger, de 82 anos, foi condenado à prisão perpétua, pela

morte direta ou indireta de 666 judeus, quando era comandante dos campos de concentração de Mielec e Rozwadow. Não parece haver uma coincidência de números 6: 6 milhões de mortos com 666? Coincidências como essas não parecem demonstrar que, como sempre, a História é narrada somente pela versão dos vitoriosos?

No ano de 1988, o engenheiro americano Fred Leuchter, especializado em projetos e fabricação de equipamentos, usados em prisões, realizou um trabalho sobre a construção de uma câmara de gás, na penitenciária de Missouri, em Jefferson City, EUA.

Em fevereiro do mesmo ano, Leuchter dirigiu-se à Polônia, para estudar as câmaras de gás, em Auschwitz, Birkenau e Majdanek. Após os levantamentos técnicos, declarou que o gás Zyklon-B era um desinfetante contra piolhos e insetos similares; que os galpões, onde eram concentrados os prisioneiros não foram construídos com o propósito de exterminar pessoas e que as amostras retiradas das paredes, pisos, tetos e outras superfícies, não revelavam quaisquer vestígios de cianureto ou produtos, capazes de provocar a morte.

O documento L-022, do Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, afirma que 1.765.000 judeus foram mortos por gás, em Birkenau, entre 1942 e 1944. No entanto, se operasse com o máximo de capacidade e, se as instalações realmente fossem construídas com o fito de morticínio, o número máximo de pessoas executadas, seria de 105.688 prisioneiros, ou seja, 6% do total divulgado. Na conclusão do relatório, Leuchter declara:

“A mais completa opinião do autor é a de que as alegadas câmaras de gás, nos locais inspecionados, não poderiam ter sido, então, nem poderiam ser agora, usadas ou seriamente levadas em conta para funcionar como câmaras de gás para execução. - Preparado neste 5 de abril de 1988 em Malden, Massachusetts, EUA. Fred Leuchter Associates. - Assinado: Fred Leuchter, Jr. - Engenheiro Chefe.”

Não sugere que os castigos, impostos por Israel e os Aliados da Segunda Guerra Mundial, à Alemanha foram assaz cruentos, a fim de tornarem os alemães tão acuados, acovardados e impregnados de complexos de culpa? Os que a visitam declaram que seu povo e governantes têm sido vítimas de uma lavagem cerebral nunca vista, até o momento.

Na década de 1970, nos Estados Unidos, o livro “Enterrem Meu Coração Na Curva Do Rio” tornou-se um sucesso. O cacique de uma grande tribo queixou-se, dizendo que, apesar de todas as maldades que os brancos lhes causaram, de saberem quem espalhou o uso do escalpamento⁸, do roubo dos territórios e da destruição das reservas de caça, as crianças e os adolescentes índios torciam a favor dos soldados, quando, nos filmes, guerreavam os peles-vermelhas. Aquele líder estava denunciando a lavagem de cérebro que o Governo, através do cinema, estava impondo às comunidades indígenas da América do Norte. Por acaso, esta técnica de condicionamento mental e sentimental não está correlacionada à postura dos alemães de hoje?

Quem não está comprometido com qualquer lado e procura a neutralidade, interessa-se pelas versões afirmativas e negatórias da História.

Muitos alemães, radicados no Brasil, comentam que, até o advento do nazismo, o povo era escorchado pelos empresários judeus. Eram obrigados a vender-lhes o labor e o patrimônio, a fim de sobreviver, em troca de pagamentos vis. As moças, para terem o sustento, vendiam-lhes não apenas o trabalho, mas eram coagidas a entregarem-lhes os corpos. O **golem** voltou-se contra o criador.

⁸ Do inglês **scalp**, parte superior do couro cabeludo do crânio. Por longo tempo, a sociedade americana pensou que foi uma crueldade criada pelos índios. Na verdade, para dizimar as tribos e se apossar dos territórios, os vaqueiros e colonos brancos matavam os peles-vermelhas, arrancavam-lhes, à faca, a cabeleira e as vendiam às autoridades, como incentivo ao genocídio.

Além da numerologia, as organizações ocultas se utilizam dos arcanos da cor e do som.

As cores favoritas das religiões inferiores, das sociedades secretas e dos cultos satânicos são a preta e a vermelha.

A Astronomia revela que os buracos negros do universo absorvem a luz e todos os corpos que penetram nos seus horizontes de eventos, enquanto os brancos os repelem, transformados⁹.

Os padres, pastores, rabinos, iniciados das sociedades secretas e de cultos satânicos fazem do preto a cor básica de suas vestes. Já seus líderes visíveis, como o papa, o raban e outros, hierárquicamente comparáveis, vestem-se com vestimentas brancas, por representarem a luz cativa.

Como o preto capta e não irradia a energia circundante, os que se revestem com ele absorvem a energia alheia e não a transmitem, como, tampouco, as suas. É *o para mim, tudo, para os outros, nada*. Os demônios e demais vampiros astrais procedem dessa forma. Ignoram, fanatizados pelo poder e pelo egoísmo, da plethora que estão gerando em si, como o avarento, escravizado pela própria ganância.

Os papas das religiões e sociedades secretas condensam a luz infusa das multidões de seguidores, transformando-a numa energia

⁹ Os **buracos negros** foram astros superdensos que se evaporaram, desprendendo partículas, cujas massas estão compactadas num volume pequeníssimo. Com isso, suas densidades se tornam altíssimas que nada, nem mesmo a luz, consegue fugir do seu poder atrativo. Um deles foi detectado em 1992, na galáxia NGC 3.115, com massa equivalente a um bilhão de sóis. Outro foi encontrado no ano de 1994, no centro da galáxia NGC 1.097, distante cerca de 60 milhões de anos-luz da Terra, reciclando gases que giravam na velocidade de 10 mil quilômetros por segundo, em torno do horizonte de evento (periferia); provavelmente, originário de alguma estrela, engolida há 60 milhões de anos-luz. É conveniente lembrar que *ano-luz* é usado como medida de distância astronômica e não de tempo.

Assim como a matéria pode entrar em colapso, na singularidade do buraco negro, outra singularidade poderá ejetá-la noutra universo, por meio de jatos cósmicos, constituindo um **buraco branco**. Noutras palavras, as partículas apresadas pelo buraco negro perdem energia, fazendo com que suas gravidades não sejam mais suficientes para mantê-las no horizonte de evento, sendo expelidas por meio de uma chaminé cósmica, chamada de “buraco branco”. Nosso universo, por estar em expansão, pode ser um buraco branco.

direcionada a determinado objetivo. Atuam na intenção contrária à do Sol, cuja luz difusa a tudo vivifica: tanto o bom como o mau, tanto o justo como o injusto, tanto o forte como o fraco, proporcionando a todos a evolução.

Quando os biólogos, nos testes laboratoriais, acondicionam o esbranquiçado esperma, percebem que, após algum tempo, ele se transforma numa substância sanguínea avermelhada, inferindo que o branco, da luz, se transmuta no vermelho da vida; no sangue arterial, que nutre, e no venoso, que limpa.

Os cultos satânicos capturam o sêmen e o sangue, invertendo-lhes as finalidades, transformando o angélico em demoníaco. Diferencia-se, desta maneira, as finalidades libertas e expansivas da magia branca, que labora na luz e no alvo, da opressiva, da negra, que age no preto e no vermelho

As hostes angélicas manifestam-se na luz e no branco: a vitalidade liberta. As demoníacas, no negro e no vermelho, a vida escravizada e nulificada.

O som serve, tanto como lenitivo, como excitante dos sentidos. O cantochão predispõe os monges à quietude e à meditação. Obras da música clássica, como *Poema*, de Fibich, *Noturno*, de Chopin, *Clair de Lune*, de Debussy e as *Aves-Marias*, de Schubert, Mendelsohn, Bach e Gounod induzem à tranqüilidade e à elevação dos sentimentos. Os batuques da quimbanda predispõem os sugestionáveis e histéricos ao domínio das entidades das trevas astrais. Os sons estridentes, caçafônicos e os guinchos dos «metaleiros do rock pesado» levam à alienação e à obtusão da mente. Nos recintos cerimoniais, predispõem os participantes à passividade da aceitação das doutrinas.

Com tantos recursos potentes e insidiosos, pode-se avaliar quão frágil se torna o senso crítico em resistir às persuasões das organizações secretas e das seitas que buscam o poder e a riqueza.

As grandes potências não aprendem as lições da História. Os americanos, ao massacrar os cubanos, açoitando-os e matando-os,

nas plantações de cana, repetiram os erros do passado. Os judeus criaram Hitler e o nazismo; os Estados Unidos, Fidel Castro e o comunismo caribenho.

*Essa
frieza
maciça* { Grande parte da humanidade pode estar condenada ao desaparecimento. Os sobreviventes poderão invejar os mortos. Mas, antes que o Grande Holocausto ocorra, os que causaram os graves danos ao planeta, certamente estarão alojados nas bolhas, construídas na face oculta da Lua.

*construção
e previs-* Na década de 1980, já haviam estudos de viabilidade sobre a colonização do satélite terrestre. Lá, os privilegiados permanecerão até que os efeitos da mortandade terrestre tenham desaparecidos. Então, irão retornar como novos Adões e Evas, para reconstruírem uma nova sociedade, porém, com as mesmas castas.

*no futuro
como horri-* Só não sabemos é se os sobreviventes, se houverem, não irão expulsá-los com o **Vade retro, Satana!**, dos exorcistas.

route
da destruição do mundo. Foi

*porque é impossível que
nos três anos que faltam
a tecnologia, para a con-
quistas lunar, esteja com-
cluída*

A Inversão dos Valores e a Corrupção dos Poderes Políticos

ENQUANTO este texto ia se desenvolvendo, os jornais noticiavam o quinto teste nuclear francês, no atol de Mururoa, na Polinésia, visando aprimorar as ogivas que equipam os submarinos atômicos. Vários países protestaram contra a contaminação ambiental, mas a França os ignorou. Na semana anterior, os adeptos do Templo da Ordem Solar mataram dezesseis colegas franceses, a exemplo de outros quarenta, assassinados na Suíça.

No mesmo dia, 27 de dezembro de 1995, um ex-ministro japonês foi preso por ter usado o seu cargo para conseguir o empréstimo de 26 milhões de dólares para a empresa falida de sua irmã.

Naquele período a Europa e a América do Norte padeciam com invernos cada vez mais frios; no Brasil, o Nordeste amargava uma seca e o Sul, enchentes devastadoras, como que ironizando os festejos de Natal.

Em 23 de janeiro de 1996, um jornal japonês, citando fontes ligadas à Conferência de Genebra sobre o Desarmamento, informou que uma pequena quantidade de iodina 131, substância tóxica radioativa, foi encontrada perto de Mururoa, após o teste nuclear. O anúncio foi feito em Washington, no mês de novembro, por um especialista da comissão francesa para a energia atômica. A França justificou as experiências como necessárias ao desenvolvimento do arsenal dissuasivo. Quiçá, como advertência ao poderio militar asiático, recordando-se da advertência de Napoleão, sobre o perigo amarelo. O argumento de defesa, a paz armada, predominou sobre o da contaminação do meio natural.

Na última semana do ano referido, um prelado italiano revelou, na televisão francesa, o que prometia ser a terceira profecia de Fátima:

uma guerra nuclear, no final do século XX, onde, em menos de uma hora, morrerão milhões de pessoas, invejadas pelos sobreviventes, devido aos sofrimentos que padecerão.

O deus-homem, aliado à verticalização do eixo teretre, conseguiu alterar o clima, por meio do efeito estufa.

Em nome da Economia de Consumo, as florestas européias, norte-americanas e, agora, as da América do Sul, vão desaparecendo. As espécies vegetais e animais continuam sendo exterminadas. Os agricultores e pecuaristas incendeiam matas virgens para transformá-las em lavouras e pastagens. As poderosas empresas multinacionais fazem o mesmo e com mais requinte: através de aviões fazem chover a gasolina gelatinosa «napalm». Transformam o verde, que nos dá o oxigênio, no vermelho do inferno ígneo, o qual presenteia nossos pulmões com gás carbônico e outros resíduos tóxicos. Para defender a reserva florestal da Amazônia, os grandes países propõem a internacionalização, desculpa esfarrapada para apossarem-se de suas riquezas.

Os peixes dos rios e dos mares estão intoxicados com mercúrio, urânio 235, plutônio 239, estrôncio 90 e cézio, que também estão nas águas que irrigam as lavouras e nos dessedentam. Os cereais estão impregnados com cádmio e o leite, inclusive o materno, nutre as crianças com estrôncio, cujos ossos possuem uma concentração superior a dos adultos.

Se isso provoca doenças, sofrimentos e mortes, Que importa!, exclamam os empresários influentes.

Na agroindústria, conseguem produzir sementes exóticas para forçarem a venda complementar de defensivos agrícolas e pesticidas, que, antes, eram desnecessários à agricultura. Como se sabe, seus resíduos, alojados no organismo, são nefastos à saúde pública. Assim suas empresas, junto com as indústrias funerária, médica e farmacêutica podem apresentar aos seus acionistas belas “performances”, proporcionando-lhes melhores dividendos. É sinal de que a Economia está

pujante. Se a mão-de-obra escasseia, em decorrência das doenças, não tem importância, os robôs trabalham tão bem como os operários, não reclamam horas-extras, insalubridade, nem movem ações trabalhistas contra os patrões. A economia mundial precisa gerar riquezas, concentradas nos cofres de um grupo cada vez menor de reis Midas. São Paulo é o orgulho da economia brasileira, e dos paulistanos, os quais sentem-se envaidecidos em respirar um ar com poluição seis vezes superior que a tolerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O que ganham, pelo trabalho, perdem pela doença e suas conseqüências.

Como escreveu Antoine de Saint-Exupery, o ser humano é difícil de ser compreendido. Debocha dos abutres, que comem carniça, como referiu-se o presidente-sociólogo brasileiro, no entanto, se esquece de que os guerreiros hunos, nas campanhas militares, se alimentavam com carne deteriorada, como fazem hoje, muitos favelados, que habitam o Brasil. Hoje, os animais de abate, como o gado, os suínos e as aves, são alimentados com anabolisantes e outros hormônios, que se impregnam nos seus tecidos musculares e dos que os devoram, provocando a impotência, a homossexualidade e o câncer. Zomba das hienas, que ingerem estrumes, mas não se lembra de que come e bebe seus próprios excrementos. Uma cidade com quatro milhões de habitantes lança nos rios, diariamente, dois milhões de quilogramas de fezes e de três a quatro milhões de litros de urina, que voltam dissolvidos, para regar as hortaliças e serem ingeridas pelos habitantes. Os resíduos dos anticoncepcionais não só reduzem a multiplicação dos peixes, como afeta a saúde dos cidadãos.

Em nome do poder e da hegemonia militar, constata-se o acúmulo de resíduos atômicos, enterrados nas profundezas da terra ou jogados nos mares. Seus efeitos se prolongam por centenas e milhares de anos. Nas fossas, onde foram enterrados, podem atingir as correntes hídricas. Liberados, atingem a terra, o ar e as águas.

Na política, vemos o povo ingênuo, crendo nas promessas dos políticos profissionais. Nos regimes democráticos, **democracia** é uma palavra de significado ambíguo, que tanto pode significar *governo do povo*, como *governo do demo*. O eleitor, pretensamente politizado, mal se dá conta de que o voto é uma procuração, concedida a alguém, para que governe ou administre a **coisa pública**, seus direitos e os do Estado, em seu nome. Ludibriados por esses políticos, crêem que, nas eleições, são obrigados a votar num dos candidatos que lhes foi impingido, mesmo sabendo que são corruptos, sem a mínima capacidade intelectual e moral, para exercer com probidade, qualquer mandato. A prova mais cabal está nas campanhas eleitorais, onde um candidato denuncia a corruptibilidade dos outros. Sempre ouviu dizer dos demagogos e dos lacaios que deles vivem, que o voto nulo ou em branco é uma covardia, uma omissão ou um desrespeito às instituições democráticas.

A verdade é outra. Um governante, que ocupa um cargo público, obtido numa eleição, onde a maioria dos votos foram anulados, não tem apoio interno nem externo. Seu mandato pode ser legal, mas não é legítimo, uma vez que não mereceu a confiança dos eleitores, que foram ao pleito, coagidos pela Justiça ou para protestarem. No Brasil, a Constituição Federal declara que o voto é um direito, mas a Justiça Eleitoral a vilipendia, tornando-o uma obrigação. Seu governo e suas ações podem ser contestados e desrespeitados, por ilegitimidade ou por falta de moral. Os atos legislativos de um déspota sórdido podem ter legalidade mas, nunca, legitimidade. O governante procede como se estivesse numa corda bamba. Internamente, qualquer sindicato pode afrontá-lo. Além das fronteiras, não terá a confiança das instituições e dos governos de outros países. Se quiser concluir o mandato, terá de agir com o máximo de cautela e com toda a probidade.

O voto nulo ou em branco, mesmo transferido para o partido governista, é uma arma pacífica que o eleitor tem nas mãos e não sabe

usá-la. Mais do que isso, são atos de respeito para consigo e para com a pátria, pois ele não estará passando qualquer procuração para o ladrão, que roubará dele e do país. Enfim, como diz o provérbio, “Cada povo tem o governo que merece”.

As profecias já estão se cumprindo. Os políticos se elegem, não para zelar pelos interesses da população e do país, mas para salvarguardar os lucros da plutocracia que financia as campanhas eleitorais ou aos poderes ocultos, que os controlam. No final de 1995, uma pesquisa, realizada na Argentina, revelou que 80% da população descrevia na decência dos parlamentares e legisladores.

Na política exterior, o Brasil se esquece de que as grandes nações dependem tanto dele, como ele delas. Ao longo dos anos, a diplomacia brasileira tem sido servil aos interesses da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos. De um modo geral, sua atuação nunca atendeu às nossas necessidades e conveniências. Somos o aliado gratuito dos americanos, que nos têm dominado e sugado as riquezas, sem termos ostentado qualquer reação.

A imoralidade e a fraude têm corrompido todos os poderes formais. As pessoas de bem transformam suas casas em prisões e se encarceram nelas, por não terem proteção jurídica e policial. Quando instadas a se pronunciarem, a Polícia e a Justiça usam os artifícios e as fragilidades da lei, para justificarem suas regalias e omissões.

Em fevereiro de 1996, o cantor norte-americano Michael Jackson gravou, numa favela do morro de Dona Marta, no Rio de Janeiro, contra a vontade dos governos federal e estadual, uma película coreográfica, a fim de promover seus novos lançamentos musicais. O segundo plano da filmagem focalizava a miséria e a promiscuidade dos favelados, que representavam a situação sócio-cultural dos miseráveis brasileiros. O ministro e ex-gênio do futebol, Édson Arantes do Nascimento, o Pelé, contrariado, declarou que o Brasil estava sendo denegrado, num momento em que se empenhava para sedear a próxima

olimpíada mundial, naquela cidade e, por isso, precisava de imagens elogiosas, ao invés de constrangedoras. O governador do Estado declarou que o cantor não tinha moral para incluir aquelas cenas na sua promoção. Ambos queriam a reprodução do Pão de Açúcar, do Corcovado, de um povo jovial e saudável, bem como de belas mulheres, bronzeadas pelo Sol, ostentando os corpos nas praias cariocas. Para o ministro e o governador, os corpos esqueléticos e maltratados, que envolvem almas injustiçadas e ignaras, são figuras que enojam a burguesia e os turistas. Naquela situação tragicômica, a equipe que cuidava da integridade do artista, em vez de pedir proteção policial, pagou aos narcotraficantes e às organizações criminosas para que o protegesse, revelando que, até no exterior, a influência dos celerados é mais considerada do que a incúria dos policiais.

Na mesma cidade, em 1994, uma anciã aposentada, ao sair do banco, teve roubada sua renda mensal. Em vez de registrar a queixa na delegacia de polícia, solicitou justiça aos líderes das organizações criminosas. Estes, capturaram os assaltantes, amassaram-lhes os dedos com as coronhas dos fuzis e devolveram o dinheiro à vítima.

Em 1995, os cortiços foram invadidos pelas tropas do exército e dos fuzileiros navais, acompanhados por carros de combate, com o objetivo de derrotar o crime organizado. A operação durou dois meses. Diversos favelados, de ambos os sexos, foram torturados para denunciarem os chefes criminosos. A tropa, que subiu os morros, cheia de garbo, acabou descendo cabisbaixa, frustrada pela incapacidade da operação militar.

Em Porto Alegre, como noutras capitais, bandos de crianças e adolescentes assaltam e matam os cidadãos. Se, em legítima defesa, a reação da vítima causar ferimentos a algum dos menores, quase certamente será condenada pelo Poder Judiciário, como criminosa. A maioria dos agredidos, ao buscarem reparação nos plantões da Justiça, não são atendidos. Na polícia recebem a ironia e a má vontade ofensivas.

O cenário é o de uma população desamparada, que vive num país que sofre a inversão completa dos valores jurídicos, policiais e morais.

No mesmo período, a França se queixava da violência juvenil, que atacava em todos os subúrbios das grandes cidades. Tratava-se de uma brutalidade caracterizada por assassinatos, assaltos, ataques a policiais, a supermercados e automóveis, como também de roubos à mão armada. Em 1995, as prisões de menores superaram as dos anos anteriores, onde as ocorrências revelavam roubos violentos, agressões de grupos hostis e participações em diversos outros delitos.

Novamente, os fatos comprovam as predições dos videntes.

No ano de 1991, o Tribunal Regional Federal (TRF) desapropriou o Centro Empresarial Presidente Kennedy, na Avenida Carlos Gomes, nº 111, uma das zonas nobres da cidade de Porto Alegre. Pagou aos proprietários uma indenização muito aquém do valor de mercado. Sobre a escolha do local, o presidente do TRF respondeu, ciniicamente, que *zona nobre é toda a cidade*. O arbítrio escandalizou a opinião pública e a imprensa qualificou-o de ato inaceitável. No Tribunal de Pequenas Causas, ações apresentadas são, por vezes, desconsideradas, frustrando a confiança do cidadão que nele confiou.

Na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, em outubro de 1993, o diretor de distribuição do Tribunal Regional do Trabalho foi destituído do cargo por ter feito denúncias de corrupção e nepotismo, envolvendo os juízes do Tribunal, inclusive, três ex-presidentes. As denúncias foram acompanhadas de farta documentação. As acusações divulgavam nomeações irregulares de parentes e de juízes classistas, bem como pagamento de diárias e complementação de salários. A decisão de afastá-lo foi tomada por quinze juízes, integrantes do Tribunal Pleno. Seis deles apareceram na lista dos denunciados. Em nota oficial, o órgão afirmou que o denunciante foi destituído do cargo por ter «decaído da confiança do Tribunal».

Em março de 1994, o Presidente da República, queixando-se dos insistentes aumentos de preços, admitiu que só por cautela não sugeriu a prisão dos especuladores. Referindo-se ao Poder Judiciário, lamentou:

"Não adianta eu querer medidas penais para, infelizmente, o Judiciário brasileiro derrubá-las. Há sempre um juiz para conceder uma liminar contra uma medida provisória nossa".

A decepção do Presidente, em relação ao Judiciário, é compartilhada pelos cidadãos. No mês de janeiro de 1996, a Fundação Sulriograndense de Proteção Ambiental (FEPAM) verificou que um frigorífico de Porto Alegre estava abatendo 100 mil galináceos por dia, quando sua capacidade operacional máxima era de 35. O excesso de 186%, segundo a FEPAM, provocava as poluições hídrica, atmosférica e sonora, acrescentando que funcionava irregularmente, pois não possuía licença para uma produção, nem de equipamentos adequados para tal volume. Se tivesse examinado em detalhes, teria presenciado, ainda, o sofrimento insuspeitado a que eram submetidas as aves.

A empresa e a Federação dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação se aliaram contra o órgão público. O mandado de segurança, impetrado contra a Fundação, alegando «dano irreparável à empresa, aos criadores e aos empregados e que a redução do abate de dois terços seria medida violenta, contra todos os envolvidos no processo produtivo da empresa» foi aceita. O desembargador, ao dar a sentença, escreveu:

"A ecologia não é um bem absoluto, mas relativo, submetido ao bem comum, como o trabalho. Bem absoluto é a vida, que é mantida pelo ganha-pão de cada dia. É verdade

que sem saúde a vida se enfraquece, mas também se reduz pela falta de pão. Por isso, os bens relativos devem ser sopesados”.

Se tivesse lido algo sobre Einstein, saberia que, neste mundo, tudo é relativo e que nada é absoluto. Geralmente o povo crê que um magistrado tem cultura e que julga com imparcialidade. Tal desembargador, se tivesse um pouco de respeito à vida e à responsabilidade social, deveria saber (1º) que a ecologia vive sem o homem, mas que ele não vive sem ela; (2º) que um grupo de trabalhadores não vale mais do que a vida da população de uma cidade, lentamente envenenada pelas poluições hídrica e do ar; (3º) que os interesses empresariais pelos trabalhadores é impostura. O operário só vale enquanto produz a baixo custo e com eficiência, porque, quando se aposenta, chafurda na miserabilidade da aposentadoria aviltante, pela qual pagou muito mais do que recebe. Se ficar desempregado e não tiver economias ou alguém que o mantenha, será espancado nas masmorras por ter roubado o pão que lhe saciou a fome, uma vez que o seguro-desemprego é outra hipocrisia do governo, que, quando pago com atraso, o mantém por um período exíguo de tempo; (4º) que a Constituição Federal declara, somente na teoria, que todo o poder emana do povo e em nome dele deve ser cumprido. Se a verborragia fosse verdade, a saúde popular valeria mais que os interesses mercantis de uma empresa; (5º) que seu dever é o de cumprir as leis e não sobrepor suas paixões ou interpretações pessoais a ela e (6º) que um órgão público de proteção ambiental deveria merecer mais fé pública do que uma empresa que defende seus lucros. Em resumo, ficou provado que, para alguns do Poder Judiciário, os interesses econômicos da minoria rica têm mais valor que a saúde e o bem-estar da população de toda uma cidade, no mínimo, porque a contaminação da água e do ar envenenam as populações de vários municípios. Voltando à sensatez, a 2ª Câmara

Cível do Tribunal de Justiça anulou a sentença, ordenando, no dia 27 de março de 1966, o frigorífica a acatar, com diplomacia, a determinação da FEPAM.

Quando se sabe que existem magistrados ligados às sociedades secretas e que estas dominam as riquezas do mundo, além de objetivar a destruição da civilização atual, para implantar outra, conforme seus padrões, pode o leitor ter uma noção do que o futuro reserva para si e seus descendentes; que as profecias não são simples quimeras, providas da ficção de mentes fantasiosas e que a inversão dos valores e da moralidade são fatos incontestáveis.

Outra evidência dessa inversão constata-se na arrecadação dos tributos. A tributação dos trabalhadores é feita na fonte, não podendo ser sonegada. As empresas os pagam pelas declarações contábeis ou pelo lucro presumido, que, semelhante às estatísticas, podem ser facilmente burladas. As autoridades fiscais sabem que para cada real recolhido, existe outro sonegado, demonstrando a injustiça fiscal, a proteção aos grandes e a perseguição aos pequenos. Mais ainda, fica evidenciado que os poderes que representam o povo e os criados para o defender, estão ligados ao capital e ao poder mundiais.

No Rio Grande do Sul, no final de 1995, foi criada uma emenda constitucional, proibindo a nomeação de parentes para cargos em comissão. Os poderes legislativo e executivo, por serem escolhidos pelo povo, deveriam ter maior projeção que o judiciário, imune ao julgamento popular, a qualquer órgão que o fiscalize e encarregado de zelar pelo cumprimento das leis, promulgadas pelo legislativo. Na verdade, isto não ocorre. O objetivo da lei contra o nepotismo visava preservar a moralidade no serviço público. Os desembargadores e os juizes foram os primeiros a se insurgirem, impetrando liminares contra ela, a fim de proteger os proventos de seus parentes, empregados no poder judiciário. Certo desembargador disse que *a decisão era essencialmente jurídica, pois o ponto de vista moral não havia sido anali-*

sado, como não via imoralidade no emprego de parentes. Levantou a hipótese do Legislativo estar provocando o Judiciário com manobras políticas, dignas de Machiavelli. Se qualquer cidadão de instrução mediana sabe que o objetivo jurídico é a preservação da moral e dos bons costumes, que se pode esperar do desembargador, encarregado da Corregedoria-Geral da Justiça e do poder que representa?

Na segunda página do jornal *Correio do Povo*, do dia 12 de novembro de 1995, constava:

“Juiz que empregou parentes deixa o Tribunal. * Ao deixar a presidência do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba, na última sexta-feira, o juiz Severino Marcondes Meira, um dos campeões do nepotismo, disse que em todos os escalões do país se empregam parentes, «inclusive no Supremo Tribunal Federal». Severino, que confirmou ter cerca de 50 parentes empregados no TRT, será substituído interinamente pelo juiz Paulo Pires, que não pôde assumir o cargo porque também tem dez parentes no Tribunal”.

De acordo com a Constituição, que deveria se sobrepor a todas as leis e decretos, nenhum funcionário público pode ter vencimento superior ao Presidente, Governador ou Prefeito. Pois o Poder Judiciário de Santa Catarina, para beneficiar um dos seus procuradores, que estava recebendo uma aposentadoria acima do que deveria receber, insurgiu-se contra a Carta Magna do Estado. O desembargador, em detrimento do bem público e da reforma administrativa, concedeu liminar ao mandado de segurança, impetrado pelo procurador, que teve o salário bloqueado pelo governador, que obedecia à Constituição, limitando os gastos com a folha de pagamento. A medida judicial teve efeito apenas para o salário daquele procurador, beneficiado com uma aposentadoria privilegiada, em relação aos trabalhadores do País.

O funcionário que se limita a cumprir suas obrigações não é demitido e tem todas as regalias que o serviço público lhe oferece, não

importando se a economia se encontra estabilizada ou em depressão. O operário e demais trabalhadores nunca sabem se, no amanhã, poderão contar com o emprego. Quando a empresa e a conjuntura vão mal, ou quando o patrão decide substituir homens por máquinas, são os primeiros a ficarem sem o emprego, que sustenta a eles e suas famílias. Qualquer analfabeto percebe tais injustiças, mas pouquíssimos representantes, de qualquer poder público, se empenham em saná-las. Certamente, essas omissões entornam o caldo das revoluções sangrentas, que tiram o patrimônio dos que trabalham, para entregá-los aos usurpadores ocultos. Na verdade, esses confiscos ocorrem tanto em tempos de guerra civil como em períodos de paz. Na guerra são ostensivos. Na paz, de forma pouco perceptível.

Conforme o dito popular de que *o exemplo vem de cima*, os que julgam são, em certos casos, tão corruptos quanto os celerados. A revista *Isto É*, nº 1.346, de 19 de julho de 1995, publicou dois artigos sobre as atitudes de juízes que executam a Justiça do País. O primeiro, relatado na página 18, revelou que a Polícia Federal abriu inquérito, no dia 10, contra uma juíza do trabalho do Estado de Rondônia, presa no dia 7, com quatro papелotes de cocaína, na cidade do Rio de Janeiro. A mesma era suspeita de integrar uma das maiores quadrilhas especializadas em lesar o patrimônio público. No seu histórico policial constava crimes de estelionato e de provocar uma das maiores indenizações da história, pagas pelo Governo Federal, no valor de 613,6 milhões de dólares ao sindicato de professores do seu Estado. Também suspeitava de que ela estivesse envolvida na trama de corrupção de magistrados, funcionários da Justiça e outros servidores públicos. Na página 12 constava que a polícia prendeu, no dia 10 do mesmo mês, um juiz carioca, acusando-o de praticar sexo oral dentro do seu carro, em plena Avenida Atlântica, uma das mais movimentadas da cidade, com uma advogada de 28 anos, que era sua estagiária. À im-

prensa, o juiz alegou estar sendo perseguido pelo chefe da polícia civil, com o qual, dias antes, mantivera altercação.

No Poder Executivo também vê-se o Presidente da República punindo os denunciantes e apaniguando os denunciados.

Durante o ano de 1995, o governo federal foi o que mais gastou em publicidade no país. Seus 28 ministérios e 84 empresas despenderam cerca de 266 milhões de dólares. Numa administração pública honesta e competente, a melhor divulgação do desempenho se faz pelas obras realizadas em prol da população e do Estado, uma vez que os fatos são mais convincentes que o alarde. O desperdício em nada amenizou as dificuldades do cidadão, obrigado a pagar uma das maiores cargas tributárias do mundo. Pelos princípios das Finanças Públicas, a malversação feriu os requisitos da utilidade, da capacidade contributiva do povo e da legitimidade da despesa. Lendo nas entrelinhas da notícia, depreende-se que a soma serviu para comprar o silêncio das empresas de comunicação ou outros artifícios, a fim de amenizar as críticas e denúncias da corrupção pública.

Dentre os legisladores brasileiros encontram-se verdadeiras **celebridades**, as quais se destacam pela **sabedoria e bom-senso**. Em 1997 vigorará uma lei, obrigando os motoristas que trafegam pelas rodovias do Rio Grande do Sul, a manterem os faróis acesos, tanto à noite como durante o dia. O autor, um deputado do Partido Liberal, conseguiu convencer a maioria dos seus colegas de que a luz dos faróis ilumina mais que a solar e que faróis ligados dão maior proteção aos motoristas. Certamente, lembrou-se, mas não disse, que faróis acesos, durante o dia, se desgastam mais, fazendo com que a reposição se torne mais freqüente. Quem ganha são os fabricantes dos componentes elétricos automotivos e outros. Quem perde são os motoristas particulares, de caminhões e de ônibus, estes, por sua vez, transferem os aumentos de custos aos usuários. Como sempre, quem sofre é o povo, incluindo os eleitores. O parlamentar considera-se, como todos,

um paladino dos direitos dos cidadãos. Há um fato digno de nota. O Partido Liberal, nas propagandas eleitorais, enfatiza que todos os que quizerem ingressar em suas hostes deverão freqüentar seu curso de política e cidadania. A qualidade dos ensinamentos é avaliada pela conduta dos seus representantes.

Outro projeto, apresentado por uma deputada do Partido Socialista Brasileiro, está propondo, no segundo semestre de 1996, outra lei, exigindo que os cidadãos entreguem pilhas e baterias usadas, na compra de novas. Num dos jornais porto-alegrenses, certo leitor recordou que, em decorrência, a inteligente deputada socialista poderá estender a lei aos consumidores de palitos de fósforos e para dentes, de cotonetes, de absorventes higiênicos e de preservativos (a popular *camisinha*). Quanto aos preservativos, forçosamente, os vendedores terão de receber os usados, impregnados de esperma, de vírus da AIDS e, até, de fezes. Como os parlamentares são os legais representantes da população, cabe perguntar: Que povo tem o Rio Grande do Sul e o Brasil? Quem vota em políticos tão curtos (perdão, o autor quis escrever “cultos”), por certo, deveria ser julgado pelo adágio popular “*Quem é estúpido deve pedir a Deus, que o mate, e ao diabo, que o carregue*”. Para consolo dos pobres de espírito, também é necessário a formulação de outras indagações: Quem comanda os partidos políticos, seus líderes e demais representantes? Que culpa atribuir a um povo indiscernido e desencaminhado pelos seus governantes? Também, para consolação, os italianos elegeram para o Parlamento Europeu, a atriz Cicciolina (Ilona Stahler), do cinema pornográfico.

A História Republicana Brasileira é uma sucessão de violências à democracia, se quisermos interpretá-la como o governo do povo (como se a população, alguma vez, tivesse influído na escolha do poder). No dia da proclamação da República, um enxame de gafanhotos atacou as plantações, no município de Cerro Branco, no interior do Rio Grande do Sul. O agricultor Fº Hugo Doberstein, que contemplava

a desolação, profetizou que o regime republicano seria maléfico ao País. O augúrio se verificou, 2 longos períodos ditatoriais, 17 atos institucionais, 6 dissoluções do Congresso, 7 constituições diferentes, 5 deposições de presidentes sem contar as inúmeras agressões ao civismo e aos direitos individuais, totalizando 68 ataques às instituições políticas.

Desde a Antiguidade o aparecimento de chusmas de gafanhotos é augúrio que profetiza males futuros. No depoimento de Petrarca, esses insetos formaram a oitava praga do Egito, como consta no Êxodo 10, 19. Nas vésperas da morte do papa Leão IV apareceram mortos nos campos da Normandia.

A política e a atividade pública, em vez de serem o ofício do *servir*, é a sinecura do *usufruir*. Lembra a sentença do Marquês de Maricá: “**É mofina a condição dos povos em que faltam lavradores e sobejam legisladores**” ou a de Raul Pompéia: “**Em política as palavras não têm grande valor**”.

As nacionais e as multinacionais da fé continuam lutando pelo poder e pelo óbulo dos crentes. O «*Dai de graça o que de graça recebestes*», pregado por Cristo, tornou-se apenas uma frase de efeito. Tanto as religiões como as seitas e organizações ocultas, utilizam-se de todos os expedientes para incrementar seus negócios. Comercializam o início da vida, sua existência e seu fim, vendendo o batismo, o crisma, a extrema-unção, as pompas fúnebres e tantos outros produtos de consumo supersticioso. A filosofia e o conhecimento oculto, manipulados, são vendidos a peso de ouro, por meio de mensalidades, ofertas, subscrições de revistas e jornais, rifas e tantos outros expedientes de arrecadação de dinheiro. Os solitários e sem herdeiros, antes da morte, lhes doam o patrimônio.

Nas campanhas bélicas, os capelães, em nome de Deus, seguem os militares, tanto do lado amigo, como do inimigo. Para isso, a atividade religiosa não tem bandeira. Os soldados destroem, matam,

ocupam territórios, dominando e usurpando os vencidos. Os religiosos, entorpecem as mentes dos vitoriosos e dos derrotados, pregando a resignação à perda da vida e do patrimônio, como tributo e sacrifício para o retorno à casa de Deus. Ambos, atuam em proveito e por ordem dos senhores do mundo, magnatas da economia do universo.

O “Vigiai e orai para não cairdes em tentação” deveria ser uma das máximas do defensor da justiça e do progresso. Se o próprio Jesus pediu ao Pai que lhe afastasse o cálice da dor, quando próximo ao paroxismo do desfecho final, não é debalde que um Ruy Barbosa, contemplando o desdouro e a covardia das autoridades e dos governantes desabafasse:

“De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer as injustiças, de tanto ver agitarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto”

A Escravatura sob a Estrela de Davi e a Cruz Cristã

HONESTIZAR as versões da História oficial tem sido uma árdua tarefa para quem prima pela hermenêutica sul-americana. Primeiro, porque a divulgação encontra obstáculos nos meios de comunicação, dominados pelos donos da mídia açambarcante. Segundo, pelo fato de, muitas vezes, os mesmos já terem desfigurado as fontes, remendando-as com os trapos das conveniências. Terceiro, no ônus da pesquisa e, quarto, devido à ilusão de atualidade de ações, planejadas há longa data. Foi o que sucedeu ao general Ramón Camps e seu grupo de nacionalistas argentinos, quando supuseram que o plano de dominação dos territórios argentinos e chilenos provinha de décadas recentes.

O flagelo da escravatura, aparentemente desligado do referido plano, mostra que a cobiça judaico-cristã pelo Novo Mundo ocorreu, pelo menos, desde o século XVI, quando Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral oficializaram a descoberta das Américas.

Separados no tempo e no espaço, em Viena, Áustria, René Fülöp Miller, em 1932, divulgando a odisséia dos padres jesuítas, elucida a pretensão católica em criar uma república comunista teocrática, moldada na **Utopia**, de Thomas Morus, e na **Cidade do Sol**, de Campanella. Quarenta e nove anos mais tarde, em 1981, José G. Salvador, no Brasil, a estuda sob o ângulo do capitalismo judaico.

Nas missões de catequese, os padres da Companhia de Jesus viram, na ingenuidade dos índios sul-americanos, a oportunidade de materializar a doutrina de Jesus, num mundo novo e num povo que, apesar de belicoso e muitas vezes antropófago, ainda não havia sido contaminado pela ganância de poder e riqueza, como os de outros continentes.

Nas planícies e altiplanos da América do Sul, os jesuítas iam aldeando as tribos indígenas em aglomerações, chamadas de **reduções** e que as mantinham em estreitos contatos. Este estado ia se configurando nas regiões brasileiras, uruguaias, chilenas, bolivianas, paraguaias e argentinas. No Rio Grande do Sul ainda se encontra as ruínas de São Miguel e de Sete Povos das Missões.

Conscientes de que o reino de Cristo sobre a Terra só poderia ser fundado entre as tribos de índios selvagens, aqueles padres ensinavam-lhes o catecismo, a pintura, a arquitetura, a organização racional do trabalho e, principalmente, a música. As cidades eram construídas em intervalos regulares e iguais entre si. Cada uma formava uma região agrícola de determinada grandeza. Os moradores não eram proprietários de seus imóveis e sim arrendatários de um solo que pertencia à comunidade. O cidadão tinha o tempo de trabalho determinado. Cada um aprendia os mais variados ofícios e tinha o direito de dedicar-se a um deles, de acordo com as necessidades da redução. Aos homens cabiam as tarefas de carpinteiros, marceneiros, pedreiros, metalúrgicos, tecelões e construtores de potes e vasos de cerâmica. As mulheres ocupavam-se da fiação e da confecção dos tecidos. Era uma economia de escambo, onde a produção de bens e serviços atendia a todos os membros de uma vila e a de outras, em caso de necessidade. Não havia divisões de classes, já que todos se encontravam no mesmo nível hierárquico e profissional. Cada redução era uma república dirigida por um sacerdote que, com exceção do comando e da doutrinação, se igualava a eles. Nesse regime de comunismo platônico e de regulamentação oficial da divisão dos produtos, tudo era propriedade comum. O sucesso da organização política e econômica se devia à inocência, à simplicidade e à boa vontade dos índios, que aprenderam a ver, no trabalho e no estudo, uma forma de dignificação individual e social. Foi o sistema socialista e o regime comunista mais perfeito que a humanidade atual já conheceu, baseados na paz, no trabalho comunitário, no consumo equitativo da riqueza e na defesa mútua. As guerras,

os saques e a necessidade de espaço vital eram conceitos inexistentes, uma vez que a cooperação não dava lugar à competição, à ganância e à inveja. Longe dele ficaram o nacional-socialismo de Hitler e de Mussolini, e o internacional-socialismo, de Marx e Engels. O comunismo jesuíta se fez com naturalidade, ao contrário da crueldade inconcebível do russo. Os jesuítas não tiveram outra tarefa a fazer, senão adaptar seus métodos aos instintos e necessidades dos silvícolas, gerando, de forma espontânea, o regime do comunismo ideal.

A utopia sul-americana, que perdurou por 150 anos, era uma terrível ameaça ao sistema capitalista judaico, monárquico e, em certa extensão, cristão. Por conseguinte, urgia ser destruído. Em primeiro lugar, porque o modelo poderia ser copiado na Europa, pelos servos da gleba, os brancos, escravos dos vassallos e burgueses brancos. Em segundo, porque poderiam, por meio de guerrilhas, expulsar os colonizadores e invasores europeus, e, terceiro, porque havendo falta de trabalhadores, os escravos se constituíam numa mão-de-obra barata e com a vantagem de serem instruídos. As bibliotecas indígenas, organizadas pelos padres, a exemplo da de Alexandria, foram arrasadas. Os índios, capturados e vendidos como escravos, nas plantações de cana e nas minas. A maçonaria, sob as ordens do judaísmo, incumbiu seu irmão, o Marquês de Pombal que, chefiando tropas portuguesas e espanholas, destruiu, num mesmo período, todas as reduções. O que não foi incendiado, foi posto abaixo a golpes de marreta, a machado e a tiros de canhão. O capitalismo judaico-maçônico, inimigo figadal da monarquia e do clero, tinha que impedir que estes fixassem raízes no novo continente. À propósito, Maurice Pinay e J. Bochaca, afirmam que, no ritual de iniciação ao grau de mestre maçom, os assassinos de Iran Habif, o arquiteto do Templo de Salomão, Jubela, Jubelo e Jubelum representam o clero, a monarquia e o empresariado ariano que devem ser supliciados.

Em função disso, os cautelosos jesuítas fizeram tudo o que foi possível para impedir que a civilização européia penetrasse nas regiões

confiadas à sua guarda. Além do mais, os europeus corrompiam os índios que, inocentes, se prestavam às torpes aberrações sexuais e vícios. A Companhia de Jesus foi acusada nas cortes européias de fazer causa comum com os silvícolas contra os brancos.

O tráfico de escravos índios ficou a cargo dos sertanistas portugueses e espanhóis, de sangue hebreu sefardita, conforme escreveu J. G. Salvador. Este comércio oscilava na medida das invasões francesas, holandesas e inglesas às colônias hispano-lusitanas; quando os corsários e piratas, comandados por seus governantes, judeus e maçons, atacavam os navios negreiros; quando as pestes dizimavam os escravos negros, nos entrepostos e nas senzalas e, quando as travessias marítimas, pelo Atlântico, eram adversas à navegação. Os índios, mais conscientizados, impregnados de sentimentos libertários, mais fujões, pelo fato de serem exímios conhecedores das selvas e menos adaptáveis ao trabalho insalubre, foram sendo, na medida do possível, substituídos pelos escravos africanos, mais dóceis e menos adaptados às matas do novo continente.

A alegação jurídica do escravismo remonta da legislação romana, copiada pelas Ordenações do Reino de Portugal. Nela o escravo era tido como um bem móvel, como qualquer outro objeto, do qual se diferenciava por ser alma vivente. O escravo precedia os animais, no que toca ao pagamento de impostos, apesar de não serem confundidos.

A escravatura foi um dos fatores importantes para as economias de Portugal e Espanha. A escravidão negreira foi mais rendosa do que o comércio de especiarias, provindas do Oriente. Pela concessão dos entrepostos escravistas africanos, os espanhóis recebiam, em 1509, o correspondente a 8 ducados por cabeça e, entre 1560 a 1640, a quantia elevou-se, aproximadamente, para 30.

Em 1444 chegaram em Portugal os primeiros escravos, estreando o tráfico negreiro. O desumano comércio de seres humanos iniciava nas fontes de captura, indo até a venda final, abrangendo a importação de outros países. Em habilidade, os portugueses ultrapassaram

os franceses, holandeses e ingleses, somente perdendo no curso e na pirataria. A alíquota sobre a comercialização escrava equivalia a 30%. Além disso, os escravistas eram obrigados a suprir, uma vez por ano, o Hospital Real, de Lisboa, auxiliavam na provisão de uniformes, alimentos e braços escravos para o exército e a marinha. Conforme o contrato, tinham ainda de financiar a compra de armamentos, enxarcias e âncoras para a armada, bem como de fornecer certa quantidade de barris de cera.

Os navios dos contrabandistas, dos corsários e piratas, e das nações inimigas que prejudicassem o tráfico, quando apreendidos, revertiam os armamentos às forças armadas e 2/3 da carga passava para Fazenda.

Apesar do lucro farto, os monopolistas empregavam todos os meios para lesar o fisco e o clero. Evadiam seus capitais para a Holanda e a Inglaterra, quando o Fisco se intensificava contra a sonegação, ou quando o Santo Ofício aumentava a ação dos tribunais da Inquisição, engodado com a redução da receita.

O governo português, em contrapartida, proporcionava aos rendeiros (os comerciantes de escravos), facilidades na obtenção de navios, no despacho de carregamento, proteção militar e monopólios nas áreas de captação e venda de escravos. As pesquisas, feitas nos arquivos portugueses e espanhóis, revelaram que o açambarcamento foi entregue aos traficantes judeus sefarditas que, como detentores de elevadas somas, representadas por dinheiro, minérios preciosos, investimentos e créditos, podiam financiar negócios peculiares às realidades da Espanha e de Portugal. Por outro lado, os senhores de engenho arianos dependiam do financiamento hebraico para a compra de maquinaria e escravos. Com os preços elevados e as taxas de juros exorbitantes, os financiamentos não podiam ser pagos, fazendo com que as propriedades caíssem nas mãos da colônia judaica. O alto escravagismo era obra para homens dotados de grandes atributos.

Muitos foram os fatores que provocaram a escravidão no Brasil e nas Índias.

- O trabalho braçal era considerado humilhante pelos espanhóis.
- Portugal contava com um contingente reduzido para atender o império de ultramar.
- A inadequação do silvícola autóctone para atender o modelo econômico que a Metrópole portuguesa queria implantar nas colônias.
- O escravo africano, mais adaptável aos trabalhos nas plantações de cana de açúcar, nas minas e nos engenhos.
- O negro fugitivo não conhecia a floresta tão bem como o nativo.
- A proteção dos jesuítas aos índios, que os queriam como cidadãos da república em perspectiva.
- As fontes supridoras já se achavam nas mãos dos judeus portugueses, que detinham, no Brasil, imensas extensões de terras, de engenhos e de minas.
- O latifúndio agroindustrial só sobreviveria com a mão-de-obra escrava.
- O aproveitamento econômico da terra, em benefício dos colonos da Metrópole.
- Sem escravo não haveria açúcar e, sem este, o Brasil não teria existido.
- Cada partida de escravos, em geral, proporcionava ao escravista, um lucro superior a 85% e
- a receita tributária, que mantinha a proteção do império português na Europa e nas possessões, como o exemplo da *sis*a, que era o imposto cobrado pela venda de escravos, animais, carnes, tecidos, imóveis, etc.

Na África, os principais entrepostos de escravos se localizavam na Guiné e no Congo, as duas fontes inexauríveis. Depois vinham os de Angola, Benguela, Cabinda, Loango, Luanda, Pinda e Quicombo.

Os cativos eram classificados por idade, vigor físico, altura e sexo, de acordo com a seguinte nomenclatura:

- ◇ **Peça**, os de 15 a 25 anos, com altura superior a 1,75;
- ◇ **Meia-peça**, os adultos entre 35 e 40 anos;
- ◇ **Molecão**, os que tinham de 8 a 15 anos; e
- ◇ **Moleques**, os de menos de 8 anos.

Os subalternos dos traficantes eram graduados, em escala descendente, como:

- * **Procurador**. O que desfrutava de amplos poderes para agir em nome do rendeiro. Comumente ligava-se a ele por laços de parentesco.
- * **Feitor**. Representavam oficialmente o contratador (outra denominação do traficante), organizando escritórios, a tesouraria e a alimentação dos escravos desde o acurralamento até a viagem. Marcava-lhes com o ferrete. Providenciava as verbas aos civis e aos eclesiásticos. Estabelecia a equivalência de preços entre mercadorias heterogêneas e redigia os contratos. Quase todos, por motivos de segurança, eram sefarditas. Deviam ser aprovados pelo Conselho da Fazenda Real e prestar juramento aos evangelhos, na diocese católica da Metrópole.
- * **Olheiros**. Subclassificavam-se em *armadores* e *avençadores*. As *avenças* eram licenças para retirar os escravos que quisessem. Eram fornecidas por acordo entre o contratador e o interessado. O *avençador* renunciava algo em prol do interessado. Este assumia o compromisso de ressarcir um valor fixo por parte de cada escravo embarcado ao Brasil e, com um adicional, para os enviados à Espanha, na hipótese de algum prejuízo. Os escravos vendidos à crédito tinham o valor garantido pela emissão de letras de câmbio e fianças. As *avenças* davam o direito de retirar, por temporadas, determinadas quantidades de escravos dos entrepostos africanos e sul-americanos, quando se tratasse de índios. Os privilégios dos *avençadores* eram descritos em leis, nos alvarás e nos textos dos contratos. Dentre eles se destacavam os de comparecer aos resgates, na isenção de taxas sobre o comércio de outras mercadorias, o livre es-

cambo na área do contrato e de terras brasileiras, os direitos exclusivos sobre os escravos transportados por conta própria, não podendo os navios serem tomados ou embargados, o pagamento da taxa *per capita* somente ao traficante, de modo que nenhuma autoridade, no Brasil, as poderia exigir. Os *armadores* acumulavam os direitos dos *avençadores*. Punham os navios a serviço dos traficantes, assumindo a responsabilidade pela embarcação, pela tripulação, pelos bastimentos e por todos os riscos, inclusive pela escravaria a bordo.

Em dezembro de 1625 zarparam de Angola 73 navios, transportando 17.107 escravos, indo para o Brasil, 9.070 (53%), para as Índias e Castela, 6.998 (41%) e, para São Tomé e Lisboa, 1.039 (6%).

O trecho mais deprimente da história escravista ocorreu nos anos de 1547, 1567 e 1571, quando a Coroa portuguesa firmou acordos com os reis do Congo para o fornecimento de escravos. Assim os negros, não somente caçavam outros negros para a prática do canibalismo, como também os vendiam aos mercadores brancos.

Para facilitar o comércio, os escravocratas faziam acordos com os *régulos* e os *sobas*, detentores de poder entre as tribos africanas, tratando-os com toda a fidalguia. Na Guiné, eram chamados de *tango-maus*, *lançados* e *racas*, na Angola e no Congo, de *jagas*. Tal tipo de gente não só mercadejava com os indígenas de outras tribos e com os prisioneiros de guerra, mas, também, com os adversários políticos, com os vassalos insubmissos, com os pais, irmãos e filhos, vendendo-os diretamente ou através de intermediários, lembrando a história de José, no Antigo Testamento. Desta forma, o escravo negro foi um revoltado desde o berço.

Esses *jagas* e *sobas* eram mimoseados pelos traficantes europeus com tecidos finos, adornos, cartolas, espadas e com cotas anuais de pipas de vinho. As autoridades estimulavam-nos a aceitar a catequese cristã para obter as maiores vantagens da economia escravista. Os terríveis caçadores de seres humanos viviam em guerras constan-

tes, acompanhados das mulheres e dos filhos, destruindo tudo o que encontravam.

Menos cruéis que os jagas e os sobas eram os *pombeiros*, que vendiam os cativos nas feiras, a mando dos escravistas. Nas incursões pelo interior, levavam utensílios de cozinha, tecidos, aguardente, búzios e ferramentas de ferro e cobre para serem trocados por prisioneiros, destinados à antropofagia.

A morte dos capturados começava na caça, continuava nos currais, nas viagens transatlânticas, nas epidemias de bexiga e outras doenças e terminava no trabalho desumano. A proporção dos que morriam nos navios era de 10 a 20%. Acima disso, representava perda para o traficante. Nas minas, a vida média era de 10 anos, nos outros lugares, poderia aumentar para 15.

Apesar de todos os sofrimentos, os portugueses eram os que os tratavam melhor, dando-lhes certas regalias. Os outros europeus não lhes dispensavam qualquer consideração. Os que pior os tratavam eram os holandeses e ingleses. Além dos já mencionados, os demais escravistas foram os franceses, flamengos, genoveses e alemães.

Uma das evidências de serem os hebreus sefarditas os detentores e usuários do tráfico negreiro está nos nomes dados aos escravos índios e africanos, extraídos do Antigo Testamento.

A economia sul-americana, desde o descobrimento tem sido, quase toda, um monopólio hebraico. Os créditos do exterior eram concedidos, na quase totalidade a eles. No Brasil Colônia, além do tráfico negreiro e indígena, dominaram a indústria e o comércio açucareiro, a mineração do ouro, da prata e de outros metais. Controlavam a cobrança das taxas alfandegárias, dos demais tributos, incluindo o *dízimo*, que eram os óbulos que os católicos davam às igrejas, nos horários de orações. Cobravam, inclusive, as taxas de intermediação de imóveis. Embora proibido pela Coroa e pelo Clero, praticavam a usura. Manipulavam os preços dos produtos de primeira necessidade. Elevavam de forma exorbitante as taxas das sisas e dos novos tributos.

Detinham o comércio e os contratos do Reino, a fundição do ouro e da prata, a cunhagem de moedas e a compra de armamentos e munições. Enfim, monopolizaram as economias das colônias de Portugal e Espanha. O comércio exterior, envolvendo as especiarias, os corantes naturais, e os minérios também estavam sob seu domínio.

Desde a Idade Média, detinham o controle das artes náuticas, como, hoje, dos espaços aéreos e interplanetários. Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, Fernão Cortês, Diogo Almagro e seus auxiliares eram sefarditas. Na Espanha e Portugal, as Companhias de Comércio e a Companhia Geral do Comércio do Brasil eram sucursais veladas das Companhias da Índias.

Ao redor dos tronos colocavam médicos, matemáticos, cosmógrafos, contratadores de comércio e financistas. Para fortalecer as influências, promoviam casamentos de hebreus com monarcas e burgueses, obtendo privilégios políticos e econômicos.

As proibições e obstáculos, impostos pela Igreja aos cristãos, de exercerem determinadas atividades comerciais, foram aproveitadas pelos hebreus. Destes, o clero católico dependia para obter parte significativa de suas receitas. Do ganho escravista, os judeus destinavam 1% ao atendimento de obras pias, para a construção e manutenção de igrejas, capelas, conventos e orfanatos. Também outras parcelas fixas eram-lhe destinadas por volta do Natal e da festa de São João. Em cada ano, recebia 10 escravos, 10 arrobas de cera, um valor fixo de 40 mil réis para obras religiosas do mosteiro de Faro, em Portugal, 200 mil réis ao prior e frades de São Domingos, em Lisboa e 20 mil réis às freiras do mosteiro de Nossa Senhora da Esperança. Outro 1% e mais 400 mil réis cobriam as despesas de rouparia do Hospital de Todos os Santos, em Lisboa. O clero passou a depender, oficialmente, da escravatura, em 22 de fevereiro de 1502, quando, por autorização do rei, Don Manuel, recebia a vintena dos escravos procedentes da Guiné. Por volta de 1600, em São Tomé e Cabo Verde, quase todos os mora-

dores, sem excluir o governo e o clero, estavam envolvidos no tráfico negroiro.

A exemplo de Antônio da Gama Nunes, que recebeu a batina da Ordem de Cristo, em 1667, muitos outros sefarditas ingressaram nas ordens religiosas da Igreja Católica. Os comissários do Santo Ofício queixavam-se de não dispor de poder para agir contra eles. Se os inquisidores, pádres, bispos e governadores das capitanias se indisputassem contra a colônia judaica, corriam o risco de serem envenenados.

Os judeus sefarditas, mesmo antes das descobertas oficiais, sempre cobiçaram a América e suas riquezas. Depois de Cabral, uma corrente ininterrupta dirigiu-se ao Brasil, burlando as leis imigratórias ou valendo-se de subterfúgios. Quase todas as profissões lhes pertenciam.

Deste modo, a cupidez dos territórios brasileiros, argentinos e chilenos não é novidade para quem pesquisa a face oculta da História oficial.

Tanto para o Judaísmo como para a Igreja, as Américas têm sido a Nova Canaã e a Terra Prometida.

Mais politizada que as demais, a comunidade negra da América do Norte tem voltado sua atenção para o fenômeno que hoje se processa com menor crueldade e de forma menos perceptível. Os réus negros norte-americanos estão mais sujeitos a serem condenados à morte do que os brancos, que cometem crimes análogos, conforme relatou o grupo de direitos humanos da Anistia Internacional, em Londres, no dia 26 de julho de 1996. Em Atlanta, capital do estado americano da Geórgia, desde 1983, 19 negros morreram na cadeira elétrica por terem assassinado cidadãos brancos. Porém, nenhum branco recebeu a mesma pena por ter feito o mesmo com outro branco. Cinicamente, aquela cidade se proclamou a moderna capital dos direitos humanos.

Numa entrevista concedida à revista *Time*, em 28 de fevereiro de 1996, o líder do movimento **Nação do Islã**, Louis Farrakhan, respondeu ao repórter:

Nas décadas de 20 a 50, os judeus foram os principais negociantes junto à comunidade negra. Onde estivéssemos estavam os hebreus. Deles os afros compravam alimentos, roupas, móveis, utensílios e alugavam casas. Sempre lucraram conosco. De nossas vidas drenaram as deles para chegar ao poder. Os jeovitas são os agentes da quase totalidade dos artistas afro-americanos. É cabal que o artista tem mais talento que o agente, mas é este quem colhe os benefícios. Morremos sem um tostão, mas eles se aproveitam de nós. Quem cerca Michael Jackson, os pretos? O povo negro não será livre enquanto não mantiver um novo relacionamento com a comunidade judaica. Com esta, teremos de alterar a antiga postura intelectual e profissional, passando para outra, de reciprocidade, honestidade e eqüidade. Enquanto esta conformidade não mudar, o negro jamais será livre. Por medo, acusam-me de ser um Hitler, mas nunca ficarei sob o controle daqueles que querem impedir a libertação do povo afro. O propósito é o de isolarem-me, chamando-me de odioso, racista e anti-semita.

Quando seu assessor, Abdul Muhammad, se dispôs a dar uma conferência sobre o tema, no colégio estadual de Trenton, em Nova Jersey, a governadora prometeu exibir no local, gratuitamente, o filme *A Lista de Schindler*.

Outro líder negro norte-americano, Malcolm X, antes de ser assassinado, declarou:

Os judeus controlam 90% dos negócios de cada comunidade negra, do Atlântico ao Pacífico. Seus lucros, à custa do poder aquisitivo do negro, são bem maiores do que os obtidos pelo próprio negro ou de qualquer outro branco. Os hebreus pertencem a quase todas as organizações negras que existem, mas não permitem que um dos nossos pertença a qualquer de suas organizações.

Em 1991, o também negro Leonard Jeffries, diretor do Departamento de Estudos Afro-americanos, da Universidade de Nova York, foi demitido por “incompetência administrativa” ao proferir em aula que o judaísmo russo tem um particular controle sobre o dinheiro e os membros da Máfia e, juntos, têm um sistema para a destruição do povo negro.

Como já foi comentado nos Estados Unidos, muitos brancos se armam para enfrentar os negros, quando estourar o conflito racial.

A respeito do tema, a sátira do irlandês George Bernard Shaw se adapta como uma luva:

**“Quando um homem
mata um tigre é esporte.
Quando o tigre quer matá-lo é
ferocidade”.**

Quando o elo se revela

JOGRAL ou comedido, *Os Protocolos dos Sábios de Sião* logrou ser o livro mais perseguido e, ao mesmo tempo, o mais lido no seu gênero. O motivo é óbvio: tornou-se o mais profético. Seu conteúdo foi divulgado, pela primeira vez, no diário *Znamia* (O Estandarte), dirigido por P. A. Krouchevan, na cidade russa de São Petersburgo. A série de artigos, intitulados “*Programa judaico de conquista do mundo*”, iniciou em 26 de agosto de 1903 e terminou em 7 de setembro do mesmo ano. Em 1905 foi reproduzido com o título “*A origem de nossos males*”. O maior divulgador russo foi Serge Alexandrovitch Nilus, que o inseriu na obra “*O grande no pequeno; o Anticristo como possibilidade política iminente*”. Em 1906, o Instituto de Surdos-mudos da mesma cidade tornou a publicá-lo, intitulando-o “*Os inimigos do gênero humano*”.

Nos Protocolos estão registrados as 24 atas atribuídas a economistas, a Theodor Herzl, o criador do sionismo político, e a Achad-ha-Am (Um dentre o povo), que se apresentava como Asher Ginzberg, o mentor do sionismo cultural, considerado pela comunidade judaica de Odessa com o *rei dos judeus*. Foi Asher quem influenciou o inglês Lord Balfour, em novembro de 1917, a estabelecer *um lugar nacional* para o judaísmo na Palestina.

A tradição conta que a redação, em dialeto *yiddish*, foi desenvolvida na loja maçônica *B’nai Moshe* (Filhos de Moisés), fundada por Asher, em Odessa e apresentada, em 1898, no Congresso Sionista de Basileia, na Suíça, como altamente confidencial. Nilus relata que uma cópia foi vendida ao chefe da polícia russa, em Paris, pelo rabino From. Tempos depois, a *Okhrana*, a polícia czarista, pôde comprovar a autenticidade por meio de mais uma reprodução, obtida de outro rabino, chamado Asev. O texto entregue ao general Kourloff era igual ao de Nilus. Este, por sua vez, recebeu o documento do marechal Ni-

colaevitch Soukhotine, da nobreza russa. Soukhotine o obteve de Justina Glinka, que comprou-o de um hebreu da loja maçônica Mizraim, por 2.500 francos. O mesmo marechal doou um exemplar ao procurador do sínodo da Igreja Ortodoxa de Moscou, de nome Stepanoff. O Museu Britânico guarda uma réplica deste contestado livro, registrado com o número 3.926, em 17 de agosto de 1906.

Os rabinos From e Asev foram assassinados, sendo que o cadáver daquele apareceu boiando nas águas do rio Danúbio.

As outras edições comentadas, de maior renome, foram produzidas, na França, pelo monsenhor Ernest Jouin e, na Espanha, pelo general de cavalaria Don Pablo Montesino y Espartero, Duque de la Victória e Conde de Luchana, igualmente executados pelos judeus e maçons. A morte de Espartero ocorreu em 3 de novembro de 1936.

Na década de '90, duas publicações se salientaram na Espanha. A primeira foi comentada por Joaquin Bochaca Oriol, em 1990. Em junho de 1993, José Luís Jerez Riesco condensou as edições num artigo publicado na revista *Más Allá de la Ciencia*, que tinha por título *¿Quién mueve los hilos del mundo?* (Quem move os cordéis do mundo?).

Seis décadas antes, surgiu, no Brasil, a edição prefaciada e comentada por Gustavo Barroso, membro da Academia Brasileira de Letras. A última reedição foi publicada em 1989, pela Editora Revisão, e logo apreendida pela Polícia e pelo Poder Judiciário, pressionados pela Federação Israelita do Rio Grande do Sul. Também na Alemanha e na França, o país que alardeia a liberdade, os Protocolos estão com a venda proibida. Nos países europeus, como a Dinamarca, Holanda, Suécia, etc., onde os alemães e franceses o adquirem, e nos Estados Unidos, onde a liberdade de expressão não é tão reprimida não têm sofrido boicotes. Ele tem padecido da mesma sina do trabalho de Filipov: muitos livros usados, após a compra, são incinerados, o que o torna uma raridade.

A maçonaria e o judaísmo, como é óbvio, têm contestado sua autenticidade, declarando-o ora como uma fraude da polícia czarista, ora como um plágio do livro *“Diálogo nos infernos entre Maquiavel e Montesquieu”*, escrito por Maurice Joly, em 1864, como um libelo contra Napoleão III, cognominado de “Filhote de Águia”. Não havia dúvida de que tais citações se assemelhavam, até que, tempos depois, a imprensa descobriu que *Maurice Joly* era o pseudônimo de um judeu francês, *Mosé (Moisés) Joel*, nascido em 1831 e amigo íntimo de Adolfo Israel Cremieux, fundador da Aliança Israelita Universal. Joel, militante comunista, após haver confirmado seu pseudônimo, também morreu misteriosamente, em 1878. No atestado de óbito constava **sui-cídio**.

Alguns escritores judeus se manifestaram acerca da fidedignidade do livro. Para Július Évola, *“Nenhum livro do mundo foi objeto de tamanho boicote, como Os Protocolos dos Sábios de Sião. ... Pode-se dizer sem esforço, que, ainda que sejam falsos e seus autores agentes provocadores, neles se refletem idéias típicas da lei e do espírito de Israel”*. Quanto ao valor do documento, considera como *“uma hipótese de trabalho de valor inquestionável”*. Marcus Elie Ravage e René Gross, também não negaram a autenticidade do conteúdo. O escritor judeu-austriaco, Arthur Trebish reconheceu-lhe a autenticidade. Jean Drault escreveu que *“os Protocolos eram o Talmud adaptado às circunstâncias atuais”*. Kerensky pseudônimo de Kirbis, ordenou a destruição de todos os exemplares que fossem encontrados na Rússia.

Dentre os escritores de outros povos, René Guenón os considera como *“uma tática destinada à destruição do mundo ocidental”*. Joaquin Bochaca Oriol os descreve como *“a revelação de um esboço para o domínio do mundo por uma irmandade ou sociedade secreta”*. José L. J. Riesco, no artigo da revista citada, concluiu: *“Ou seu autor era um verdadeiro profeta ou, se não, os Protocolos são autênticos. A sequência dos feitos que os têm sucedido e que foram previamente vaticinados, não podem ser fortuitos ou simples casualidades”*. Para

Chichmarev, pseudônimo da escritora Leslie Fry, “*dado seu caráter de evidência, embora não sejam autênticos, ninguém pode negar sua veracidade*”.

As primeiras vítimas da descrita conspiração mundial serão, se já não são, os **goyins**, ou não judeus e, depois, os **agentur**, os agentes das organizações visíveis e veladas, por enquanto, usados pelos Sábios de Sião.

Os pesquisadores citados consideram o texto como a ordenação comum das atas de escrivães e notários; como apontamentos referentes a um acordo, conferência ou congresso; um resumo apenso a um documento; as minutas de um procedimento ou as sínteses das atas das reuniões secretas dos referidos sábios, que revelam a conspiração judaica internacional e polimorfa que, segundo Poncins, retrata a “*misteriosa internacional judaica a respeito do plano estratégico do golpe de estado mundial*”.

Conceituam os **Sábios de Sião** como aqueles que mantêm um ensinamento atávico, mantido por milênios, com um grande sentimento elitista de serem os únicos que sabem e podem conduzir o mundo, manipulando e submetendo os demais povos, em benefício do povo hebreu, que visa o monopólio universal do poder e da riqueza.

Na data de 8 de maio de 1920, o jornalista Wickham Steed iniciou uma série de reportagens no jornal londrino *The Times*, com o título “*O perigo judaico*”. Elas reproduziam a tradução de George Shanks, publicada pela editora *Eyre & Spottiswood*, intitulada “*Protocols of the learned elders of Sion*”. Na série de artigos concluiu:

1. Existem e tem existido, há muitos séculos, organizações secretas e políticas de judeus. Confirmava a assertiva de Witold de Bialynia Koverski: “*a primeira sociedade secreta, conhecida, era judaica*”.
2. O espírito desta organização fundamenta-se num ódio tradicional contra a cristandade e numa ambição titânica de dominar o mundo.
3. O objetivo secular é a destruição dos estados nacionais, a fim de substituí-los por uma ditadura judaica universal.

4. A maneira empregada para destruir as organizações políticas consiste em infectá-las com ideologias dissolventes, promovidas por uma destruição cuidadosa, dosificada e progressiva, por meio do socialismo, do comunismo e do anarquismo, através dos conceitos absurdos de princípios igualitários. Durante esse tempo, os judeus permanecerão abrigados dessa doutrina corrosiva, porém disseminando o liberalismo em todos os outros povos. No auge da desordem anárquica em que todas as demais civilizações se encontrarem, e como resposta aos sofrimentos enlouquecidos, só ouvirão a lógica calculista e insensível do governo do *rei da raça de Davi*; este surgirá como o mitigador das suas dores, em troca da submissão e do servilismo.
5. Os Sábios de Sião colocam, num mesmo nível de desprezo, os dogmas políticos, desenvolvidos e estabelecidos pela Europa cristã, pela ciência do homem de Estado e pelo político democrata. Para os Sábios, a ciência política é uma arte secreta de ordem superior, que só é adquirida por meio de um treinamento tradicional e comunicada a um número reduzido de eleitos, no segredo de um santuário oculto. Consideram que a natureza dos problemas políticos não pode estar ao alcance do vulgo, mas, ao contrário, é posta ao exame de condutores que os têm dirigido por muitos séculos, os únicos que os podem compreender.
6. Nesta concepção da arte política, as massas são como rebanhos de gado. Os políticos que as dirigem são adventícios, saídos da revolta, cegos e incompetentes: os marionetes, cujos fios são manipulados pelas ações ocultas dos Sábios de Sião. Para estes, esses bonecos são, em geral, corrompidos e incapazes, que cedem facilmente aos elogios e às ameaças; que se submetem pelo medo e pela chantagem e que trabalham em prol da dominação judaica sem a mínima percepção.
7. Os meios de comunicação, o teatro, o cinema, as bolsas de valores e de mercadorias, a ciência e as próprias leis se encontram nas mãos

daqueles que açambarcaram o ouro. Tais monopolizadores dispõem de meios para que ocorra a confusão e o caos da opinião pública, a desmoralização da juventude, o estímulo ao vício e, em vez de aspirações idealistas, estimulam nos demais povos, a cobiça do dinheiro, o materialismo e o apetite de prazer.

Riesco analisa os Protocolos, desmembrando-os em princípios de ordem religiosa, política, moral, humana, de soberba racial e de liberdade.

Religiosa

- ◇ Ataque à religião cristã até apagar o conceito de Deus da mente dos seus seguidores, estendendo-o, depois, aos outros credos.
- ◇ Destruição das profissões de fé, para produzir ateus, reforçando a afirmação anterior.
- ◇ Inoculação de dissidências religiosas, como as que se constata na Irlanda e, agora, no Brasil.
- ◇ Fomentar o livre pensamento, o ceticismo, os cismas, as altercações religiosas, o desprezo às hierarquias religiosas, ridicularizando-lhes os hábitos.
- ◇ Desacreditar o clero perante os fiéis, para diminuir sua influência e prestígio.
- ◇ Aniquilar a corte pontifícia, infiltrando-se no Vaticano a fim de destruir o poder papal.
- ◇ O rei dos judeus será o verdadeiro papa universal.
- ◇ Supressão dos Estados cristãos e, por extensão, os demais credos.
- ◇ Não atacar diretamente a Igreja, mas criticá-la.

Política

- ◆ Usar, por todos os meios, a força e a hipocrisia.
- ◆ Desvincular a Moral da Política.
- ◆ Honestidade e sinceridade são vícios políticos.

- ◆ A oposição é feita com dinheiro, que está nas mãos do sionismo.
- ◆ Moisés impôs aos judeus o dever de subjugar todas as nações.
- ◆ O poder do voto tem sido o meio com que os hebreus ocupam os tronos da humanidade.
- ◆ Sob seus auspícios, a plebe destruirá a aristocracia, como ocorreu nas revoluções francesa e russa.
- ◆ Os meios de comunicação ou *mídia*, pertencentes aos judeus, dominarão os governos e os denunciarão sem escrúpulos, até desacreditá-los.
- ◆ O mundo só terá paz se obedecer às leis de Moisés.
- ◆ Distrair o mundo com fraseologia insensata, de aparência progressista ou liberal.
- ◆ Organizar instituições cujos membros demonstrem e elogiem as contribuições judaicas ao progresso.

Moral

- ⇒ O fim justifica os meios.
- ⇒ Atender o que seja necessário e vantajoso ao sionismo, em vez de privilegiar o que seja bom e moral.
- ⇒ Nunca retroceder ante a corrupção, ao engano e à traição, quando esses males forem favoráveis à causa de Israel.
- ⇒ Não é imoral valer-se de todos os meios para vencer o inimigo e aqueles que lhes opõem obstáculos.
- ⇒ Para realizar os planos, não importa o número de vítimas de qualquer raça, inclusive a judaica.
- ⇒ O sionismo deve ter ambição ilimitada, cobiça devoradora, desapiedado desejo de vingança e ódio acumulado.

Humano

- O judeu e Jeová são o mesmo e único ser. O hebreu é o deus vivo e encarnado. Os outros povos, as pequenas bestas, só existem para servi-lo.

- Os judeus são os eleitos de Deus, por isso são invulneráveis.

Liberdade

- * A liberdade é o direito de fazer o que a lei permite e esta só permitirá realizar o que convier ao judaísmo.
- * O significado abstrato de *liberdade* permitirá ao sionismo convencer as turbas de que o Governo representa a Nação.

Em 1986, nacionalistas argentinos e chilenos denunciaram o estranho ***Plano Andínia***, por meio do qual os judeus sionistas pretendiam apoderar-se da Patagônia, da Terra do Fogo e da Antártida. Para o público pareceu tratar-se de um assunto de ficção científica, porém, verossímil ao segmento nacionalista das forças armadas daqueles países, que viam uma aliança traidora entre o sionismo, a maçonaria e a Igreja Católica Romana contra as duas nações do Cone Sul, numa etapa inicial. Quanto ao Vaticano, afirmaram que sua abóbada administrativa é judaica, como o papa João Paulo II¹ e o cardeal de Paris, e que a cúpula de cardeais, que rodeia os papas, são de reconhecida militância maçônica. Descobriram, outrossim, que em 1986, o mesmo papa, ao visitar, pela primeira vez na história da Igreja Católica, a Grande Sinagoga de Roma, declarou numa ampla entrevista com o Grão Rabino, que “*os hebreus são os nossos irmãos maiores*”.

O plano foi descoberto quando o general Ramón Camps e seus aliados argentinos obtiveram uma cópia da entrevista, concedida por um rabino dos Estados Unidos à comunidade judaica buenairense.

Abaixo segue a tradução das páginas 14 a 17 do texto já citado.

¹ Em setembro de 1996, João Paulo II, ao visitar a Hungria e homenagear seus sacerdotes, condenou com veemência o nacionalismo, confirmando o que dizem dele.

«Em 23 de março de 1969, entre as 21 e 23 horas, realizou-se na sede do Templo Israelita de Passo, nº 423, em Buenos Aires, uma reunião de judeus *ashkenasis*, presidida pelo rabino Gordon, do Kahal de Nova York. A infidelidade de um dos presentes permitiu conhecer o tema da conferência, que versava sobre a República Argentina e o Plano Andínia.

O rabino Gordon, que no ano de 1971 esteve novamente na pátria argentina, começou destacando a qualidade da platéia, absolutamente selecionada, e a fundamental importância do tema a tratar. Com efeito, da capacidade de ação da comunidade judaica argentina dependia a execução do Plano, cujo fracasso não era admitido, “pois tanto Israel como a Diáspora dependiam deste êxito ou malogro, o qual poderia converter-se na glória ou na penúria judaica, uma vez que, no presente ou no futuro próximo, a solidez da estabilidade do Estado de Israel poderia ser combatida e, para tal emergência, urgia assegurar um território de porvir para o bem estar do povo judeu no mundo; de onde transladar seu poder e sua força, para desde ali, iniciar os passos necessários para recuperar a terra histórica, não hesitando, se necessário, provocar uma hecatombe mundial”.

Acrescentou o rabino:

“Agora, meus irmãos, quero dizer-lhes que a situação pode tornar-se muito crítica para o mundo judeu, com um desfecho não muito longínquo, se não logramos prevenir e assegurar o futuro.

Sois conhecedores do plano do nosso grande profeta, o doutor Theodor Herzl, a saber, O Estado Judeu, no qual planificou a criação dos Estados Judeus, um na Palestina e outro na Argentina e que em 50 anos teríamos um deles constituído. Ainda que em seu tempo tivesse sido denominado o sonho de Herzl, hoje, nós e o mundo somos testemunhos da realização deste devaneio. Com efeito, desde outubro de 1897 até maio de 1948 (cinquenta anos e meses) o

Estado Judeu tornou-se realidade, declarando sua independência com o assombro do mundo.

Se a Palestina foi realizada com o sacrifício e a capacidade judaica naquelas terras, cabe, agora, esperar o mesmo da judaidade argentina, numerosa e seleta.

A descrição de todas as bonanças da **terra da promessa**, como Herzl se referia à Argentina, vos dirá que tampouco foram sonhos; são realidades absolutas comprovadas por comissões técnico-científicas.

A Argentina é a terra mais rica do mundo, sua superfície é extensa e de população escassa. A diversidade do clima, que oscila do Ártico ao Trópico, é de - 60° C a + 60° C, com escala intermediária. É a mais apta para o nosso povo, já que podemos alojar todos os irmãos, de acordo com a procedência, ou seja, da Sibéria à África do Norte.

Tendo em conta a fertilidade do solo e a variedade do clima, podemos afirmar que a Argentina está apta a plantar e colher qualquer planta do mundo, com as vantagens incalculáveis que dela resultaria. Quanto à exploração do gado, nem é necessário fazer qualquer referência.

Essa abundante produção de alimentos e derivados, bem como a assistência da Antártida (gigantesca geladeira natural onde se pode acumular a produção de vários anos), nos converterá na despensa do mundo, sem arriscar um único grão. Se acrescermos a isso o espírito e o gênio judeus, haveremos de compreender as enormes vantagens que significarão para lograr o controle do mundo, regulando-o de acordo com as nossas conveniências.

A imensa riqueza do subsolo platino, especialmente na zona das cordilheiras é infinita. Não há mineral existente no mundo que não esteja, também, na Argentina, e quase sem ser explorado, graças aos bons ofícios dos nossos irmãos.

Onipresença estratégica. A Argentina é o país, estrategicamente, melhor protegido do mundo. Está afastada por muitos milhares de quilômetros das futuras frentes das grandes contendas mundiais. Nesses milhares de quilômetros se pode escalar defesas após defesas, tornando praticamente impossível qualquer ataque ao seu território. Estimando que os avanços modernos com que conta a guerra seja possível atacar o território argentino, lá, na Andínia, uma grande extensão está

circundada pela Cordilheira dos Andes, sob cujo solo é possível construir cidades e mais cidades, alojando nelas, caso for necessário, todo o povo, como também instalando nossas indústrias leves, pesadas e até as de consumo, mantendo-nos, nelas, por vários anos: serão inexpugnáveis até mesmo para as bombas atômicas².

Calculando a magnitude das futuras ações bélicas e suas características, não podemos deixar de considerar que o Canal do Panamá voará pelos ares nos primeiros momentos da contenda. Assim, a chave que une os dois oceanos cairá em nossas mãos.

Nesta brevíssima descrição, tereis compreendido e estimado as imensas possibilidades judaicas em que está envolvida a execução do plano Andínia e a conseqüente responsabilidade da judaidade argentina na sua realização.

O plano, em si, é muito simples, porém complexa é a sua execução, porque deverá ajustar-se às circunstâncias que agora analisaremos concretamente.

Tendo em conta as considerações prévias do doutor Herzl ao iniciar seu plano, fazendo citações concretas do Direito Internacional existente e sua aplicação neste caso, recomendo seu estudo minucioso. Devo advertir-vos de que não pode nem deve haver erros na sua execução.

Estamos vendo com maior freqüência, que novas nações surgem no concerto universal. Para que o plano ocorra deve existir um motivo. Se ele não existir, terá que ser criado. Para criá-lo, é necessário planificar, organizar e preparar a sua execução. Não haverá oportunidade mais propícia que a atual. Tudo, absolutamente tudo, dependerá da habilidade judaica nesta emergência.

Estamos vendo que, neste momento, tal "motivo determinante" não existe. Para criá-lo, a situação nos favorece. Só resta, em princípio, aprofundar o caos já existente, fomentar a confusão, intensificar a corrupção, especialmente nos campos político, administrativo, cultural, econômico e social.

² Relembra a teoria de René Guenón, exposta no livro **O rei do mundo**: a construção das cidades subterrâneas, na *Andínia*, seria o **reino de Agartha e Viedma**, na província de Rio Negro, sua capital, **Shambalah**. Após a destruição da humanidade, pelo grande holocausto nuclear, os terrenos ocupariam a superfície da Terra, para construírem a nova civilização mundial.

No terreno econômico, deveremos acrescentar a corrupção administrativa e ilegal, fomentar e aprofundar o ágio e a especulação, levar a miséria e a injustiça aos últimos extremos, especialmente nos povos compreendidos dentro da zona da Andínia, provocando, desde a Capital Federal, o arrasamento dos direitos federais das províncias; reprimir com violência todo o ato que significar reação ou ação de autodefesa por parte do povo. Nessas violentas repressões é de primeiríssima necessidade que sejam utilizadas as tropas das forças armadas, especialmente as do exército, porque isso produzirá o enfrentamento com o povo, levando os militares ao desprestígio. Em consequência, provocará o enfraquecimento da moral militar. Será um profundo processo de desintegração a que serão submetidos por via do Governo. Provocará sucessivos enfrentamentos no seio das forças armadas, que se refletirá na caotização dos seus quadros e na corrupção de sua disciplina, levando-as, assim, ao mínimo nível de rendimento e de eficiência.

É fundamental que a opinião pública e todos os meios de comunicação estejam nas nossas mãos; que o judaísmo vá ocupando-as paulatinamente e oferecendo lutas. Apressar o movimento socialista, comunista e organizar, sem demora, suas forças. Urge lograr a integração do movimento peronista ao nosso socialismo, desencadeando, ao mesmo tempo, uma violenta repressão e perseguição contra o mesmo. Essas últimas medidas serão levadas a cabo desde o mais alto nível governamental.

Como é sabido, a corrupção, a miséria, a injustiça e a repressão violenta engendram o ódio e a reação; estas provocam o desespero; este cria a vontade de lutar, de vingança e de ação, sem observar contra quem nem em quais circunstâncias. Então, todos os nossos trabalhos convergirão para esses objetivos, regulando-os paulatinamente no tempo, isto é: à injustiça, à fome, à miséria, à corrupção, à perseguição, à prisão, ao aniquilamento dos direitos das províncias envolvidas, estendendo-se a todo o território do país. Então, meus irmãos, aqui estão os fatores determinantes para que esses povos e essas províncias, cansadas e enfatiadas de tantas indignidades e da mais espantosa miséria, levadas às últimas consequências, tomarão, em conjunto, a mais tremenda determinação: romper todos os vínculos com o Governo Federal, proclamando sua independência, como uma nação

livre e soberana. Solicitarão de imediato o reconhecimento às quatro grandes potências mundiais. A Andínia estará definitivamente constituída e sua soberania assegurada. A Argentina estará impossibilitada de recuperar as terras perdidas porque

- ◆ o povo argentino estará submergido na mais espantosa confusão;
- ◆ sua economia estará desarticulada;
- ◆ com a amputação do território de maior riqueza mineral, a Argentina se tornará um simples campo de pastoreio, nada terá que oferecer para obter créditos ou ajudas dos bancos mundiais;
- ◆ cairá, sem abastecimentos nem reservas de combustíveis e todos os seus centros de produção estarão dentro dos limites da Andínia;
- ◆ toda a intenção de ajuda externa será bloqueada;
- ◆ suas forças armadas contam atualmente, com uma provisão de combustível para duas jornadas, por isso, estarão impossibilitadas de trasladarem-se e operar contra a Andínia;
- ◆ no caso suposto que, não obstante esses inconvenientes, logrará à Argentina organizar um exército deficiente, com o qual pretenderá invadir a Andínia. No entanto não poderá fazê-la, porque estará atacando uma nova nação, livre e independente, reconhecida internacionalmente como tal e
- ◆ isto daria motivos para que as forças armadas internacionais desembarcassem e tomassem a posição de defesa das fronteiras desta nova nação, de acordo com os tratados internacionais existentes.

Como vedes, a missão que tendes a honra de realizar é complexa e de extraordinária importância"

O general Ramón Camps foi condenado a uma pena de vinte anos de prisão. Não por ter cometido qualquer crime, mas por ter denunciado, com antecedência, o **Plano Andínia**, em dois livros bem documentados»

Por acaso, não ocorre o mesmo, no Brasil, com os movimentos separatistas? Também, a atitude do presidente cassado, Fernando Collor de Melo, denominando uma vasta reserva indígena de **Nação Ianomami**, não foi outro movimento de lesa-pátria, a fim de entregar parte do território brasileiro a estrangeiros? É possível que tantos argumentos não tenham revelado o *elo que se mantinha secreto*?

Conclusão

HERCÚLEO tem sido o esforço para compreender o ser humano e as forças que o cercam e conduzem. Quanto mais se civiliza mais demonstra o cinismo. Dificilmente a verdade que proclama se coaduna com a atividade que pratica. Os bens que constrói e os serviços que presta, para melhorar o padrão de vida alheio, freqüentemente e com o passar do tempo, os corrompe. Esta tem sido as características das multidões e de seus líderes. Em quase todos os atos existe, pelo menos, uma segunda intenção.

A moeda, concebida para substituir o escambo e tornar-se um padrão de valor, degradou-se pelas manipulações alheias à lei da oferta e da procura e pela inflação.

O automóvel, construído para melhorar o transporte de pessoas e cargas, passou a ser uma arma, um instrumento de *status* e uma forma de exibicionismo.

As moradias, edificadas para o abrigo de pessoas, transformaram-se em objeto de ostentação e de luxo.

A propriedade agropecuária tendo, por finalidade, a plantação e a criação de animais comestíveis, transformou-se para os especuladores estultos e gananciosos, em latifúndios improdutivos, revivificadores do servilismo e incendiários de campinas e florestas naturais.

O pobre, quando enriquece, ridiculariza-se com o esnobismo de novo-rico, e oprime os miseráveis que, outrora, lhe serviram de companhia, fazendo o que o rico tradicional e decente, repugnar-se-ia de praticar.

O estudante carente, tomando, como exemplo, um acadêmico de medicina, enquanto estuda, pleiteia bolsas e outros auxílios comunitários. Depois de formado, cobra consultas e tratamentos exorbitantes da parcela desventurada da sociedade que o ajudou a graduar-se.

Geralmente, a vaidade o domina, aspirando enriquecer da noite para o dia.

Os estabelecimentos de ensino particular, continuamente, pedem ao governo e à comunidade, auxílios financeiros e subvenções fiscais, alegando falta de recursos às atividades educacionais e para a folha de pagamento dos professores. Se fossem bem investigadas, constatar-se-ia as fortunas que, diariamente, acrescentam ao patrimônio e às contas bancárias, muitas vezes, enviadas aos países ricos, onde mantêm as sedes.

Os militares, principalmente os latino-americanos, são treinados e formados para defender a população e o território. Em vez disso, indefessamente, se transformam em algozes do povo, que lhes paga o soldo. Como guardas do capitalismo, defendem os interesses políticos e econômicos de alguns potentados do país e, de muitos, do exterior.

O ser humano, perdendo e corrompendo os instintos, que guardam a sabedoria primordial e que regulam a harmonia entre si e os demais reinos da Natureza, tornou-se o mais perverso dos animais.

O animal, dito irracional, come para saciar a fome. O racional, humano, empanurra-se em banquetes por ostentação ou gula, que, amiudadamente, lhe rouba a saúde e a vida.

A caça, entre os irracionais, é praticada para perpetuar o indivíduo e a espécie. Entre os homens civilizados, para satisfazer as taras assassinas e exibir troféus, galardões da maldade e da insensatez.

Os animais, quando livres, praticam a sexualidade natural. O humano a requinta, contraindo as mais variadas enfermidades venéreas, que os leva, como nos casos da sífilis, no passado, e da AIDS, na atualidade, à sepultura, com a pompa e o pranto dos que lhe são caros.

O animal-homem aplica suas economias em mausoléus, depositando na morte o que poderia investir numa existência bem vivida. É possível que a preocupação com o cadáver se deva ao fato de saber

que, no meio animal, é o que mais fede. Os miasmas animais são tolerados, os do homem, insuportáveis.

A saúde pública e a previdência social têm, por fim, melhorar o padrão de vida das pessoas. Para os atrasados, são estímulo à plethora populacional que, por bem ou por mal, terá de ser controlada.

O homem monoteísta barganha com Deus as vantagens que aspira, adorando-O em catedrais de cimento e pedras mortas. O animal irracional, politeísta, nada pede aos deuses, porque desfruta, com eles, a vitalidade do Sol e da Natureza; nada agradece, pelo fato de, com eles, formar um só corpo e uma só alma. Se soubessem ler, dir-se-ia que folharam os catecismos, onde consta que a divindade é onipresente, onipotente e onisciente.

O homem religioso paga para freqüentar igrejas e recintos ocultistas, ouvindo teorias e filosofias que os pregadores, sacerdotes e gurus fingem conhecer. O irracional nada remunera porque, em vez de tagarelar e ouvir passivamente, vive-os, naturalmente, e sem impostura. Estas reflexões fazem lembrar a sensatez de quem disse: *"Quanto mais conheço os homens, mais admiro os animais"*.

Talvez, para o ser humano, a salvação esteja no retorno às origens, acompanhado do acervo de conhecimentos e experiências, imunes de tabus e imposturas, como demonstra o símbolo da espiral. Para tal mister, terá de remodelar sua estrutura mental, modificando os padrões de riqueza, progresso e bem-estar. E, o mais importante, conscientizar-se de que depende da Natureza e não ela dele.

O educado não precisa de porta-vozes da crença religiosa, seja ela oculta ou visível.

É provável que a solução para o equilíbrio social e singular, incompreensíveis às gerações atuais, se encontrem nas filosofias de Lao-Tsê, de Cristo, de Krishna e outros luminares da raça humana. O nó górdio, entretanto, está na interpretação da dialética imparcial e multi-prismática, tarefa difícil para os mais portentosos pensadores. Tais

filósofos ultrapassaram as miragens do poder, da ambição e dos complexos de superioridade de toda a ordem. Eles sabem que a filantropia e a reflexão são algumas das poucas maneiras de evoluir e cumprir a missão que cada um recebe, quando encarna neste planeta de provas e purgações, a fim de resgatar o carma ou evoluir o darma.

Carma e darma são palavras sânscritas. **Carma** equivale à lei de causa e efeito espiritual, causada pelos atos pretéritos. Tanto pode representar mérito ou desmerecimento. É o devir fenomênico que exprime a inexorável conexão dos nossos atos. É a geratriz da vida material e, para muitos, de malefício, porquanto a existência é o cárcere do espírito e o aguilhão de sofrimento, onde cada ato deve ter sua total expiação. Através dele, a alma irrompe da matéria tenebrosa para a luminosidade do espírito. O **darma** é a lei religiosa que rege os universos da natureza, do homem e dos deuses. Assemelha-se ao simbolismo latino do **Fiat Lux**, referente à fase ascensional do espírito, no que toca ao dever moral e ao altruísmo. Uma das mais belas e significativas ilustrações dárnicas se encontra na prece de São Francisco, de Assis:

"Senhor!

Faze de mim um instrumento da tua paz!

Onde houver ódio que eu leve o amor,

onde houver ofensa, que eu leve o perdão,

onde houver discórdia, que eu leve a união,

onde houver dúvidas, que eu leve a fé,

onde houver erros, que eu leve a verdade,

onde houver desespero, que eu leve a esperança,

onde houver tristeza, que eu leve a alegria,

onde houver trevas, que eu leve a luz!

Ó Mestre!

faça que eu procure mais consolar, que ser consolado,

compreender, que ser compreendido,

amar, que ser amado...

pois:

é dando que se recebe,

é perdendo que se é perdoado,

e é morrendo que se vive para a Vida Eterna".

Cristo, numa de suas bem-aventuranças, disse que os mansos herdarão a Terra e, noutra preleção, advertiu para "não atirar pérolas aos porcos, porque irão despedaçá-las e voltar-se contra o lançador", ingratidão, praticada por tanta pessoas, os porcos, a quem Jesus se referiu. Estes conselhos lembram Ulisses, quando se precaveu contra o *canto das sereias*, entoado pelos *falsos profetas*, que fazem da credulidade popular sua mina de ouro inexaurível e, para os suggestionáveis, a jaula da opressão mental, transformando-os em fantoches, submissos à vontade do poderio que domina o mundo.

Se em Assis, na Itália, São Francisco decantou a abnegação; na Inglaterra, Rudyard Kipling ilustrou o estoicismo e a vigilância do espírito, frente às maquinações ardilosas, no poema *Se*:

*Se és capaz de manter a tua calma quando
todo o mundo, ao redor, já a perdeu e te culpa.
De crer em ti, quando estão todos duvidando,
e, para estes, no entanto, achar uma desculpa.*

*Se és capaz de esperar sem te desesperares,
ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
e não parecer bom demais, nem pretensioso.*

*Se és capaz de pensar – sem que a isso só te atires;
de sonhar – sem fazer dos sonhos teus senhores.*

*Se encontrando a Derrota, o Triunfo consegues
tratar da mesma forma a esses dois impostores.*

*Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
em armadilhas as verdades que disseste,
e as coisas por que deste a vida, estraçalhadas,
e refazê-las com o bem pouco que te reste.*

*Se és capaz de arriscar numa única jogada
tudo o quanto ganhaste em toda a tua vida,
e perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
resignado tornar ao ponto de partida.*

*De forçar o coração, nervos, músculos, tudo.
A dar seja o que for o que neles ainda existe;
e a persistir assim quando, exaustos, contudo
resta a Vontade em ti que ainda ordena: Persiste!*

*Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes,
e, entre reis, não perder a naturalidade;
e de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes.
Se a todos puderes ser de alguma utilidade;
e se és capaz de dar, segundo por segundo,
ao minuto fatal, todo o valor e brilho,
tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,
e – o que ainda é muito mais – és um homem, meu filho.*

O personagem que deseja seguir o aforismo do **Non ducor, sed duco**, não sendo guiado, mas se conduzindo, poderia tentar traduzir o símbolo taoísta do *ying - yang*, que mostra o embrião do perfeccionismo no corpo da imperfeição. É a obra dos pares contrários, sujeito às leis de causa e efeito e da evolução, desenhado no sexto capítulo com a águia bicéfala.

Para os senhores do mundo, a humanidade não pode se auto-conduzir, sob pena de cometer os piores desatinos. Mas, como o joio está imiscuído no trigo e, por não serem santos e considerarem que **o fim justifica os meios**, usam argumentos sublimes para explorá-la e oprimi-la, sob o pretexto de *bons pastores*, que protegem as ovelhas para, depois, devorá-las.

Complementando a dissertação do ideograma chinês, um dos seus tantos significados demonstra que os pólos opostos se atraem, se sucedem e estão condicionados dentro da mesma circunferência ou útero. Um contém a essência do outro, já que provêm da mesma origem.

Se incluirmos no raciocínio as operações do produto aritmético, onde a multiplicação de dois números com o mesmo sinal é positiva e, os de sinais contrários, negativa, compreenderemos parte da doutrina das sociedades secretas, que coincide com os fatos da vida do homem comum.

Num matrimônio, o homem e a mulher de boa formação, cooperam um com o outro e ambos evoluem; é o $\{[(+) \times (+)] = +\}$, representando o aprendizado pelo amor. Se os dois são de má índole, mas, vivendo em união indissolúvel, as maldades recíprocas farão que, em determinado momento, pela razão ou pelo esgotamento, estabeleçam uma trégua, para reconhecerem que as hostilidades devem ceder lugar à cooperação; é o $\{[(-) \times (-)] = +\}$, o sofrimento como fator de desenvolvimento ou o aprendizado pela dor. Se um for bom e o outro mau, o malvado provavelmente destruirá o benévolo; é o $\{[(-) \times (+)] = -\}$, recordando a fábula *da Galinha dos Ovos de Ouro*. Como a maldade não sobrevive sem a bondade, também sucumbirá. Isto se explica, igualmente, pela Astrologia, onde pessoas com signo ígneo, procuram a companhia dos que têm o aéreo: o fogo sem o ar se extingue.

A minoria dominante e parasita, só sobrevive às custas da maioria laboriosa. O trabalhador, por falta de tempo, se preocupa com o labor honesto, que lhe assegura o sustento. O vadio, por ter tempo, desenvolve a astúcia, a fim de usurpar o patrimônio do laborioso. O pensador, através da filosofia bem intencionada, supre-se do trabalho do obreiro para devolver-lhe em conhecimento e aos seus descendentes.

Os aproveitadores retratam o parasitismo pelo exemplo da colmeia, onde o mel da abelha é roubado pelas formigas e, muito mais, pelos homens, que se saciam e ganham dinheiro.

A águia bicéfala revela como os poderosos agem: o corpo permanece no centro, onde o choque das forças contrárias se anulam, predominando o neutro, que representa a calmaria. As cabeças olham

para as extremidades: é a ave de rapina espreitando as presas, para atacá-las. Do lado esquerdo estão os que sofrem os desgostos da vida; são invigilantes, porque a dor lhes entorpesse a atenção. À direita, colocam-se os que usufruem as comodidades existenciais, também desatentos, porque o ócio e o comodismo os predispõem à letargia.

A existência é um fardo molesto que só pode ser admitido pelo estudo e pela sabedoria e eximível pelo trabalho organizado.

Quando o sociólogo P. Sorokin escreveu que “o sofrimento é um fator de desenvolvimento”, provavelmente lembrou-se do ser humano, elevado do lugar comum. Deveria, igualmente, ter se recordado do filósofo, quando afirmou terem todos seu *eu* e sua *alma*, porém não serem, de fato, pessoas. *Pessoa* é o indivíduo dotado de maturidade, reflexão e poder de opção, concretizados em atos, não existindo unicamente no cumprimento dos seus feitos, ainda que não consista neles. A Filosofia é, para a pessoa, o sucedâneo da Religião, para o plebeu, que se guia mais pelo instinto do que pelo juízo. A fé irrefletida decorre do sentimento cego de temor ante os fenômenos espontâneos, dos quais cada um sente necessidade de proteção e auxílio. A religião, filha da fé e dos senhores do mundo, procede da dependência do finito para com o infinito. Ao tornar-se pessoa, o homem conscientiza-se dos limites do seu conhecimento, exprimindo o anseio da ciência frente a virtude e ouve a voz interior, que lhe revela o gênio, o anjo e o demônio. É aquele que evita distribuir conselhos a mancha, sabendo que os melhores não são, necessariamente, os mais felizes. Ele se identifica com o Ermitão do tarô, onde o conhecimento se afirma no bordão, que o apóia, e pelo sendeiro, que lhe ilumina o caminho da reflexão. As feras que o cercam são os bons e os maus amigos, mestres e condutores. É um circunspeto, que passa ao lado do Louco, o arcano sem número, que dança pela civilização pré-fabricada da mídia alienante que o estereotipa. A pessoa faz parte do povo que tem o legítimo anseio de ser o autor de sua própria civilização, construída com o traba-

lho e apoiada nos alicerces da História veraz, da qual saber algum pode se apartar.

A vida é a luta contínua entre nós e o exterior, bem como o acúmulo constante de conhecimento. Para os que não a vêem como um fim, representa o esforço da alma para libertar-se dos envoltórios que a limitam.

Com a decadência do cristianismo, mas não do Cristo, termina a Era de Peixes e inicia a de Aquário que, na Astrologia, ocupa a décima-primeira casa do zodíaco, regida por Urano. Se, na de Peixes, as vias aquáticas foram os grandes caminhos da civilização, na de Aquário, terão primazia as rotas aéreas. Estando sob o signo do ar, Aquário será a estrada dos nossos descendentes, aplainando-lhes as arestas existenciais e ensinando-lhes a viver em simbiose, por meio de uma consciência holística.

É premente, entretanto, o retorno à sensatez. Caso contrário, quando nossos corpos retornarem ao pó, com os desatinos, as arrogâncias e as imprevidências, os pósteros escreverão em nossas tumbas, como consolo à imaturidade, o epitáfio:

Hic Jacet Dominus Orbi.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ALEXANDRIAN. *História da filosofia oculta*. Lisboa, Edições 70, 1983. 439p.
2. ALLEAU, René. *A ciência dos símbolos*. Lisboa, Edições 70, 1976, 273p.
3. ALVES, Lindolor Francisco, AUDI, Jorge & ÉBOLI, Carlos de Mello (Laudo técnico). *Chico Xavier, o embusteiro & Falsa materialização de Uberaba*. São Paulo, Notícias da Semana, 33: 2, 8 - II, nov. 1993.
4. ANJOS, Rose dos. *Cartas abertas*. Porto Alegre, Reflexo, 1983, 75p.
5. ANÔNIMO. *Los arcanos mayores del tarot*. Barcelona, Herder, 1987. 709p.
6. Idem. *O livro de Enoch*. São Paulo, Hemus, 1982. 212p. p. 110.
7. ATIENZA, Juan G. *A meta secreta dos templários*. Lisboa, Litema, 1981. 256p.
8. BALDUCCI, Corrado. *La posesión diabólica*. Barcelona, Martinez Roca, 1976. 212p.
9. BANTHAF, Hajo. *Manual do tarô; origem, definição e instruções para o uso do Tarô*. São Paulo, Pensamento, 1986. 259p.
10. BERGIER, Jacques. *Os livros malditos*. São Paulo, Hemus, s. d. 137p.
11. BLANCHFORT, Jean de. *Guia da magia*. São Paulo, 1992. 447p.
12. BOCHACA, JOAQUIN ORIOL. *Más allá de la ciencia*. Madrid. J. C. Ediciones. Junho de 1993. 146p.
13. BORREL, Roviralta. *Bhagavad-Gîtâ*. São Paulo, Três, 1973. 15lp.
14. BOSCHKE, F. L. *A ciência perante o desconhecido*. Lisboa, Edições 70, 1975. 323p.
15. BURKE, Juliet Sharman & GREENE, Liz. *El tarot mitico; una nueva via a las cartas del tarot*. Madrid, EDAF, 1988, 269p. Em anexo, cartas de Patrícia Newell.
16. CARVALHO, Marco Antônio de. *Profecias*, Rio de Janeiro, Planeta, s. d.
17. Idem, *Quem lucra com o messianismo*. Rio de Janeiro, Planeta, 160: jan. 1986.

18. CASTAN, Siegfried Elwanger. *Acabou o gás*. 2ª ed. Porto Alegre, Revisão, 1989. 96p.
19. CHABOCHE, François-Xavier. *Vida e mistério dos números*. São Paulo, Hemus, 1974. 235p.
20. CHARROUX, Robert. *O livro dos mundos esquecidos*. Lisboa, Edições 70, 1971. 398p.
21. COUTO, Sérgio Pereira. *Os textos que a Bíblia ocultou*. Rio de Janeiro, Planeta, jul. 1991.
22. CRUZ, José Marques da. *Profecias de Nostradamus*. 20ª ed. São Paulo, Pensamento, 1976. 359p.
23. DELORME, Jean. *As grandes datas da humanidade*. São Paulo, DIFEL, 1969. 395p.. 20ª ed. São Paulo, Pensamento, 1976. 359p.
24. DEODATO, Alberto. *Ciência das finanças*. São Paulo, Saraiva, 1967. 385 p.
25. EDITIONS, Studio. *The complete book of fortune*. Londres, 1990. 640p.
26. *El plan Andínia; el nuevo estado judío*. Entereza, Buenos Aies. 1986, 32p.
27. *ESCOLHA sua catástrofe*. Rio de Janeiro, Planeta, 212: 37 - 41, jun. 1990.
28. ÉVOLA, Július. *A tradição hermética*. Lisboa, Edições 70, 1971. 256p.
29. FELTEN, Rui Roberto. *O estigma do homossexualismo*. Zero Hora, Porto Alegre, jul. 1988.
30. FERRY, Patrick & VERHEIDEN, Ivan. *Civilizações superiores da humanidade*. Lisboa, Edições 70, 1976. 177p.
31. Idem. *Os grandes enigmas da arqueologia. (Crônica das civilizações desaparecidas)*. Lisboa, Edições 70, 1976. 209 p.
32. FINZI, Cláudio. *Nos confins do mundo*. Lisboa, Edições 70, 1979. 238 p.
33. FRERE, Jean-Claude. *Las sociedades maléficas; el diablo, ayer y hoy*. Barcelona, Martinez Roca, 1982. 159 p.
34. FULCANELLI. *As mansões filosóficas*. Lisboa, Edições 70, 1989. 447p.
35. Idem. *O mistério das catedrais*. Lisboa, Edições 70, 1964. 213 p.

36. GARTEN, Juan de. *Os templários (Soberana ordem dos cavaleiros do templo de Jerusalém)*. São Paulo, Traço, 1987. 88p.
37. GRIBBIN, John. *Buracos brancos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 2ª ed., 1985. 184p.
38. Idem. *Tempo; o profundo mistério do universo*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983. 111p.
39. GUENÓN, René. *O rei do mundo*. Lisboa, Edições 70, 1958. 77p.
40. GUILHERME, Olympio. *O Brasil e a era atômica*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Vitória, 1957. 317.
41. HACKETT, John et alii. *A terceira guerra mundial; agosto de 1985*. São Paulo, Melhoramentos, 1978. 414 p.
42. HANI, Jean. *O simbolismo do templo cristão*. Lisboa, Edições 70, 1981. 180 p.
43. HITLER, Adolf. *Minha Luta*. Porto Alegre, Globo, 1934. 578p.
44. HOBBSAWM, Eric J. *Las revoluciones burguesas*. Madrid, Guadarrama, 1964. 403 p.
45. HUTIN, Serge. *Governantes invisíveis e sociedades secretas*. São Paulo, Hemus, 1971, 252 p.
46. ISOPPO, Fernando. *Casais do mesmo sexo: um direito*. Zero Hora, Porto Alegre, mar. 1989.
47. Isto É. *Vaticano; mistérios profanados*. Rio de Janeiro, Editora Três, 17 de agosto de 1994. p. 89.
48. KOWERSKI, Witold de Bialynia. *Israel sem máscara*. Rio de Janeiro, Calvino, 1933. 483 p.
49. KRAMER, Heinrich & SPRAENGER, James. *Malleus maleficarum; o martelo das feiticeiras*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1991. 528 p.
50. LAMBSPRINCK & MARTINEAU, Mathurin Eyquem. *Tratado da pedra filosofal & O piloto da onda viva*. Lisboa, Edições 70, 1977. 210 p.
51. LARCHER, Hubert & RAVIGNANT, Patrick. *Os domínios da parapsicologia*. Lisboa, Edições 70, 1972. 273 p.
52. LEADBEATER, C. W. *O plano astral*. São Paulo, Pensamento, 1995. 126 p.

53. LEES, Travis A. & ENG, Maximo. *International financial markets*. New York, Praeger, 1975. 538 p.
54. LEMESURIER, Peter. *A grande pirâmide desvelada*. São Paulo, Mercury, 1992. 373 p.
55. LERA, Angel Maria de. *O regresso da maçonaria*. Lisboa, Bertrand, 1980. 337p.
56. LEWINSOHN, Richard. *Trustes e cartéis; suas origens e influências na economia mundial*. Porto Alegre, Globo, 1945. 307p.
57. LITCHFIEDL, Michael & KENTISH, Susan. *Bebês para queimar*. São Paulo, Paulinas, 1977. 198p.
58. LOGAN, Jo. *O livro dos amuletos e talismãs*. Lisboa, Edições 70, 1986. 132 p.
59. LORENS, Francisco Valdomiro. *A sorte revelada pelo horóscopo cabalístico*. São Paulo, Pensamento, 1992. 136p.
60. MACHADO, Antônio Augusto Borelli. *As aparições e a mensagem de Fátima, conforme os manuscritos da Irmã Lúcia*. São Paulo, Artpress, 1995. 94 p.
61. MARIEL, Pierre. *As sociedades secretas governam o mundo*. Lisboa, Bertrand, 1973. 246 p.
62. MEBES, G. O. *Os arcanos maiores do tarô*. São Paulo, Pensamento, 1991. v.2. 678 p.
63. MERLOO, Joost A. M. *Menticídio; o rapto do espírito*. São Paulo, IBRASA, 1959. 384 p.
64. MELLO, Antônio da Silva. *Religião; prós e contras*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963, v.2, 889 p.
65. MILLER, René Fülöp. *Os jesuítas e o segredo do seu poder*. Porto Alegre, Globo, 1935. 561 p.
66. MOSCATI, Sabatino. *Civilizações do mistério*. Lisboa, Edições 70. 171 p.
67. NAMUR. *Tarot*. Rio de Janeiro, 1986. Em anexo, gravuras dos vinte e dois arcanos maiores do tarô, pintados por Martha Leyrós.
68. NEBLES, Adam. *Satan y las misas negras*. Barcelona, Daniel's. 269 p.
69. OCASO de uma bobagem. Veja, São Paulo, 930: 20 - 28, jul. 1986.

70. OLIVEIRA, Sérgio. *Sionismo x revisionismo; fantasia x realidade*. Porto Alegre. Revisão. 1993. 44p.
71. PADOVANI, Humberto & CASTAGNOLA, Luís. *História da filosofia*. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 587p.
72. PAMPLONA, Gleides. *Caça ao tesouro*. Isto É, Rio de Janeiro. 1336: 40, out. 1995.
73. PARDOE, Rosemary. *A papisa Joana; o mistério da mulher papa*. São Paulo, IBRASA, 1990, 163 p.
74. PARTNER, Peter. *O assassinato dos magos; os templários e seus mitos*. Petrópolis, Campus, 1991. 216 p.
75. PASQUALLY, Martinetz de. *Tratado da reintegração dos seres criados*. Lisboa, Edições 70, 1979. 272 p.
76. PAWELS, Louis & BERGIER, Jacques. *O despertar dos mágicos*. Rio de Janeiro, Bertrand, 24ª ed., 1991. 463 p.
77. PERROTET, Oliver. *Visual I-Ching; practica de la predicción; un nuevo enfoque del antiguo oráculo chino*. Madrid, EDAF, 1989. 112 p. Em anexo, 64 lâminas do I-Ching.
78. PEYREFITE, Roger. *Os judeus*. São Paulo, DIFEL, 1967. 518 p.
79. PHATAK, Arvind. *Managing multinational corporations*. New York, Praeger, 1974. 337 p.
80. PIERSON, Donald. *Teoria e pesquisa em Sociologia*. São Paulo, Melhoramentos, 1964. 336p.
81. PINAY, Maurice. *Complô contra a Igreja*. Porto Alegre, Revisão, 1994. 645 p.
82. PIOBB, P. - V.. *Formulario de alta magia*. Madrid, EDAF, 1977. 380 p.
83. POTTER, Charles Francis. *História das religiões*. Rio de Janeiro, Edouro, 1968. 557 p.
84. POWELL, Arthur. E. *O corpo astral*. São Paulo, Pensamento. 1995, 219 p.
85. Idem. *O corpo causal e o ego*. São Paulo, Pensamento, 1995. 274 p.
86. PRANAITS, Iustinus Bonaventura. *El Talmud desenmascarado; las enseñanzas rabínicas secretas sobre los cristianos*. Buenos Aires, Argentina. La Verdad, 1981. 88p.

87. RAMACHÁRACA, Yogue. *Catorze lições de filosofia yogue*. São Paulo, Pensamento, s. d. 23p.
88. Idem. *Curso adiantado de filosofia yogue*. 8ª ed. São Paulo, Pensamento, 1978. 248p.
89. REBE, Lubavitcher et alii. *Likutei amarin - Tania*. New York, Kehot, 1962, 387 p.
90. RIBEIRO, Mendes. *Lobos em peles de ovelha*. Correio do Povo, Porto Alegre, 101 (089): 6, 28 dez. 1995.
91. RIGGS, James. L. *Engineering economics*. New York, McGraw-hill, 1977. 617 p.
92. ROHDEN, Huberto, *Educação do homem integral*. São Paulo, Alvorada, 1980. 172 p.
93. Idem. *O homem*. Alvorada, 1980. 154 p.
94. ROMEUF, Jean & PASQUALAGGI, Gilles. *Dicionario de ciencias económicas*. Barcelona, Labor, 1966. 982 p.
95. SABELLICUS, Jorg. *A magia dos números*. Lisboa, Edições 70, 1977. 164 p.
96. SALVADOR, José G. *Os magnatas do tráfico negreiro*. São Paulo, Matheus Guazzeli, 1981. 212 p.
97. SAUNIER, Jean. *A sinarquia ou o velho sonho de uma sociedade nova*. Lisboa, Edições 70, 1971. 195 p.
98. SCHNOEBELEN, William. *Maçonaria; do outro lado da luz*. São José dos Campos, CLC, 1995. 288 p.
99. SCHREIBER, Herman & SCHREIBER, Georg. *História e mistério das sociedades secretas, no mundo antigo e moderno*. São Paulo, IBRASA, 1982, 318 p.
100. SCHROEDER, Werner. *Homem; sua origem, história e destino*. Porto Alegre, FEEU, 1991. 308p.
101. SÉCULO futuro. *Grandes enigmas; as causas do fim do mundo*. Rio de janeiro, 1 (1): 12 p. 1986.
102. *SEGREDO de Fátima é a guerra nuclear*. Correio do Povo, 092 (101): 6, Porto Alegre, 31 dez. 1995.
103. SELIGMANN, Kurt. *História da magia*. Lisboa, Edições 70, 1948. 454 p.

- 104.SENDER, Tova. *Iniciação à cabala*. 2. ed. Rio de Janeiro, Record, 1991. 111 p.
- 105.SOROKIN, Pitirin. *Contemporary sociological theories*. New York, Harper & Brothers, 1928. 784 p.
- 106.TAYLOR, John. *Buraco negro; o supremo desconhecível*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 2ª ed.,1981. 169p.
- 107.TOUCHARD, Jean-Claude. *A arqueologia misteriosa*. Lisboa, Edições 70, 1972. 366 p.
- 108.TSÊ, Lao. *Tao te king*. São Paulo, Alvorada, 1979. 203p.
- 109.VARLEY, Desmond. *Sete, o número da criação*. Lisboa, Edições 70, 1976. 215 p.
- 110.VIVEKANANDA, Swami. *Karma yoga*. São Paulo, Pensamento, s. d. 115p.
- 111.VOM HOFF, Caspar Hartung. *O pequeno livro sobre a arte; tratado de alquimia do século XVI*. Lisboa, Edições 70, 1990. 91p.
- 112.WHITE, Walter. *O dossiê Rosenthal*. Rio de Janeiro, Acácia Livre, 1989. 39 p.